OBRAS
DE SANTA TERESA DE JESUS

TOMO I

LIVRO DA VIDA

EDITORA VOZES LTDA.

OBRAS DE SANTA TERESA DE JESUS

I

OBRAS DE SANTA TERESA DE JESUS

TRADUZIDAS PELAS CARMELITAS DESCALÇAS DO CONVENTO DE SANTA TERESA DO RIO DE JANEIRO

1. Livro da Vida.
2. As Fundações.
3. Caminho de Perfeição.
4. Castelo Interior ou Moradas.
5. Opúsculos.
6. Cartas. I
7. Cartas. II
8. Cartas. III

EDITÔRA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS, RJ

SANTA TERESA DE JESUS

TOMO I

LIVRO DA VIDA

TRADUÇÃO DO TEXTO ORIGINAL
SEGUNDO A EDIÇÃO CRÍTICA DO
R. P. FREI SILVÉRIO DE SANTA TERESA,
CARMELITA DESCALÇO

III EDIÇÃO

1961
EDITÔRA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS, RJ

IMPRIMA-SE
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO. E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PETRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVERKAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 31-7-1961.

"Recordo-me de que, ao tempo em que morreu minha mãe, tinha eu a idade de doze anos, ou pouco menos. Quando principiei a entender o que havia perdido, fui muito aflita a uma imagem de Nossa Senhora e supliquei-lhe com muitas lágrimas que me servisse de Mãe. Penso que esta prece, ainda que feita com simplicidade, me tem valido; pois conhecidamente com esta Virgem Soberana me tenho achado em tudo que lhe encomendo, e finalmente me converteu a si".

S. Teresa, *Livro da Vida,* Capítulo 1.

O' Virgem e Mãe dulcíssima
do Carmo, tuas são estas páginas,
que desabrocharam sob o teu
materno olhar, no
agasalho de teu
Coração
todo ternura e misericórdia.

APROVAÇAO
do Emmo. e Revmo. Sr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme da Silveira Cintra.

Pedindo, na oração da festa de Santa Teresa, a graça de sermos alimentados com o pábulo de sua celeste doutrina, a Santa Igreja dá bem a entender o aprêço em que tem os escritos teresianos e o desejo de que todos os fiéis vão nêles haurir sustento, luz, fortaleza, santidade, amor de Deus.

Hoje, mais do que nunca, parece-nos proveitosa, necessária quase, a leitura das Obras da grande Doutôra do Carmelo.

Que ensina Santa Teresa? O que mais precisamos atualmente. O amor de Deus e do próximo; a vida sobrenatural de oração e de fé; o exercício das virtudes, iluminado e transfigurado pelo amor; a sujeição filial, a dedicação ilimitada à Igreja de Deus; o zêlo insaciável da glória do Senhor e da salvação das almas. Nada se nos afigura mais oportuno e prático.

Se, em alguns capítulos, a Santa se eleva às mais sublimes alturas da Teologia mística, nem por isso será sem fruto a sua leitura a qualquer alma de boa vontade.

Não é pouco bem o conhecimento das grandezas de Deus e das maravilhas de seu amor. A mesma Santa Teresa afirma que um de seus fins, ao relatar as mercês do Senhor a seu respeito, é "engolosinar" as almas, isto é, movê-las à fidelidade, ao sacrifício, à oblação total, ao amor sem limites para com um Deus que, desde êste mundo, assim ama a seus amigos. Sobretudo Santa Teresa convida à oração, que não é, a seu ver, senão "um comércio de amizade com Aquêle que sabemos que nos ama". E é pela oração que nos

elevaremos a Deus e atingiremos os altos píncaros do amor, onde se gozam as delícias da divina familiaridade, num prelúdio do face a face do céu.

E' com o mais vivo prazer que aprovamos e abençoamos a tradução brasileira das Obras Completas de Santa Teresa de Jesus, empreendida pelo mais antigo dos nossos Carmelos do Brasil. Desejamos que todos os fiéis se nutram com o pábulo da celeste doutrina teresiana, esperando que entre nós produzam estas Obras os frutos maravilhosos que têm produzido em tôda a Igreja no decurso de mais de três séculos e meio.

Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1935.

† Sebastião
Cardeal-Arcebispo

APROVAÇÃO
do Muito Reverendo Padre Fr. Pedro Tomás do Carmo, Prepósito Geral da Ordem dos Carmelitas Descalços, eleito em 1937.

J. M. J. T.

Casa Generalícia dos
Carmelitas Descalços

Roma, 4 de agôsto de 1937.

Reverenda Madre Priora,

Para os Filhos e Filhas do Carmelo é necessário conhecer bem a ciência das Ascensões à perfeição Carmelitana, que nos foi ensinada por essa Nossa Mãe incomparável que foi Santa Teresa de Jesus.

Não posso, pois, deixar de aplaudir com grandíssima alegria a notícia de que essa excelente Comunidade, que já nos deu a versão em língua brasileira das Constituições e outras leis dos nossos mosteiros, em breve nos dará ainda a tradução das Obras de Nossa Santa Madre Teresa de Jesus.

Às numerosas Filhas do Carmelo brasileiro proporcionará esta obra poderosíssimo meio de conhecer o espírito da Santa Madre e sobretudo servirá de luz e guia seguro para subir pelas veredas maravilhosas da perfeição Carmelitana.

Enquanto depende de mim, portanto, não só aprovo mas abençôo a bela iniciativa, fazendo votos para que em breve se torne salutar realidade. Muito cordial e paterna é a minha bênção para Vossa Reverência e para tôda a Santa Comunidade.

No Senhor:

FR. PEDRO TOMÁS DO CARMO
Prep. Geral

Tradução do original italiano.

APROVAÇAO
do Revmo. Pe. Fr. Guilherme de Santo Alberto, Prepósito Geral da Ordem dos Carmelitas Descalços, de 1925 a 1937.

Casa Geral dos
Carmelitas Descalços

Roma, 21 de novembro de 1935.

M. R. Me. Priora,

Fico bem satisfeito por saber que essa ótima Comunidade — já tão benemérita pela tradução em língua brasileira das leis próprias dos nossos mosteiros — quer agora prestar-nos com a tradução das Obras de N. Santa Madre Teresa de Jesus.

Não só aprovo a dita tradução — pelo que a mim toca — mas recomendo-a e abençôo-a de todo o meu coração, certo como estou de que será quase impossível — para nós, filhos e filhas do Carmelo Reformado — atingir a perfeição religiosa que nos é própria, sem conhecer, penetrar a fundo, e percorrer o caminho maravilhoso que nos foi traçado, por nossa incomparável Madre nas suas obras inspiradas.

Seja, pois, benvinda, a desejada tradução, que proporcionará às numerosas filhas do Carmelo brasileiro meios mais fáceis de beberem em abundância naquelas puríssimas águas onde cobrarão fôrças para galgar, a passos seguros, a íngreme subida da mística montanha do Carmelo.

Fazendo votos para que assim aconteça, abençôo a V. R. e tôda a Comunidade, e subscrevo-me de V. R. Devmo. no Senhor

Frei Guilherme de Santo Alberto
Prepósito Geral

Tradução do original italiano.

CARTA

do Revmo. Pe. Silvério de Santa Teresa, o sábio autor da Edição crítica das Obras de Santa Teresa de Jesus e de São João da Cruz, da História do Carmelo Reformado e de muitas outras obras importantes que afirmam a sua incomparável autoridade em assuntos teresianos.

Não acho palavras assaz significativas para elogiar dignamente a nobre e difícil emprêsa de trasladar à bela e delicada língua de Camões os escritos da Virgem de Avila, emprêsa que já levam muito adiante as Carmelitas Descalças do Convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro. A obra não carece de dificuldades, porque a linguagem eminentemente popular de Santa Teresa resiste muito mais à traslação fiel a outro idioma, do que a linguagem culta em que se escrevem pela maior parte as outras obras.

O amor, porém, não conhece dificuldades, e as Descalças do Rio se arrojaram à execução da emprêsa com competência e ânimo decidido; e o êxito mais lisonjeiro hoje lhes sorri, como poderá apreciar quem tiver o bom gôsto de ler os tomos desta conscienciosa tradução dos escritos da insigne Doutôra Mística.

Vemos com complacência esta obra, e ainda mais nos comprazemos de que a levem a feliz têrmo nossas Irmãs de Hábito do Brasil. Sempre havíamos lamentado de que nosso povo irmão, onde se conheceu a obra reformadora de Santa Teresa como na Espanha, e onde floresceu em outros tempos a Descalcez Teresiana, assim de monjas como de religiosos, não só na Metrópole, senão nos seus antigos domínios, não houvesse realizado maiores trabalhos para verter em português obras de reputação universal. Neste ponto a literatura portuguêsa estava muito aquém da inglêsa, francesa, alemã e italiana. Hoje fica libertada dêste

olvido ou atraso com a nova tradução que faz o Brasil, conformando-se nisto com todos os povos cultos, que contam a Santa entre os escritores mais insignes que honram a humanidade. Por outra parte, a literatura mística e ascética é deficiente quando nela não se encontra a autora das Moradas.

Portugal tinha especiais obrigações para com a Virgem de Ávila, pois foi ela grande amiga dêste heróico povo, ao qual pertenceram algumas pessoas das mais íntimas que neste mundo teve, como D. Teutônio de Bragança e D. Leonor Mascarenhas, aia de Filipe II e de seus filhos. Ainda mais. O primeiro livro que se imprimiu de Santa Teresa, o *Caminho de Perfeição,* saiu à luz em prelos portuguêses e sob a direção de seu dedicado amigo D. Teutônio, então Arcebispo de Évora, ao qual havia confiado a Santa os originais para que os publicasse.

Reiteramos nossas felicitações às Carmelitas da formosa capital do Brasil, e pedimos a Deus que levem a feliz têrmo seus trabalhos, para honra da Santa e bem espiritual de tantos devotos e admiradores que entre os povos de língua portuguêsa conta a Reformadora do Carmelo.

FR. SILVÉRIO DE SANTA TERESA
C. D.

Burgos, festa de S. Teresa, 15 de outubro de 1935.

Tradução do original espanhol.

VIDA

DA SANTA MADRE

TERESA DE JESUS

ESCRITA POR ELA MESMA

TRADUZIDA DA EDIÇÃO CRÍTICA

DO

RVDO. FREI SILVÉRIO DE SANTA TERESA

CARMELITA DESCALÇO

VIDA DA SANTA MADRE TERESA DE JESUS

E algumas das mercês que Deus lhe fêz, escritas por ela mesma a mandado de seu confessor [1], a quem se dirige, e diz assim:

Ihs

Quisera eu que, assim como me mandaram com ampla licença escrever o meu modo de oração e as mercês que o Senhor me tem feito, também me houvessem permitido, bem por miúdo e com clareza, dizer meus pecados e minha ruim vida. Dar-me-ia grande consolação; mas não mo permitiram, antes muito me ataram neste ponto. Por isso, por amor do Senhor, peço tenha diante dos olhos quem esta narração de minha vida ler, que fui ruim, a ponto de ainda não ter achado Santo, dos que se converteram a Deus, com quem me consolar. Sim, pois vejo que, depois do chamado do Senhor, não tornavam a ofendê-lo. Eu, não só voltava a ser pior, mas parecia estudar o modo de resistir às mercês de Sua Majestade, como quem se via obrigada a servir mais e tinha consciência de não ser capaz de pagar nem o menos que já devia. [2]

---

1) O Padre Dominicano Fr. Garcia de Toledo.

2) Estas expressões e muitas outras que se encontram freqüentemente nos escritos de S. Teresa, devem ser atribuídas à sua humildade e à dor que lhe causava a lembrança das resistências opostas por muitos anos às graças extraordinárias do Senhor. Seu coração agradecido em extremo, seu espírito altamente iluminado sôbre o que merece Deus das criaturas, — primeiro pelo que é em Si mesmo e depois pelos seus benefícios e particulares mercês, — compreendia que não é muito chorar tôda a vida a mínima infidelidade. E' fato averiguado e incontestável que nunca perdeu a inocên-

Seja bendito para sempre Aquêle que tanto me esperou e a quem de todo o coração suplico me dê graça para, com tôda a clareza e verdade, redigir esta relação que meus confessores me mandaram fazer. O mesmo Senhor também o quer há muito tempo, bem o sei, mas não me tinha atrevido. Seja para sua glória e louvor e para que, futuramente, conhecendo-me êles melhor, ajudem a minha fraqueza, e eu de algum modo possa servir ao Senhor pelo muito que lhe devo. — Para sempre O louvem tôdas as criaturas. Amém.

---

cia do Batismo. Não só o atestam unânimemente todos os seus biógrafos e confessores, mas na própria Bula de canonização dirimiu tôdas as dúvidas o Santo Padre Gregório XV com as seguintes palavras: "Entre as demais virtudes suas, em que, como Espôsa adornada do Senhor, se avantajou esta serva de Deus, resplandeceu de modo particular sua inteiríssima castidade, a qual tão excelentemente guardou, que, não só conservou até à morte o propósito de guardar virgindade que tinha feito desde menina, senão também na alma e no corpo teve uma pureza angélica, livre de tôda mácula e pecado".

JESUS

CAPÍTULO I

Em que trata de como começou o Senhor a despertar esta alma para a virtude em sua meninice e quanto ajuda serem virtuosos os pais.

O fato de ter pais virtuosos e tementes a Deus, e de ser tão favorecida do Senhor, se eu não fôra tão ruim, bastar-me-ia para ser boa. Era meu pai afeiçoado a ler bons livros, e assim os tinha em língua vulgar para que os lessem seus filhos. Isto, com o cuidado que minha mãe tinha de nos fazer rezar e de nos ensinar a ser devotos de Nossa Senhora e de alguns Santos, começou a despertar-me à piedade, a meu parecer na idade de seis ou sete anos. Fazia-me muito bem não ver em meus pais estima senão para a virtude. Tinham muitas. Era meu pai [1] homem de muita caridade com os pobres, piedade com os enfermos e bondade com os criados; tanto assim que jamais se pôde conseguir dêle que tivesse escravos, porque lhes tinha grande compaixão; e tendo uma vez, em casa, uma dum seu irmão, a regalava como a seus filhos. Dizia causar-lhe insuportável pena só o pensar que ela não era livre. Foi de grande verdade; jamais al-

---

1) Chamou-se o pai de S. Teresa D. Afonso Sanches de Cepeda, fidalgo da antiga nobreza espanhola. Nasceu em Toledo, mas viveu em Ávila, cidade de Castela a Velha, chamada Ávila dos santos e dos cavaleiros, em razão dos filhos ilustres que deu à Igreja e à Pátria, dos quais o mais célebre foi certamente a grande Reformadora do Carmelo. Foi casado duas vêzes. De seu primeiro matrimônio com D. Catarina del Peso y Henao teve três filhos: João, Maria e Pedro. Do segundo, com D. Beatriz de Ahumada, mãe da Santa, nasceram-lhe: Fernando, Rodrigo, *Teresa*, Lourenço, Antônio, Pedro, Jerônimo, Agostinho e Joana.

guém o ouviu jurar, nem murmurar. Honestíssimo, em extremo.

Minha mãe, que também tinha muitas virtudes e era de grandíssima honestidade, passou a vida com freqüentes enfermidades. Com ser de muita formosura, jamais deu ocasião a que se entendesse que dela fazia caso; e, apesar de morrer aos trinta e três anos, já usava traje de pessoa idosa. Era de trato muito ameno e de bastante entendimento. Foram grandes os trabalhos que passou durante o tempo que viveu. Morreu mui cristãmente.

Éramos três irmãs e nove irmãos; todos, pela bondade de Deus, se assemelharam a seus pais, em ser virtuosos, exceto eu, que no entanto fui a mais querida de meu pai. E, antes que eu começasse a ofender a Deus, não era isto, ao que parece, sem alguma razão, pois tenho lástima quando relembro as boas inclinações que me tinha dado o Senhor e quão mal usei delas. Meus irmãos em nada me impediam de servir a Deus.

Tinha um quase de minha idade [1] que era o meu mais querido, conquanto eu a todos tivesse grande amor e êles a mim; ficávamos juntos a ler as vidas de Santos. Como eu via os martírios que por Deus passavam as Santas, parecia-me que compravam muito barato o irem gozar de Deus, e desejava muito morrer assim, não por amor, ao que entendo, mas para gozar tão em breve dos grandes bens que lia haver no céu. Unia-me por isso com meu irmão para tratar dos meios de o conseguirmos. Planejávamos ir à terra de Mouros, esmolando por amor de Deus, para que lá nos cortassem a cabeça; e parece-me que nos dava o Senhor ânimo em tão tenra idade para o executar se houvesse algum meio, mas o têrmos pais muito nos embaraçava. [2] Em extremo nos espantávamos

---

1) Rodrigo, quatro anos mais velho que a Santa.

2) Tendo de idade sete anos, tentou a Santa realizar seus desejos de martírio. Esquiva-se da casa paterna, juntamente com seu irmão Rodrigo, atravessa parte da cidade,

quando líamos que a pena e a glória hão de ser para sempre. Acontecia-nos ficar largas horas tratando disto, e gostávamos de dizer muitas vêzes: Para sempre! sempre! sempre! Em pronunciar estas palavras, muito tempo era o Senhor servido que me ficasse impresso na alma, nesses tenros anos, o caminho da verdade.

Como vi que era impossível ir aonde me matassem por Deus, intentamos ser eremitas, e numa horta que havia em casa procurávamos, como podíamos, fazer ermidas, amontoando umas pedrinhas que logo se nos caíam; e assim em nada achávamos remédio para nosso desejo. Faz-me agora devoção ver como me dava Deus tão depressa o que perdi por minha culpa.

Fazia esmolas como podia, mas pouca era a possibilidade. Procurava solidão para rezar minhas devoções, que eram bastantes, em especial o Rosário, do qual era minha mãe mui devota, e assim nos incutia a mesma devoção. Quando brincava com outras meninas, gostava muito de figurar mosteiros, fazendo como se fôramos monjas, e, ao que me parece, desejava sê-lo, ainda que não tanto como as coisas sobreditas.

Recordo-me de que ao tempo em que morreu minha mãe, tinha eu de idade doze anos ou pouco menos.[1] Quando principiei a entender o que havia perdido, fui aflita a uma imagem de Nossa Senhora e supliquei-lhe com muitas lágrimas que me servisse de mãe. Penso que esta prece, ainda que feita com simplicidade, me tem valido; pois conhecidamente com

---

transpõe uma das portas do Sul e a ponte do rio Adaja e lá vai pela estrada de Salamanca, em busca da "terra de Mouros", quando, encontrados os fugitivos por D. Francisco Álvarez de Cepeda, seu tio, são restituídos à casa. Teresa, acusada pelo irmão como autora da aventura, longe de se desculpar, chora inconsolàvelmente, vendo frustrados seus planos de martírio. A Igreja celebra esta linda façanha nesta estrofe do hino da Santa:

Arauto do Rei superno,
Abandonas, Teresa, a casa paterna,
Para dar às terras dos bárbaros
A fé de Cristo ou o teu sangue.

1) Aqui há engano. Santa Teresa tinha então de treze para quatorze anos.

esta Virgem Soberana me tenho achado em tudo o que lhe encomendo, e finalmente me converteu a si. Aflige-me agora ver e pensar qual a causa de não perseverar eu inteiramente nos bons desejos com que comecei.

O' Senhor meu! tendes, ao que parece, determinado que me salve — praza a Vossa Majestade assim suceda! — e já então me queríeis fazer tantas mercês como me tendes feito, por que não houvestes por bem, não em proveito meu, mas em reverência a Vós, que não se sujasse tanto a pousada onde tão de contínuo havíeis de habitar? Aflige-me, Senhor, ainda o dizer isto, porque sei que foi minha tôda a culpa, pois vejo que nada poupastes para que, desde essa idade, fôsse eu tôda vossa. Queixar-me de meus pais, também não posso, porque nêles não via senão grande virtude e cuidado de meu bem. Entretanto, crescendo eu em idade e começando a entender as graças naturais que me havia dado o Senhor, as quais, segundo diziam, eram muitas, quando por elas lhe havia de ser agradecida, comecei a ajudar-me de tôdas para o ofender, como agora direi.

CAPÍTULO II

Trata de como foi perdendo as virtudes e de quanto importa na meninice manter relações com pessoas virtuosas.

Parece-me ter começado a fazer-me muito dano o que agora direi. Considero algumas vêzes que mal fazem os pais quando não procuram que vejam sempre seus filhos exemplos de virtude, por tôdas as maneiras, pois, com ser minha mãe tão virtuosa, como disse, pouco tomei do bem, ao chegar ao uso da razão, e até quase nada; e o mal prejudicou-me muito.

Era ela afeiçoada a livros de cavalaria, e não usava tão mal dêsse passatempo como o fiz eu, pois não se descuidava de seus deveres; mas deixava-nos liberdade para os ler. Porventura assim fazia para não pensar nos grandes padecimentos que tinha e trazer ocupados os filhos para que não andassem perdidos em outras coisas. Contrariava tanto isto a meu pai, que era preciso usar de ardis para que o não visse. Comecei a tomar o costume de ler êsses livros; e aquêle pequeno senão que nela vi foi esfriando meus desejos e fazendo-me faltar no demais. Não me parecia mau fazer assim, apesar de gastar muitas horas do dia e da noite em tão vão exercício e às escondidas de meu pai. Em tal extremo ficava embebida, que, se não achava livro novo, não tinha contentamento.

Comecei a trazer galas, a desejar agradar e parecer bonita, cuidando muito das mãos, dos cabelos, dos perfumes e de tôdas as vaidades dêsse gênero, que eram não poucas, por ser eu muito industriosa. Má intenção não tinha, pois não quisera que ofendesse alguém a Deus por minha causa. Durou-me muitos anos essa grande preocupação de demasiado alinho, juntamente com outras coisas que não me pareciam pecado; agora vejo quão mau devia ser. Tinha alguns primos irmãos que freqüentavam a casa de meu pai. Outros não achavam entrada, pois era muito recatado, e prouvera a Deus o fôsse também com êsses, pois vejo agora o perigo que há em tratar, na idade em que se deve começar a criar virtudes, com pessoas que não reconhecem a vaidade do mundo, antes para êle nos arrastam. Eram quase da minha idade, pouco mais velhos. Andávamos sempre juntos; tinham-me grande amor. Sôbre tôdas as coisas que lhes davam prazer conversávamos, e ouvia eu as aventuras de suas afeições e leviandades, nada boas; e o pior é que se me ia acostumando a alma ao que foi causa de todo o seu mal.

Se me coubesse aconselhar, diria aos pais que, nessa idade dos filhos, tenham grande desvêlo em escolher as pessoas que hão de tratar com êles; é muito

o perigo, porquanto o nosso natural propende antes para o pior do que para o melhor. Assim me aconteceu a mim: tendo uma irmã[1] de mais idade que eu, de sua extrema sensatez e virtude nada aprendi, e tomei todo o dano de uma parenta que muito freqüentava a nossa casa. Era de modos tão levianos, que minha mãe fizera tudo para a desviar da nossa convivência, parecendo adivinhar o mal que por ela me havia de vir; mas era tanta a ocasião que tinha de entrar, que o não pôde conseguir. Afeiçoei-me ao seu trato. Com ela continuamente conversava e me entretinha, porque me ajudava em todos os passatempos de meu agrado e ainda me metia nêles, tomando-me também por confidente das suas conversações e vaidades. Até êsse tempo em que tratei com ela, por volta de meus quatorze anos, e creio que mais (para ser amiga, digo, e ouvir suas confidências), não penso que houvesse deixado a Deus por culpa mortal nem perdido o temor de o ofender, ainda que maior o tivesse de manchar a honra. Deu-me êste temor fôrça para a não perder de todo; e, penso, coisa alguma do mundo me faria mudar neste ponto, nem amor de pessoa alguma me levaria a transigir. Assim tivera eu fortaleza para não ir contra a honra de Deus como meu natural ma dava para não fraquear no que me parecia estar a honra do mundo; sem perceber entretanto que a perdia por muitos outros caminhos!

Neste vão apêgo à honra tinha extremos. Quanto aos meios para a conservar, de nenhum modo me inquietava; só para me não perder de todo tinha grande circunspecção. Sentiam muito meu pai e meus irmãos semelhante amizade; repreendiam-me freqüentemente. Como, porém, não podiam tirar-lhe as ocasiões que tinha de freqüentar nossa casa, ficavam sem resultado suas diligências, porque era muita a minha sagacidade para qualquer mal. Espanta-me algumas vêzes o prejuízo causado pela má companhia, e, se

---

1) D. Maria de Cepeda, filha do primeiro matrimônio de D. Afonso.

o não houvera experimentado, não o pudera crer. Especialmente no tempo da mocidade deve ser maior o mal. Quisera eu que os pais com o meu exemplo ficassem escarmentados para vigiarem muito sôbre êste ponto. O certo é: que de tal maneira me mudou essa amizade, que, da natural inclinação à virtude que tinha minha alma, quase nada ficou; e pareciam imprimir em mim seus defeitos ela e outra que tinha o mesmo gênero de passatempos.

Por aqui entendo o grande proveito que faz a boa companhia. Tenho por certo que, se tratara naquela idade com pessoas virtuosas, não me teria desviado da virtude; e, se desde o princípio tivera quem me ensinasse a temer a Deus, cobraria minha alma fôrças para não cair. Aos poucos, perdendo de todo êsse temor, só me ficou o de manchar a honra, pelo qual em tôdas as circunstâncias era atormentada. Com pensar que se não viria a saber, atrevia-me a muitas coisas bem contrárias a ela e a Deus.

A princípio me fêz mal, creio, o que ficou dito e a culpa não devia caber a ela, senão a mim; depois já a minha disposição para o mal bastava, juntamente com ter criadas que para tôdas as vaidades me ajudavam. Se alguma houvesse que me aconselhasse para o bem, talvez me fizesse proveito; mas cegava-as o interêsse, como a afeição a mim. Não era eu inclinada a muito mal, senão a passatempos de boa conversação, pois a coisas desonestas tinha natural aborrecimento; contudo, posta em ocasiões arriscadas, estava em perigo, e nêle punha meu pai e meus irmãos. De tudo me livrou Deus, de tal maneira, que bem mostrou como procurava, mau grado meu, que inteiramente não me perdesse; todavia não foi possível ser tão secreto, que não houvesse bastante detrimento em minha honra e suspeita em meu pai. Não havia, parece-me, três meses que andava eu nessas vaidades, quando me levaram a um mosteiro[1] existente no lugar,

---

1) O mosteiro de Nossa Senhora da Graça, das Religiosas de Santo Agostinho.

onde se educavam meninas de minha condição, embora não tão ruins de costumes como eu. Foi feito com tanta dissimulação que, além de mim, só o soube algum parente, porque aguardaram ocasião em que não produzisse estranheza, pois tendo-se casado minha irmã, não seria conveniente eu ficar sòzinha em casa, sem mãe.

Era tão excessivo o amor que me tinha meu pai, e tanta a minha dissimulação, que não podia êle julgar mal de mim; e assim não perdi suas boas graças. Como foi breve o tempo, ainda que houvesse transpirado alguma coisa, nada se podia dizer com certeza; pois, com o grande cuidado que eu tinha da honra, fazia tôdas as diligências para salvaguardar o segrêdo, sem pensar que não podia ser oculto a quem tudo vê. O' Deus meu, que danos faz no mundo o ter em pouco esta verdade, e imaginar que haja contra Vós coisa secreta! Tenho por certo que grandes males se evitariam se entendêssemos que o principal não está em nos precatarmos dos homens, senão em nos guardarmos de descontentar a Vós.

Nos primeiros oito dias senti muito, mais pelo receio que tinha de se haver divulgado minha vaidade, do que por estar ali; porque já andava cansada e não deixava de ter grande temor de Deus quando o ofendia, e logo procurava confessar-me. Vivia em desassossêgo, de modo que no fim de oito dias, e creio que ainda antes, estava muito mais contente do que na casa de meu pai. Tôdas gostavam de mim, que esta graça me deu o Senhor, de agradar a todos, onde quer que estivesse; e assim era muito querida. Estava eu então extremamente avêssa a me fazer monja; contudo gostava de ver tão boas Religiosas como eram as daquela casa, de grande honestidade, religião e recato. Ainda assim, não deixava o demônio de me tentar e os de fora procuravam desassossegar-me com recados. Como, porém, não achavam entrada, depressa acabou tudo. Começou minha alma a voltar aos bons costumes de minha primeira idade, e vi a grande mercê

que faz Deus a quem põe em companhia dos bons. Dir-se-ia que andava Sua Majestade estudando e investigando por que modo poderia tornar-me a Si. Bendito sejais, Senhor, que tanto me suportastes. Amém.

Uma coisa penso poder escusar-me de algum modo, se eu não tivera tantas culpas: era a conversação com quem a meu ver podia dar em casamento e terminar bem; e diziam-se meu confessor e outras pessoas com quem me aconselhava, que em muitos pontos eu não ia contra Deus.

Dormia certa monja [1] em nosso dormitório de educandas, por cujo meio quis o Senhor, ao que parece, começar a dar-me luz, como agora direi.

CAPÍTULO III

Em que narra como lhe serviu a boa companhia para reavivar seus desejos, e de que maneira começou o Senhor a lhe dar alguma luz sôbre o engano em que tinha vivido.

Começando eu, pois, a gostar da boa e santa conversação dessa monja, folgava de ouvi-la falar tão bem de Deus, pois era muito discreta e santa. Em nenhum tempo, a meu parecer, perdi o gôsto de ouvir estas coisas. Contou-me como se tinha resolvido a ser monja só por ler o que diz o Evangelho: *Muitos são os chamados e poucos os escolhidos* (Mt 20, 16). Dizia-me o prêmio que dá o Senhor aos que tudo deixam por Êle. Começou esta boa companhia a desterrar os costumes que a má havia deixado, tornando a elevar meu pensamento aos desejos das coisas eternas, e a diminuir um tanto a grande aversão, que eu tinha de ser monja, pois era grandíssima. Se via alguma der-

1) D. Maria de Briceno e Contreras, Religiosa Agostiniana, de grande santidade e nobreza de sangue.

ramar lágrimas quando rezava ou praticar outras virtudes, tinha-lhe muita inveja, porque era meu coração tão duro, nesse tempo, que, se lesse tôda a Paixão, não derramaria uma lágrima, o que me causava muita pena.

Ano e meio estive nesse mosteiro, com bastante melhora. Comecei a rezar muitas orações vocais e a pedir a todos que me encomendassem a Deus para que me desse o estado em que melhor o havia de servir; desejava entretanto que não fôsse o de monja, pois não foi Deus servido de me dar êste desejo, mas também temia o casamento. Ao cabo do tempo que ali passei, já estava mais afeiçoada a ser Religiosa, embora não naquela casa, por haver entendido certas práticas de virtude que estavam em vigor, e a mim pareciam extremos e demasias. Algumas das mais novas me ajudavam a pensar assim, pois se tôdas tivessem o mesmo parecer, de muito me teria servido. Por outro lado tinha uma grande amiga [1] em outro mosteiro e estava resolvida a não ser monja — caso houvesse de ser — senão onde ela estava. Deixava-me levar mais pelo que agradava à minha sensualidade e vaidade do que pelo bem e interêsse de minha alma. Vinham-me algumas vêzes êsses bons pensamentos de consagrar-me a Deus, mas logo passavam e eu não me podia persuadir nem resolver.

Nesse tempo, apesar de andar descuidada de meu remédio, mais zeloso andava o Senhor, dispondo-me para o estado que melhor me convinha. Deu-me uma grande enfermidade que me obrigou a voltar para a companhia de meu pai. Quando fiquei boa, levaram-me à casa de minha irmã, que residia numa aldeia, para vê-la; era extremo o amor que me tinha, e por sua vontade eu nunca sairia de junto dela. Seu marido também gostava muito de mim, ao menos me mostrava muito carinho. Ter sido benquista por tôda parte on-

1) Dona Joana Soares.

de andei, é uma das grandes graças que devo ao Senhor, mas por tudo lhe correspondia como quem sou.

Estava no caminho a casa dum irmão [2] de meu pai, muito avisado e de grandes virtudes, viúvo, a quem também andava o Senhor dispondo para Si. Em idade avançada veio a deixar tudo que tinha, fêz-se religioso e morreu tão santamente que deve estar gozando de Deus. Quis que me detivesse com êle alguns dias. Era sua ocupação ordinária ler bons livros em língua vulgar, e sua conversação era quase sempre sôbre Deus e a vaidade do mundo. Fazia-me ler alto a seu lado, e eu, ainda que não fôsse amiga de tais livros, dava mostras de gostar, porque nisto de dar contentamento aos outros, mesmo à custa de sacrifícios, tenho tido extremos. Em outros fôra virtude; em mim bem sei que era grande defeito, porque muitas vêzes agia sem discrição. Oh! valha-me Deus! por que caminhos andava Sua Majestade dispondo-me para o estado em que se quis servir de mim! Bem posso dizer que contra a minha vontade me levou a fazer violência a mim mesma! Seja bendito para sempre. Amém.

Não obstante terem sido poucos os dias que passei em casa dêsse meu tio, com a fôrça que faziam em meu coração as palavras de Deus, assim lidas como ouvidas, e a boa companhia, fui entendendo as verdades que compreendera em menina: o nada de tudo que passa, a vaidade do mundo, a brevidade com que tudo acaba. Pus-me a pensar, e a temer, que iria talvez para o inferno se houvesse morrido; e, conquanto minha vontade ainda não se inclinasse de todo a ser monja, vi que êste era o melhor e mais seguro estado; e assim, pouco a pouco, determinei-me a abraçá-lo, muito embora fazendo-me violência.

Nesta peleja estive três meses, combatendo contra mim mesma com êste argumento: os trabalhos e sacrifícios da vida monástica não podiam ser maiores

---

2) Dom Pedro de Cepeda.

que os do purgatório, e eu bem havia merecido os do inferno; portanto não seria muito passar o restante da vida numa espécie de purgatório, para em seguida ir diretamente ao céu. Em tôda esta deliberação sôbre a escolha de estado, creio que mais me movia o temor servil que o amor. Sugeria-me o demônio que eu não poderia sofrer os trabalhos da Religião, sendo tão amiga de regalos. A isto acudia eu com a lembrança dos trabalhos que passou Cristo; pois não era muito que eu passasse alguns por seu amor. Pensava também, provàvelmente, que Êle me ajudaria a levá-los, mas disto não me recordo bem. Padeci bastantes tentações.

Fui acometida, nesse tempo, de umas febres com grandes desfalecimentos, pois sempre tive bem pouca saúde. Deu-me a vida o já ter ficado amiga de ler bons livros. Li as Cartas de S. Jerônimo, e animaram-me de tal sorte, que me determinei a falar a meu pai. Era quase como tomar o Hábito religioso, porquanto, sendo tão briosa, penso que não tornaria atrás por nenhum motivo, uma vez que o houvesse dito. Era tanto o que me queria que de nenhum modo pude conseguir sua licença; o mesmo resultado tiveram os rogos de algumas pessoas às quais pedi que lhe falassem. O mais que se pôde arrancar dêle foi que, depois de sua morte, fizesse o que quisesse. Já eu sabia não poder fiar-me de mim, e receando que minha fraqueza me fizesse tornar atrás, não me pareceu acertado esperar, e procurei realizar meu desejo por outro caminho, como direi agora.

CAPÍTULO IV

Diz como a ajudou o Senhor a triunfar de si mesma para tomar o Hábito, e as muitas enfermidades que lhe começou a dar Sua Majestade.

Nesse tempo, andando com tais determinações, persuadi um irmão meu a se fazer Religioso, convencendo-o da vaidade do mundo. De comum acôrdo, resolvemos ir um dia, logo ao amanhecer, ao mosteiro onde estava aquela minha amiga. A êsse dera preferência, pôsto que, nesta última determinação, já estivesse tão mudada, que a qualquer outro teria ido, se imaginasse poder nêle servir melhor a Deus, ou se meu pai assim quisesse. De meu descanso, já nenhum caso fazia. Vem-me à memória — e penso ser bem verdade — que, ao sair da casa de meu pai, foi tal meu sentimento, que, penso, não o terei maior à hora da morte. Parecia-me que os ossos se me apartavam uns dos outros, pois, como não havia amor de Deus que superasse o amor a meu pai e a meus parentes, era necessário fazer-me em tudo tanta violência, que se o Senhor não me esforçasse, não bastariam minhas considerações para passar adiante. Chegado o momento, deu-me ânimo contra mim, de modo que o efetuei.

Em tomando o Hábito, logo o Senhor me deu a entender como favorece aos que no seu serviço se fazem violência. A que eu precisara fazer-me ninguém percebia, antes imaginavam em mim grandíssima vontade. Deu-me, na mesma hora, contentamento tão extremo de ter abraçado aquêle estado, que jamais me faltou até hoje, e mudou Deus a secura que tinha minha alma em imensa ternura. Davam-me deleite as coisas da Religião, e é verdade que, estando algumas vêzes a varrer em horas que dantes costumava ocupar em meus regalos e enfeites, à lembrança de que daquilo estava livre, sentia tão novo gôzo, que me espantava e não podia entender de onde me

vinha. Quando me recordo disto, não há coisa, por difícil e grave que seja, que, em se apresentando a ocasião, duvide acometer. Já tenho feito experiência, em muitos casos: se me esforço ao princípio e me determino a agir, — quando a obra é só por Deus, — até começar quer Êle, para maior merecimento nosso, que a alma sinta êsses temores: mas quanto maiores forem, tanto maior e mais saboroso será depois o prêmio se sairmos com a vitória. Ainda nesta vida paga-o Sua Majestade por tais modos que só quem o goza percebe. Tenho experiência disto, como afirmei acima, em muitos casos bastante graves; e assim, jamais aconselharia — se eu fôra pessoa que houvesse de dar parecer, — que por mêdo se deixasse de empreender alguma obra quando repetidamente acode uma boa inspiração de a fazer. Se fôr puramente por Deus só, não há que temer mau resultado, que poderoso é Êle para tudo. Bendito seja para sempre. Amém.

Seriam bastantes, ó Sumo Bem e descanso meu, as mercês que me havíeis feito até aqui, trazendo-me vossa piedade e grandeza por tantos rodeios a estado tão seguro e a casa onde tínheis muitas servas, das quais pudera aprender para ir crescendo em vosso serviço. Não sei como hei de passar daqui, quando relembro as circunstâncias de minha Profissão, a grande determinação e o contentamento com que a fiz, e o desposório que contraí convosco. Isto não posso dizer sem lágrimas; e justo seria que fôssem de sangue e se me despedaçasse o coração, não seria demasiado sentimento pelo muito que depois vos ofendi. Parece-me agora que tinha razão de não querer tão grande dignidade, pois tão mal havia de usar dela. Vós, porém, Senhor meu, em quase vinte anos que usei mal desta mercê, quisestes ser o agravado, para que eu fôsse melhorada. Dir-se-ia, Deus meu, que prometi não guardar na mínima coisa as minhas promessas. Não era esta a minha intenção quando as fiz, mas tais foram depois as minhas obras, que não sei que

intenção era a minha; para mais se ver quem sois Vós, Espôso meu, e quem sou eu. Verdade é, certamente, que muitas vêzes a dor de minhas grandes culpas é mitigada pelo contentamento, que me dá o fazerem elas reconhecer a multidão das vossas misericórdias.

Em quem, Senhor, podem assim resplandecer como em mim, que tanto obscureci com as minhas más obras as grandes mercês que logo me começastes a fazer? Ai de mim, Criador meu, se quero dar desculpa, nenhuma tenho, nem posso culpar a alguém senão a mim! Para alguma coisa pagar do amor que me começastes a mostrar, não devera empregar o meu senão em Vós, e fôra êste o remédio a todo mal. Mas não o mereci, nem tive tal ventura. Valha-me agora, Senhor, vossa misericórdia.

A mudança de vida e de alimentação prejudicou-me a saúde e, ainda que o contentamento fôsse muito, não resisti. Começaram a aumentar os desmaios, com uma dor de coração tão intensa, que espantava os que me viam; além de muitos outros males juntos. Assim passei o primeiro ano: bem mal de saúde, mas não me parece haver ofendido muito a Deus. Como era a doença tão grave que eu vivia sempre ameaçada de perder os sentidos, e algumas vêzes chegava a perdê-los, era grande a diligência com que meu pai procurava algum remédio. Não o tendo encontrado nos médicos daqui, resolveu levar-me a um lugarejo muito afamado para cura de outras enfermidades, onde, como lhe disseram, ficaria também eu livre da minha. Foi comigo aquela amiga de quem falei, a qual era antiga na casa. Em nosso convento não se prometia clausura.

Estive quase um ano por lá, e durante três meses padeci tão incomportável tormento, pelo regime rigoroso a que me submeteram, que não sei como agüentei; finalmente, apesar de ter resistido, minha compleição delicada ficou sucumbida, como vou contar. Devia começar o tratamento no princípio do verão e

fui nos primeiros dias do inverno. Todo êsse tempo passei em casa da minha irmã, já citada, que vivia na aldeia, aguardando o mês de abril, porque estava próxima e assim evitávamos idas e vindas.

Na ida, aquêle tio meu que morava — como deixei dito — no caminho, deu-me um livro que se chama *Terceiro Abecedário* e trata de ensinar a oração de recolhimento. Conquanto nesse primeiro ano tivesse eu lido bons livros — pois não quis mais usar de outros, já compreendendo quanto mal me haviam feito, — não sabia eu como proceder na oração, nem como me recolher. Muito me alegrou o dito livro, e determinei-me a segui-lo. Gostando de ler, com tôdas as minhas fôrças e já me havendo feito o Senhor o dom de lágrimas, comecei a ter momentos de solidão, a confessar-me com freqüência e a enveredar por aquêle caminho, tendo por mestre o referido livro. Outro guia, quero dizer, confessor que me entendesse, não achei, embora o procurasse depois por espaço de vinte anos. Isto contribuiu bastante para me prejudicar e fazer tornar atrás muitas vêzes, e ainda poderia ter sido causa de minha total ruína, pois se o tivesse, ajudar-me-ia a sair das ocasiões em que estive de ofender a Deus.

Pôs-se logo Sua Majestade a fazer-me grandes mercês, nesses princípios; e assim continuou até o fim do tempo que passei nessa solidão, que foi cêrca de nove meses. Não vivia tão livre de ofender a Deus como o livro me dizia, mas passava por cima dessas coisas, julgando quase impossível tanto recato. Tinha cuidado de não cometer pecado mortal, e prouvera a Deus o tivesse sempre! Dos veniais não fazia caso, e foi a minha ruína. Começou o Senhor a regalar-me tanto por êsse caminho, que me fazia mercê de me dar oração de quietação e, alguma vez, até de união, ainda que eu não entendesse nem uma nem outra coisa, nem o muito que o devia prezar. Creio que me teria feito grande bem entendê-lo. Verdade é que a de união durava muito pouco, talvez nem o tempo de uma Ave-Maria;

deixava-me, porém, tão grandes efeitos que, não tendo eu ainda vinte anos, me parecia trazer o mundo debaixo dos pés, e assim me recordo de que tinha lástima dos que seguiam suas leis mesmo em coisas lícitas. Procurava, o mais que podia, trazer Jesus Cristo, nosso Bem e Senhor, presente dentro de mim, e era êste o meu modo de oração. Se pensava em algum passo, no meu interior o representava; mas preferia a leitura de bons livros, que era tôda a minha recreação. E' que Deus não me deu talento para discorrer com a inteligência, nem para tirar proveito da imaginação: tenho-a tão tarda que ainda para pensar e representar em mim a Humanidade do Senhor e trazê-la presente como procurava, nunca o pude conseguir. Verdade é que por essa via de não poder agir com o entendimento, mais depressa chegam à contemplação os que perseveram, mas é a custo de muitos trabalhos e penas. Se falta ocupação à vontade, e o amor não acha coisa presente em que se ocupe, fica a alma como sem arrimo nem exercício; dá grande pena a solidão acompanhada de secura, e grandíssimo combate os pensamentos.

Aqueles que têm esta disposição, maior pureza de consciência é necessária do que às pessoas que podem agir com o entendimento. Com efeito, quem medita sôbre o que é o mundo, o quanto deve a Deus, o muito que sofreu Cristo, o pouco que faz em seu serviço, e o que dá o Senhor a quem o ama, tira doutrina para se defender das distrações e evitar as ocasiões e os perigos. Aquêles, porém, que não se podem valer do raciocínio, correm maior risco e muito se devem ocupar em leitura, pois de sua parte não conseguem tirar boas considerações. E' penosíssimo êste modo de proceder na oração; e a leitura, por curta que seja, lhes é útil e até necessária para se recolherem, pois supre a oração mental que não podem ter. Se os obrigam a permanecer longo tempo na oração sem auxílio dum livro, será impossível perseverarem mui-

to nesse exercício; e se porfiarem, sentirão detrimento na saúde, porque é luta muito penosa.

Agora me parece que providencialmente quis o Senhor que não conseguisse achar quem me ensinasse, porque me teria sido impossível, creio, perseverar na oração dezoito anos que passei com semelhantes trabalhos e grandes securas, não podendo, como digo, discorrer com o entendimento. Em todo êsse tempo, a não ser depois da Comunhão, jamais ousava começar a oração sem livro; tanto temia minha alma pôr-se a orar sem êle como se saísse a pelejar contra uma multidão. Com êste remédio, que era como uma companhia ou escudo em que aparava os golpes dos muitos pensamentos, estava consolada, porque a secura não era o ordinário, mas vinha sempre que me faltava livro, pois logo se desbaratava a alma. Com êle, começava a recolher os pensamentos dispersos e, como por afagos, recolhia o espírito. Acontecia freqüentemente que só com ter o livro à mão, não era preciso mais. Algumas vêzes lia pouco, outras muito, conforme a mercê que o Senhor me fazia. Pensava, nesses primeiros tempos de que estou falando, que, tendo eu livros e soledade, não haveria perigo que me tirasse de tanto bem; e com o favor de Deus, creio, assim teria sucedido se houvesse achado mestre ou alguém que me ensinasse desde o princípio a fugir das ocasiões ou a prontamente me apartar quando nelas me visse. Se então me acometera o demônio abertamente, parece-me que de nenhuma maneira me faria cometer pecado grave; mas foi tão sutil, e eu tão miserável, que de pouco me serviram tôdas as minhas determinações, embora me tenham sido de grandíssimo auxílio no tempo em que servi bem a Deus, para poder sofrer as terríveis enfermidades que tive, com tão grande paciência como me deu Sua Majestade.

Espanto-me muitas vêzes ao pensar na imensa bondade de Deus, e regala-se minha alma na contemplação de sua grande magnificência e misericórdia. Por tudo seja bendito, pois tenho visto claramente

que não deixa de pagar, desde esta vida, até um bom desejo. Por vis e imperfeitas que fôssem minhas obras, êste Senhor meu as ia melhorando, aperfeiçoando e tornando meritórias, ao passo que logo tratava de ocultar meus males e pecados. Ainda mesmo aos que os viram com seus olhos, permite Sua Majestade que fiquem cegos e os percam de memória. Doura minhas culpas, faz resplandecer uma virtude que o próprio Senhor põe em mim, fazendo-me quase violência para que a tenha.

Quero tornar ao que me mandaram escrever. Digo apenas que, se fôsse contar por miúdo as delicadezas do Senhor para comigo nesses princípios, seria preciso outro engenho, que não o meu, para saber encarecer quanto neste particular lhe devo e a ingratidão e maldade com que lhe correspondi, pois tudo olvidei. Seja para sempre bendito por tanto me haver sofrido. Amém.

CAPÍTULO V

Continua a narrar suas grandes enfermidades e a paciência que para as sofrer lhe deu o Senhor. Diz como do mal tira Êle o bem, segundo se verá pelo que lhe aconteceu no lugarejo onde foi curar-se.

Esqueci-me de dizer como, no ano de noviciado, passei grandes desassossegos, com coisas que em si tinham pouca importância. Culpavam-me muitas vêzes estando inocente, e eu o sofria com muito desgôsto e imperfeição, ainda que, com o grande contentamento que tinha de ser monja, tudo fôsse suportando. Como me viam procurar solidão e chorar meus pecados, pensavam que era descontentamento, e assim o diziam. Eu era afeiçoada a tôdas as coisas da Religião, mas não podia sofrer a mínima aparência de desprêzo.

Folgava de ser estimada, tinha esmêro exagerado em quanto fazia, e tudo me parecia virtude; isto porém não me serve de desculpa, porque sempre sabia procurar o que me contentava, e assim a ignorância não me escusa. O que pode diminuir minhas culpas é não estar fundado em muitas perfeição o mosteiro. Eu, por minha ruindade, abraçava o defeituoso, deixando de lado o que havia de bom.

Estava de cama então uma Religiosa, com grandíssima e mui dolorosa enfermidade. Em conseqüência de opilações, ficara com aberturas no ventre, por onde rejeitava tudo o que comia. Morreu em pouco tempo. Eu via que tôdas temiam aquêle mal; quanto a mim, fazia-me grande inveja a sua paciência. Pedi a Deus que, se me desse igual virtude, me enviasse as enfermidades que quisesse. De nenhuma tinha mêdo, ao que me parece, pois estava desejosa de ganhar bens eternos ao ponto de me determinar a granjeá-los por qualquer meio. Disso admiro-me agora, porque não tinha ainda, segundo posso julgar, amor a Deus como depois de começar a ter oração: era apenas uma luz que me fazia conhecer o pouco valor de tôdas as coisas que têm fim e o alto preço dos bens que com elas adquirimos, pois são eternos. O certo é que Sua Majestade atendeu à minha súplica: antes de dois anos fiquei tão enfêrma que o meu mal — conquanto diferente — não foi menos penoso nem deu menos trabalho, creio, e durou três anos, como agora direi.

Chegado o tempo que estávamos aguardando naquela aldeia[1] onde disse ter ficado, por minha irmã, por meu pai e pela monja minha amiga, que comigo viera e me queria muitíssimo, fui levada com extremosos cuidados do meu bem-estar. Começou logo o demônio a inquietar minha alma, mas de tudo veio Deus a tirar muito bem. Residia no lugarejo onde fui curar-me um eclesiástico que, além de ser pessoa de bastante nobreza e inteligência, tinha letras, ainda que não muitas. Comecei a confessar-me com êle, porque

1) Castellanos de la Canada.

sempre fui amiga de letras, conquanto grande mal tenham feito à minha alma confessores meio letrados aos quais recorria por não achar outros tão doutos como quisera. Quando são virtuosos e de costumes santos, tenho visto por experiência ser melhor que de todo não as tenham, porque nem em si confiam sem consultar outros mais sábios, nem eu confiaria nêles; e bom letrado nunca enganou. Êsses outros tão pouco deviam querer enganar-me, mas é que êles mesmos não sabiam mais do que ensinavam. Eu pensava que fôssem competentes e não me julgava obrigada a mais do que a lhes dar crédito. A doutrina que me pregavam era, aliás, larga e de mais liberdade; se fôra apertada, sou tão ruim que iria buscar outros. O que era pecado venial diziam-me não ser pecado; o que era gravíssimo mortal, afirmavam ser venial. Fêz-me isto tanto dano, que não é muito dizê-lo eu aqui, para precaver outras contra tão grande mal. Aos olhos de Deus, bem vejo não ser escusa, pois era bastante certas coisas não serem boas em si, para que eu me guardasse delas. Por castigo de meus pecados, creio, permitiu Deus que êsses confessores se enganassem e me enganassem. Eu, por minha vez, enganei muitas outras, repetindo-lhes o que dêles tinha ouvido. Permaneci nesta cegueira mais de dezessete anos, creio, até que um Padre Dominicano, grande letrado, me tirou de todo dêste êrro. Os da Companhia de Jesus incutiram-me grande temor, mostrando-me a gravidade de tão maus princípios, como adiante direi.

Comecei pois a confessar-me com o eclesiástico de quem falei, e êle se afeiçoou a mim em extremo, porque poucas faltas eu tinha então a confessar em comparação do que tive depois; e assim fôra sempre desde que me fizera monja. Não era má a afeição, mas, por demasiada, vinha a não ser boa. Tinha êle entendido de mim que coisa grave contra Deus não me determinaria a fazer por nenhum motivo; assegurava-me o mesmo de si, de modo que era muita a confiança recíproca. Embevecida em Deus como en-

tão vivia, o que mais gôsto me dava era falar só dêle em tôdas as minhas conversas; e, sendo eu tão criança, isto lhe causava confusão. Finalmente, pela grande amizade que me tinha, começou a declarar-me a perdição em que vivia; e não era pouca, pois já há quase sete anos estava em mui perigoso estado, com afeição e relações com uma mulher do mesmo lugar, e não obstante isto dizia Missa. Era coisa tão pública que tinha perdido a honra e a fama, e ninguém ousava argüi-lo. A mim causou grande lástima, porque lhe queria muito. Tinha eu a grande leviandade e cegueira de considerar virtude o ser agradecida e pagar na mesma moeda a quem me queria. Maldita seja tal lei, que vai ao ponto de se ir contra a de Deus! E' um desatino cuja prática se usa no mundo, mas que me põe desatinada: a Deus devemos todos os benefícios que nos fazem, e, entretanto, temos por virtude não romper uma amizade, ainda quando seja ela causa de se ir contra Êle. O' cegueira do mundo! Oxalá fôreis servido, Senhor, que eu houvesse sido ingratíssima contra todos, e não o fôra contra Vós no mínimo ponto: mas foi tudo ao revés, por meus pecados.

Como procurasse saber e informar-me mais das pessoas de sua casa, melhor conheci sua perdição e vi que o pobre não tinha tanta culpa, porque a desventurada mulher pusera feitiço num ìdolozinho de cobre, rogando-lhe que por seu amor o trouxesse ao pescoço, e ninguém tinha sido capaz de lho arrancar. Não creio positivamente em feitiços; apenas digo o que vi, para avisar aos homens que fujam de mulheres que usam de ardis semelhantes. Estejam certos de que estas, por terem perdido a vergonha para com Deus (sendo obrigadas mais do que os homens a guardar honestidade), em nenhuma coisa merecem confiança. A trôco de levar adiante sua paixão e aquêle sentimento que nelas põe o demônio, não vêem o que fazem. Eu, apesar de tão ruim, neste ponto jamais caí, nem pretendi fazer mal e nem se pudesse quisera forçar alguém a ter-me amor, porque disto me guar-

dou o Senhor; mas se Êle me tivesse deixado, teria eu agido mal demais como nas coisas pois de mim nada há que fiar.

Quando isto soube, comecei a mostrar-lhe mais afeição. Bom era o fim, má a obra, pois para conseguir um bem, por grande que fôsse, não havia de fazer um pequeno mal. Falava-lhe muito freqüentemente de Deus. Isto devia aproveitar-lhe, mas o que sobretudo o moveu, creio, foi o querer-me muito. Para me dar prazer, acabou por entregar-me o ìdolozinho, que logo mandei lançar ao rio. Mal o tinha tirado, começou, como quem desperta dum grande sono, a entrar em si e a ver tudo o que tinha feito naqueles anos; e, espantando-se de seu procedimento, doendo-se de sua perdição, pôs-se a aborrecer a causa de seus males. Muito lhe deve ter valido Nossa Senhora, que era muito devoto de sua Conceição e no seu dia lhe fazia grande festa. Por fim deixou totalmente de ver a tal pessoa, e não se fartava de dar graças a Deus, que o tinha iluminado. Morreu ao cabo exatamente dum ano, desde o primeiro dia em que o vi. Todo êsse tempo passou muito no serviço de Deus, pois aquela grande afeição que me tinha, nunca entendi ser má, ainda que poderia ser mais espiritual. Verdade é que houve ocasiões em que, se a lembrança de Deus não estivesse bem presente, poderia haver perigo de o ofender gravemente. Como já disse, coisa que a meu entender fôsse pecado mortal, não seria então capaz de fazer. E parece-me que esta disposição que êle via em mim, contribuía para me ter amizade, pois, segundo creio, devem os homens ser mais amigos de mulheres inclinadas à virtude; e elas por êste caminho conseguirão melhor suas pretensões, como depois direi. Tenho por certo que êste, de quem falei, está em via de salvação, pois morreu muito bem e muito apartado daquela ocasião de pecar. Parece que o Senhor quis salvá-lo por êstes meios.

Estive naquele lugar três meses, com grandíssimos padecimentos, pois foi o tratamento mais enér-

gico do que comportava a minha compleição. No fim de dois meses, à fôrça de remédios, quase se me tinha acabado a vida; cresceram-me tanto as dores de coração, das quais me tinha ido curar, que me parecia às vêzes tê-lo rasgado por dentes agudos. Chegaram a temer que fôsse raiva. Além da falta absoluta de fôrças — porque nada podia comer, apenas bebia alguma coisa, — tinha grande fastio, febre contínua, o organismo muito gasto em conseqüência de me terem feito tomar diàriamente purgativos durante quase um mês. Estava tão abrasada, que meus nervos se começaram a encolher com dores insuportáveis; nem de dia nem de noite podia ter algum descanso. Sentia profundíssima tristeza.

Eis o que havia lucrado quando me tornou a trazer meu pai. Fêz-me novamente examinar por vários médicos. Todos me desenganaram, declarando que, além de todos êsses males, estava tísica. Disto pouco se me dava; o que me afligia era ter dores contínuas, dos pés à cabeça; porque, — no dizer dos próprios médicos, — são intoleráveis essas dores de nervos e, como os meus se me encolhiam todos, sofria duro tormento. Prouvera a Deus não o tivera eu perdido por minha culpa! Nesse sofrimento mais agudo estive cêrca de três meses. Parecia impossível alguém suportar tantos males juntos. Eu mesma agora pasmo de os haver sofrido e tenho por grande mercê do Senhor a paciência que me deu Sua Majestade, que se via claramente vir dêle. Muito me aproveitou para isso haver lido a história de Job nos *Morais de S. Gregório*. Parece que o Senhor me tinha preparado e disposto por meio desta leitura, e da oração, que eu já começara a ter, a fim de poder suportar meus males com tanta conformidade. Com o mesmo Senhor eram tôdas as minhas práticas. Trazia muito de ordinário no pensamento estas palavras de Job e costumava repeti-las: "Se das mãos do Senhor recebemos os bens, porque não recebemos também os males?" (Job 2, 10). Isto parecia dar-me novas fôrças.

Veio a festa de Nossa Senhora em agôsto, que até então, desde abril, havia durado o tormento, conquanto maior nos últimos três meses. Logo tratei de confessar-me, que de o fazer a miúdo sempre fui amiga. Pensaram que o pedia por mêdo de morrer, e, para não me alarmar, meu pai não consentiu. O' amor carnal e demasiado, que, ainda de pai tão católico e esclarecido — pois o era bastante, e não foi nêle ignorância, — teria podido fazer-me grande mal! Naquela mesma noite fui acometida duma crise tão forte, que fiquei sem sentidos pouco menos de quatro dias. Deram-me, nesse estado, o Sacramento da Unção, e a cada hora ou momento pensavam ver-me expirar. Não faziam senão repetir o Credo, como se eu entendera alguma coisa. Por vêzes me julgaram já morta; até cêra cheguei a achar depois nos olhos.

Grande era o pesar de meu pai, por não me ter permitido a confissão; não se cansava de orar e clamar a Deus. Bendito seja Aquêle que se dignou ouvi-lo; pois, estando há um dia e meio aberta a sepultura no meu mosteiro à espera do corpo e feitas já as exéquias num convento de nossos Frades fora da cidade, quis o Senhor que eu recobrasse os sentidos e tornasse a mim. Logo quis confessar-me. Comunguei com bastante lágrimas; não, a meu parecer, de sentimento e pena de haver ofendido a Deus, que isto bastaria para me salvar se me não servisse de escusa o engano em que me tinham feito cair alguns confessores afirmando-me não haver pecado mortal onde certamente havia, como vi depois. As dores que me ficaram eram intoleráveis, de modo que não estava bem em mim; apesar disto fiz a confissão inteira, a meu parecer, de tudo em que tinha consciência de haver ofendido a Deus. Esta mercê me fêz Sua Majestade entre outras: depois que comecei a comungar, jamais deixei de confessar coisa em que julgasse haver pecado, mesmo venial. Contudo considero bem duvidosa minha salvação se então tivesse morrido, por serem, de uma parte, tão pouco letrados os confesso-

res, e de outra, por ser eu tão ruim, além de muitos outros motivos.

E' certo, com efeito, que neste ponto de minha vida, vendo como, por assim dizer, ressuscitou-me o Senhor, sinto tão grande espanto que chego quase a tremer. Parece-me que te fôra bem, ó minha alma, ponderar de que perigo te livrara o Senhor, e, já que por amor não deixavas de ofendê-lo ao menos por temor deixasses, pois te poderia matar outras mil vêzes em estado mais perigoso. Creio que não exagero muito em dizer outras mil, ainda que ralhe comigo quem me mandou ter moderação no contar os meus pecados. E bem aformoseados vão... Por amor de Deus, a êle peço que de minhas culpas nada diminua, pois aqui mais se vê a magnificência de Deus e o quanto tolera uma alma. Bendito seja para sempre! Praza à Sua Majestade que eu antes fique reduzida a cinzas, do que torne a deixar de lhe ter amor.

CAPÍTULO VI

Trata do muito de que foi devedora ao Senhor por lhe dar conformidade em tão grandes sofrimentos. Como tomou por medianeiro e advogado ao glorioso São José, e quanto isto lhe valeu.

Após os quatro dias que passei como morta, fiquei em tal estado, que só o Senhor sabe os incomportáveis tormentos que eu sentia. A língua dilacerada, de tão mordida; a garganta apertada, em conseqüência de nada haver tomado e da fraqueza extrema que mal me deixava respirar — a ponto de nem água poder engolir. Parecia-me estar tôda desconjuntada, com a cabeça em grandíssimo desatino. Fiquei encolhida, à semelhança dum novêlo, — pois nisto vieram a parar os tormentos daqueles dias; — tão incapaz de mover braços, pés, mãos e cabeça, se outros me

não moviam, como se estivesse morta. Só um dedo da mão direita, ao que me lembro, podia menear. Não sabiam como tocar em mim, pois sentia tantas dores, que o não podia sofrer. Serviam-se de um lençol, que duas pessoas seguravam, cada uma de seu lado, para me mudarem de posição. Durou isto até Páscoa florida.[1] O alívio que tinha era que, se não se chegavam a mim, as dores cessavam muitas vêzes. Só com êsse pouco já me parecia estar boa, pois tinha receio de vir a faltar-me a paciência; assim tive grande contentamento de já me ver sem tão agudas e contínuas dores, ainda que as sentisse insuportáveis quando me vinham os frios intensos das violentas quartãs duplas que fiquei padecendo, além de completo fastio.

Tão grande era a minha pressa de voltar ao meu mosteiro, que mesmo nesse estado me fiz levar. A que esperavam morta receberam com alma, mas o corpo pior que morto, que fazia pena vê-lo. O extremo de fraqueza não se pode dizer; só tinha ossos. Assim fiquei mais de oito meses; o estar tolhida, ainda que fôsse melhorando, durou quase três anos. Quando comecei a andar de gatinhas, louvava a Deus. Sofri com grande conformidade e até, exceto nos primeiros tempos, com grande alegria, pois tudo me parecia bagatela em comparação das dores e tormentos do princípio. Muito conformada estava com a vontade de Deus, ainda que me deixasse sempre assim. Se tinha desejos de sarar, penso, era ùnicamente para ficar só e fazer oração como antes, pois na enfermaria não havia meios. Confessava-me muito a miúdo e tratava ordinàriamente de Deus, de modo que se edificavam tôdas, admirando-se da paciência que o Senhor me dava, pois, a não vir das mãos de Sua Majestade, parecia impossível poder sofrer tanto mal com tanto contentamento.

De muito me valeram as mercês recebidas do Senhor na oração; esta me fazia entender que coisa é

---

1) Domingo de Ramos.

amá-lo. Só daquele pouco tempo, vi brotarem em mim virtudes novas, como vou dizer, embora não bastante fortes para me sustentar no caminho da justiça. Não dizia mal de pessoa alguma, por pouco que fôsse, antes de ordinário evitava tôda murmuração, pois trazia muito diante dos olhos não dever dizer de outrem o que não queria dissessem de mim. Guardava isto com muito extremo, nos casos que se apresentavam, embora não com tanta perfeição, que não resvalasse um pouco quando me davam grandes ocasiões, mas era bem raro. O mesmo persuadia tanto às que me cercavam e tratavam comigo, que se habituaram a observá-lo. Acabaram tôdas por entender que, onde estava eu, tinham seguras as costas, e que o mesmo estilo guardavam minhas discípulas e aquelas com quem eu tinha amizade e parentesco. Em outras coisas, entretanto, tenho de prestar muitas contas a Deus pelo mau exemplo que lhes dava. Praza a Sua Majestade perdoar-me muitos males de que fui causa, embora minha intenção não fôsse tão má como depois eram os atos.

Fiquei desejosa de soledade, amiga de falar e de tratar de Deus, em achando com quem, mais contentamento e deleite me dava isto, que tôda a galanteria, ou, por melhor dizer, tôda a grosseria da conversação do mundo. Comungava e confessava-me muito mais a miúdo que dantes, e sempre com grandes desejos. Era amicíssima de ler bons livros. Tinha grandíssimo arrependimento quando me acontecia ofender a Deus; lembro-me de que não ousava muitas vêzes fazer oração, por temor do grandíssimo pesar que nela ia sentir de o haver ofendido, o que era para mim o pior castigo. Isto foi crescendo depois e chegou a tal extremo, que não sei a que comparar êste tormento. E não era, nem pouco nem muito, por temor. Isto jamais! O que me afligia era a lembrança dos regalos que o Senhor me fazia na oração e do muito de que lhe era devedora, e ver quão mal lho pagava. Não o podia sofrer, e atormentava-me em

extremo com as muitas lágrimas com que chorava minhas culpas, vendo como era pouca a emenda, não bastando minhas resoluções, nem essa mesma dor em que me via, para não tornar a cair quando me expunha a ocasiões de queda. Pareciam-me lágrimas enganosas que tornavam depois maior a culpa, porque via a grande mercê que me fazia o Senhor em mas dar juntamente com tão grande arrependimento. Procurava logo confessar-me e de minha parte fazia, creio, tudo para recuperar a graça. Todo o mal advinha de não cortar pela raiz as ocasiões e de ter confessores que pouco me ajudavam. Se êstes me dissessem que eu andava em perigo e era obrigada a não ter aquelas relações mundanas, creio que sem dúvida ficaria tudo remediado, pois eu de nenhum modo sofreria estar em pecado mortal um só dia, se disto tivesse consciência. Todos êstes sinais de temor de Deus vieram-me com a oração, e a maior graça era ir tudo envolto em amor, sem lembrança de castigo. Todo o tempo que passei tão mal, tive a consciência muito em guarda acêrca de pecados mortais. Oh! valha-me Deus! Desejava eu a saúde para melhor servi-lo, e ela foi causa de todo o meu mal!

Vendo-me tão tolhida em tão pouca idade, no estado em que me tinham pôsto os médicos da terra, resolvi recorrer aos do céu, pois desejava curar-me, embora sofresse com muita alegria. Imaginava que tendo saúde serviria muito mais a Deus, mas por vêzes refletia também que, se me havia de condenar curada, melhor seria continuar como estava. E' um dos nossos erros: não nos submetermos inteiramente ao que faz o Senhor, apesar de saber Êle melhor do que nós o que nos convém.

Comecei a mandar celebrar Missas e a recitar orações muito aprovadas, que nunca fui amiga de outras devoções praticadas por algumas pessoas, especialmente mulheres, com cerimônias que lhes causam consolação, e a mim parecem insuportáveis. Deu-se depois a entender que não convinham, eram supersti-

ciosas. Tomei por advogado e senhor ao glorioso S. José, e encomendei-me muito a êle. Claramente vi que, assim desta necessidade como de outras maiores referentes à honra e à perda da alma, êste Pai e Senhor meu salvou-me com lucro melhor para mim do que eu lhe sabia pedir. Não me recordo de lhe haver, até esta hora, suplicado graça que tenha deixado de obter. Coisa admirável são as grandes mercês que me há feito Deus por intermédio dêste bem-aventurado Santo, e os perigos de que me há livrado, assim de corpo como de alma. A outros Santos parece ter dado o Senhor graça para socorrer numa determinada necessidade; ao glorioso S. José, tenho experiência de que socorre em tôdas. Quer o Senhor dar a entender que, assim como lhe foi sujeito na terra — pois S. José na qualidade de pai, embora adotivo, o podia mandar, — assim no céu atende a todos os seus pedidos. O mesmo, por experiência, viram outras pessoas a quem eu aconselhava encomendar-se a êle; e hoje há muitas que lhe são devotas e experimentam cada dia esta verdade.

Procurava eu fazer sua festa com tôda a solenidade que podia, mais levada pela vaidade que pelo espírito, querendo que fôsse tudo do melhor e mais primoroso, embora com boa intenção. Mas tinha isto de mal: se o Senhor me dava graça para algum bem, tudo fazia com imperfeição e muitas faltas. Para o mal e para os exageros e vaidades, tinha grande esperteza e diligência. O Senhor me perdoe! A todos quisera persuadir que fôssem devotos dêste glorioso Santo, pela grande experiência que tenho de quantos bens alcança de Deus. Não conheço pessoa que deveras lhe seja devota e lhe renda particulares obséquios, que não a veja medrar na virtude, porque muitíssimo ajuda êle às almas que se encomendam ao seu patrocínio. De alguns anos para cá, parece-me, sempre no dia de sua festa lhe peço alguma coisa, e nunca deixei de a ver cumprida. Se o pedido não é muito razoável, êle o endireita para maior bem meu.

Se eu fôra pessoa com autoridade para escrever, gostaria de me alargar, narrando muito por miúdo as mercês que êste bendito Santo tem feito a mim e a outros; mas, para não ir além do que me mandaram, em muitas coisas direi menos do que desejaria, e outras, pelo contrário, falarei mais do que seria mister; enfim, como quem para tudo que é bom tem pouca discrição. Só peço, por amor de Deus, que o prove quem me não crer; e verá por experiência o grande bem que é encomendar-se a êste excelso Patriarca e ter-lhe amor. Em particular as pessoas de oração sempre deveriam ser-lhe afeiçoadas. Não sei verdadeiramente como se pode pensar na Rainha dos Anjos, no tempo em que tanto passou com o Menino Jesus, sem dar graças a S. José pelo auxílio que lhes prestou. Quem não encontrar mestre que o ensine, tome êste glorioso Santo por mestre, e não errará no caminho. Praza ao Senhor não tenha eu errado em me atrever a falar nêle, porque, embora apregoando ser-lhe devota, muito tenho faltado no seu serviço e na sua imitação. Mostrou S. José em mim quem é, fazendo de modo que pude levantar-me, andar e não estar tolhida; e eu mostrei quem sou, usando mal desta mercê.

Quem pudera pensar que eu havia de cair tão depressa, depois de tantos dons de Deus, depois de haver começado a receber de Sua Majestade virtudes que me estimulavam a servi-lo; tendo estado quase morta e em tão grande perigo de ser condenada, e tendo sido ressuscitada, alma e corpo, de modo que os que me tinham visto se espantavam de estar eu viva? Que é isto, Senhor meu? Em tão perigosa vida havemos de viver? Enquanto isto escrevo, parece-me que, mediante vosso favor e vossa misericórdia, poderia dizer o mesmo que S. Paulo, embora sem a mesma perfeição: *já não vivo eu, senão Vós, Criador meu, viveis em mim* (Gál 2, 20). Há alguns anos me tendes de vossa mão, ao que posso entender, e vejo-me com desejos e determinações — e de alguma maneira o tenho provado por experiência em muitos casos —

de não fazer coisa contra vossa vontade, por mínima que seja, pois sem advertência devo ofender bastante a Vossa Majestade. Também me parece que não se me oferecerá emprêsa por amor de Vós, que eu deixe de acometer com grande denôdo; e, de fato, em algumas, para as levar a cabo me tendes ajudado. Não quero o mundo nem coisa que proceda dêle; nem me parece achar contentamento em algum objeto fora de Vós. Tudo mais é para mim pesada cruz. Bem posso enganar-me — e assim será, — não tendo isto que digo; mas Vós sabeis, meu Senhor, que não minto. Temo, todavia, e com muita razão, que de novo me abandoneis, pois sei até aonde vai a minha fortaleza e pouca virtude quando me deixais de confortar e ajudar sempre a fim de que eu não me afaste de Vós. Praza a Vossa Majestade que, ainda agora parecendo-me sentir o que acabo de dizer, não esteja eu abandonada de Vós. Não sei como queremos viver, sendo tudo tão incerto. Julgo, Senhor meu, já impossível deixar-vos tão inteiramente como tantas vêzes vos deixei; mas não posso ficar sem temer, porque assim que vos apartáveis um pouquinho de mim, logo dava com tudo no chão. Bendito sejais para sempre, pois, ainda quanvos deixava eu a Vós, não me deixastes Vós a mim tão inteiramente que me não tornasse eu a levantar, dando-me Vós sempre a mão; e muitas vêzes, Senhor, eu a não aceitava, nem queria entender como de novo me estáveis chamando, segundo agora direi.

CAPÍTULO VII

Conta de que modo foi perdendo as mercês que o Senhor lhe havia feito, e quão culpada vida começou a ter. Diz os males que há em não serem muito fechados os mosteiros de monjas.

Comecei, de passatempo em passatempo, de vaidade em vaidade, de ocasião em ocasião, a meter-me em mui grandes perigos e a andar com a alma tão

estragada em muitas frivolidades, que já tinha vergonha de me tornar a chegar a Deus, em tão particular amizade como é o trato da oração. Ajudou-me a isto o fato de começarem a escassear os gostos e regalos nas coisas de virtude, em conseqüência de terem crescido meus pecados. Via eu bem claramente, Senhor meu, que me faltava a mim o gôsto porque vos faltava eu a Vós. Foi êste o mais terrível engano que me podia fazer o demônio, sob pretêxto de humildade: pus-me a ter receio de fazer oração por me ver tão perdida. Parecia-me melhor andar com a maioria — pois em ser ruim era das piores — e só rezar vocalmente e o que tinha de obrigação; não era justo ter oração mental e tanto trato com Deus quem merecia estar com os demônios e vivia enganando a gente, pois no exterior tinha boas aparências. Não se há de culpar a casa onde eu estava, pois com minha esperteza, conseguia terem boa opinião de mim. Não era, aliás, com advertência, fingindo cristandade, porque em matéria de vanglória e hipocrisia — glória seja dada a Deus! — não me recordo de O ter jamais ofendido, tanto quanto posso julgar. Logo ao primeiro movimento, sentia tanto pesar, que o demônio saía perdendo, e eu ficava com lucro; e assim, neste particular, muito poucas tentações tenho tido. Porventura se permitira Deus que eu nisto fôsse tentada tão de rijo como em outras coisas, também teria caído; mas até agora me tem guardado Sua Mejestade: seja para sempre bendito! Até, pelo contrário, desgostava-me muito que me tivessem em boa conta, sabendo eu o que secretamente havia em mim.

A razão de me não terem por tão ruim, era de que, embora eu fôsse tão môça e me achasse em tantas ocasiões, viam que me apartava muitas vêzes e buscava solidão para rezar e ler muito; gostava de falar de Deus; era amiga de fazer pintar sua imagem em muitas partes e de ter oratório, ornando-o de modo a causar devoção; não murmurava, e ainda havia em mim outros costumes do mesmo gênero que tinham

aparência de virtude; e eu, tão vã, como sabia prevalecer-me das coisas a que o mundo geralmente tem estima. Com isto, davam-me tanta liberdade quanto às muito antigas, e ainda mais, e tinham grande segurança a meu respeito. Realmente, tomar eu certas ousadias e fazer coisa sem licença, como falar por alguma fresta ou por cima dos muros, ou de noite, penso que nunca me poderia resolver a tal num mosteiro; nem o fiz, porque me teve o Senhor de sua mão. Parecia-me, olhando e ponderando com advertência e atenção estas e outras muitas coisas, que seria muito mal feito pôr em perigo, por minha ruindade, a honra de tantas boas Religiosas; como se fôssem louváveis outras coisas que fazia! Embora fôsse verdade, não era o mal tão de caso pensado como seria o que acima disse.

O que me prejudicou não pouco, a meu ver, foi não estar em mosteiro muito encerrado; porque a liberdade que as boas podiam ter sem culpa, pois não tendo prometido clausura não estavam obrigadas a mais, para mim, que sou má, certamente me teria levado ao inferno, se o Senhor, por tantos meios, remédios e particulares dons, não me tivera arrancado a êsse risco. Tenho por grandíssimo perigo, mosteiros de mulheres com liberdade [1]; mais os considero portas abertas para o caminho do inferno às que quiserem ser ruins, do que remédio para suas fraquezas. Isto que digo não se entenda do meu, porque há nêle tantas monjas que servem muito deveras e com perfeição ao Senhor, que Sua Majestade, bom como é, não pode deixar de as favorecer; não é, aliás, dos muito abertos e nêle se guarda tôda religião. Falo de outros que sei e tenho visto.

Digo que me causa isto grande lástima. E' preciso o Senhor fazer particulares chamamentos, e não uma senão muitas vêzes, para que se salvem, a tal ponto estão autorizadas as honras e conversações do

1) Liberdade para saírem a passar temporadas em casa de parentes, como acontecia antes do Concílio de Trento.

mundo. Tão mal entendidas são as obrigações do estado religioso, que praza a Deus não tenham por virtude o que é pecado, como eu freqüentemente fazia. Dar-lhes a entender estas coisas é tão difícil, que é mister, para o conseguir, que o Senhor nisto ponha muito deveras a mão. Se os pais tomassem meu conselho, dir-lhes-ia que, se não lhes importa pôr suas filhas em lugar onde estejam não em caminho de salvação mas em pior perigo que no mundo, ao menos olhem pelo que toca à própria honra. Prefiram casá-las em condições muito desvantajosas ou tê-las em casa, a metê-las em semelhantes conventos, a menos que tenham muito boas inclinações, e praza a Deus que isto lhes baste! Com efeito, no mundo, se alguém quiser ser ruim, não o poderá dissimular por muito tempo; aqui o poderá muitíssimo, conquanto afinal o Senhor o descubra; e não só prejudica a si, senão a tôdas. E muitas vêzes não têm culpa as pobrezinhas, porque seguem os costumes que encontram. E' lástima ver como muitas querem apartar-se do mundo, e, pensando que vão servir ao Senhor e viver preservadas de perigos, se vêm a achar em dez mundos juntos sem saberem como se hão de defender ou remediar, pois a mocidade, a sensibilidade e o demônio se unem para as convidar e inclinar a seguir várias coisas que são do mesmo mundo; e êste ali é tido por bom, a modo de dizer.[1] Parece-me, em parte, o caso dos desventurados hereges, que se querem cegar e fazer entender aquilo que é bom, que seguem e o crêem assim, quando na realidade não o crêem, porque dentro de si têm quem lhes diga que estão errados.

Oh! grandíssimo mal! grandíssimo mal o dos Religiosos — falo agora tanto de mulheres como de homens — que vivem em casa onde não se guarda religião; em mosteiro onde há dois caminhos: o da virtude e observância e o do relaxamento, ambos igual-

1) Refere-se às conversações exteriores nos locutórios muito freqüentados naquele tempo em que os seculares não tinham outras distrações e prezavam-se de mostrar-se espirituais.

mente trilhados... E digo mal; não igualmente, pois, por nossos pecados, o mais imperfeito é o mais freqüentado e, como tal, é também mais favorecido. Tão pouco trilhado é o da verdadeira religião, que o Religioso ou Religiosa que deveras quer começar a viver em tudo segundo seu chamamento, mais tem que se guardar dos mesmos de sua casa, que de todos os demônios; e mais cautela e dissimulação há de ter para falar na amizade que deseja travar com Deus, que em outras amizades e afeições que o demônio introduz nos mosteiros. Não sei, verdadeiramente, como estranhamos haver tantos males na Igreja, quando os que haviam de ser modelos de que todos copiassem as virtudes, tão apagado têm em si o debuxo primoroso que, com seu grande espírito, os Santos passados deixaram nas Ordens religiosas! Praza à Divina Majestade dar remédio a tanto mal, como vê que é mister. Amém.

Comecei eu também a ter dessas conversações, vendo que era costume, sem cuidar que resultariam para minha alma o prejuízo e a distração que depois constatei haver em semelhantes tratos. Parecia-me que essas visitas, sendo coisa tão generalizada em muitos mosteiros, não fariam maior mal a mim do que às outras que eu via serem boas. Não considerava eu que tinham muito mais virtudes e havia perigo para mim onde para elas não haveria tanto; pois algum duvido que deixe de haver, ainda quando não seja senão perda de tempo. Estando eu, certa vez, com uma pessoa, bem ao princípio de a conhecer, quis o Senhor dar-me a entender que não me convinham aquelas amizades, avisando-me e esclarecendo-me em tamanha cegueira. De fato, representou-se Cristo diante de mim, com muito rigor dando-me a entender quanto aquilo lhe pesava. Com os olhos da alma o vi, mais claramente do que o pudera ver com os do corpo, e ficou-me sua imagem tão impressa que ainda agora, passados mais de vinte e seis anos, tenho a sensação de o ver presente. Fiquei muito atemorizada e perturba-

da, e não quis mais receber a pessoa com quem estava.

Muito me prejudicou pensar que não é possível ver alguma coisa a não ser com os olhos do corpo. Ajudou-me o demônio nesta falsa persuasão, fazendo-me entender que era impossível; o havia imaginado; podia ter sido artifício diabólico, e outras coisas semelhantes; embora sempre me ficasse um parecer-me que era Deus, e não imaginação. Como, porém, não me dava gôsto aquela lembrança, tratei de me dissuadir. Finalmente, como a ninguém ousei contar o sucedido e instaram muito comigo, assegurando-me que ver essa referida pessoa não fazia mal e não era perder a honra senão ganhá-la; voltei à mesma conversação, ainda, em outros tempos, a outras porque foram muitos os anos em que tomei essa recreação pestilencial. Por estar nela metida, não me parecia tão má quanto era, embora algumas vêzes visse claramente não ser boa; mas nenhuma me causou tanta distração como a dessa pessoa, porque lhe tive muito afeto.

Estando outra vez na mesma companhia, vimos — e outros que ali estavam também viram — vir para nós uma espécie de sapo grande com andar muito mais ligeiro do que o ordinário. Não posso explicar como podia haver, em pleno dia, semelhante animal, pois nunca houve, e a impressão que em mim produziu não me parece sem mistério, e igualmente jamais me saiu da memória. O' grandeza de Deus! Com quanta solicitude e piedade me estáveis avisando por todos os modos, e quão pouco me aproveitou!

Havia ali uma Religiosa antiga, minha parenta, grande serva de Deus e muito observante. Esta também me avisava algumas vêzes, e eu não só lhe não dava crédito, mas desgostava-me com ela, parecendo-me que se escandalizava sem razão. Quis dizê-lo para que se entenda minha maldade e a grande bondade de Deus, e quanto mereci o inferno por tão grande ingratidão; e juntamente para que, se em qualquer tempo, Deus ordenar e fôr servido de que se leia isto, escarmentem as monjas em mim. A tôdas peço, por amor

de Nosso Senhor, que fujam de semelhantes recreações. Praza a Sua Majestade por meu meio tirar desta ilusão alguma, das muitas que enganei dizendo que não era mal e incutindo segurança em tão grande perigo; tudo em conseqüência de minha cegueira, pois propositadamente não as queria enganar. O certo é que pelo mau exemplo que lhes dei, repito, fui causa de bastantes males, não pensando agir tão erradamente.

Estando eu enfêrma, naqueles primeiros tempos, embora nem a mim soubesse valer, era acometida de grandíssimo desejo de fazer bem aos outros: tentação muito freqüente nos principiantes, ainda que comigo tenha dado bom resultado. Como queria tanto a meu pai, desejava dar-lhe parte no tesouro que me parecia ter achado na oração, pois a meu ver não existia maior nesta vida; e assim, com rodeios, como pude, comecei a procurar que a tivesse. Dei-lhe livros a êste propósito. Como era muito virtuoso, segundo já disse, achou tanta disposição nêle êste exercício, que em cinco ou seis anos, mais ou menos, foram tais seus progressos que eu louvava muito ao Senhor e sentia grandíssimo consôlo. Consideráveis provações de muitos lados lhe vieram; tôdas sofreu com perfeita conformidade. Ia ver-me muitas vêzes, consolando-se de discorrer sôbre coisas de Deus.

Depois, andando eu tão dissipada e sem ter oração, como vi que me julgava a mesma de antes, não o pude sofrer sem desfazer o engano; porque estive um ano, e ainda mais, apartada dêste exercício, imaginando ser mais humildade. Esta, como depois direi, foi minha maior tentação, e poderia acabar de perder-me; pois, com a oração, se num dia fazia a Deus alguma ofensa, em muitos outros tornava a recolher-me e a apartar-me mais das ocasiões. Como o bendito homem vinha com os mesmos assuntos, era duro para mim vê-lo tão enganado pensando que eu continuava a tratar com Deus como costumava, e disse-lhe que já não tinha oração, mas ocultei-lhe a causa. Aleguei minhas enfermidades que me estorvavam, pois, apesar

de me haver curado daquela tão grave, sempre tenho tido e ainda tenho outras bem grandes. Desde certo tempo, é verdade, têm diminuído de intensidade, não deixando entretanto, de me atormentar de muitas maneiras. Entre outras, durante vinte anos, tôdas as manhãs, tinha vômitos de modo a não poder alimentar-me antes de meio-dia e, às vêzes, mais tarde. Depois que comungo com mais freqüência, acometem-me à noite quando vou deitar-me, com muito maior sofrimento, porque sou obrigada a provocá-los mediante penas ou coisas semelhantes, se o deixo de fazer, sinto-me muito mal e quase nunca estou — penso não exagerar — sem muitas dores, e algumas vêzes bem graves, especialmente no coração, conquanto o mal, que antigamente era contínuo, seja agora muito espaçado. Da paralisia aguda e outras enfermidades de febres que costumava ter com freqüência, acho-me boa há oito anos. De todos êstes males já tão pouco se me dá, que muitas vêzes chego a alegrar-me, parecendo-me que de algum modo com isto sirvo ao Senhor.

Acreditou meu pai nas minhas palavras, porque era incapaz de dizer mentira, e eu, segundo o que com êle tratava, também não a havia de dizer. Acrescentei, para o convencer mais, que já fazia muito em poder rezar o Ofício no côro, não obstante ver bem que isto não me servia de desculpa, pois não era causa bastante para omitir um exercício que não exige fôrças corporais, senão sòmente amor e costume; e o Senhor sempre dá oportunidade para a oração quando a queremos ter. Sempre, repito, pois ainda que em certas ocasiões ou em casos de enfermidade não se consiga por vêzes ter muito tempo de solidão, não deixa de haver outras épocas em que se tenha saúde para isto. Na mesma enfermidade e nas ocasiões difíceis, eis a verdadeira oração para a alma que sabe amar: oferecer seus sofrimentos, recordar-se daquele por quem os sofre e conformar-se com seus males, além de mil outros bons pensamentos que se oferecem exercita o amor; pois para a oração não é tão indispensá-

vel haver tempos de soledade que, em faltando êstes, não seja possível orar. Mediante um pouquinho de cuidado, granjeiam-se grandes bens nas épocas em que o Senhor, com trabalhos, nos tira o tempo da oração; e assim os havia eu achado quando tinha boa consciência.

Meu pai, com a boa opinião que tinha de mim e o amor que me consagrava, acreditou tudo, e até ficou compadecido; mas, como era já tão subido seu estado, as suas visitas se tornaram rápidas, retirava-se logo que me tinha visto, dizendo que prolongá-las fôra perder tempo. Eu, que o esperdiçava em outras vaidades, não apurava tanto as coisas. Não foi só êle, mas várias outras pessoas procurei que tivessem oração. Andando eu metida ainda nessas vaidades, como as via amigas de rezar vocalmente, ensinava-lhes o modo de meditar, dava-lhes livros, e disso tiravam proveito, porque sempre, desde que comecei a oração, como já disse tive desejo de que outros servissem a Deus. Parecia-me justo que, pois eu não servia ao Senhor conforme a minha consciência, não se perdessem as luzes que me havia dado Sua Majestade, e outros o servissem em meu lugar. Digo isto para que se veja em que grande cegueira vivia, pois me deixava perder e procurava salvar os outros.

Nesse tempo foi meu pai acometido pela enfermidade de que morreu, a qual durou algum tempo. Fui tratar dêle, estando mais enfêrma na alma que êle no corpo, e metida em muitas vaidades. Tanto quanto posso julgar, porém, não era a ponto de estar em pecado mortal, durante todo êsse tempo mais perdido, a que me refiro, pois advertidamente nunca ficaria em mau estado. Passei bastantes trabalhos em sua enfermidade; creio que lhe paguei alguma coisa dos que êle tinha passado nas minhas. Apesar de me sentir muito mal, esforçava-me. Faltando-me êle, faltava-me todo o bem e regalo com que me cercava; contudo tive tão grande ânimo para não mostrar minha dor e manter-me a seu lado até que expirasse, como se

nada estivesse sentindo. Parecia-me, entretanto, que se me arrancava a alma ao ver que se lhe ia acabando a vida, porque o amava muito.

Foram para louvar a Deus a morte que teve; seu desejo de morrer; os conselhos que nos dava após haver recebido a Extrema-Unção; o encarregar-me de encomendá-lo a Deus e para êle pedir misericórdia; e de sempre servirmos ao Senhor, tendo presente como tudo acaba. Dizia-nos com lágrimas o grande pesar que sentia de o não haver servido como devera; quisera ser — ter sido — frade e da mais estreita observância. Tenho por muito certo que o Senhor, com antecedência de quinze dias, lhe deu a entender que não havia de viver; pois antes não pensava nisso, embora estivesse mal, e a partir de então, nenhum caso fazendo de haver melhorado muito e de afirmarem os médicos que ficaria bom, só cuidava de preparar a alma.

Foi seu maior mal uma dor grandíssima nas espáduas, a qual jamais o deixava e por vêzes se tornava tão aguda que muito o afligia. Disse-lhe eu que, sendo, como era, muito devoto do Senhor, com a cruz às costas, pensasse que, com essa dor, queria Sua Majestade dar-lhe a sentir alguma coisa do que havia sofrido naquele passo. Ficou tão consolado que nunca mais lhe ouvi um gemido, ao que me parece. Três dias passou quase sem sentidos. No dia em que morreu, restituiu-lhe o Senhor o conhecimento, de modo tão perfeito que causou pasmo; e assim o teve até que no meio do Credo, dizendo-o êle mesmo, expirou. Ficou como um anjo, e bem convencida estou de que o era, por assim dizer, tão boa era sua alma e tais as suas disposições. Não sei para que contei isto, senão para tornar mais culpada minha ruim vida, depois de ter visto tal morte coroar tal existência. Ao menos para me parecer um pouco com tal pai, devera ter melhorado. Dizia seu confessor, um Dominicano muitíssimo douto, que não duvidava de que tivesse

ido diretamente para o céu, porque, confessando-o havia alguns anos, louvava sua pureza de consciência.

Êsse Dominicano[1], Padre muito virtuoso e temente a Deus, foi-me de grande proveito, porque me confessei com êle e tomou a peito fazer bem à minha alma e abrir-me os olhos acêrca da perdição em que eu vivia. Fazia-me comungar de quinze em quinze dias, pouco a pouco, tratando com êle, falei-lhe da minha oração. Disse-me que não deixasse, pois não me poderia causar senão proveito.

Voltei a fazê-la, ainda que sem me tirar das ocasiões; e nunca mais a deixei. A vida que levava era penosíssima, porque na oração percebia mais minhas faltas. Por uma parte Deus me chamava; por outra, eu seguia o mundo. Davam-me grande contentamento tôdas as coisas divinas; as humanas traziam-me atada. A meu parecer, queria eu conciliar êstes dois contrários tão inimigos um do outro, que são: vida espiritual, contentamentos, gostos e passatempos dos sentidos. Na oração padecia grande trabalho, porque o espírito não era senhor, senão escravo; e não me podia encerrar dentro de mim, que era todo o meu método na oração, sem encerrar juntamente comigo mil vaidades. Passei assim muitos anos, e agora me espanto como pode uma criatura sofrer sem deixar uma ou outra coisa. Bem sei que deixar a oração já não estava em minhas mãos, porque me tinha nas suas Aquêle que me queria para me fazer maiores mercês.

Oh! valha-me Deus! se houvera de dizer as ocasiões de que me tirava o Senhor nesses anos; e como me tornava eu a meter-me nelas, e de quantos perigos de perder de todo o crédito me livrou! Eu nas minhas obras a descobrir o que era; e o Senhor a encobrir males e a fazer brilhar alguma pequena virtude, se é que a tinha, e a torná-la grande aos olhos de todos. Desta maneira sempre me tinham em grande conta, porque, embora transparecessem às vêzes minhas vaidades, como viam outras obras que lhes

1) O Pe. Vicente Varrón.

pareciam boas, não me julgavam mal. E' que já via o Sabedor de tôdas as coisas que isto era mister para me darem algum crédito quando depois viesse eu a tratar de seu serviço; e olhava sua soberana grandeza não meus grandes pecados, senão os desejos que eu muitas vêzes tinha de o servir e a pena que sentia por me faltar fortaleza para os realizar.

O' Senhor da minha alma! Como poderei encarecer as mercês que nesses anos me fizestes! E como, no tempo em que eu mais vos ofendia, num instante me dispúnheis, com grandíssimo arrependimento para que gozasse de vossos regalos e mercês! Na verdade, escolhíeis, Rei meu, o mais delicado e penoso castigo que para mim podia haver, como quem bem sabia o que mais me havia de doer. Com regalos grandes castigáveis meus delitos. E não creio dizer desatinos, embora fôra justo ficar desatinada ao repassar na memória minha ingratidão e maldade. Era tão mais penoso, para minha condição, receber mercês quando havia caído em graves culpas, do que receber castigos, uma só dessas graças, penso poder dizer: certamente mais me aniquilava, confundia e afligia do que muitas enfermidades, junto com muitas outras provações. Estas, bem o via, eram merecidas e de algum modo expiavam meus pecados, embora muito pouco, por serem tão grandes. Receber, porém, novas mercês, pagando tão mal as recebidas, é gênero de tormento terrível para mim e, creio, para tôda alma que tiver algum conhecimento ou amor de Deus. Isto mesmo se pode observar ainda nas coisas profanas, em quem tem nobreza de caráter. Logo me vinham lágrimas e aborrecimento contra mim, vendo-me tão sem fortaleza que estava em vésperas de tornar a cair, embora meus propósitos e desejos por então, isto é, naquela hora, fôssem firmes.

Grande mal é para uma alma achar-se entregue a si entre tantos perigos. Parece-me, quanto a mim, que, se eu houvesse achado com quem me abrir, ter-me-ia valido para não tornar às mesmas faltas, ao menos

por vergonha, já que não me continha a reverência a Deus. Por êste motivo, aos que têm oração, especialmente nos princípios, aconselharia eu a procurar amizade e trato com outras pessoas que se ocupem do mesmo exercício. E' coisa importantíssima, ainda que não seja senão para se auxiliarem mùtuamente com suas orações; quanto mais que há muitas outras vantagens. Se nas conversações e afeições humanas, não muito boas, é costume buscar amigos com quem espairecer, para ter o ensejo e gôsto de lhes contar prazeres tão vãos, não sei por que não se há de permitir à alma que começa deveras a amar e servir a Deus, o entreter-se com alguma pessoa, sôbre seus prazeres e trabalhos, pois tanto de uns como de outros têm os que tratam de oração. Com efeito, se de fato quer ter amizade com o Senhor, não tenha mêdo de vanglória; e se algum primeiro movimento o acometer, saia-se com mérito. Creio que, indo com êste fim, quem tratar destas coisas de oração aproveitará a si e aos que o ouvirem; sairá mais ensinado, e ainda, sem saber como, ensinará a seus amigos.

Quem de falar nisto tiver vanglória, também a terá em ouvir Missa com devoção quando o estão olhando e em praticar outras coisas que, sob pena de não ser cristão, cumpre fazer e nunca omitir por mêdo de vaidade. E' êste ponto de tão grande importância para as almas que não estão fortalecidas em virtude e têm tantos inimigos — e também amigos que a incitam para o mal, — que não sei como o encarecer. Por ser coisa muitíssimo importante, parece o demônio usar dêste ardil: tanto faz os bons fugirem de dar a perceber que deveras querem e procuram amar e contentar a Deus, como incita os maus a descobrirem suas afeições desonestas, tão em voga, que dir-se-ia se gloriam delas e chegam a apregoar as ofensas contra Deus.

Não sei se digo desatinos. Se o são, rasgue-os Vossa Mercê; se o não são, suplico-lhe que ajude a minha ignorância, acrescentando aqui muitos argumentos. Já

andam as coisas do serviço de Deus tão desfavorecidas que é mister aos que o servem arrimarem-se uns aos outros, para irem adiante — a tal ponto se tem por bom o andar nas vaidades e divertimentos do do mundo. Para êstes, poucos olhos estão atentos; mas se uma só alma começa a dar-se a Deus, há tantos que murmuram, que lhe é forçoso buscar companhia e defesa, até que já esteja forte e não tenha mêdo de padecer. A não ser assim, ver-se-á em grande apuro. Será talvez por êste motivo que muitos Santos usavam ir viver nos ermos. Seja como fôr, é próprio do humilde não se fiar de si, mas crer que, em atenção às pessoa com quem conversa, conceder-lhe-á o Senhor o seu auxílio. Cresce a caridade com a comunicação, e há mil bens que eu não ousaria dizer se não tivesse grande experiência de quão importante é êste ponto. Verdade é que sou mais fraca e ruim que todos os nascidos; mas creio que não perderá quem se humilhar e não se julgar forte, ainda que o seja, dando crédito nestas coisas aos mais experimentados. De mim só sei dizer que, se o Senhor não me tivera descoberto esta verdade e dado meios para muito freqüentemente tratar com pessoas que têm oração, eu, de tanto cair e levantar-me, acabaria por precipitar-me no inferno; pois para cair havia muitos amigos que me ajudavam, e para me levantar achava-me tão só que me espanto agora de não haver ficado para sempre caída, e louvo a misericórdia de Deus, que era só Êle quem me dava a mão. Seja bendito para sempre, para sempre. Amém.

CAPÍTULO VIII

Trata do grande proveito que, para não perder a alma, lhe veio de não se afastar de todo da oração, e de quão excelente remédio é para recuperar o bem perdido. Persuade a todos que tenham oração. E' tão útil que, ainda quando se venha a deixá-la, há grande vantagem em, por algum tempo, fruir de tão grande bem.

Não foi sem motivo que ponderei tanto êste tempo de minha vida, conquanto bem compreenda que a ninguém pode agradar ver coisa tão ruim. Por certo quisera que me detestassem os que isto lessem, à vista duma alma tão pertinaz e ingrata para com Aquêle que tantas mercês lhe há feito; e quisera ter licença para dizer as muitas vêzes que nesse tempo faltei a Deus, por não estar arrimada à forte coluna da oração.

Passei nesse mar tempestuoso quase vinte anos, ora caindo ora levantando; mas levantava-me mal, pois tornava a cair. Tinha tão baixa vida de perfeição que quase nenhuma conta fazia de pecados veniais, e se temia os mortais não era tanto como devera, já que não me apartava dos perigos. Sei dizer que é uma das vidas mais penosas que me parece possível imaginar, porque nem gozava de Deus, nem achava contentamento no mundo. Quando folgava com êste, a lembrança do que devia a Deus me atormentava; quando estava com Deus, perturbavam-me as afeições do mundo. E' tão penosa guerra que não sei como a pude sofrer um mês; quanto mais tantos anos! Contudo, claramente vejo a grande misericórdia que me fêz o Senhor dando-me ânimo para ter oração, tendo eu de tratar com o mundo. Digo ânimo, porque não sei para que coisa, de quantas há na terra, é mister tê-lo maior do que para trair o rei e, sabendo que êle está a par de tudo, ser obrigado a nunca sair de sua presença. E' certo que estamos sempre diante de Deus, mas, parece-me a mim, é de outra maneira para os que tratam de oração; êstes vêem que o Senhor os está olhando, enquanto os demais pas-

sam talvez muitos dias sem ao menos se lembrarem de que Deus os vê.

Verdade é que nesses anos houve muitos meses — creio que alguma vez ano inteiro — em que me guardava de ofender ao Senhor dando-me muito à oração, fazendo algumas e até bastantes diligências para o não ofender. Trato agora disto para que tudo o que escrevo vá com tôda a verdade. Como, todavia, guardo escassa lembrança dessas boas temporadas, devem ter sido raras, e muitas as más. Poucos dias passava sem ter largos tempos de oração, a menos de estar muito mal de saúde ou por demais ocupada. Quando estava mal, vivia melhor com Deus; procurava que as pessoas que tratavam comigo fizessem o mesmo, e suplicava-o ao Senhor; falava dêle muitas vêzes. Foi assim que, excetuado o tempo de que falei, em vinte e oito anos que são decorridos desde que comecei a oração, mais de dezoito sustentei esta batalha e contenda de tratar com Deus e com o mundo. Nos demais, que agora me restam por dizer, mudou a causa da guerra, embora esta não seja pequena; mas estando eu, ao que penso, no serviço de Deus e conhecendo a vaidade do mundo, tudo se me tem feito suave, como direi depois.

O fim de me estender tanto, foi, como já disse, para que se veja a misericórdia de Deus e minha ingratidão, e para que se entenda o grande bem que faz Deus a uma alma dispondo-a a ter oração com vontade, mesmo não estando totalmente bem disposta. Se perseverar, por pecados, tentações e quedas de mil maneiras que lhe ocasione o demônio, tenho por certo que finalmente o Senhor a conduzirá a pôrto da salvação, como, ao que agora parece, me conduziu a mim. Praza a Sua Majestade não me torne eu a perder.

Os bens que encontra quem se exercita na oração, na oração mental, digo, muitos Santos e pessoas virtuosas os têm escrito. Glória a Deus por êste benefício! Quando assim não fôra, embora eu seja pouco humilde, não é tanta a minha soberba que me atrevesse a

falar sôbre semelhante assunto. Do que tenho experiência e posso dizer é que, por males que faça quem começou a se entregar à oração, não a deixe, pois com ela terá meios de os remediar; sem ela será isto muito mais difícil. A ninguém tente o demônio como a mim, fazendo abandonar a oração sob pretêxto de humildade. Creia que as palavras do Senhor não podem faltar: se nos arrependemos deveras com propósito de o não ofender mais, torna a ter a amizade que tinha, a fazer as mercês que antes fazia, e às vêzes muito mais, se tal merece o arrependimento. A quem ainda não começou, rogo, por amor do Senhor, que não se prive de tanto bem. Não há que temer aqui, senão que esperar. Quando não vá adiante — nem se esforce por adquirir perfeição de modo a merecer as delícias e consolações que aos perfeitos dá o Senhor — por pouco que aproveite, irá aprendendo o caminho para o céu; e se perseverar, espero tudo da misericórdia de Deus. Sei que ninguém o tomou por amigo sem achar correspondência; pois outra coisa, a meu parecer, não é a oração mental, senão tratar ìntimamente com Aquêle que sabemos que nos ama, e estar muitas vêzes conversando a sós com Êle. Talvez ainda o não ameis, pois para ser verdadeiro o amor e duradoura a amizade, hão de concordar os gênios, e não podeis resolver-vos a amá-lo tanto, sendo a sua condição tão diferente da vossa. A do Senhor — já sabe — é não poder incorrer em falta, ser perfeito; enquanto nós, por natureza, somos viciosos, sensuais e ingratos. Contudo, considerando o muito que Êle vos ama e o quanto vos importa ter sua amizade, suportai o constrangimento de estar muito tempo com quem é tão diferente de vós.

O' bondade infinita de meu Deus! Desta sorte parece-me estar vendo a Vós e a mim! O' regalo dos Anjos! Quando isto vejo, quisera desfazer-me tôda em amor vosso! Quão certo é que sofreis Vós a quem não vos quer sofrer junto de si! Oh! que bom amigo sois, Senhor meu! Como ides com paciência regalando a

alma, à espera de que se amolde à vossa condição; e, até que o consigais, sofreis Vós a sua! Levais em conta, meu Senhor, os tempos em que vos quer, e por um vislumbre de arrependimento de sua parte olvidais quanto vos tem ofendido. Isto claramente vi por mim, e não entendo, Criador meu, por que o mundo todo não procura chegar-se a Vós para travar particular amizade. Até os que somos maus e não temos vossa condição, devemos aproximar-nos de Vós para que nos façais bons. Assim acontecerá se consentirem que, ao menos duas horas cada dia, estejais em sua companhia, ainda que não fiquem êles convosco, senão com mil preocupações, cuidados e pensamentos do mundo, como eu fazia. Por êste esfôrço para estarem em tão boa convivência, — pois vêdes que nos princípios, e mesmo depois algumas vêzes, é só o que podem conseguir, — fazeis pressão, Senhor, aos demônios a fim de que não os acometam e tenham cada dia menos fôrças para os tentar, ao passo que a êles lhas aumentais de modo a poderem vencer. Sim, Vida de tôdas as vidas: a nenhum matais dos que se fiam de Vós e vos querem por amigo; antes lhes sustentais o corpo com mais saúde e lhes dais vida à alma.

Não entendo o que receiam os que temem começar a oração mental, nem sei de que têm mêdo. Bem faz o demônio em infundi-lo a fim de causar o verdadeiro mal, conseguindo que, atemorizada, não pense eu no quanto ofendi a Deus, no muito que lhe devo, em que há inferno e há glória e nos grandes trabalhos e dores que padeceu por mim. Esta foi tôda a minha oração enquanto andei nesses perigos; tais os meus pensamentos quando me podia recolher; e, durante alguns anos, muitíssimas vêzes, mais me ocupava em desejar que terminasse o tempo que fixara para ter oração e em escutar se o relógio dava horas, do que em outras coisas boas. Bastantes vêzes, não sei que penitência grave se me apresentaria que eu não a acometesse de melhor vontade do que recolher-me a orar mentalmente. E, na verdade, era tão insu-

portável a violência que me fazia o demônio — ou o meu mau costume — para que não fôsse à oração, e tal a tristeza que me dava ao entrar no oratório, que para me vencer era mister valer-me de todo o meu ânimo, que, dizem, não é pequeno. Com efeito tem-se visto que Deus mo deu muito superior ao das mulheres, sòmente o tenho empregado mal. Por fim ajudava-me o Senhor, e, depois de me ter eu assim forçado, achava-me com mais quietação e regalo do que outras vêzes em que tinha desejo de rezar.

Se, pois, o Senhor por tanto tempo tolerou criatura tão ruim como eu, e se — conforme se vê claramente — pela oração se remediaram todos os meus males, — que pessoa, por pior que seja, poderá temer? Embora muito má, não o será tantos anos, depois de haver recebido tantas graças de Deus. E quem poderá desconfiar, se o Senhor tanto me tolerou, só porque eu desejava e procurava algum lugar e tempo para O ter comigo, e isto muitas vêzes sem vontade, fazendo-me grande violência, ou antes, fazendo-ma o mesmo Senhor? Pois se aos que o não servem, antes O ofendem, a oração faz tanto bem e é tão necessária que razoàvelmente ninguém pode objetar mal algum maior que o de a não ter, se assim é, digo, por que hão de deixá-la os que servem a Deus e o querem servir? Por certo, se não é para passarem mais penosamente os trabalhos da vida fechando a Deus a porta para que não lhes dê contentamento, não o posso entender. Causam-me, na verdade, lástima, pois a expensas próprias servem a Deus. Quanto aos que tratam de oração, o mesmo Senhor lhes dá ajudas de custo, e, por um nadinha que se esforcem, lhes concede consolações, para dêste modo agüentarem os trabalhos.

Como das consolações que dá o Senhor aos que perseveram na oração muito se tratará adiante, nada direi aqui; só digo que, para as mercês tão grandes que me tem feito, a porta é a oração. Fechada esta, não sei como as poderá fazer; ainda que queira en-

trar a deliciar-se com uma alma e a deleitá-la, não haverá por onde, pois Êle a quer sòzinha, pura e desejosa de receber suas graças. Se lhe opusermos muitos tropeços e nada fizermos para os remover, como há de vir a nós? E depois queremos que nos faça Deus grandes mercês!

Para todos verem sua misericórdia e o grande bem que foi para mim não haver deixado a oração e a lição [1], aqui direi — visto muito importar que saibam — os assaltos que dá o demônio a uma alma para a ganhar, e os artifícios, e a misericórdia com que o Senhor procura chamá-la novamente a Si. Digo-o a fim de se precatarem dos perigos de que me não guardei eu. E sobretudo, por amor de Nosso Senhor e pela grande misericórdia com que nos anda conquistando para voltarmos a Si, peço que evitem as ocasiões, pois, se nelas se meterem, não há que fiar, em guerra onde tantos inimigos nos combatem e onde somos tão fracos para nos defender.

Quisera saber exprimir o cativeiro em que nesses tempos andava minha alma. Bem compreendia eu que era escrava, mas não acabava de entender em que, nem podia crer de todo que fôssem tão más como sentia em meu espírito, coisas que os confessores não consideravam graves. Disse-me um — indo eu consultá-lo sôbre um escrúpulo — que, mesmo em estado de subida contemplação, não me seriam inconvenientes semelhantes tratos e conversações. Isto foi já nos últimos tempos, quando, com o favor de Deus, me ia apartando mais dos perigos grandes, embora não me tirasse de todo das ocasiões. Como me viam com bons desejos e ocupada em oração, julgavam-me muito favoràvelmente; mas bem entendia eu que não fazia aquilo a que estava obrigada para com um Senhor a quem devia tanto. Lástima causa-me agora o muito que sofreu minha alma, pelo pouco socorro que por tôda parte achava, a não ser em Deus; e a mui-

1) A leitura.

ta liberdade que lhe davam para seus passatempos e distrações, com dizerem que eram lícitos.

Tormento não pequeno eram para mim os sermões. Gostava muito de os ouvir, de sorte que, se um pregador discorria bem e com fervor, tomava-me por êle de particular afeição, sem procurar tê-la nem saber quem ma infundia. Quase nunca me parecia tão mau um sermão, que o não ouvisse de boa vontade, ainda quando o pregador não falasse bem, segundo diziam os ouvintes. Se era bom, servia-me de particular deleite. De falar ou ouvir falar de Deus, quase nunca me cansava, desde que comecei a ter oração. Por um lado tinha grande consôlo nos sermões; por outro, ficava atormentada, porque êles me davam a perceber que em muitas coisas não era eu o que devera ser. Suplicava, então, ao Senhor que me ajudasse, mas, ao que me parece agora, estava a falta em não pôr eu totalmente a confiança em Sua Majestade, perdendo-a inteiramente a meu respeito. Buscava remédio, fazia diligências; mas provàvelmente não compreendia ainda que tudo aproveita pouco se, tirando absolutamente a confiança em nós mesmos, não a pomos de todo em Deus. Desejava viver, pois bem tinha entendido que não vivia, antes pelejava com uma sombra de morte. E não havia quem me desse vida nem a podia eu conseguir: e quem ma podia dar, tinha razão de não me socorrer, pois tantas vêzes me tinha chamado a Si, e eu sempre tornava a deixá-lo.

CAPÍTULO IX

Trata dos modos pelos quais começou o Senhor a despertar sua alma, dando-lhe luz em tão grandes trevas, e fortalecendo-a nas virtudes para que não o ofendesse mais.

Andava minha alma já cansada e, embora quisesse, não a deixavam sossegar os maus costumes que tinha. Aconteceu-me, entrando um dia num oratório,

ver uma imagem que haviam trazido e guardado ali para certa festa que se fazia em casa. Era de Cristo muito chagado, tão devota que, só de pôr nela os olhos e vê-lo em tal estado, fiquei tôda perturbada, porque representava bem ao vivo o que passou por nós. Foi tanto o que senti, tão mal haver agradecido aquelas chagas, que parecia partir-se-me o coração. Lancei-me a seus pés, derramando muitíssimas lágrimas e suplicando-lhe que me fortalecesse duma vez para o não ofender mais.

Sou também devotíssima da gloriosa Madalena e muito freqüentemente pensava em sua conversão, especialmente quando comungava. Como sabia ao certo que então o Senhor estava dentro de mim, punha-me a seus pés, parecendo-me que não eram de desprezar minhas lágrimas. Na verdade ignorava o que estava dizendo, pois bastante fazia Êle em consentir que as derramasse por sua causa, tornando eu tão depressa a olvidar aquêle sentimento. Costumava encomendar-me àquela gloriosa Santa para que me alcançasse perdão.

Parece, entretanto, que nesta última vez a que me referi, foi maior o fruto quando vi a imagem, porque já andava muito desconfiada de mim e punha tôda a minha confiança em Deus. Tenho idéia de que lhe disse então que não me levantaria dali até que fizesse o que lhe suplicava. Tenho certeza de que me valeu esta súplica, pois fui melhorando muito desde êsse dia. Tinha eu êste modo de oração: como não podia discorrer com o entendimento, procurava representar a Cristo dentro de mim, e sentia-me melhor, a meu parecer, nos passos em que o via mais só. Imaginava que, estando sòzinho e aflito, como pessoa necessitada me havia de acolher. Destas simplicidades tinha muitas. Em especial achava-me muito bem na oração do Hôrto; fazia-lhe aí muita companhia. Pensava naquele suor e na aflição que o Senhor tinha tido. Desejaria, se fôsse possível, enxugar tão penoso suor, mas recordo-me de que jamais ousava determi-

nar-me a fazê-lo, à lembrança de meus tão graves pecados. Ficava com Êle o mais que me permitiam meus pensamentos, porque eram muitos os que me atormentavam.

Durante longos anos, quase tôdas as noites antes de adormecer, quando me encomendava a Deus para dormir, sempre pensava um pouco neste passo da oração do Hôrto, mesmo antes de ser monja, porque me disseram que se lucram numerosas indulgências. Tenho para mim que por aqui minha alma ganhou muito, pois comecei a ter oração sem saber o que era e, pelo costume de tanto tempo, não deixava de o fazer, assim como de me persignar para dormir.

Torno ao que dizia sôbre o muito que me atormentavam os pensamentos. O modo de orar sem discurso do entendimento tem isto de particular: a alma, ou tira muito proveito, ou anda muito perdida, digo perdida em distrações. Em aproveitando, é grande seu lucro, porque é progredir em amor. Mas para chegar a tal ponto muito lhe custará, salvo se o Senhor — como acontece a certas pessoas das quais conheço algumas — se dignar levar a alma, dentro de muito pouco tempo, à oração de quietação. A quem vai por êste caminho é útil um livro para depressa se recolher. A mim aproveitava também ver campos, águas, flôres. Nestas coisas achava memória do Criador; quero dizer que me despertavam o fervor, recolhiam-me e serviam-me de livro, recordando-me ao mesmo tempo meus pecados e minhas ingratidões. Coisas do céu ou coisas elevadas jamais, jamais pude imaginar, tão grosseiro era meu entendimento, até que o Senhor por outro modo mas representou.

Tinha tão pouca habilidade para figurar alguma imagem interiormente, que, a não ser o que via, em nada me podia valer da imaginação como outras pessoas que conseguem fazer representações quando se recolhem. Quanto a mim, só podia pensar em Cristo como homem; contudo jamais o pude representar no meu interior, por mais que lesse sôbre sua formosu-

ra e olhasse suas imagens. Acontecia-me como a uma pessoa que está cega ou às escuras e, falando com outra, sente que está com ela, porque tem certeza da sua presença; quero dizer: percebe e crê que a outra está ali, mas não a vê. Desta maneira acontecia comigo quando pensava em Nosso Senhor. Por êste motivo era tão amiga de imagens. Desventurados os que por sua culpa perdem tão grande graça! Bem parece que não amam o Senhor, pois se o amassem folgariam de ver seu retrato, como no mundo dá contentamento contemplar o de uma pessoa a quem se quer bem.

Deram-me nesse tempo as *Confissões de Santo Agostinho*. Parece-me ter sido por determinação do Senhor, porque as não procurei e jamais as tinha visto. Sou muito afeiçoada a Santo Agostinho, por ser de sua Ordem o mosteiro onde estive como educanda, e por ter sido pecador. Com efeito, nos Santos que do meio dos pecados o Senhor tornou a Si, achava eu muito consôlo, parecendo que nêles havia de achar auxílio; e que, assim como lhes tinha o Senhor perdoado, poderia perdoar também a mim. Só uma coisa me desconsolava, como já disse: é que a êles chamava o Senhor uma só vez, e não tornavam a cair, e a mim, chamara já tantas vêzes; e isto me afligia. Contudo, considerando seu amor para comigo, tornava a animar-me; pois de mim desconfiava contìnuamente, mas de sua misericórdia jamais duvidei.

Oh! valha-me Deus! como me espanta a dureza de minha alma, apesar de tantas ajudas de Deus! Faz-me estar temerosa, ver quão pouco eu podia comigo e como me sentia atada e não me resolvia a dar-me tôda a Deus. Lendo as *Confissões*, parecia-me ver meu retrato. Comecei a encomendar-me muito ao glorioso Santo Agostinho. Quando cheguei à sua conversão e li como no jardim ouviu aquela voz, dir-se-ia que o Senhor era quem me falava, tal a dor de meu coração. Estive largo tempo tôda desfeita em lágrimas, sentindo em mim grande aflição e tormento. Oh! quanto

sofre uma alma — valha-me Deus! — por perder a liberdade e o domínio que deveria ter! E que tormentos padece! Admiro-me agora de como pude viver tão atormentada. Seja Deus louvado, que me deu vida para sair de morte tão mortal!

Grandes fôrças, parece-me, recebeu minha alma da Divina Majestade, que deve ter ouvido meus clamores, compadecendo-se de tantas lágrimas. Começou a crescer em mim o gôsto de estar mais tempo com o Senhor, e pus-me a fugir das ocasiões, porque, tiradas estas, logo tornava a amar Sua Majestade. Bem entendia eu, a meu ver, que o amava, mas não compreendia, como mais tarde havia de compreender, em que consiste amar deveras a Deus. Por assim dizer, ainda não tinha acabado de me resolver a servi-lo, quando já recomeçava Sua Majestade a deliciar minha alma. Dir-se-ia que as graças que os outros com tanto trabalho procuram adquirir, instava o Senhor comigo para que as quisesse receber, pois nos últimos anos, já me dava gostos e regalos. Suplicar-lhe eu que mos desse, ou ternura de devoção, foi coisa a que jamais me atrevi; só lhe pedia que me concedesse graça para não o ofender e me perdoasse meus grandes pecados. Como os via tão graves, ainda desejar consolações e deleites jamais ousei com advertência. Achava que já muito fazia sua piedade — e verdadeiramente era usar comigo de muita misericórdia — consentindo-me diante de Si e trazendo-me à sua presença; pois bem via que, se Êle não me procurasse tanto, eu só por mim nunca me resolveria. Apenas uma vez em minha vida recordo-me de ter pedido gostos, estando com muita secura; mas logo caí em mim e fiquei tão confusa, que a mesma dor de me ver tão pouco humilde, me deu o que ousara pedir. Bem sabia eu ser lícito pedir consolações, mas parecia-me que assim é para os que estão bem dispostos, tendo procurado com tôdas as suas fôrças a verdadeira deção, e esta consiste em não ofender a Deus e estar pronto e determinado para todo bem. Considerava

que minhas lágrimas eram mulheris e sem eficácia, pois com elas não obtinha o que desejava. E contudo creio que me valeram; porque, torno a dizer, em especial depois destas duas vêzes de tão grande arrependimento, lágrimas e dor de minha alma, comecei a me dar mais à oração e a tratar menos das coisas que me prejudicavam. Não as deixei de todo, mas foi-me ajudando Deus a desviar-me delas. Como não estava Sua Majestade esperando senão alguma correspondência da minha parte, foram crescendo as mercês espirituais, da maneira que agora direi. Coisa desusada, pois não as costuma dar o Senhor senão aos que têm mais limpeza de consciência.

CAPÍTULO X

Começa a declarar as mercês que o Senhor lhe fazia na oração; diz até que ponto podemos cooperar da nossa parte, e o muito que importa entendermos as mercês que o Senhor nos faz. Pede à pessoa a quem envia esta relação, que daqui em diante seja secreto o que escrever, pois lhe mandam tão minuciosamente narrar as graças recebidas do Senhor.

Como já disse [1], algumas vêzes tinha eu começado a sentir, embora passasse com muita brevidade, o que agora direi. Acontecia-me, quando me figurava interiormente estar junto de Cristo — segundo referi acima, — e até mesmo lendo, vir-me de repente tal sentimento da presença de Deus, que de nenhuma maneira podia duvidar que estava o Senhor dentro de mim, e eu, tôda engolfada nêle. Não era a modo de visão: creio ser o que chamam mística Teologia. Fica suspensa a alma, de tal sorte que tôda parece estar fora de si. A vontade ama; a memória, a meu ver, está quase perdida; o entendimento não discorre, mas

1) Capítulo IV.

ao que me parece não se perde; entretanto, torno a dizer, não age; está como espantado do muito que alcança, porque Deus quer dar-lhe a compreender que nada entende daquilo que Sua Majestade lhe representa.

Antes disso, tivera eu muito contìnuamente uma ternura que, em parte, se pode procurar, ao que me parece. E' um regalo que não é bem dos sentidos, nem bem espiritual; tudo dado por Deus. Penso, entretanto, que para isto podemos concorrer, pondo-nos a considerar nossa baixeza e nossa ingratidão para com Deus; o muito que fêz por nós; sua Paixão, em que sofreu tão graves dores; sua existência tão atribulada; e deleitando-nos com a vista de suas obras, de sua grandeza, de seu amor para conosco além de várias outras coisas que ocorrem muitas vêzes à alma desejosa de progresso espiritual, ainda que não ande com muita advertência. Se, a par disto, há algum amor, regala-se a alma, enternece-se o coração, correm as lágrimas. Algumas vêzes parece que as arrancamos à fôrça; outras, dir-se-ia que o Senhor nos faz doce violência para não podermos resistir. Ao que me parece, paga-nos Sua Majestade aquêle cuidadinho [1], com um dom tão precioso como é o consôlo que dá à alma o ver que chora por tão grande Senhor; e não me espanto, pois razão tem ela de sobra para se consolar. Ali se regala, e se deleita!

Acho boa esta comparação que agora me ocorre: os gozos das almas na oração são como os que no céu devem ter os eleitos, cada um dos quais, — vendo apenas o que o Senhor lhe permite ver de acôrdo com seus merecimentos, e conhecendo quão poucos são êstes — está contente com o lugar que lhe coube. Entretanto a diferença que há dum para outro dos gozos do céu é grandíssima, muito superior à que distingue entre si os gozos espirituais na terra, por mais considerável que seja. E verdadeiramente a alma ainda no início da vida espiritual, quando lhe faz Deus

1) O cuidado de estar alguém recolhido a pensar em coisas espirituais.

esta mercê, quase acredita já não haver mais a desejar. Julga-se bem paga de todos os seus serviços; e tem razão de sobra, pois uma lágrima destas que, repito, quase procuramos, conquanto sem Deus nada se faça, tenho para mim que nem com todos os trabalhos do mundo se pode comprar, porque muito se ganha com elas. E que maior prêmio do que têrmos algum testemunho de estarmos contentando a Deus? Quem a êste ponto chegar, por conseguinte, louve-o muito e considere-se muito endividado, pois parece o Senhor já querê-lo para sua casa e escolhê-lo para seu reino, se não tornar atrás.

Não queira saber das humildades — das quais pretendo tratar — de certas pessoas que imaginam ser virtude não compreenderem que o Senhor as vai favorecendo. Convençamo-nos, bem a fundo, de que Deus nos concede seus dons sem nenhum merecimento nosso — pois assim é realmente, — e demos graças a Sua Majestade porque se não conhecermos o que Êle nos dá, não nos sentiremos estimulados a amá-lo. E é coisa muito certa: quanto mais nos vemos enriquecidos, conhecendo que por nós mesmos somos pobres, mais proveito tiramos dêste conhecimento e até mais humildade verdadeira. O resto é acovardar o ânimo a ponto de julgar-se incapaz de grandes bens, se, em começando o Senhor a comunicar-lhe seus tesouros, começa a alma a encolher-se com mêdo de vanglória. Tenhamos fé: Aquêle que dá os bens, também dará graça para que, se principiar o demônio a tentar-nos sôbre êste ponto, logo o entendamos, e tenhamos fortaleza para resistir. Digo isto, bem entendido, dos que andam com retidão diante de Deus, pretendendo agradar só a Êle e não aos homens.

E' coisa muito sabida que mais amamos uma pessoa quando nos lembramos muito dos benefícios que nos faz. Se, pois, é lícito e tão proveitoso sempre recordarmos não só que Deus nos deu a existência, nos tirou do nada e nos sustenta, e de todos os demais benefícios, de seus tormentos e de sua morte — coi-

sas que muito antes de nos criar já fizera em prol de cada um dos que agora vivem, — por que não me será lícito reconhecer, ver e considerar muitas vêzes que dantes costumava falar em vaidades, e agora, por mercê de Deus, não tenho mais vontade de falar a não ser nêle? Eis aí uma jóia, e se reconhecermos que ela nos foi dada e a possuímos, forçosamente seremos estimulados a amar, pois o amor é o fruto da oração fundada na humildade. E que será quando virmos em nosso poder outras jóias mais preciosas, de desprêzo do mundo e ainda de nós mesmos, semelhantes às que têm recebido alguns servos de Deus? E' claro que nos havemos de ter por mais devedores e por mais obrigados a servir, entendendo que nada disso tínhamos e reconhecendo a liberalidade do Senhor. A uma alma tão pobre, ruim e de nenhum merecimento como era a minha, bastava a primeira destas jóias, e ainda era demasiada; entretanto quis Êle cumular-me de riquezas maiores do que eu jamais pudera desejar.

De tais mercês é preciso cada um tirar fôrças para servir com mais ardor e não ser ingrato, pois com esta condição as dá o Senhor. Se não usamos bem de seus tesouros e do alto estado em que nos põe, Êle no-los tornará a tomar e ficaremos muito mais pobres; e dará Sua Majestade as jóias a quem as preze e tire proveito delas para si e para outros. Mas como aproveitará e gastará com largueza quem não entende que está rico? E' impossível, a meu ver, — dada a condição de nossa natureza, — que tenha ânimo para coisas altas quem não entende que é favorecido por Deus. Com efeito, somos tão miseráveis e inclinados às coisas da terra, que dificilmente poderá aborrecer de fato e ter desapêgo de tudo de baixo, quem não entender que tem algum penhor dos de lá de cima; pois é por meio dêstes dons que o Senhor nos comunica a fortaleza que perdemos com os nossos pecados.

Como poderá desejar que todos se desgostem dêle e o aborreçam, e como se animará a praticar as grandes virtudes dos perfeitos, quem não possui algu-

ma prenda do amor que Deus lhe tem, a par de uma fé viva? E' tão falto de alento êste nosso natural, que logo nos deixamos levar pelo que vemos diante dos olhos; e assim êstes mesmos favores são os que estimulam e fortalecem a fé. Bem pode ser que eu, como tão fraca, julgue por mim, e que a outros baste a verdade da fé para fazerem obras muito perfeitas; mas confesso que, miserável como sou, precisei de tôdas estas graças.

Êles que o digam; quanto a mim, exponho o que se passou comigo, segundo me mandaram. Se estiver errada, aquêle a quem me dirijo rasgará esta relação, pois melhor do que eu saberá entender o que não fôr acertado. A êsse suplico, pelo amor do Senhor: o que até aqui escrevi de meus pecados e ruim vida, pode publicar: desde agora lhe dou licença, assim como a todos os meus confessores, que também o é aquêle a quem isso vai enderaçado. Se quiserem, publiquem-no logo em minha vida, para que eu não engane mais o mundo, pois pensam que há algum bem em mim; e certamente pelo que agora sinto, digo com verdade que me darão grande consôlo. Não lhes concedo, porém, igual licença para o que vou dizer doravante; nem quero que, no caso de o mostrarem a alguém, digam quem o escreveu, quem é, e a quem aconteceu. Não me nomearei, portanto, nem a pessoa alguma, escrevendo tudo o melhor que puder a fim de não me tornar conhecida. Isto peço por amor de Deus. Bastarão pessoas tão letradas e graves para autorizarem alguma coisa boa, se o Senhor me der graça para a dizer; e, se a houver, será dêle e não minha, pois não tenho letras nem boa vida, não sou ensinada por letrado nem por pessoa alguma. Só os que mo mandaram escrever[1] sabem que o escrevo; e atualmente não estão aqui. E' quase furtando o tempo, e com pena, que o faço, porque fico impedida de fiar e estou em casa pobre, com muitas ocupações. Ainda se o Senhor

---

1) Frei Domingos Báñez e Frei Garcia de Toledo, ambos da Ordem do glorioso São Domingos.

me houvesse dado mais habilidade e mais memória, poderia com esta valer-me do que tenho ouvido e lido; mas sou muito desprovida de uma e de outra. Se, pois, alguma coisa boa disser, será que o Senhor assim quis para algum bem; o que houver de mau será meu, e Vossa Mercê o suprimirá. Em qualquer dos dois casos, nenhuma vantagem vejo em divulgar meu nome; enquanto eu viver — está claro, — não se há de publicar o bem; depois de morta, não sei que efeito possa produzir senão o de não darem valor ao bem e recusarem-lhe crédito por tê-lo dito pessoa tão baixa e tão ruim.

Pensando que Vossa Mercê e os que o lerem farão isto que por amor de Deus lhes peço, escrevo com liberdade; de outra maneira teria grande escrúpulo, exceto no tocante aos meus pecados, que êstes pouco se me dá de que os saibam. No mais, basta eu ser mulher para se me caírem as asas; quanto mais mulher e sem virtude! E assim tudo o que fôr mais do que narrar simplesmente o decurso de minha vida, tome-o Vossa Mercê para si, pois tanto me há importunado para que lhe escrevesse alguma notícia das mercês que me faz Deus na oração. Guarde-o se fôr conforme às verdades de nossa santa fé católica; e caso não o seja, queime-o logo, que a isto me sujeito. Direi o que se passa comigo, porque se estiver de acôrdo com essas mesmas verdades, poderá fazer-lhe algum proveito; e se não, Vossa Mercê desenganará minha alma, para que não ganhe o demônio onde me parece que ganho eu. Bem sabe o Senhor, como depois direi, que sempre tenho trabalhado por buscar quem me dê luz.

Por mais que me queira exprimir com clareza nestas coisas de oração, muitas parecerão bem obscuras a quem não tiver experiência. Alguns impedimentos direi que, a meu ver, não deixam ir adiante neste caminho, e também falarei de outros pontos em que há perigo, servindo-me do que por experiência tenho aprendido do Senhor e tratado depois com grandes

letrados e pessoas que de há muito se dão às coisas do espírito. Uns e outros têm reconhecido que, durante os meus vinte e sete anos apenas de oração, embora andando com tantos tropeços e tão mal nesse caminho, concedeu-me o Senhor, deu-me Sua Majestade, tanta experiência quanto a outros, em trinta e sete e quarenta e sete anos o têm trilhado sempre na penitência e no exercício das virtudes. Seja por tudo bendito! E, por quem é, sirva-se de mim Sua Majestade, pois bem sabe meu Senhor que nisto só pretendo que seja um pouquinho louvado e engrandecido por haver, em monturo tão imundo e mal cheiroso, plantado jardim de tão suaves flôres. Praza a Sua Majestade que por minha culpa não torne eu a arrancá-las, voltando a ser o que era. Suplico a Vossa Mercê que, por amor do Senhor, peça-lhe isto, pois sabe quem sou, mais claramente do que me permitiu dizer aqui.

CAPÍTULO XI

Diz a razão de não amarmos com perfeição a Deus, desde logo. Começa a declarar, mediante uma comparação, quatro graus de oração. Vai tratando aqui do primeiro. E' muito proveitoso para os principiantes e para os que não têm gostos na oração.

Falando agora dos que começam a ser servos do amor — que não me parece outra coisa o determinarmo-nos a trilhar êsse caminho, — digo que é uma dignidade tão grande que só de pensar nela sinto enorme prazer porque o temor servil desaparece logo, se neste primeiro estado vamos como devemos ir. O' Senhor de minha alma e meu Sumo Bem! Por que não quisestes que a alma, quando se decide a amar-vos, fazendo o que em suas mãos está, isto é, abandonando tudo para se entregar ao vosso amor, tenha logo

o gôzo de atingi-lo em grau perfeito? Disse mal. Devera queixar-me de nós e perguntar por que o não queremos? Com efeito, se desde o início não gozamos de tão alta dignidade, tôda a culpa é nossa, pois o verdadeiro amor de Deus, quando chegamos a tê-lo com perfeição, traz consigo todos os bens. Somos tão mesquinhos e tardos em nos darmos inteiramente a Deus, que jamais nos acabamos de dispor, e Sua Majestade não quer que gozemos de coisa tão preciosa sem a pagarmos por bom preço.

Bem vejo que não há com que se possa comprar neste mundo tão grande bem; contudo se fizéssemos o que está em nossas mãos, não nos apegando a coisa alguma terrena e pondo todo o nosso cuidado e trato no céu; se não tardássemos em nos dispor e nos entregar completamente a Deus como fizeram alguns Santos, estou certa de que muito depressa nos seria dado êsse bem. Mas, parecendo-nos que tudo damos, apenas oferecemos os rendimentos ou frutos, e ficamos com a raiz e a propriedade. Determinamo-nos a ser pobres — coisa que é de grande merecimento, — e freqüentemente, no entanto, volvemos a excogitar e fazer diligências para que não nos falte, não só o necessário, senão também o supérfluo, granjeando amigos que no-lo dêem. Assim, para que nada nos falte, temos maiores cuidados e nos expomos porventura a maior perigo do que antes, quando possuíamos a fazenda. Parece que renunciamos à honra pelo fato de nos fazermos Religiosos ou de começarmos a ter vida espiritual e a seguir o caminho da perfeição. Mal, porém, nos tocam um ponto de honra, esquecendo-nos de que já a demos a Deus, queremos novamente apoderar-nos dela e, por assim dizer, arrebatar-lha das mãos. Isto depois de o havermos feito por nossa livre vontade, — ao menos aparentemente — Senhor de tudo que é nosso.

Engraçada maneira de buscar o amor de Deus! E logo o queremos às mãos cheias, como se costuma dizer. Conservarmos nossas afeições — uma vez que não

procuramos realizar nossos desejos nem acabamos de os levantar da terra, — e têrmos muitas consolações espirituais, não dá certo, nem me parece que uma coisa seja compatível com a outra. O resultado é que, assim como não nos resolvemos a dar tudo duma vez, também não se nos dá duma vez êste tesouro. Praza ao Senhor que, ao menos gôta a gôta, no-lo dê Sua Majestade, ainda que à custa de todos os trabalhos do mundo!

Grande misericórdia faz Êle a quem dá graça e ânimo para se decidir a procurar com tôdas as fôrças e constância êsse bem: porque, se perseverar, Deus a ninguém se nega. Pouco a pouco lhe vai habilitando o ânimo para que saia vitorioso. Digo *ânimo,* porque inúmeras são as dificuldades que o demônio apresenta aos principiantes para que não encetem deveras êste caminho — como quem sabe o prejuízo, que lhe advirá, de perder não só aquela alma senão muitas. Com efeito, se o que começa fizer esfôrço com o favor de Deus por chegar ao auge da perfeição, creio que não irá sòzinho ao céu, levará sempre muita gente atrás de si; como a bom capitão, dar-lhe-á Deus quem vá em sua companhia. Mas — como já ponderei — são tantos os perigos e obstáculos que o demônio lhe põe diante dos olhos, que, para não retroceder, é mister não pouca, senão muitíssima coragem e constante favor de Deus.

Deixando para depois o que entrei a dizer sôbre a mística Teologia — creio que assim se chama, — falarei dos primórdios das almas já resolvidas a granjear êste bem e a levar a cabo tal emprêsa. E' então que maior trabalho têm, porque Deus lhes dá o cabedal mas são elas que labutam. Nos outros graus, ao invés, predomina o gôzo; não obstante, tanto no comêço como no meio e no fim, tôdas carregam, pôsto que diferentemente, as suas cruzes, pois pelo mesmo caminho que trilhou Cristo hão de ir os que o seguem, se não se quiserem perder. Bem-aventurados trabalhos que, ainda nesta vida, recebem paga tão excessiva! Te-

rei de valer-me de alguma comparação, embora preferisse evitá-la por ser mulher e simplesmente escrever o que me mandam; mas nesta linguagem espiritual é tão difícil aos que não têm letras, como eu, tratar dos mistérios, que terei necessidade de recorrer a algum expediente. Pode ser que raramente acerte com alguma comparação adequada; servirá isso para que à vista de tanta ignorância se recreie Vossa Mercê. Aqui vou fazer uma comparação que me parece ter lido ou ouvido, mas, por causa de minha má memória, não sei onde nem a que propósito. Para o que agora tenho a dizer satisfaz-me.

O principiante há de imaginar que, em terra onde brotam muitas ervas más, começa a plantar um jardim ou hôrto para que nêle se deleite o Senhor. Sua Majestade arranca as ervas más e vai plantando as boas. Suponhamos que isto já está feito quando a alma se resolve a ter oração e nela começa a exercitar-se. Com a ajuda de Deus, devemos como bons jardineiros procurar que cresçam as plantas, cuidando de as regar a fim de que se não percam, e venham a dar flôres de perfume suavíssimo, para deliciar a êste Senhor nosso. Assim virá Êle muitas vêzes deleitar-se em nosso hôrto e espairecer entre essas virtudes.

Vejamos agora de quantas maneiras se pode regar, para sabermos bem o que havemos de fazer, que trabalho há de custar, se êste é maior do que os proveitos, e quanto tempo durará. Parece-me haver quatro modos de regar: ou apanhar água a baldes num poço, com grande trabalho; ou tirá-la dêle, mediante nora e alcatruzes movidos por um tôrno (assim a tenho tirado algumas vêzes), o que cansa menos e dá mais água; ou trazê-la de algum rio ou arroio, e por êste meio se rega muito melhor, porque tem menos trabalho o jardineiro, mais molhada fica a terra e dispensável se torna regar a miúdo; ou por chuvas freqüentes e copiosas, modo incomparàvelmente melhor que tudo que fica dito, porquanto é, então, o Senhor quem rega, sem nenhum trabalho nosso.

Conforme o meu intento, apliquemos agora à oração essas quatro espécies de rega, com que se há de conservar êste jardim, pois sem ser regado perecerá. Pareceu-me poder declarar por êste meio quatro graus de oração em que o Senhor, por sua bondade, tem pôsto algumas vêzes minha alma. Praza à sua clemência, atine eu a dizê-lo de modo a aproveitar a uma das pessoas[1] que me mandaram escrever isto. O Senhor em quatro meses levou-a muito mais adiante do que eu estava ao cabo de dezessete anos. Correspondeu melhor, e assim rega sem trabalho seu vergel com tôdas estas quatro águas, ainda que a última não se lhe dê senão a gotas; mas vai de tal sorte que depressa se engolfará nela, com a ajuda do Senhor. Gostarei de que se ria se lhe parecer disparatado o meu modo de declarar.

Dos que começam a ter oração, podemos dizer que são os que a baldes tiram a água do poço. E' muito penoso, segundo já disse, porque se hão de cansar em recolher os sentidos e, como estão acostumados a andar distraídos, têm não pequeno trabalho. Cumpre que se vão habituando a não se lhes dar nada de ver nem de ouvir, e é preciso que assim façam efetivamente nas horas de oração, buscando soledade, e pensando, apartados de tudo, em sua vida passada. Isto, aliás, todos o hão de fazer muitas vêzes, tanto os que começam como os que já estão no fim do caminho, insistindo mais ou menos, como depois direi. A princípio ainda penam, porque não acabam de perceber que se arrependem de seus pecados, quando é certo o seu arrependimento, visto estarem tão deveras determinados a servir a Deus. Hão de procurar ocupar-se da vida de Cristo, e nesta meditação cansa-se a mente. Até aqui podemos chegar por nós mesmos, bem entendido com o favor de Deus, pois sem êste, é sabido, não conseguimos sequer ter um bom pensamento. Isto é começar a tirar água do poço a baldes, e praza a Deus, não esteja sêco! Ao menos o que é de nossa

1) O Padre Ibáñez, Dominicano.

parte fazemos, indo apanhar água e empregando os meios ao nosso alcance para regar as flôres. E é Deus tão bom que se algumas vêzes permite que o poço esteja sêco, por razões sabidas de Sua Majestade, — talvez para grande proveito nosso, — sem água sustenta as flôres e faz crescerem as virtudes, se como bons jardineiros fazemos o que está em nossas mãos. Aqui chamo água às lágrimas e, caso não as haja, refiro-me à ternura e aos sentimento interior de devoção.

Neste ponto, que fará quem, após muitos dias de trabalho, só acha secura, desgôsto, dissabor e tem tão má vontade de ir tirar água, que deixaria tudo se não fôsse, por um lado, a lembrança de que presta serviço e faz prazer ao Senhor do hôrto, e, por outro, o receio de perder todo o serviço passado, além da recompensa que espera ganhar pelo grande trabalho de lançar muitas vêzes o caldeiro ao poço e tirá-lo sem água? Acontecerá freqüentemente que nem para isto poderá levantar os braços, isto é, nem conseguirá formular um bom pensamento, porque êsse trabalhar com a inteligência — fique entendido — é o tirar a água do poço. Digo pois: que deverá fazer aqui o hortelão? Alegrar-se, consolar-se e ter por grandíssima mercê trabalhar em hôrto de tão grande Imperador; e, pois sabe que lhe dá prazer com isto, e não é seu intento contentar-se a si, senão a Êle, louve-o muito e entenda que o Senhor lhe mostra confiança vendo que, sem paga nem jornal, tem tão grande cuidado do que lhe encomendou. Ajude-o a levar a cruz e pense que tôda a vida viveu nela. Não queira seu reino aqui na terra, nem abandone jamais a oração; determine-se a não deixar Cristo cair sòzinho sob o pêso da cruz, ainda que permaneça tôda a vida nessa aridez. Tempo virá em que tudo lhe será pago por junto. Não tenha mêdo de que se perca seu trabalho: a bom amo serve, que o está olhando. Não faça caso de maus pensamentos; lembre-se de que também os representava o demônio a S. Jerônimo no deserto.

Seu preço têm tais trabalhos, bem o sei, como quem os passou durante muitos anos. Quando me acontecia tirar uma gôta d'água dêste bendito poço, pensava que me fazia Deus mercê. Sei quão penosos são, e, a meu ver, para os superar é mister mais ânimo do que para arcar com outros muitos trabalhos do mundo. Mas também tenho visto claramente que os não deixa Deus sem grande prêmio ainda nesta vida, pois, é certo, com uma só das horas em que me tem o Senhor permitido deleitar-me nêle, considero recompensadas tôdas as angústias que por muito tempo passei para perseverar na oração. Tenho para mim que o Senhor quer dar — muitas vêzes no princípio, outras no fim — êstes tormentos e muitas outras tentações que se oferecem, a fim de provar os que o amam e verificar se poderão beber o cálice e ajudá-lo a carregar a cruz, antes de nêles depositar grandes tesouros. E para nosso bem, creio, quer Sua Majestade conduzir-nos dêste modo, a fim de compreendermos o pouco que somos. Com efeito, tem reservadas, para nós, mercês de tão grande dignidade, que, antes de no-las dar, quer que por experiência vejamos nossa miséria, para não nos acontecer o mesmo que a Lúcifer.

Que fazeis Vós, Senhor meu, que não seja para maior bem da alma que entendeis já ser vossa pois se põe em vosso poder, resolvida a seguir-vos por onde fôrdes, até à morte de Cruz, com a determinação de vos ajudar a levá-la e de não vos deixar só com ela? Quem vir em si tal determinação... nada, nada tem a temer! Gente espiritual não tem de que se afligir. Quem já está pôsto em tão alto grau como é querer tratar a sós com Deus e deixar os passatempos do mundo, creia que a maior parte está feita. Louvai por isto a Sua Majestade, e confiai em sua bondade, porque jamais faltou Êle a seus amigos. Fechai os olhos e guardai-vos de pensar: por que dá devoção àquele em tão poucos dias, e a mim a nega em tantos anos? Creiamos que é tudo para nosso maior bem. Leve-nos

Sua Majestade por onde e como quiser; já não somos nossos, senão seus. Bastante mercê nos faz em nos querer dar disposição para cavarmos no hôrto de que é Senhor, onde trabalhamos junto dêle, pois certamente está conosco. Se quer que vicejem estas plantas e flôres, dando a uns água tirada do poço, e a outros sem ela, — que se me dá a mim? Fazei Vós, Senhor, o que quiserdes, contanto que não vos ofenda eu, nem se percam as virtudes, se alguma, só por vossa bondade, já me destes. Padecer quero, Senhor, pois Vós padecestes. Cumpra-se em mim de tôdas as maneiras vossa vontade, e não praza a Vossa Majestade que uma coisa de tanto preço como vosso amor, se dê a gente que vos sirva só para ter gozos.

E' muito de notar, e assim digo porque o sei por experiência: a uma alma que neste caminho da oração começa a andar com ânimo e consegue resolver-se a não fazer muito caso de desconsolação quando lhe faltam delícias e ternuras, ou de consolação quando lha dá o Senhor, já tem andado grande parte do caminho. Não tenha mêdo de tornar atrás por mais que tropece, porque está assentado o edifício em firme fundamento. Sim, que não está o amor de Deus em ter lágrimas, nem tão pouco nesses gostos e ternuras que geralmente desejamos e com os quais nos consolamos, senão em servir a Deus com justiça e fortaleza de ânimo e humildade. O ter gostos mais me parece a mim receber do que dar.

Para mulherinhas como eu, fracas e de pouca fortaleza, acho conveniente que Deus as conduza com regalo, — como agora faz comigo para que possa sofrer alguns trabalhos que Sua Majestade quis viessem sôbre mim; mas servos de Deus, homens de valor, de letras, de entendimento, que vejo tão preocupados e queixosos por lhes não dar Deus devoção, — como tenho ouvido, — é que me faz desgôsto. Não digo que não a tomem e tenham em muita conta quando Deus a der, porque então terá visto Sua Majestade ser conveniente. Quando, porém, não a tiverem, não se afli-

jam; entendam que não lhes é necessária, pois Sua Majestade a nega; e andem senhores de si. Creiam que é falta; tenho-o visto e experimentado. Creiam que é imperfeição, pois é não andar com liberdade de espírito e enfraquecer-se para todo acometimento.

Nisto não me refiro tanto aos principiantes, ainda que muito insista com êles neste ponto, porque lhes importa muito começarem com essa liberdade e determinação. Falo principalmente para outros, pois haverá muitos que começaram de longa data e não acabam de sair do princípio, devido em grande parte — creio — a não abraçarem a cruz desde o comêço. Por esta razão andam aflitos, julgando que nada fazem. Em deixando o entendimento de trabalhar, não o podem sofrer; e porventura é então que medra a vontade e cobra fôrças, embora o não entendam. Convençamo-nos de que não apura o Senhor estas coisas, que nos parecem faltas mas não o são. Melhor do que nós conhece nossa miséria e baixeza naturais, e sabe que estas almas já desejam amá-lo e pensar sempre nêle. Esta resolução, eis o que o Senhor quer. No mais, a aflição com que nos acabrunhamos só serve para inquietar a alma, de modo que, se havia de estar incapaz de tirar fruto uma hora, o ficará quatro. Muitas vêzes provém tudo de indisposição corporal. Tenho disto grandíssima experiência e sei que é verdade, porque o tenho considerado atentamente e consultado em seguida pessoas espirituais. Somos tão miseráveis que esta encarceradinha que é nossa alma, participa das misérias do corpo. As mudanças de tempo e as variações dos humores fazem muitas vêzes que, sem culpa sua, não possa fazer o que quer e padeça por todos os modos. Em tais ocasiões, quanto mais lhe querem fazer violência, é pior e dura mais o mal. E' preciso haver discrição para ver quando o caso é êste, e não atormentar a pobrezinha. Entendam que são enfermos; mudem a hora da oração, e bastantes vêzes será necessário que assim façam durante alguns dias.

Passem como puderem êste destêrro, pois é bastante desventura, para a alma que ama a Deus, ver que é tão miserável esta vida, que não pode fazer o que quer, por ter tão mau hóspede como é o corpo. Repito: que se vá com discrição, porque em algumas ocasiões será obra do demônio; e assim é bom nem sempre deixar a oração quando o entendimento está grandemente distraído e perturbado, e nem sempre atormentar a alma obrigando-a ao que está acima de suas fôrças. Outras ocupações exteriores há, de obras de caridade e de lição de bons livros, ainda que por vêzes nem isto será possível. Sujeite-se então a servir o corpo por amor de Deus, para que êle muitas outras vêzes sirva à alma; e tome alguns passatempos santos de conversações virtuosas, ou vá ao campo, conforme o conselho do confessor. Em tudo é grande coisa a experiência, que dá a entender o que nos convém; e em tudo se serve a Deus. Suave é o seu jugo; e é grande sabedoria não trazer arrastada a alma, como se diz, senão levá-la com suavidade, para seu maior aproveitamento.

Torno a avisar, e, embora o repita muitas vêzes, não faz mal, porque é muito importante: por securas, inquietaçãos ou distração nos pensamentos, ninguém fique atormentado ou aflito. Quem quiser adquirir liberdade de espírito e não andar sempre atribulado, comece por não se espantar com a cruz, e verá também como o Senhor ajuda a levá-la. Dêste modo viverá contente e tirará proveito de tudo, porque está visto que, se o poço se acha sêco, não podemos nós pôr nêle a água. Verdade é que não havemos de estar descuidados, para, assim que se puser a brotar, logo irmos tirá-la porque então já quer Deus por êste meio multiplicar as virtudes.

CAPÍTULO XII

Continua a falar sôbre o primeiro estado. Diz até que ponto podemos chegar por nós mesmos com o favor de Deus. Há perigo em querer elevar o espírito a coisas sobrenaturais e extraordinárias, antes que o Senhor o faça.

Embora tenha feito largas digressões por me parecerem coisas muito necessárias, o que pretendi dar a entender no capítulo passado foi dizer o que podemos por nós mesmos adquirir e como nesta primeira devoção nos podemos valer de algum modo. Com efeito, pensando e esquadrinhando o que o Senhor sofreu por nós, movemo-nos à compaixão e achamos sabor nesta pena e nas lágrimas que dela procedem. A consideração da glória que esperamos, do amor que o Senhor nos teve e de sua ressurreição, infunde-nos um gôzo que nem é de todo espiritual, nem também sensual, senão virtuoso deleite; e quando há pena é muito meritória. Desta mesma maneira são tôdas as coisas que causam devoção, quando esta é em parte adquirida pelo entendimento, ainda que, se Deus não a desse, ninguém a poderia merecer nem ganhar. Está muito bem a uma alma a quem o Senhor não fêz subir mais do que até aqui, não procurar subir além por si mesma; e note isto muito, porque em vez de encontrar lucro só encontraria perda.

Pode neste estado fazer muitos atos, uns para se determinar a obrar grandes coisas por Deus e estimular-se em seu amor; outros para se animar a crescer nas virtudes, como ensina um livro chamado *Arte de servir a Deus* [1], que é muito bom e apropriado para os que estão neste grau em que age o entendimento. Pode imaginar que está diante de Cristo e tomar o costume de muito se enamorar de sua sagrada Humanidade, trazendo-o sempre consigo. Fale a êste Senhor: peça-lhe remédio nas necessidades; com Êle se

1) Obra do Padre Franciscano Fr. Afonso de Madrid, impressa em Sevilha no ano de 1521.

queixe nos trabalhos e se alegre nos contentamentos, sem o olvidar por coisa alguma. Tudo isto faça sem procurar orações compostas, senão com palavras que exprimam seus desejos e suas necessidades. E' excelente maneira de progredir e em muito breve tempo; e quem trabalhar por trazer consigo esta preciosa companhia, e aproveitar-se muito dela e deveras cobrar amor a êste Senhor a quem tanto devemos, eu o dou por adiantado.

Para isto, como já disse, nenhum caso façamos de não ter devoção; antes devemos agradecer ao Senhor, que nos deixa andar desejosos de o contentar, ainda que as obras sejam fracas. Êste modo de trazer Cristo conosco é proveitoso em todos os estados; é meio seguríssimo para irmos sempre progredindo no primeiro grau de oração, chegarmos em breve ao segundo, e nos últimos andarmos seguros dos perigos que o demônio pode inventar.

Em suma, é isto o que está em nossas mãos. Quem quiser passar adiante e levantar o espírito a sentir gostos que não lhe são dados, perderá uma e outra coisa, a meu parecer; porque êsses gostos são sobrenaturais, e, perdido o socorro que lhe vem do entendimento, fica a alma desamparada e com muita secura. Como todo êste edifício tem por alicerce a humildade, quanto mais chegados a Deus, mais adiante havemos de ir nesta virtude; a não ser assim, vai tudo perdido. Parece aliás algum gênero de soberba querermos por nós mesmos subir mais, pois, pelo que somos, Deus já faz demasiado em nos chegar para junto de Si. Não se há de entender com isto que não seja bom elevar o pensamento a Deus e sua sabedoria, ou a coisas altas do céu e grandezas que há por lá. Quanto a mim nunca o fiz, por falta de capacidade, como já disse. Achava-me tão ruim, que me fazia Deus mercê de que entendesse esta verdade: pensar eu ainda coisas da terra, não era pouco atrevimento, quanto mais as do céu! Contudo outras pessoas tirarão fruto, especialmente se tiverem letras, que a ciência é, a meu ver, grande te-

souro para êste exercício, quando acompanhada de humildade. De uns tempos para cá, tenho-o observado em alguns letrados, que há pouco começaram e têm aproveitado muitíssimo. E' o que me faz ter grandes ânsias de que muitos sejam espirituais, como adiante direi.

Isto que digo: — não subam sem que Deus os faça subir — é linguagem espiritual; entender-me-á quem tiver alguma experiência, pois não o sei dizer por outras palavras, se por estas não me dou a entender. Na mística Teologia, de que comecei a falar, o entendimento deixa de agir porque Deus o suspende, como depois declararei, se o souber dizer e Sua Majestade me der para isto seu favor. Tentar ou presumir suspendêlo por nós mesmos, é o que digo não ser conveniente fazer, nem tão pouco deixar de obrar com êle, sob pena de ficarmos secos e frios, sem oração e sem contemplação. Quando o Senhor o suspende e faz parar, dálhe com que se ocupe e espante, de tal modo que no espaço de um credo entende mais, sem discorrer, do que podemos nós entender, com tôdas as nossas diligências da terra, em muitos anos; mas querermos por nós mesmos atar as potências da alma e fazê-las estar suspensas, é desatino. E, repito, ainda que não entenda, não é grande humildade. Embora não haja culpa, haverá pena, pois será trabalho perdido; e ficará a alma um tanto desgostada, como uma pessoa que vai dar um salto e sente que a seguram por detrás, e, parecendo-lhe já ter empregado a fôrça, acha-se sem efetuar o que pretendia com seus esforços. No pouco lucro que lhe fica, verá, quem o quiser verificar, êste pouquinho de falta de humildade a que me refiro. Com efeito, uma das excelências desta virtude é que não há obra acompanhada por ela que deixe desgôsto na alma. Parece-me tudo bem explicado, e porventura o estará só para mim. Abra o Senhor os olhos aos que isto lerem, dando-lhes experiência; e por mínima que seja, logo o entenderão.

Vários anos passei lendo muitas coisas e sem entender nada; depois, durante muito tempo, ainda que Deus me concedesse graças, não sabia dizer uma palavra para o dar a entender, o que me não custou pouco trabalho. Quando Sua Majestade quer, num momento ensina tudo de tal maneira que me espanto. Uma coisa posso dizer com verdade: ainda quando falava com muitas pessoas espirituais, e queriam fazer-me entender o que me dava o Senhor para que o soubesse explicar, era tal minha rudeza que não aprendia, nem pouco nem muito. Talvez quisesse o Senhor que eu a ninguém fôsse devedora neste ponto, pois Sua Majestade tem sido sempre meu mestre. Seja Êle bendito por tudo, que bastante confusão é para mim o poder dizer isto com verdade. Depois, sem que eu o quisesse ou pedisse — pois neste ponto em que seria virtude ser curiosa, não o fui, senão em outras vaidades, — deu-me Deus num instante a graça de compreender e explicar tudo com tôda clareza, a ponto de se admirarem meus confessores, e eu mais que êles, porque tinha maior conhecimento de minha rudeza. Esta graça recebi há pouco; o demais, que o Senhor não me tem ensinado, não procuro saber, a não ser o que toca à minha consciência.

Torno outra vez a avisar que importa muito não levantar o espírito, quando o Senhor mesmo o não levanta. O que isto quer dizer, logo se entende. Em especial para mulheres é mais perigoso, pois poderá o demônio causar alguma ilusão, conquanto tenha eu por certo que não lhe permitirá o Senhor prejudicar a alma que procura chegar-se a Deus com humildade. Pelo contrário, tirará maior proveito e lucro do mesmo com que o inimigo pensava causar-lhe perda. Por ser êste caminho dos principiantes o mais comum, e porque têm grande importância os avisos que dei, tive que me alargar tanto. Em outros livros estarão escritos de modo muito melhor, confesso, e também digo que com bastante confusão e vergonha o escrevi, ainda que não tanta como deveria ter. Seja o Senhor ben-

dito por tudo, pois quer e consente que uma criatura como eu, fale de assuntos referentes a Êle, tão altos e tão sublimes.

CAPÍTULO XIII

Prossegue na explicação do primeiro estado e dá avisos para certas tentações que o demônio costuma suscitar algumas vêzes. Advertências para elas. E' muito proveitoso.

Julgo necessário falar de certas tentações muito comuns nos princípios, das quais experimentei algumas, e dar avisos oportunos sôbre vários pontos. Convém que os principiantes andem com alegria e liberdade. A certas pessoas parece que se descuidarem um pouquinho fugirá delas a devoção. Bom é andar cada um com temor, para não se fiar de si, nem pouco nem muito, metendo-se em ocasião de ofender a Deus. Isto é em extremo necessário enquanto a virtude não está sòlidamente arraigada na alma. E não há muitos que cheguem a tão alto grau, que se possam descuidar em ocasiões propícias à excitação de seus apetites naturais. Sempre, enquanto estivermos nesta vida, é grande bem conhecermos nossa miserável natureza, ainda pelo que toca à humildade; contudo, torno a dizer, há muitas ocasiões em que é lícito tomar alguma recreação, mesmo para tornar depois à oração com mais fervor. Em tudo é preciso discernimento.

Indispensável é ter grande confiança, pois convém muito não amesquinhar os desejos; antes esperar de Deus que, se pouco a pouco nos esforçarmos, poderemos, embora não seja imediatamente, atingir o cume aonde muitos Santos chegaram, com seu favor. Se êstes nunca se tivessem determinado a ter desejos e a passar pouco a pouco às obras, não teriam subido a tão alto estado. Quer Sua Majestade almas animosas e é amigo delas, contanto que andem com hu-

mildade e nenhuma confiança tenham em si mesmas. Nunca vi alguma destas ficar rasteira neste caminho; nem também vi alma covarde sob pretêxto de humildade andar em muitos anos o mesmo que as outras em muito poucos. Espanta-me a importância capital que tem neste caminho o animar-se a grandes coisas. Ainda que a alma não tenha logo fôrças e, como avezinha a quem não cresceram de todo as asas, fique cansada e pare muitas vêzes, de cada vôo que dá vence muita distância.

Em outros tempos lembrava-me freqüentemente do que diz S. Paulo: que em Deus tudo se pode (Filip 4, 13). Por mim mesma, bem convencida estava de que nada podia. Isto me valeu muito; assim como também o que diz S. Agostinho: *Dá-me, Senhor, o que me mandas, e manda o que quiseres* (Conf. l. 10, c. 29). Costumava pensar que S. Pedro nada perdera por se ter lançado ao mar, embora depois tivesse mêdo. Grande coisa são estas determinações logo ao comêço apesar de neste primeiro estado ser mister irmos com mais tento e sujeitos à discrição e parecer do mestre. Cumpre, porém, tomar cuidado para que seja confessor tal que não ensine a andar como sapos, nem se contente de adestrar a alma a só caçar lagartixas. Tenhamos sempre a humildade diante dos olhos, para entendermos que não hão de vir de nós essas fôrças.

E' mister entretanto compreender como há de ser esta humildade. Penso que o demônio faz muito dano e impede que se adiantem as almas de oração, dandolhes uma falsa concepção da humildade; fazendo-lhes parecer soberba o ter grandes desejos, o querer imitar os Santos e aspirar ao martírio. Logo nos diz ou faz entender que os feitos dos Santos devem ser admirados, mas não imitados por pecadores como nós. Isto também digo eu, mas havemos de ver bem o que é de admirar e o que é de imitar. Efetivamente não seria razoável se uma pessoa fraca e enfêrma se metesse a fazer muitos jejuns e penitências, indo para um deserto onde não pudesse dormir nem tivesse o

que comer, ou coisas semelhantes; mas havemos de pensar que com o favor de Deus podemos esforçar-nos a fim de conseguir grande desprêzo do mundo, a desestima de honras e o desapêgo aos haveres. Temos uns corações tão apertados, que parece nos há de faltar a terra quando nos descuidamos um pouco do corpo para dar muito ao espírito. Logo imaginamos que contribui para o recolhimento a fartura de todos os bens necessários, porquanto os cuidados perturbam a oração.

Disto muito me pesa: que seja tão pouca a confiança em Deus e tanto o amor-próprio, que nos inquietemos com tais preocupações! Acontece então que, onde o espírito está assim tão pouco medrado, uns nadas nos dão tão grande trabalho, quanto coisas grandes e de muita importância a outras pessoas. E, contudo, no íntimo presumimos de espirituais! Parece-me agora, a mim, que essa maneira de caminhar é querermos conciliar corpo e alma, para não perdermos aqui o descanso e irmos lá gozar de Deus. Assim sucederá, de fato, se andarmos com justiça e apegados à virtude; mas é passo de galinha, com o qual nunca chegaremos à liberdade de espírito. Modo de proceder muito correto parece-me êste para pessoas casadas, que hão de viver segundo a sua vocação; mas para outro estado absolutamente não desejo tal maneira de aproveitar, nem me farão crer que é boa. Já a experimentei, e sempre estaria assim se o Senhor, por sua bondade, não me tivesse ensinado outro atalho.

Verdade é que no tocante aos desejos, sempre os tive grandes, mas procurava fazer como disse: ter oração e viver a meu bel-prazer. Creio que se tivesse quem me ensinasse a voar, mais me esforçaria para acompanhar de obras os desejos; mas, por nossos pecados, são tão poucos, tão raros os que não têm demasiada discrição neste ponto, que penso ser esta, em grande parte, a causa pela qual os principiantes não se elevam mais depressa a grande perfeição. O Senhor

nunca falta, nem dêle vem o impedimento; somos nós os culpados e miseráveis.

Podemos ainda imitar os Santos em procurar soledade e silêncio e em outras muitas virtudes que não matarão os manhosos corpos, que tão concertadamente querem ser levados para desconcertar a alma. O demônio aliás ajuda muito a fazê-los incapazes quando vê um pouco de temor. Mais não lhe é preciso para nos fazer imaginar que tudo nos há de tirar a saúde e a vida. Faz até fugir de chorar, por mêdo de cegueira. Passei por isto, e é assim que o sei; e não compreendo que melhor vista nem saúde podemos desejar, do que vir a perdê-la por tal causa. Como sou tão enfêrma, enquanto não me resolvi a não fazer caso do corpo e da vida, sempre estive amarrada, sem prestar para coisa alguma; e ainda agora, aliás, faço bem pouco. Mas quis Deus que eu entendesse êste ardil; e, quando me acometia o inimigo com o temor de perder a saúde, respondia-lhe: — Pouco importa que eu morra. Se me sugeria descanso: — Não tenho mais necessidade de descanso, senão de cruz. — Assim outras coisas. Vi claramente que em muitíssimas circunstâncias, ainda que de fato sou bem doente, era tudo tentação do demônio ou frouxidão minha; e, depois que deixei de ser tão cuidadosa e amimada, sou muito mais sadia. Em suma, importa muito desde os princípios, quando se começa a ter oração, não amesquinhar os pensamentos. Creiam-me nisto, pois o digo por experiência. Ao menos para que se escarmentem à minha custa, poderá servir esta relação das minhas faltas.

Outra tentação logo muito ordinária nos que começam a saborear o sossêgo e a ver quanto lucram com êle, é o desejo de que todos sejam muito espirituais. O desejá-lo não é mau; o procurá-lo poderá não ser bom, se não houver muita sagacidade e dissimulação para não dar mostras de querer ensinar, pois quem neste ponto quer fazer algum bem deve ter as virtudes muito fortalecidas a fim de não causar tentação aos outros. Aconteceu isto comigo — e eis

por que o entendo — nos tempos em que procurava, como já disse, que outras pessoas tivessem oração. Viam-me, por uma parte, falar grandes coisas do imenso bem que é tê-la, e por outra parte viver com total pobreza de virtudes, embora exercitando-me nelas. Era isto motivo de ficarem perplexas e tentadas, como me vieram a dizer depois. Tinham tôda razão, porque não sabiam como era possível conciliar coisas tão opostas; e vinha eu a ser causa de não terem por mal o que de fato era, por verem que o fazia eu algumas vêzes e terem boa opinião de mim.

Há aqui astúcia do demônio. Dir-se-ia que se vale das virtudes e boas qualidades que temos, para autorizar, o mais que pode, o mal que pretende, e, por menor que êste seja, deve ganhar bastante, quando é numa Comunidade; quanto mais que o mal que eu fazia era muitíssimo. O certo é que em muitos anos, só três se aproveitaram do que eu lhes dizia; mas depois, quando já o Senhor me havia dado mais fôrças para praticar a virtude, muitas outras progrediram, em dois ou três anos, como adiante direi. Ainda vejo outro grande inconveniente, que é ficar prejudicada a alma; pois o que mais deve ela procurar nos princípios é cuidar só de si própria e pensar que não há na terra senão Deus e ela; e isto lhe fará grande bem.

Outra tentação ainda é têrmos pena dos pecados e faltas do próximo. Tôdas estas tentações se apresentam sob a aparência de zêlo pela virtude, de modo que é mister saber entendê-las e andar com recato. Instiga o demônio a querer remediar prontamente os males, fazendo crer que o motivo é só a vontade de que Deus não seja ofendido e o zêlo de sua honra. Inquieta de tal maneira, que impede a oração; e o maior dano é a convicção de ser virtude, perfeição e grande zêlo da glória de Deus. Não me refiro à dor causada por pecados públicos e habituais duma Congregação, ou males que vêm à Igreja dessas heresias, em que vemos se perderem tantas almas. Esta é dor muito boa e, como tal, não inquieta. A segurança para a alma

que tem oração, está em descuidar-se de tudo e de todos e querer saber só de si e de contentar a Deus. Isto convém muitíssimo, porque se fôsse dizer os erros que tenho visto pela demasiada confiança na boa intenção...

Procuremos, pois, olhar sempre as virtudes e coisas boas que notarmos nos outros, e encobrir seus defeitos com os nossos grandes pecados. Por êste modo de agir, embora nos princípios não seja com perfeição, viremos a ganhar uma virtude excelente, qual a de têrmos todos por melhores do que nós. E' fazendo assim que a iremos adquirindo com o favor de Deus, que em tudo é necessário e sem o qual baldadas são as diligências. Supliquemos ao Senhor que nos dê esta virtude e esforcemo-nos de nossa parte, pois Êle a ninguém falta.

Prestem agora atenção a êste aviso os que discorrem muito com o entendimento, tirando de cada ponto muitos conceitos e reflexões. Quanto aos que não podem trabalhar e raciocinar, como era eu, só há uma coisa a avisar: tenham paciência até que o Senhor lhes dê ocupação espiritual e luz, pois por si de tão pouco são capazes, que no entendimento mais encontram embaraço do que auxílio.

Tornando aos que discorrem, digo que não gastem nisto todo o tempo, embora seja muito meritório; porque, como lhes é saborosa a oração, pensam que não há de haver dia de domingo, nem ocasião para deixar de trabalhar. Logo lhes parece que é tempo perdido, enquanto tenho eu por grande lucro esta perda. Em vez disto, torno a dizer, imaginem estar diante de Cristo, e, dando folga ao entendimento, fiquem falando e regalando-se com Êle, sem se cansarem em fabricar raciocínios, senão apresentando-lhe as necessidades e as razões que Êle tem para não nos sofrer tão junto de Si. Uns tempos uma coisa, e outros outra, para que se não enfare a alma de comer sempre o mesmo manjar. Êstes de que falo, são muito gostosos e proveitosos; se o paladar se acostuma a sa-

boreá-los, trazem consigo grande substância para dar vida à alma além de muitas outras vantagens.

Quero melhor expressar-me, porque estas coisas de oração são tôdas difíceis e custosas de entender quando não se acha mestre que as explique. Por esta razão, ainda que eu quisera ser breve, e bastaria só tocar no assunto para o bom entendimento de quem me mandou escrever, não sabe minha tarda inteligência dizer e dar a entender em poucas palavras coisa que tanto importa ir bem declarada. Como passei tantos trabalhos, tenho pena dos que começam só com livros, pois espanta ver como se entende, tão diferentemente do que é na realidade, uma coisa que depois por experiência se vem a conhecer tal qual é. Tornando ao que dizia: ponhamo-nos a pensar num passo da Paixão — por exemplo o do Senhor atado à coluna — e com o entendimento busquemos razões para avaliar as grandes dores e a pena que teria Sua Majestade ali tão só, além de outras muitas coisas que um espírito agudo ou pessoa letrada poderá tirar desta consideração. Êste é o modo de oração próprio para todos, quer estejam no começo, quer no meio, quer no fim; e é caminho muito excelente e seguro, até que o Senhor os eleve a favores sobrenaturais.

Digo todos, porque há muitas almas que em outras meditações acham mais proveito do que na da sagrada Paixão, pois há muitos caminhos, assim como há muitas moradas no céu. Algumas pessoas tiram fruto considerando-se no Inferno; outras se afligem de pensar nêle e preferem meditar sôbre o céu; outras cuidam na morte. Algumas, se são ternas de coração, por ficarem magoadas de pensar sempre na Paixão, regalam-se e tiram fruto considerando o poder e a grandeza de Deus nas criaturas, bem como o amor que nos tem e que em tôdas elas se manifesta. E' maneira esta admirável de proceder; contudo não se deixe de voltar muitas vêzes à Paixão e Vida de Cristo, que é a fonte de onde nos tem vindo e virá sempre todo bem.

Há de andar atento o que começa, para conhecer o que lhe faz mais proveito. Para isto é muito necessário ter mestre que seja experimentado. Se não fôr assim o diretor, pode errar muito e dirigir uma alma sem a entender nem deixar que ela mesma se entenda, porque esta não ousará apartar-se do que lhe manda, sabendo que é grande mérito estar sujeita a um mestre. Tenho encontrado almas *encurraladas* e aflitas, por falta de experiência em quem as dirigia, que me causavam lástima. Uma já não sabia o que fazer de si, porque tais diretores, não entendendo o espírito, afligem alma e corpo e estorvam o aproveitamento. Outra, com quem tratei, estava há oito anos atada pelo seu mestre, que a não deixava sair do conhecimento próprio. E no entanto, o Senhor já a havia elevado à oração de quietação, pelo que passava ela muito trabalho.

E' verdade que o exercício do conhecimento próprio jamais se há de deixar, nem há neste caminho alma tão gigante que não tenha necessidade muitas vêzes de tornar a ser menino de peito. Sim, não há estado de oração tão subido, em que não seja preciso voltar de vez em quando ao princípio. Isto jamais se olvide; e talvez o repita em outras vêzes, porque importa muito. A lembrança dos pecados e o conhecimento próprio, eis o pão com que havemos de comer todos os dias os manjares, por delicados que sejam, neste caminho da oração; e sem êle não nos poderíamos sustentar. Contudo é preciso não comer desmedidamente. Depois que uma alma se vê já rendida e entende claramente que de si nenhuma coisa boa possui, quando se sente envergonhada diante de tão grande Rei, vendo quão pouco lhe paga para o muito que lhe deve, que necessidade tem de gastar o tempo todo aqui? Melhor será irmos a outras coisas que o Senhor nos põe diante dos olhos e não é razoável deixarmos, pois Sua Majestade sabe melhor que nós o que nos convém comer.

Assim importa muito que o mestre seja avisado, isto é, que tenha bom entendimento e experiência. Se além disto tiver ciência, será perfeito; mas se não fôr possível achar estas três coisas juntas, as duas primeiras importam mais, pois em caso de necessidade pode-se recorrer aos letrados para alguma consulta. No princípio, pouco ajudam os diretores que não têm oração, ainda que sejam letrados. Não digo que com êstes os principiantes não tratem, pois espírito que não vá fundado na verdade desde o comêço, mais o quisera eu sem oração. Grande coisa é a ciência! Os que a têm nos instruem, a nós que pouco sabemos, e nos dão luz, de modo que, apoiados nas verdades da Sagrada Escritura, fazemos o que é de nosso dever. De devoções tôlas, livre-nos Deus!

Quero explicar melhor, pois creio que me meto em muitas coisas. Sempre tive esta falta, de não me saber dar a entender senão à custa de muitas palavras, como já disse. Começa certa monja a ter oração. Se um confessor simplório a dirige e lhe vem à cabeça que assim deve ser, far-lhe-á entender que é melhor obedecer a êle do que ao superior; e isto sem malícia, imaginando acertar, porque se não fôr Religioso, pensará talvez dêste modo. Se se trata de mulher casada, dir-lhe-á que empregue em oração o tempo destinado ao govêrno da casa, ainda que descontente o marido. Desta sorte não saberá ordenar o dia nem as ocupações para que ande tudo conforme à verdade. Por lhe faltar, a êle, a luz, não a dá aos outros, conquanto o deseje. Embora para isto não pareça necessário ter letras, minha opinião sempre foi e será que qualquer cristão procure tratar, se fôr possível, com homens doutos, e quando mais o forem, melhor. Os que vão pelo caminho da oração, maior necessidade disto têm, e tanto maior, quanto mais forem espirituais.

Ninguém se engane em pensar e dizer que letrados sem oração não entendem aos que a têm. Com muitos tenho tratado, pois, de uns anos para cá, mais os procuro por ser maior a necessidade, e sempre fui

amiga dêles; e tenho visto que, embora alguns careçam de experiência, não aborrecem o que é espiritual nem o ignoram, porque no estudo constante da Sagrada Escritura acham a verdade do bom espírito. Tenho para mim, que pessoa de oração que trate com letrados, se não quiser enganar-se, não será enganada com ilusões pelos demônios, porque, segundo creio, temem êstes grandemente a ciência humilde e virtuosa, sabendo que serão descobertos e sairão com perda.

Disse isto porque há quem pense que letrados sem espiritualidade não são capazes de dirigir almas de oração. Já disse que é necessário mestre espiritual, mas se êste não fôr letrado, haverá grandes inconvenientes. Ajudará muito tratar com homens doutos, desde que sejam virtuosos. Ainda que não estejam muito adiantados na vida espiritual, farão bem; Deus lhes dará a entender o que hão de ensinar, e quiçá fá-los-á espirituais para que nos ajudem. Isto não o digo sem o haver experimentado: aconteceu-me a mim com mais de dois. Digo que uma alma, resolvida inteiramente a submeter-se à direção dum só mestre, errará muito se não procurar que seja êle tal como digo. Se fôr Religioso o discípulo, há de estar sujeito ao seu Prelado, ao qual faltarão porventura os requisitos indicados, o que não será pequena cruz; não queira ainda, por sua vontade, sujeitar seu juízo a quem não tenha bom entendimento. Pelo menos eu nunca me pude dobrar a isto, nem o acho conveniente. Se fôr secular, louve a Deus, porque pode escolher a quem há de estar sujeito e não perca tão santa liberdade; prefira ficar sem diretor até encontrar um capaz. O Senhor lho dará, se fôr tudo fundado em humildade e desejo de acertar. Muitos louvores dou a Deus — e as mulheres e os que não têm estudos sempre lhe devíamos dar infinitas graças — por haver quem, com tantos trabalhos, tenha alcançado a verdade que nós, ignorantes, desconhecemos.

Pasmo, muitas vêzes, de ver com quantos esforços adquiriram os letrados, especialmente os Religio-

sos, a ciência que me aproveita a mim, sem me custar mais trabalho do que perguntar. E haverá pessoas que não se queiram valer dêste meio? Não o permita Deus! Vejo-os sujeitos aos rigores da Religião, que são grandes; com penitências e má comida, rendidos à obediência, a tal ponto que algumas vêzes, confesso, me causas grande confusão; além disto, mau dormir, tudo trabalhos, tudo cruz. Parece-me que seria grande mal se alguém por sua culpa perdesse a ocasião de tirar proveito de tanto bem. E poderá ser que alguns de nós, que estamos livres dêsses labôres e vivemos à nossa fantasia, recebendo dêles o manjar guisado, como se costuma dizer, pensemos que levamos vantagem a tantos trabalhos, por têrmos um pouco mais de oração...

Bendito sejais Vós, Senhor, que tão inábil e sem proveito me fizestes! Muito e muito vos louvo, sobretudo por suscitardes a tantos que nos estimulem. Muito contínua deveria ser nossa oração por êsses que nos dão luz. Que seríamos sem êles, no meio de tantas tempestades que se desencadeiam agora sôbre a Igreja? Se alguns maus tem havido, mais resplandecerão os bons. Praza ao Senhor mantê-los de sua mão e ajudálos para que nos ajudem. Amém.

Apartei-me muito do que comecei a dizer, mas propositadamente, pois é tudo oportuno para que os principiantes, neste caminho tão alto, comecem de maneira a seguir sempre o verdadeiro rumo. Tornemos agora ao que dizia sôbre o pensar em Cristo atado à coluna. E' bom discorrer um pouco e pensar nas penas que ali teve; por quem as sofreu, quem é e o que padeceu e com que amor as passou; mas não se canse a alma em andar sempre buscando raciocínios, antes fique ali com Êle, deixando calar o entendimento. Se puder, ocupe-se em ver que o Senhor a está olhando, faça-lhe companhia, fale, peça, humilhe-se, regale-se com Êle e lembre-se de que não merecia estar ali. Quando puder fazer isto, mesmo que seja desde o princípio da oração, achará grande proveito, pois faz

muito bem êste modo de proceder; ao menos assim aconteceu à minha alma. Não sei se acerto em dizê-lo, Vossa Mercê julgará. Praza ao Senhor, acerte eu a contentá-lo sempre. Amém.

CAPÍTULO XIV

Começa a declarar o segundo grau de oração, que é já dar o Senhor a sentir à alma gostos mais particulares. Declara-o para dar a entender como são já sobrenaturais. E' muito de notar.

Já foi dito com que trabalho se rega êste vergel, à fôrça de braços, tirando água do poço. Digamos agora o segundo modo de a haurir, que o Senhor do hôrto ordenou para que com indústria, por meio de um tôrno e de alcatruzes, consiga o hortelão tirá-la em maior quantidade e com menos esfôrço e possa descansar sem estar contìnuamente trabalhando. Êste modo, aplicado à oração que chamam de quietação, é o que agora quero explicar.

Começa aqui a recolher-se a alma e já atinge ao sobrenatural, porque de nenhuma maneira o pode adquirir, por mais diligências que faça. Verdade é que parece ter-se cansado algum tempo em manejar o tôrno e encher os alcatruzes, trabalhando com o entendimento; a água porém já sobe mais, e assim se trabalha muito menos do que para a tirar do poço com baldes. Digo que a água está mais perto, porque a graça se dá mais claramente a conhecer à alma. Recolhem-se então as potências dentro de si para mais a seu gôsto gozarem do contentamento que sentem; contudo não ficam elas perdidas nem adormecidas. Só a vontade se ocupa, de maneira que, sem saber como, se cativa, dando apenas consentimento para que a encarcere Deus, como quem perfeitamente sabe ser es-

crava daquele a quem ama. O' Jesus e Senhor meu, quanto nos vale aqui vosso amor, pois traz o nosso tão atado, que não lhe deixa liberdade naquela hora para amar senão a Vós!

As outras duas potências ajudam a vontade para que se vá fazendo capaz de gozar de tanto bem; conquanto algumas vêzes aconteça desajudarem muito, mesmo estando unida a Deus a vontade. Então o melhor é que não faça caso delas, e se conserve no seu gôzo e quietação; porque se as quiser recolher, perder-se-á juntamente com elas. Podem ser comparadas, nessas ocasiões, a umas pombas que não se contentam com a comida que, sem trabalho seu, lhes dá o dono do pombal, e vão buscar de comer por outras partes, mas acham-se tão mal, que voltam; e assim vão e vêm, a ver se a vontade reparte com elas o que goza. Se o Senhor quer, lança-lhes comida e elas se detêm; se não, tornam a voar. Devem pensar que prestam serviço à vontade, e é o contrário, porque esta fica às vêzes prejudicada, quando a memória e a imaginação lhe querem representar o que goza. Guarde ela pois êste aviso e haja-se com estas potências do modo que vou dizer.

Tudo o que aqui se passa é com grandíssimo consôlo e com tão pouco trabalho, que a oração não cansa, ainda que dure muito tempo, porque o entendimento obra com muita suavidade e tira muito mais água do que apanhava no poço. As lágrimas que Deus aqui dá, já vão com gôzo; brotam naturalmente, sem esfôrço nosso.

Esta água de grandes bens e mercês que o Senhor dá aqui, faz crescer as virtudes incomparàvelmente mais que na oração passada. Já se vai a alma elevando acima de sua miséria, e recebendo alguma notícia dos gostos da Glória. Isto as faz crescer mais ràpidamente e também mais as aproxima da verdadeira virtude, de onde tôdas as virtudes procedem, que é Deus; porque começa Sua Majestade a comunicar-se a esta alma e quer que sinta de que modo se lhe comunica. Em chegando aqui, vai ela perdendo logo a

cobiça das coisas da terra, o que não é de admirar, porque vê claramente que nem um só momento daquele gôsto se pode adquirir cá em baixo; nem há riquezas, nem poderio, nem honras, nem deleites que bastem para dar vislumbre dêste contentamento, porque é verdadeiro e é gôzo que conhecidamente sacia. Quanto aos prazeres terrenos, pelo contrário, é raro — creio — entendermos onde está o contentamento: nunca falta algum *senão*. Nos do espírito tudo é gôzo no tempo que duram; o *senão* vem depois, por vermos que se acaba aquêle bem e que o não podemos recuperar, nem sabemos como, pois de pouco servirão penitências rigorosas, orações e tudo mais se o Senhor o não quiser dar. Quer Deus, por sua grandeza, dar a entender à alma que possui a Sua Majestade tão perto de si, que já não tem necessidade de lhe enviar mensageiros: basta-lhe falar com Êle e não muito alto, porque está já tão próximo, que por um menear de lábios a entende.

Parecerá descabido dizer isto, pois sabemos que sempre Deus nos entende e está conosco. Não há dúvida de que é assim, mas quer êste Imperador e Senhor nosso que sintamos aqui que nos ouve, e tenhamos consciência do que em nós produz sua presença. Dá a conhecer que quer particularmente começar a obrar na alma, pela grande satisfação interior e exterior que lhe dá e pela diferença que há, como disse, entre êste deleite e contentamento e os da terra. Parece encher o vácuo que por nossos pecados tínhamos feito na alma. E' muito no seu íntimo que ela goza esta satisfação, sem atinar por onde nem como lhe veio; muitas vêzes nem sabe o que há de fazer, querer ou pedir. Parece-lhe ter achado tudo junto e não sabe o que achou; nem sei eu como o dar a entender, porque para várias destas coisas ser-me-ia necessário ter letras. Aqui caberia bem, com efeito, explicar o que é auxílio geral e auxílio particular, que muitos o ignoram, e repetir como, em relação a êste tão particular, quer o Senhor que o veja a alma com seus olhos, como se costuma dizer. Ser-me-ia ainda preciso

ter ciência para muitas coisas que irão talvez erradas; mas, como êste relato há de ser lido por pessoas que conhecerão os erros, vou descuidada. Delas posso estar segura, tanto a respeito da doutrina como da espiritualidade, e sei que, tendo-o em seu poder, saberão entender e corrigir o que não estiver certo.

Quisera dar a entender bem isto, porque são primícias e, quando o Senhor começa a conceder tais mercês, a própria alma não as entende, nem sabe o que há de fazer. Se a leva Deus pelo caminho do temor, como fêz comigo, tem ela grande trabalho se não há quem a entenda; e quando lhe fazem uma pintura de seu estado, acha grande gôsto, porque então vê claramente que vai por ali. E' grande bem saber o modo de proceder, para aproveitar, em qualquer estado dêstes. Sofri muito e perdi bastante tempo por ignorar o que havia de fazer; e sinto grande lástima das almas que se vêem sòzinhas neste ponto, porque tenho lido muitos livros espirituais e vejo que, embora toquem no essencial, explicam bem pouco. Mesmo que explicassem muito, aliás, se a alma não fôr profundamente exercitada, terá bastante que fazer para entender a si mesma.

Bem quisera eu que me favorecesse o Senhor para declarar os efeitos que produzem na alma estas coisas, que já começam a ser sobrenaturais, para que por êsses efeitos se conheça quando vêm do espírito de Deus. Êste conhecimento, porém, será tal qual se pode ter na terra. Sempre é bom andarmos com temor e recato, pois ainda que sejam de Deus os favores, alguma vez poderá o demônio transfigurar-se em anjo de luz. Isto não o entenderá a alma se não fôr exercitada, e tão exercitada que é mister já ter chegado muito ao cume da oração para o entender. Ajuda-me pouco, neste trabalho, a escassez do tempo de que disponho, e será preciso Sua Majestade fazê-lo por mim, pois tenho de andar com a Comunidade e

dar conta de muitas ocupações, estando em casa recentemente fundada[1], como depois se verá. Assim, sem muito lugar e pouco a pouco é que escrevo, ao passo que desejaria fazê-lo de outro modo, pois quando o Senhor dá espírito, tudo se faz melhor e com mais facilidade. E' como quem tem um modêlo diante de si e está copiando um debuxo; mas quando falta o espírito, não se acham mais os têrmos, é uma algaravia, a modo de dizer, ainda que se tenha tido por muitos anos exercício de oração. Parece-me grandíssima vantagem, quando escrevo sôbre um grau, o estar nêle, porque então vejo claramente que não sou eu que falo, nem o ordeno com o entendimento, nem sei depois como acertei a dizer. Isto me acontece freqüentemente.

Tornemos agora ao nosso hôrto ou vergel e vejamos como começam as suas árvores a abundar em seiva para dar flôres e depois frutos e como os cravos e outras flôres estão prestes a desabrochar para espargirem seus perfumes. Regala-me esta comparação. Muitas vêzes, em meus princípios — e praza ao Senhor tenha eu agora começado a servir Sua Majestade! — digo, nos primeiros tempos do que narrarei daqui por diante sôbre minha vida, era para mim de grande deleite considerar minha alma como um jardim e ver o Senhor passeando nêle. Suplicava-lhe que aumentasse o olor das florezinhas de virtudes que começavam a querer brotar, segundo me parecia, de modo que fôssem para sua glória; pedia-lhe que as sustentasse, pois eu nada queria para mim, e cortasse as que quisesse, certa de que tornariam a brotar mais viçosas. Falei em cortar porque vêm tempos em que não resta quase vestígios dêste jardim; parece ter secado tudo e não haver esperança de água para o sustentar. Ninguém diria que houve jamais na alma alguma virtude!... Passa-se muita aflição, porque quer o Senhor que o pobre jardineiro julgue perdido todo o traba-

---

1) O Convento de S. José de Avila, primeiro da Reforma Carmelitana.

lho que teve para o cultivar e regar. Então é o verdadeiro momento de cavar a terra para arrancar pela raiz as más ervas que ficaram, embora pequenas, e de conhecer que não há diligência que baste quando Deus nos tira a água da graça. Assim teremos em pouco o nosso nada e veremos que é ainda menos que nada. Ganha-se aqui muita humildade e logo tornam de novo a crescer as flôres.

O' Senhor e Bem meu! Não posso dizer isto sem lágrimas e grande regalo de minha alma! Como quereis Vós, Senhor, estar assim conosco, e como o estais no Sacramento, onde com tôda verdade se pode crer que permaneceis, pois é de fé! Com muita propriedade podemos fazer a comparação de que me servi. E, se por nossa culpa não perdermos a vossa companhia, convosco poderemos deleitar-nos, e Vós folgareis conosco, pois dizeis que as vossas delícias são estardes com os filhos dos homens (Prov 8, 31). O' Senhor meu! Que é isto? Nunca ouvi estas palavras sem sentir grande consôlo, ainda quando estava muito perdida. Será possível, Senhor, que uma alma chegada a tal ponto, recebendo de Vós semelhantes mercês e regalos e sabendo que vos folgais com ela, vos torne a ofender, depois de tão grandes favores e tão grandes mostras do amor que lhe tendes, do qual não pode duvidar, pois tão claramente o vê nas obras? Sim, há, por certo, uma que assim procedeu, não uma vez senão muitas, e essa alma sou eu! E praza a vossa bondade, Senhor, seja eu só a ingrata e a que tenha feito tão grande maldade e tido tão excessiva ingratidão. Ao menos de mim já algum bem tem tirado vossa infinita bondade; e quanto maior foi o mal, mais resplandece o grande bem de vossas misericórdias. E com quanta razão as posso para sempre cantar! Suplico-vos, Deus meu, que assim seja e que as cante eu sem fim, já que haveis tido por bem fazê-las tão imensas comigo, que se pasmam os que as vêem. Muitas vêzes, fico fora de mim, para melhor poder louvar-vos, pois a mim voltando, sem Vós, nada poderia, Senhor meu: as flôres

dêste hôrto tornariam a ser cortadas, de sorte que esta miserável terra volveria a servir de monturo, como antes. Não o permitais, Senhor, nem queirais que se perca alma que com tantos trabalhos comprastes e tantas vêzes tornastes a resgatar, arrancando-a dos dentes do medonho dragão.

Perdoe-me Vossa Mercê apartar-me do assunto; e não estranhe que de mim mesma fale. Estas digressões dependem da impressão que faz sôbre a alma o que se escreve. Às vêzes custa-me deixar de prorromper longamente em louvores a Deus, quando, à medida que vou escrevendo, se me representa o muito que lhe devo. Creio que não desagradará isto a Vossa Mercê, porque ambos, ao que me parece, podemos entoar o mesmo cântico, embora de diferente maneira: pois devo muito mais a Deus, tendo-me Êle mais perdoado, como Vossa Mercê bem sabe.

CAPíTULO XV

Prossegue na mesma matéria e dá alguns avisos sôbre o modo de proceder na oração de quietação. Trata de como são muitas as almas que chegam a ter esta oração e poucas as que passam adiante. São muito necessárias e proveitosas as coisas que aqui se apontam.

Tornemos agora ao nosso propósito. Tal quietação e recolhimento é coisa que a alma muito sente, pela satisfação e paz que nela se derrama, com grandíssimo contentamento e sossêgo das potências e suavíssimo deleite. Como nunca chegou a mais, parece-lhe que nada lhe resta a fazer, e de bom grado diria com S. Pedro (Mt 17, 4) que fôsse sempre ali sua morada. Não se ousa agitar nem menear, com temor de que lhe escape das mãos aquêle bem; por vêzes quisera nem respirar. Não percebe a pobrezinha que, se de sua par-

te não teve poder para trazer a si aquêle bem, menos o terá para o conservar além do que aprouver ao Senhor. Já afirmei que neste primeiro recolhimento não se perdem as potências da alma. Esta, porém, tão satisfeita se sente com Deus, que, enquanto dura seu contentamento, tendo a vontade unida a Êle, não perde a quietação e o sossêgo, ainda que se extraviem o entendimento e a memória; ao invés, torna pouco a pouco a recolher um e outra. A razão disto é que, embora não totalmente engolfada, está tão bem ocupada, sem saber como, que por mais diligências que as duas potências façam, não lhe podem arrebatar o contentamento e o gôzo; antes, muito sem trabalho, vai alimentando esta centelha do amor de Deus para que se não apague. Praza a Sua Majestade conceder-me a graça de fazer compreender bem isto, porque há muitas, muitas almas que chegam a êste estado e poucas são as que passam adiante; e de quem a culpa, não sei. Certamente não é Deus que falta, pois se Sua Majestade lhes faz a mercê de as levar até êste ponto, creio que não cessará de lhes fazer outras muitas, a menos de não achar correspondência. E importa extremamente que, em chegando aqui, a alma conheça a dignidade grande em que está e a grande mercê que recebeu do Senhor. Veja com quanta razão não deveria ser mais da terra, pois, se o não desmerecer, já parece que a Divina Bondade a faz cidadã do céu. Desventurada será se tornar atrás! Penso que seria ir sempre para baixo, como teria acontecido comigo, se a misericórdia do Senhor me não tivesse recuperado. Pela maior parte será por culpas graves, a meu ver; não é possível deixar tão grande bem sem grande cegueira de muito mal. Assim rogo, por amor do Senhor, às almas às quais Sua Majestade haja feito tão imensa mercê elevando-as a êste estado, que se conheçam e se tenham em muita conta, com humildade e santa presunção, para não tornarem aos manjares do Egito. E, se por sua fraqueza, sua maldade e seu ruim e miserável natural, caírem como eu, tragam sempre

diante dos olhos o bem que perderam e andem alarmadas e temerosas. Justo é que temam, pois se não tornarem à oração, hão de ir de mal a pior. Verdadeiramente chamo eu queda a das almas que aborrecem o caminho por onde ganharam tanto bem. Falando a estas, não lhes digo que já não hão de ofender a Deus nem cair em pecados, conquanto fôsse bem conforme à razão que dêles muito se guardasse quem começou a receber tais mercês; mas, enfim, somos miseráveis. O que lhes recomendo muito é que não deixem a oração; pois por êste meio hão de compreender seu estado e alcançarão do Senhor arrependimento e fortaleza para se levantarem; e creiam, creiam, que, se se apartarem da oração, ficarão, a meu ver, em perigo. Não sei se bem me explico, porque, como já disse, julgo por mim.

E', pois, esta oração uma centelhazinha de seu verdadeiro amor que começa o Senhor a acender na alma; e quer dar-lhe a compreender que coisa é êsse regalado amor. Essa quietação, êsse recolhimento, essa centelhazinha, é espírito de Deus e não gôsto dado pelo demônio ou procurado por nós; a quem tem experiência é impossível não entender logo que é coisa que se não pode adquirir. Acontece, porém, que é tão ávido de manjares saborosos o nosso natural, que tudo prova; mas fica logo completamente frio, e, por mais que queira atear o fogo para alcançar êste gôsto, antes parece que lhe deita água para o apagar. Quanto à centelhazinha posta por Deus, faz muito ruído, por pequenina que seja; e se a alma não a extingue por sua culpa, é ela que começa a atear o grande fogo que lança as labaredas do grandíssimo amor de Deus que Sua Majestade faz lavrar nas almas perfeitas, como direi em seu lugar.

E' esta centelha um sinal ou garantia, que dá Deus à alma, de a ter já escolhido para grandes coisas, se ela se dispuser para as receber. E' especial dom, muito maior do que o poderei dizer. Sinto grande lástima, porque — repito — conheço muitas almas que

chegam até aqui; e as que passam adiante, como seria justo, são tão raras, que tenho vergonha de dizer. Não afirmo positivamente que haja poucas: muitas certamente haverá — pois não é debalde que nos sustenta Deus, — mas digo o que tenho visto. Quisera com muita instância avisá-las de que procurem não esconder seu talento, pois o Senhor parece ter querido escolhê-las para proveito de muitas outras almas, especialmente nestes tempos em que há necessidade de amigos fortes de Deus para sustentarem os fracos. Tenham-se em conta de tais os que em si reconhecerem esta mercê, e saibam corresponder ao Senhor, observando as injunções da boa amizade que até o mundo exige dos seus. Se não fôr assim, repito, desconfiem e tenham mêdo de fazerem mal a si; e praza a Deus que não façam também aos outros. O que há de fazer a alma nos tempos desta quietação, não é mais do que gozar com suavidade e sem ruído. Chamo ruído andar com o entendimento buscando muitas palavras e considerações para dar graças dêste benefício e amontoar pecados e faltas para ver que o não merece. Tôdas estas lembranças aqui se agitam; o entendimento apresenta razões, a memória não sossega... Confesso que por vêzes essas potências me cansam, pois, com ter tão pouca memória, não consigo subjugá-la. A vontade, com paz e discrição, entenda que não é à fôrça de braços que se trata com Deus; e que as reflexões são grandes achas de lenha que, postas sem discernimento sôbre esta centelha, só servem para apagá-la. Reconheça-o e diga com humildade: — Senhor, que posso eu aqui? Que tem que ver a serva com o Senhor e a terra com o céu? — Ou outras palavras de amor que brotam espontâneamente, com grande convicção da verdade do que diz; e não faça caso do entendimento, que é semelhante a um moinho sempre em atividade. Muitas vêzes ver-se-á a alma neste sossêgo e nesta união da vontade, mas com o entendimento muito alheado. Não lhe queira dar então parte do que goza, nem trabalhe para o re-

colher; mais vale abandoná-lo; não vá, isto é, não mande a vontade em seu encalço. Fique gozando daquela mercê e conserve-se recolhida como sábia abelha. Com efeito, se nenhuma das abelhas entrasse na colmeia e tôdas fôssem à procura umas das outras, como poderiam fabricar o mel?

Assim é que perderá muito a alma se neste ponto não tiver cuidado; especialmente se fôr do número de certos entendimentos agudos, que, em se pondo a ordenar práticas e buscar razões, achando belas palavras logo pensam ter feito alguma coisa. O que se pode aqui razoàvelmente deduzir é que nenhuma razão há para que nos faça Deus tão grande graça, a não ser, ùnicamente, por sua bondade. Estando tão perto de Sua Majestade, havemos de pedir-lhe mercês, rogar-lhe pela Igreja, pelos que se recomendaram a nós e pelas almas do Purgatório; não com ruído de palavras, senão com sentimento e desejo de que nos ouça. E' oração que abraça muito, e com ela se alcança mais do que com muitos discursos do entendimento. Desperte em si a vontade, para avivar êste amor, algumas razões que se lhe apresentarão por se ver tão melhorada, e produza alguns afetos amorosos, propondo tudo fazer por Aquêle a quem tanto deve. Tudo isto, como já disse, sem admitir ruído do entendimento, muito amigo de andar à cata de grandes considerações. Mais ajudam aqui umas palhinhas postas com humildade — e é menos que palha o que vem de nós — e mais servem para acender êste fogo, do que uma porção de lenha de razões muito doutas a nosso parecer, que no espaço de um credo o abafarão. Êste aviso é bom para os letrados que me mandam escrever, pois pela bondade de Deus todos chegam aqui e sem esta advertência poderá ser que se lhes vá o tempo em aplicar textos da Escritura. Ainda que as letras não deixem de ser de grande proveito antes e depois, pouca necessidade há delas, ao que me parece, enquanto dura esta oração. Só serviriam para entibiar a vontade, porque então, de se ver tão perto da luz,

está o entendimento com grandíssima claridade, a tal ponto que até eu, sendo quem sou, pareço outra. Estando nesta quietação, apesar de não entender quase nada do que rezo em latim, especialmente o Saltério, tem-me acontecido compreender os versículos como se estivessem na nossa língua; e não só isto, mas regalar-me também com o sentido encerrado nas palavras.

Em relação aos letrados, excetuo o caso de haverem de pregar ou ensinar, porque então será justo que se utilizem daquele bem em proveito de pobres ignorantes como eu. E' grande coisa a caridade e bem assim o zêlo pelo aproveitamento das almas, contanto que puramente se busque a Deus. Convém, pois, que nestes tempos de quietação também os doutos deixem a alma descansar no seu repouso junto de Deus, pondo de lado as letras. Tempo virá em que, sendo-lhes o saber de muita utilidade porque grande auxílio presta para o serviço do Senhor, o terão em tanto aprêço, que por nenhum tesouro quereriam ter deixado de aprender, no intuito único de servirem a Sua Majestade. Ante a Sabedoria Infinita, todavia, vale mais — creiam-me — um pouco de exercício de humildade e apenas um ato desta virtude, do que tôda a ciência do mundo. Aqui não cabe argumentar, senão conhecer com lhaneza o que somos e com simplicidade apresentar-nos diante de Deus. Quer Êle que em sua presença a alma se faça pequenina e de fraca inteligência [1], como na verdade é, pois Sua Majestade, sendo nós o que somos, muito se humilha em suportá-la junto de Si.

Também se move o entendimento a dar graças com belas palavras; mas a vontade com sossêgo, não ousando sequer levantar os olhos, como o publicano, sabe agradecer melhor do que tudo que o entendimento, dando voltas à retórica, porventura pode fazer. Enfim, aqui não se há de deixar de todo a oração mental, nem algumas palavras, mesmo articuladas, se al-

1) O original diz "bôba".

guma vez a alma o quer ou consegue fazer, pois quando a quietação é grande, mal se pode falar, a não ser com muito esfôrço. Sente-se, a meu parecer, se é espírito de Deus ou procurado por nós, isto é: se, com um comêço de devoção que Deus nos dá, queremos, como já disse, passar por nós mesmos a esta quietação da vontade. Neste último caso, nenhum efeito produz; acaba depressa e deixa secura. Se vem do demônio, qualquer alma exercitada o entenderá, penso eu, porque produz inquietação, pouca humildade e pouca disposição para os efeitos próprios do espírito de Deus; não deixa luz no entendimento nem firmeza na vontade.

Pouco ou nenhum dano daí pode resultar se a alma só a Deus atribuir o deleite e a suavidade que sente, pondo nêle seus pensamentos e desejos, como já recomendei. Nada pode ganhar o inimigo, antes permitirá o Senhor que perca muito, com o mesmo deleite que causa à alma, porque esta, julgando que é de Deus, será movida a ir muitas vêzes à oração pela avidez de o gozar. Se fôr humilde e não curiosa nem arrastada pelo interêsse de deleites mesmo espirituais, senão amiga de cruz, fará pouco caso do gôsto originado pelo espírito maligno. Não poderá fazer assim, antes o terá em grandíssimo aprêço, se fôr espírito de Deus. O demônio quando age, como êle é todo mentira, ao ver que com o gôsto e deleite se humilha a alma — porque esta se há de empenhar em sair humilde de tôdas as graças e consolações da oração — não tornará muitas vêzes, vendo que perde. Por esta razão e por muitas outras, avisei eu, tratando do primeiro modo de orar ou primeira água, ser de grande importância, que ao começarem as almas a oração, se desapeguem de todo gênero de contentamento e entrem nesse caminho determinadas ùnicamente a ajudarem Cristo a levar a cruz, como bons cavaleiros que sem sôldo querem servir a seu Rei, pois bem seguro têm o galardão. Tenhamos os olhos no verdadeiro e perpétuo reino que pretendemos ganhar!

E' grandíssima coisa trazer isto sempre diante dos olhos, especialmente nos princípios; pois mais tarde tão claramente se conhece o pouco que duram tôdas as coisas, o nada que tudo é e a nenhuma conta em que se há de ter o descanso, que é preciso antes olvidá-lo para poder viver, do que procurar trazê-lo à memória. Parecem muito rudimentares tais ponderações e na verdade o são. Os mais adiantados na perfeição as teriam por afronta e se envergonhariam só com o pensamento de que deixam os bens dêste mundo porque se hão de acabar. Se êstes durassem para sempre, alegres os deixariam por Deus; e, quanto mais perfeitos e duradouros fôssem, tanto mais se alegrariam.

Aqui nestas almas está já crescido o amor e é êle que age; mas para os que começam é importantíssimo alimentar tais pensamentos; e não os tenham por baixos, pois é grande bem o que por êste meio se adquire, razão pela qual o recomendo tanto. Sei que lhes servirá, e ajudará mesmo aos muito elevados na oração, em certos tempos em que Deus os quer provar de tal modo, que parecem abandonados por Sua Majestade. Sim, pois como já disse — e quisera que nunca o esquecessem — nesta vida transitória a alma cresce, como costumamos dizer, e é grande verdade, mas não à maneira dos corpos. Assim, um menino, depois que cresce e adquire pleno desenvolvimento, tornando-se homem, não diminui nem volta a ter corpo de criança; com a alma, porém, permite o Senhor que se dê o contrário. Pelo que vi em mim, e não por outro modo, o sei. Com isso, certamente, quer Êle nos manter em humildade para nosso grande bem e para que não nos descuidemos enquanto vivermos neste destêrro, pois quem mais alto estiver, mais há de temer e menos fiar de si. Ocasiões há em que as mesmas almas que já submeteram tão inteiramente sua vontade à de Deus, que para não incorrerem em imperfeição se deixariam atormentar e afrontariam mil mortes, se vêem tão assaltadas por tentações e perseguições, que para o não ofenderem, têm necessidade de

recorrer às primeiras armas da oração, tornando a pensar que tudo acaba e que há céu e inferno e outras coisas semelhantes.

Tornando agora ao que dizia, grande fundamento é, para uma alma livrar-se dos gostos e ardis provenientes do demônio, o resolver-se desde o princípio, com determinação, a seguir o caminho da cruz, sem desejar consolações, pois o mesmo Senhor mostrou ser essa a estrada da perfeição, dizendo: *Toma tua cruz e segue-me* (Mt 16, 24). E' Êle nosso modêlo; não tem que temer, quem só para lhe dar gôsto seguir seus conselhos.

No aproveitamento que virem em si, entenderão estas almas que as mercês recebidas não procedem do demônio. Ainda que tornem a cair, levantam-se prontamente e é isto um sinal que lhes fica de que ali estêve o Senhor além de outros que agora direi. Quando é espírito de Deus, não é mister andar atrás de considerações para auferir humildade e confusão; o Senhor mesmo as dá, de maneira bem diferente do que podemos granjear com as nossas consideraçõezinhas. Estas nada valem em comparação duma verdadeira humildade, acompanhada de luz, que aqui ensina o Senhor, causando tal confusão que a alma parece aniquilar-se. E' coisa muito notória a compreensão que Deus dá para que entendamos que por nós mesmos nenhum bem possuímos; e quanto maiores são as mercês, maior é a compreensão. Infunde o Senhor à alma grande deseja de progredir na oração e de não a deixar por nenhuma coisa de trabalho que possa advir; faz que ela a tudo se ofereça; inspira-lhe segurança, com humildade e temor, de que se há de salvar. Livrando-a do temor servil, dá-lhe temor filial muito maior. Vê a alma começar em si um amor a Deus muito sem interêsse próprio; deseja tempo e solidão para mais gozar dêsse bem.

Enfim, para não me cansar, digo que é um princípio de todos os bens; um abotoar das flôres, às quais falta um quase nada para desabrocharem. Isto verá

muito claramente a alma; e de nenhuma maneira poderá então convencer-se de que não estêve Deus com ela, até que, voltando a se ver com faltas e imperfeições, tudo teme. E é bem que tema; conquanto certas almas aproveitem mais com a crença inabalável de que foram favorecidas por Deus, do que com todos os temores que lhes possam incutir. A que é naturalmente amorosa e agradecida mais se move a tornar a Deus com a memória da mercê que dêle recebeu, do que com a lembrança de todos os castigos do inferno. Ao menos com a minha, apesar de tão ruim, acontecia isto.

Porque os sinais do bom espírito se irão dizendo mais adiante, não os direi mais aqui. Quantos trabalhos me custou para os tirar a limpo! Creio que, com o favor de Deus, nisto atinarei um pouco, porque, além da experiência, que me tem feito aprender muito, o tenho sabido de vários letrados mui doutos e de pessoas de grande santidade, às quais é justo dar crédito. Mediante êstes avisos, as almas que pela bondade do Senhor até aqui chegarem, não passarão pelas aflições por que eu passei.

CAPÍTULO XVI

Trata do terceiro grau de oração e vai declarando coisas muito elevadas. Explica o que pode a alma que a êle chega e os efeitos produzidos por estas tão grandes mercês do Senhor. E' muito próprio para arrebatar o espírito em louvores de Deus e para dar grande consôlo a quem chegar ao referido grau.

Vamos agora a falar da terceira água com que se rega nosso hôrto. E' água corrente de rio ou de fonte e rega com muito menos trabalho, embora seja preciso algum para a encaminhar. Quer aqui o Se-

nhor ajudar o hortelão, de maneira que quase é Êle o jardineiro e quem faz tudo. E' um sono das potências, que nem de todo se perdem, nem entendem como obram. O gôsto, a suavidade e o deleite são incomparàvelmente maiores que na oração passada. E' que a alma, estando quase totalmente submergida na água da graça, já não pode, nem sabe, ir adiante ou tornar atrás; quereria gozar de grandíssima glória. E' como um agonizante que está com a vela na mão; pouco lhe falta para morrer e deseja a morte. Está gozando naquela agonia com o maior deleite que se pode imaginar. Não me parece outra coisa senão um morrer quase totalmente a tôdas as coisas do mundo e estar gozando de Deus. Não conheço outros têrmos para o exprimir ou declarar. Não sabe então a alma o que fazer: se fale, se fique em silêncio, se ria, se chore. E' um glorioso desatino, uma celestial loucura, onde se aprende a verdadeira sabedoria; e para a alma é maneira deleitosíssima de gozar.

Assim é que me deu o Senhor em abundância e muitas vêzes esta oração, creio que há cinco ou seis anos, mas nem a compreendia eu nem seria capaz de a explicar; de modo que tinha resolvido dizer muito pouco, ou nada, ao chegar aqui. Bem entendia que não era inteiramente união de tôdas as potências e via com clareza que era superior à passada; contudo, confesso, não podia determinar, nem percebia onde estava a diferença. Creio que pela humildade de Vossa Mercê em querer ser ajudado por uma simplicidade tão grande como a minha, quando hoje acabava eu de comungar, deu-me o Senhor esta oração sem me ser possível ir adiante; sugeriu-me estas comparações e ensinou-me a maneira de dizer, bem como o procedimento que há de ter aqui a alma. Certo é que me espantei de logo compreender. Muitas vêzes estava eu assim, como desatinada e embriagada de amor, sem jamais ter podido penetrar o que era. Bem via ser obra de Deus, mas não podia entender sua ação, porque embora as potências se achem, de fato, quase in-

teiramente unidas a Êle, não estão tão engolfadas que deixem de agir. Gostei extremamente de agora o ter entendido. Bendito seja o Senhor, que assim me regalou!

Só de se ocuparem totalmente de Deus são capazes as potências. Dir-se-ia que nenhuma ousa mexer-se; nem podemos fazer que se movam, salvo com muito esfôrço para nos distrairmos, e ainda assim não me parece que poderíamos consegui-lo inteiramente. Proferem-se, então, muitas palavras de louvor a Deus, sem ordem, se o mesmo Senhor não as concerta. Pelo menos o entendimento de nada vale neste ponto. Quisera a alma bradar em altas vozes mil louvores; está que não cabe em si; num desassossêgo saboroso. Já lá se abrem as flôres, já começam a exalar seus perfumes. Quisera a alma que todos a vissem e entendessem sua glória, a fim de a ajudarem a dar louvores a Deus; e desejaria comunicar-lhes parte do seu gôzo, porque se sente incapaz de gozar tanto. Faz-me pensar na mulher da qual diz o Evangelho (Lc 15) que queria chamar ou chamava suas vizinhas. Isto, ao que me parece, devia sentir o admirável espírito do real profeta David, quando tocava a harpa e cantava celebrando os louvores de Deus. Dêste glorioso Rei sou eu muito devota e quisera que todos o fôssem, especialmente os que somos pecadores.

Oh! valha-me Deus! Como fica, então, a alma! Quisera ser tôda línguas para louvar o Senhor! Diz mil santos desatinos, atinando sempre em contentar Aquêle que a põe em tal estado. Duma pessoa [1] sei que, sem ser poeta, lhe acontecia improvisar estrofes mui sentidas, declarando bem sua pena; não as fazia com o entendimento, senão que, para mais gozar a glória que tão saborosa pena lhe dava, dela se queixava a seu Deus. Quisera desfazer-se tôda, corpo e alma, para exprimir o gôzo que causa êste penar. Que torturas a ameaçariam, que não tivesse por saboroso sofrê-las pelo seu Senhor? Vê com evidência que quase nada por si mesmo faziam os Mártires em passar

---

1) Fala de si mesma.

tormentos, pois bem conhece que de outra parte vem a fortaleza. Mas quanto sentirá ter de voltar à razão para de novo viver no mundo e atender aos seus cuidados, às suas cortesias? Parece-me não ter feito encarecimento que não seja baixo em comparação do que, neste gênero de delícias, quer o Senhor que goze a alma em seu destêrro. Bendito sejais para sempre, Senhor; e eternamente vos louvem tôdas as coisas. Enquanto isto escrevo, Rei meu, não estou fora dessa santa loucura celestial de que me fazeis mercê por vossa bondade e misericórdia, tão sem méritos meus. Havei por bem agora, eu vos suplico, que fiquem loucos de vosso amor todos aquêles com quem eu tratar, ou permiti que doravante com mais ninguém trate, ou fazei, Senhor, que eu já não tenha em conta nenhuma coisa do mundo; ou tirai-me dêle. Já não pode, Deus meu, esta vossa serva sofrer tantos tormentos que lhe advêm de se ver sem Vós, Senhor. Quisera já a alma, neste estado, ver-se livre: mata-a o comer; aflige-a o dormir; vê que se lhe passa o tempo da vida em regalos e que nada mais a pode regalar fora de Vós. Parece viver contra a natureza, pois já não quisera viver em si, senão em Vós.

O' verdadeiro Senhor e Glória minha, leve e ao mesmo tempo pesadíssima cruz tendes aparelhada para quem chega a êste ponto! Leve porque é suave; pesada porque há vêzes em que não há paciência que a sofra. Contudo jamais quisera a alma ver-se livre dela, salvo para já se ver convosco. Quando se recorda de que não vos há servido em nada e que vivendo pode servir-vos, quisera carregar-se de cruz muito mais pesada e nunca morrer até o fim do mundo. Não faz o mínimo caso de seu descanso a trôco de vos prestar um pequeno serviço; não sabe o que desejar, mas bem entende que não deseja outra coisa senão a Vós.

O' filho meu! Falo assim porque é tão humilde, que assim quer ser chamado aquêle a quem isto vai dirigido e em obediência de cuja ordem escrevo. Guarde só para si algumas coisas em que vir Vossa Mercê

que excede dos limites; porque não há razão que baste para me impor comedimento quando o Senhor me põe fora de mim. Não creio que sou eu que falo desde que comunguei esta manhã. Tenho a impressão de sonhar o que vejo, e não quisera encontrar senão enfermos do mal de que agora estou ferida. Suplico a Vossa Mercê: sejamos todos loucos, por amor daquele que por nós assim quis ser chamado. Já que Vossa Mercê — conforme declara — me estima, quero que mo prove, dispondo-se para que Deus lhe faça êste favor, porque vejo muito poucos que não tenham demasiado senso quando se trata de seus interêsses. Pode bem ser que o tenha eu mais que todos. Não mo consinta Vossa Mercê, Padre meu, pois é meu confessor de quem fiei minha alma. Desengane-me com verdade, embora se use muito pouco dizer as coisas tais quais são.

Êste pacto quisera eu que fizéssemos, os cinco que atualmente nos amamos em Cristo[1]: assim como outros, nestes últimos tempos, se juntavam secretamente para contra Sua Divina Majestade urdir maldades e heresias, procuremos nós reunir-nos alguma vez, a fim de nos desenganarmos mùtuamente. Juntos veremos os defeitos a corrigir e o modo de contentar mais a Deus; pois não há quem tão bem se conheça como nos conhecem os que nos estão olhando, se é com amor e cuidado de nosso proveito. Digo: secretamente, porque já não se usa mais esta linguagem; até os pregadores vão dispondo seus sermões de modo a não descontentar os ouvintes. Boa será a intenção e boa também a obra, mas dêste modo poucos se emendam. E qual a razão de não serem muitos os que pelos sermões deixam vícios públicos? Sabe o que me parece? E' que têm demasiado senso os que pregam. Não estão fora de si com o grande fogo do amor de Deus, como estavam os Apóstolos, e assim pouco ca-

1) Pensa o Pe. Silvério de Santa Teresa que seriam: o Padre Mestre Daza, Francisco de Salcedo, D. Guiomar de Ulloa e o Padre Ibáñez. Julgamos que um dêstes deve ser substituído pelo Padre Garcia de Toledo.

lor dá esta chama. Não digo que os igualem em ardor, mas quisera mais fogo do que agora vejo. Sabe Vossa Mercê o que deve ajudar muito? E' já ter aborrecimento à vida e pouca estima à honra. Aos Apóstolos, não se lhes dava mais perder tudo do que ganhar tudo, a trôco de dizerem uma verdade e de a sustentarem para glória de Deus; pois os que deveras tudo arriscaram por Sua Majestade, com igual ânimo levam uma ou outra coisa. Não digo que sou dêste número, mas bem o quisera ser. Oh! grande liberdade é considerar cativeiro o haver de tratar e viver conforme às leis do mundo! Alcançada do Senhor essa liberdade, não há escravo que não arrisque tudo para se resgatar e tornar à sua terra. E' êste, pois, o verdadeiro caminho, e não há que parar nêle. Seria nunca chegar a adquirir tão grande tesouro, até que se nos viesse a acabar a vida. Rompa Vossa Mercê isto que digo, se lhe parecer; tome-o particularmente como carta e perdõe-me por me ter mostrado muito atrevida.

CAPÍTULO XVII

Prossegue na mesma matéria, declarando o terceiro grau de oração. Acaba de expor os efeitos que produz. Diz os impedimentos provindos da imaginação e da memória.

Razoàvelmente explicado ficou êste grau de oração e o modo pelo qual nêle há de proceder a alma, ou por melhor dizer, o que nela faz Deus, que se digna tomar o ofício de hortelão, querendo que ela folgue. Só cabe à vontade consentir naquelas mercês que goza e oferecer-se a tudo quanto nela quiser obrar a verdadeira sabedoria. Para tudo é mister ânimo, não há dúvida; porque é tanto o gôzo, que algumas vêzes parece faltar quase nada para a alma acabar de sair do corpo. E que venturosa morte seria!...

Aqui me parece muito bom, como foi dito a Vossa Mercê, abandoná-la totalmente entre os braços de Deus. Se quiser Êste levá-la ao céu, vai; se ao inferno, não tem pena, contanto que vá com seu único Bem; se a deixar viver mil anos, também lhe apraz. Disponha dela Sua Majestade como de coisa própria; já não pertence a si mesma; está inteiramente dada ao Senhor e despreocupada de tudo. Digo que, quando Deus concede tão alta oração, a alma pode fazer tudo isso e muito mais — pois tais são seus efeitos — e entende que o faz sem nenhum cansaço do entendimento. Só está como espantada, ao que me parece, de ver que o Senhor faz tão bem o ofício de jardineiro e não lhe quer deixar trabalho algum senão o deleite de ir aspirando o perfume das flôres. Em uma só destas visitas, por pouco que dure, é tal o hortelão, que, afinal como Criador da água, rega o hôrto sem medida. O que a pobre da alma porventura em vinte anos, com trabalho e cansaço do entendimento, não conseguiu granjear, faz o celestial hortelão num instante; a fruta cresce e fica sazonada, de maneira a poder ela sustentar-se com os produtos de seu hôrto, querendo-o assim o Senhor. Mas não lhe dá Êle licença para repartir a fruta, até que se fortaleça com o que dela comer. Não a gaste tôda provando-a apenas e dando-a aos outros, pois nem tirará proveito, nem receberá paga daqueles a quem a der. Procure antes conservar o que tem, e não se mêta a dar de comer à sua custa, ficando porventura a morrer de fome. As inteligências às quais me dirijo são tais, que o saberão entender bem e aplicar melhor do que eu sei dizer, por mais que me canse.

Em suma, ficam agora mais fortes as virtudes do que na precedente oração de quietação. Sente-se outra a alma e, sem saber como, começa a obrar grandes coisas, com o perfume que se desprende das flôres. Quer o Senhor que estas desabrochem e ela veja em si virtudes, embora compreendendo muito bem que não as podia nem pôde adquirir em muitos anos,

ao passo que naquele pouquinho tempo lhas deu o hortelão celestial. Aqui é muito maior e mais profunda a humildade com que fica a alma, do que no grau passado; porque mais claramente vê que de sua parte não fêz pouco nem muito; apenas consentiu que o Senhor lhe fizesse mercês, e com sua vontade abraçou-as. E' êste modo de oração, ao meu ver, união muito evidente de tôda a alma com Deus. Parece que quer Sua Majestade dar licença às potências para entenderem e gozarem o muito que ali opera. Acontece, alguma e até muitíssimas vêzes, estando assim unida a vontade, o que vou dizer, para que Vossa Mercê que é possível e entenda quando o tiver. Digo-o aqui, porque, ao menos a mim, me punha tonta e perplexa. Sente-se que a vontade está gozando e atada, em muita quietação, mas só ela; e por outra parte estão o entendimento e a memória tão livres, que podem tratar de negócios e aplicar-se a obras de caridade.

Embora pareça haver o mesmo estado, há diferença entre a oração de quietação e a de que falo agora, porque na primeira a alma não quereria agir nem se mover, gozando naquele santo ócio de Maria; na segunda, pode ela também ser Marta. Assim está quase simultâneamente exercitando vida ativa e contemplativa: pode ocupar-se de obras de caridade, tratar de negócios concernentes ao seu estado e mesmo ler, ainda que não esteja de todo senhora de si e perceba bem que em outro lugar está a melhor parte de si mesma. E' como se estivéssemos falando com uma pessoa, e outra nos falasse de outro lado: nem bem estaríamos com uma, nem bem com a outra.

E' coisa que se sente muito claramente e dá muita satisfação e contentamento quando se tem; e é grande disposição para que, em achando tempo de soledade e desocupação de negócios, a alma chegue a mui sossegada quietação. E' andar como uma pessoa que está satisfeita, não tem necessidade de comer, sente o estômago alimentado e não comeria qualquer manjar; contudo não está tão farta que, se vir alguma coi-

sa apetitosa, a deixe de comer de boa vontade. Assim não quereria então a alma contentamentos do mundo, nem se satisfaz com êles, porque em si tem o que mais a farta. Maiores contentamentos de Deus, sêde de satisfazer seu desejo, de gozar mais, de estar com Êle: eis o que quer.

Há outra maneira de união, que ainda não é completa: é mais do que esta que acabo de dizer, porém não tanto como a da terceira água da qual falei. Quando o Senhor lhas der tôdas — se é que já não lhas deu, — gostará muito Vossa Mercê de achar tudo escrito e entender o que é. Com efeito, uma coisa é receber do Senhor a mercê; outra, entender qual a mercê e qual a graça; outra, finalmente, saber dizê-la e dar a entender como é. E ainda que pareça bastar o primeiro dêstes três dons, contudo é grande proveito e mercê entender o que se recebe, para a alma não andar confusa e medrosa e prosseguir com mais ânimo no caminho do Senhor, calcando aos pés tôdas as coisas do mundo. Cada um dêstes dons é razão para que louve muito o Senhor quem os recebeu; e quem os não vê em si, louve igualmente Sua Majestade, porque, para proveito nosso, os concedeu a algum dos que atualmente vivem. Como ia dizendo: acontece muitas vêzes esta maneira de união que vou referir; em especial a mim faz-me Deus com muitíssima freqüência esta graça. Apodera-se o Senhor da vontade e também do entendimento, creio eu; pois êste não discorre, antes está ocupado em gozar de Deus, como uma pessoa que está olhando e vê tanto, que não sabe para onde volver os olhos, porque a vista duma coisa lhe faz perder a da outra e assim não sabe dizer o que viu. A memória fica livre, provàvelmente unida à imaginação; e, como se vê desamparada das outras potências, é para louvar a Deus a guerra que faz, e o desassossêgo que procura lançar por tôda parte. Chega a cansar-me e aborrecer-me, e freqüentemente suplico ao Senhor que, se tanto me há de estorvar, ma tire nestas ocasiões. Digo às vêzes: Quando, meu Deus,

já estará minha alma tôda unida em vosso louvor e não repartida, sem o poder conseguir? Aqui vejo o mal que nos causa o pecado, pois assim nos deixou sujeitos a não fazer o que quiséramos, que é estar sempre ocupados com Deus

Isto me acontece freqüentemente, como disse, e hoje foi um dêsses dias; de modo que o tenho bem presente ao espírito. Sinto desfazer-se minha alma pelo desejo de estar inteiramente onde tem a maior parte de si; mas é impossível porque tal guerra lhe fazem a memória e a imaginação, que o não pode conseguir. Essas duas potências, entretanto, mesmo para fazer mal, de nada valem, pois lhes falta o concurso das outras; só logram neste ponto desassossegar, porque não têm fôrça nem sabem estar quietas. Como o entendimento não admite nem pouco nem muito estas representações, a memória em nada se detém, vagueia daqui para ali, anda dum lado para outro, semelhante a certas mariposinhas noturnas, importunas e irrequietas. Extremamente a propósito parece-me vir esta comparação, porque estas, embora não tenham fôrça para causar algum mal, importunam os que as vêem. Para isto não sei que remédio haja, porque até agora não mo fêz Deus entender. Se o soubera, de boa vontade o tomaria para mim, pois, como disse, sofro dêste tormento muitas vêzes. Conhecemos aqui nossa miséria, vemos e mui claramente o grande poder de Deus, visto que esta potência, ficando sôlta, tanto nos prejudica e cansa, ao passo que as outras que estão com Sua Majestade tanto descanso nos dão.

O remédio que ùltimamente achei, depois de ter padecido muitos anos, é o que disse na oração de quietação, isto é, não fazer mais caso da fantasia do que se faz de um louco; deixá-la com sua teima porque só Deus lha pode tirar. Afinal de contas, está feita escrava. Soframo-la com paciência, como Jacob e Lia, que bastante mercê nos faz o Senhor permitindo gozarmos de Raquel. Digo que fica escrava, porque, em

suma, não pode, por mais que faça, trazer a si as outras potências; pelo contrário, são elas que muitas vêzes, sem nenhum trabalho, a fazem vir a si. Não raro é Deus servido de se compadecer ao vê-la tão perdida e irrequieta pelo desejo de se unir às suas companheiras, e então lhe permite Sua Majestade queimar-se no fogo daquela luz divina, onde já as outras foram reduzidas a cinzas, quase perdido o seu ser natural, gozando sobrenaturalmente de tão grandes bens.

Em todos os modos de oração que descrevi, falando desta última água de fonte, são tão grandes a glória e o descanso da alma, que o corpo participa muito manifestamente do mesmo gôzo e deleite. Nisto não há a menor dúvida, e ficam as virtudes muito aumentadas, como já disse. Parece que o Senhor se dignou explicar por meu intermédio, creio, os estados de oração em que se vê a alma, tanto quanto nesta vida é possível dar a entender. Do que escrevi trate Vossa Mercê com pessoa espiritual que haja chegado a êste ponto e tenha letras. Se ela disser que está bem, creia que lho disse Deus; tenha-o em muito aprêço e agradeça a Sua Majestade. Com o andar do tempo, repito, muito folgará de entender êstes favores, pois talvez não receba graça para os compreender por si mesmo, embora lhe seja dado gozá-los. Se Sua Majestade lhos conceder, logo Vossa Mercê com sua inteligência e instrução o entenderá pelo que ficou dito. Seja o Senhor louvado em todos os séculos dos séculos, por todos os seus benefícios. Amém.

CAPÍTULO XVIII

Em que trata do quarto grau de oração. Começa a declarar por excelente maneira a grande dignidade a que Deus eleva a alma neste estado. Servirá de estímulo aos que tratam de oração, para se esforçarem por chegar a tão alto estado, pois é possível alcançá-lo na terra, não pelos próprios merecimentos, senão pela bondade do Senhor. Leia-se com advertência, porque a declaração é feita de mui delicado modo e encerra instruções muito notáveis.

Ensine-me o Senhor palavras com que possa dizer alguma coisa sôbre a quarta água. Bem necessidade tenho do favor divino, mais que para a precedente, na qual ainda sente a alma que não está morta de todo. Digo: *de todo,* porque já para o mundo está morta. Contudo, torno a dizer, tem consciência para entender que está na terra e sentir sua soledade, e aproveitar-se do exterior para dar a compreender ao menos por sinais do que está sentindo. Em todos os modos de oração supra indicados, alguma coisa trabalha o hortelão; nos últimos, porém, vai o trabalho acompanhado de tanta glória e consôlo, que a alma jamais o quisera deixar; já para ela não é trabalho, senão glória. Aqui, não há sentir, senão gozar sem entender o que se goza. Entende-se que é a fruição de um bem que encerra conjuntamente todos os bens; mas não se compreende em que consiste tal bem. Nesse gozar ocupam-se todos os sentidos; nenhum fica desocupado para se empregar em outra coisa, quer exterior, quer interiormente. Antes se lhes permitia, como já disse, darem algumas mostras do grande gôzo que sentem; aqui a alma goza mais, sem comparação, embora o possa muito menos denotar, porque não fica poder ao corpo — nem a própria alma o tem — para comunicar o que goza. Nesse tempo, tudo lhe seria grande embaraço, tormento e estôrvo para seu descanso. Digo mais: se é união de tôdas as potências,

enquanto dura não o pode, ainda que queira. Se pode, já não é união.

Como é esta oração a que chamam união, e em que consiste, eis o que não sei dar a entender. Declara-o a mística Teologia; quanto a mim, ignoro os têrmos próprios. Não sei bem o que é a inteligência, nem em que difere da alma e do espírito: parece-me tudo uma coisa só. O que sei é que a alma, alguma vez, sai de si mesma à maneira dum fogo que está ardendo e de repente cresce com ímpeto a ponto de lançar labaredas. Estas sobem muito acima do fogo; mas nem por isso são coisa diferente, senão a mesma chama que está no fogo. Isso Vossas Mercês com suas letras entenderão, porque melhor não sei explicar.

O que pretendo declarar é o que sente a alma quando está nesta divina união. O que é união, já se sabe: é de duas coisas divididas fazer-se uma. O' Senhor meu, como sois bom! Bendito sejais para sempre! Louvem-vos, Deus meu, tôdas as coisas, pois de tal maneira nos amastes, que com verdade podemos falar da comunicação que desde êste destêrro tendes com as almas. Mesmo com as que são boas é grande liberalidade e magnanimidade de que só Vós sois capaz, Senhor meu, pois dais como quem sois. O' munificência infinita, quão magníficas são as vossas obras! Admirado, ao contemplá-las, fica todo aquêle que não tem o entendimento mergulhado nas coisas da terra a ponto de ser incapaz de reconhecer a verdade. Mas que façais a almas, que tanto vos têm ofendido, mercês tão soberanas!. Eis por certo o que me deixa aturdida, quando a respeito reflito, de modo a não poder ir adiante. E para onde ir que não seja retroceder? Dar-vos graças por tão grandes mercês, não sei nem consigo; mas às vêzes em dizer disparates acho alívio. Acabando de recebê-las, ou quando sinto que Deus começa a agir em mim — pois no momento do gôzo, como já disse, nada se pode fazer — acontece-me freqüentemente dizer: Senhor, olhai o que fazeis; não esqueçais tão depressa meus tão grandes males; visto

que para mos perdoardes os olvidastes, suplico-vos que, a fim de moderardes vossas mercês, vos lembreis dêles. Não ponhais, Criador meu, tão precioso licor em vaso tão quebrado, pois já tendes visto, de outras vêzes, que o torno a derramar. Não ponhais semelhante tesouro em coração que ainda não está de todo purificado, como deveria, da cobiça das consolações da vida, pois o esbanjará. Como confiais as munições desta cidade e as chaves de sua fortaleza a alcaide tão covarde, que ao primeiro assalto dos inimigos os deixa penetrar na praça? Não seja tanto o vosso amor, ó Rei eterno, que arrisqueis jóias tão preciosas. Temo, Senhor meu, que dê isto ocasião a que lhes tenham pouca estima, pois as colocais em poder de criatura tão ruim, tão baixa, tão fraca, tão miserável e de tão pouco valor. Embora me esforce para as não perder, com o vosso favor — e não pequeno favor é preciso, tal a minha miséria, — não posso com as vossas mercês fazer bem a outras almas. Em suma, sou mulher e não boa, senão ruim. Pôr os talentos em terra tão ingrata, bem se pode dizer que não é só escondê-los: é enterrá-los. Não costumais fazer, Senhor, semelhantes honras e mercês a uma alma senão para que aproveite a muitas. Já sabeis, Deus meu, que de todo o coração e com tôda a vontade vos suplico e tenho suplicado outras vêzes: consinto em perder o maior bem que se pode possuir na terra, para que concedais Vós estas mercês a quem as faça maior proveito produzirem a fim de que se aumente vossa glória. Estas e outras coisas tem-me acontecido de dizer em muitas ocasiões. Via depois minha insensatez e pouca humildade, porque bem sabe o Senhor o que convém, e vê que não havia fôrças em minha alma para se salvar, se Sua Majestade as não infundira por meio de tantas mercês.

Também pretendo falar das graças e efeitos que ficam na alma, bem como dizer que coisa pode fazer ela da sua parte e se contribui para chegar a tão sublime estado.

Acontece vir uma elevação do espírito, que se pode também chamar junção ou ajuntamento com o amor celestial. Ao que entendo, há diferença entre a união e esta elevação que às vêzes nela ocorre. A quem não houver experimentado esta última, parecerá que não; a meu ver, apesar de ser tudo uma só coisa, a maneira por que age o Senhor é diferente. No vôo do espírito faz crescer muito mais o desapêgo das criaturas. Tenho visto com evidência que é particular mercê, embora, torno a dizer, seja ou pareça tudo uma só coisa. Também um fogo pequeno é fogo como um grande, e já se vê a diferença que há de um para outro. No primeiro, até que um pequeno pedaço de ferro fique em brasa, passa muito tempo; mas se o fogo é grande, ainda quando seja maior o ferro num instantinho parece transformar-se e perder a natureza que tem. Assim acontece, acho eu, com êstes dois gêneros de mercês do Senhor; e sei que quem tiver chegado a arroubamentos o compreenderá bem. Quem não o houver provado, pensará que é desatino, e bem pode ser que seja, porque ousar uma criatura como eu falar de coisa tão alta e querer dar a entender, mesmo imperfeitamente, o que não há palavras sequer para esboçar, — não é muito que a ponha desatinada.

Contudo, creio do Senhor que me há de ajudar nesta emprêsa, pois sabe Sua Majestade que, abaixo de obedecer, é minha intenção despertar nas almas a gula de tão sumo bem. Não direi coisa que não tenha experimentado muito. E aconteceu que, quando comecei a escrever sôbre esta última água, impossível me parecia saber tratar dela, e mais difícil do que falar grego. Vendo isto, deixei e fui comungar. Bendito seja o Senhor, que assim favorece aos ignorantes! O' virtude de obedecer, que tudo podes! Esclareceu-me Deus a inteligência, umas vêzes com palavras, outras sugerindo-me o modo de me exprimir; a tal ponto que, como fêz na oração passada, Sua Majestade parece querer dizer o que não posso nem sei. E' isto inteira

verdade, e assim o que fôr bom é doutrina sua; o mau, claro está, é do pélago de males que sou eu. Digo, pois, que se houver pessoas elevadas aos estados de oração com que o Senhor tem favorecido a esta miserável — e muitas deve haver, — que quiserem tratar destas coisas comigo, parecendo-lhes que seguem caminho errado, ajudará o Senhor a sua serva para que faça sair vitoriosa a verdade.

Falemos agora desta água que vem do céu para com sua abundância encher e fartar todo o hôrto. Se o Senhor nunca deixara de a fornecer oportunamente, já se vê que descanso teria o hortelão. Se também não houvesse inverno, senão uma estação sempre amena e temperada, nunca faltariam flôres e frutas, e que delícia havia de ser! Mas enquanto vivermos, é impossível: sempre há de haver cuidado para, quando faltar uma água, procurar outra. Esta do céu, vem muitas vêzes quando mais descuidado está o hortelão. Verdade é que, nos princípios, quase sempre é depois de larga oração mental que de degrau em degrau vem o Senhor a tomar esta avezinha e a pô-la no ninho para que descanse. Como a viu muito esvoaçar, buscando com o entendimento, a vontade e tôdas as suas fôrças achar a Deus e contentá-lo, quer dar-lhe o prêmio desde esta vida. E que grande prêmio, do qual basta um momento para recompensar todos os trabalhos que na terra se podem ter!

Estando assim a alma a buscar a Deus, sente-se, com deleite grandíssimo e muito suave, quase desfalecer completamente, num espécie de desmaio. Vê que lhe vão faltando o fôlego e tôdas as fôrças corporais, de modo que nem as mãos pode menear, a não ser a muito custo. Os olhos se lhe cerram involuntàriamente, ou, se os conserva abertos, nada enxerga; se lê, não acerta com as letras, nem quase atina em reconhecê-las; vê os caracteres, mas, como o entendimento não ajuda, não consegue ler, ainda que queira. Ouve, mas não entende o que ouve; de modo que os sentidos de nada lhe servem, senão para a não deixarem totalmen-

te a seu prazer e assim a estorvarem. Falar é impossível: não atina com uma só palavra e ainda que atinasse, não teria alento para a pronunciar, porque tôda a fôrça exterior se perde e se concentra nas da alma, que aumentam para ela melhor poder gozar de sua glória. O deleite exterior que se sente é grande e bem manifesto.

Esta oração não prejudica a saúde, por dilatada que seja; ao menos a mim nunca prejudicou. Não me recordo de me haver sentido mal em ocasião alguma em que me tenha o Senhor feito esta mercê; antes, por enfêrma que estivesse, ficava muito melhor. Mas que mal pode fazer tão grande bem? São tão manifestas as operações exteriores, que não se pode duvidar da grandeza de sua origem, pois assim tirou as fôrças com tanto deleite para as deixar maiores.

Verdade é que nos princípios passa em tão breve tempo — ao menos acontecia assim comigo — que, em razão da brevidade, êsses sinais exteriores e a perda dos sentidos não se dão tanto a perceber; mas bem se compreende, pela superabundância das mercês, que foi grande a claridade do sol que estêve na alma, pois assim a deixa derretida. E note-se que, por largo que seja, é sempre breve, a meu ver, o tempo em que permanece a alma nessa suspensão de tôdas as potências. Meia hora já é muitíssimo; penso que nunca estive tanto. Verdade é que mal se pode calcular a duração, pois faltam os sentidos; mas digo que, seguidamente, é muito pouca sem que torne a si alguma potência. A vontade é a que mantém o jôgo, mas as outras duas potências logo tornam a importunar. Como a vontade permanece imóvel, de novo torna a suspendê-las, e elas sossegam outra vez um pouco, e depois voltam a agitar-se.

Nisto é possível passar algumas horas de oração e efetivamente assim acontece, porque, iniciadas as duas potências no sabor e na embriaguez daquele vinho divino, com facilidade se tornam a perder a fim de muito mais ganharem; e, fazendo companhia à

vontade, gozam tôdas três. Mas, repito, ficarem suspensas de todo, sem nada imaginar — pois a meu parecer também se perde totalmente a imaginação — é por breve espaço. Contudo não tornam a si tão inteiramente, que não se possam conservar durante algumas horas como desatinadas; e Deus, pouco a pouco, as vai unindo de novo a si.

Venhamos agora ao interior. Que sente aqui a alma? Diga-o quem o sabe, pois não se pode entender e muito menos dizer. Acabando eu de comungar e de sair desta mesma oração que descrevo, estava pensando, a fim de escrever, que coisa fazia a alma naquele tempo. Disse-me o Senhor estas palavras: "*Desfaz-se tôda, filha, para mais entrar em mim: já não é ela quem vive, senão eu. Como não pode compreender o que percebe, é não entender entendendo*"

Quem o houver provado, compreenderá alguma coisa do que está dito. Mais claramente não se pode explicar, por ser tão obscuro o que ali se passa. Só poderei dizer que se tem a impressão de estar junto de Deus; e disto fica tal certeza, que de nenhum modo se pode deixar de crer. Aqui faltam e ficam suspensas de tal maneira as potências, como já disse, que absolutamente não se percebe a sua ação. Se a alma estava pensando numa passagem da Paixão, perde-a de memória como se nunca a tivera sabido; se estava lendo ou rezando, não lhe é possível lembrar-se do que lia, nem fixar em alguma coisa o pensamento. Assim é que a esta mariposinha importuna da memória aqui se lhe queimam as asas; já não pode mais esvoaçar. A vontade bem ocupada deve estar em amar, mas não sabe como ama. O entendimento, se entende, não sabe como entende: ao menos nada do que percebe, pode compreender. A mim não me parece que compreenda porque, — repito, — não entende a si mesmo. Também eu não consigo compreender.

Aconteceu-me que, a princípio, na minha ignorância, não sabia que está Deus em tôdas as coisas; e, embora o sentisse tão presente, parecia-me impossível.

Deixar de crer que estivesse ali, não podia, por me parecer quase certo haver percebido sua real presença. Os indoutos diziam-me que Deus está presente, só mediante a graça, mas eu não o podia crer, porque, como disse, me parecia evidente sua presença, e assim andava aflita. Um grande letrado da Ordem do glorioso S. Domingos foi quem me tirou desta dúvida e me ensinou como o Senhor está presente e como se comunica conosco, o que me consolou sumamente. Convém notar e compreender que esta água do céu, esta grandíssima mercê do Senhor, sempre deixa a alma com grandíssimos proveitos, como passo a dizer.

CAPÍTULO XIX

Prossegue na mesma matéria. Começa a declarar os efeitos que produz na alma êste grau de oração. Com insistência exorta todos a não voltarem atrás, ainda que depois desta mercê tornem a cair, e a não abandonarem a oração. Diz os danos que advirão de assim não procederem. E' muito de notar e de grande consolação para os fracos e pecadores.

Desta oração e união sai a alma com grandíssima ternura, de maneira que quereria desfazer-se, não de pesar, senão de lágrimas de gôzo. Acha-se banhada nelas, sem as sentir, nem saber quando nem como as derramou; mas dá-lhe grande deleite ver aquêle fogo impetuoso aplacado com água que mais o faz crescer. Parece que estou falando árabe, e contudo é assim mesmo. Aconteceu-me algumas vêzes, neste grau de oração, estar tão fora de mim, que não sabia se era sonho ou realidade a glória que tinha gozado, e, ao ver-me inundada daquela água que sem custo manava com tanto ímpeto e presteza como se a destilasse uma nuvem do céu, via não ter sido sonho. Isto ocorria nos princípios, quando esta mercê durava pouco.

Fica a alma tão animosa, que, se naquele instante a fizessem em pedaços por Deus, seria para ela grande consôlo. Brotam logo as promessas e determinações heróicas; nasce a vivacidade dos desejos; o começar a aborrecer o mundo e a ver mui claramente sua vaidade. Lucrou muito mais e mais altamente do que nas orações passadas. Está com a humildade acrescida, porque vê, sem dúvida alguma, que para atrair ou granjear tão excessiva e grandiosa mercê, não houve, de sua parte, diligência nem cooperação. Com muita clareza se vê indigníssima, constata sua miséria, porque em aposento onde entra tanto sol, não há teia de aranha escondida. Está tão longe de ter vanglória, que lhe parece impossível tê-la, porque já vê com seus olhos sua pouca ou nenhuma capacidade e conhece que ali quase não houve consentimento de sua parte; foi, por assim dizer, como se, contra sua vontade, cerrassem a porta a todos os seus sentidos para que mais pudesse gozar do Senhor. Fica sòzinha com Êle: que há de fazer senão amá-lo? Não vê, nem ouve, a não ser com incrível violência; pouco merecimento tem. Sua vida passada se lhe representa depois, a par da infinita misericórdia de Deus, com grande verdade, sem ter o entendimento necessidade de andar à caça de motivos, pois acha ali guisado o que há de comer e entender. Vê que merece o inferno e que, em castigo, lhe dão glória. Desfaz-se em louvores a Deus e nêles me quisera eu desfazer agora. Bendito sejais, Senhor meu, que de lôdo tão imundo como eu, fazeis água tão límpida que sirva para vossa mesa. Sêde louvado, ó delícia dos Anjos, que assim quereis elevar um verme tão vil!

Fica algum tempo êste aproveitamento na alma. Já pode esta, com entender claramente que não é sua a fruta, principia a reparti-la, sem que lhe faça falta. Começa a dar mostras de alma que guarda tesouros do céu, a ter desejos de os repartir com outros e suplica a Deus que não sejam só para ela as riquezas. Já vai sendo de proveito aos que a cercam, quase sem

• saber, nem fazer nada por si; êles o percebem, porque já as flôres têm tão delicioso perfume, que lhes dá o desejo de se chegarem a elas. Compreendem que há virtudes e vêem a fruta, que lhes tenta o paladar; gostariam de comer também dela. Se é terra muito cavada por provações, perseguições, murmurações e enfermidades — porque poucos hão de chegar aqui sem passar por tudo isto, — e se está bem afofada por um total desapêgo do próprio interêsse, a água tanto se embebe nela que quase nunca seca. Mas se o terreno ainda está por lavrar e coberto de espinhos, como eu estava nos princípios, e não apartada a alma das ocasiões, nem tão agradecida como merece tão subida mercê, torna a haver aridez. Então se o jardineiro se descuida, e se o Senhor, por sua bondade ùnicamente, não se compraz em mandar nova chuva, dai por perdido o hôrto. Assim me aconteceu muitas vêzes, e na verdade surpreendo-me tanto, que não o pudera crer, se comigo não houvera acontecido. Escrevo-o para consôlo de almas fracas como era a minha, para que nunca desesperem, nem deixem de confiar na grandeza de Deus. Ainda que venham a cair, depois de tão sublimadas como é elevá-las o Senhor a êste estado, não desanimem, se não quiserem perder-se de todo. Tudo alcançam as lágrimas: uma água traz outra...

Foi êste um dos motivos pelos quais me animei — apesar de ser eu quem sou — a obedecer em escrever o que deixo dito, em dar conta de minha ruim vida e das mercês que me tem feito o Senhor, ofendendo-o eu em vez de o servir. Certamente, para que me cressem neste ponto, quisera eu ter grande autoridade: ao Senhor suplico que ma dê Sua Majestade. Repito: ninguém, depois de ter começado a ter oração, desanime dizendo: Se hei de tornar a ser mau, é pior continuar a exercitar-me nela. O verdadeiro mal seria, penso eu, deixar a oração e não se emendar; mas se a não deixar, esteja certo de que por meio dela chegará a pôrto de luz. Combateu-me fortemen-

te o demônio neste ponto e fêz-me sofrer tanto, sugerindo-me que era pouca humildade ter oração sendo tão ruim, que a deixei — como já disse — ano e meio, ou pelo menos um ano, pois do meio não me recordo bem. Era isto, e realmente foi, meter-me eu mesma no inferno, sem necessidade de demônios que me arrastassem. Oh! valha-me Deus! que cegueira tão grande! E quão bem acerta o demônio, para lograr seus fins, concentrando aqui seus ataques! Sabe o traidor que perdida para êle está a alma que persevera na oração; e que, se a fizer cair, as mesmas quedas a ajudarão, pela bondade de Deus, a dar depois maior salto no serviço do Senhor. E' coisa que muito o interessa.

O' Jesus meu, que maravilha é ver uma alma que chegou aqui e depois caiu em pecado, quando Vós, por vossa misericórdia, tornais a dar-lhe a mão e a levantá-la! Como ela reconhece a multidão das vossas grandezas e misericórdias em contraste com a sua miséria! Aqui é o desfazer-se deveras e compenetrar-se de vossa munificência; aqui o não ousar erguer os olhos; aqui o levantá-los para conhecer o que vos deve; aqui se faz devota da Rainha do céu para que vos aplaque; aqui invoca, para que a socorram, os Santos que caíram depois de chamados por Vós; aqui o parecer demasiado tudo que lhe dais, porque vê que não merece a terra que pisa; o acudir aos Sacramentos, com a fé viva que lhe fica de ver a virtude que Deus nêles pôs; o louvar-vos por terdes deixado tal medicina e tal ungüento para nossas chagas, que não só as saram por fora, mas as extirpam inteiramente. Tudo isto a espanta e quem, Senhor da minha alma, não se há de espantar de misericórdia tão grande e mercê tão sublime, em paga de traição tão feia e abominável? Na verdade não sei como não se me parte o coração, quando isto escrevo. E' que sou ruim.

Com estas làgrimazinhas que aqui choro — dadas por Vós, mas água de tão mau poço, enquanto de mim

gra, nem a igualar as ótimas e santas Religiosas que havia na casa. Bem creio que não cheguei a tanto, nem chegarei jamais se Deus, por sua bondade, não fizer tudo por si mesmo. Mais capaz era eu de tirar o que havia de bom e introduzir costumes que o não fôssem; ao menos fazia o que estava ao meu alcance para os estabelecer, e no mal era muito o que podia. Assim é que não tinham culpa os que me acusavam. Não digo que eram só as monjas, senão outras pessoas também me diziam verdades, porque assim o permitíeis.

Como eu não raramente tinha essa tentação, rezando um dia as Horas, cheguei ao versículo que diz: *Justo sois Vós, Senhor, e retos vossos juízos.* [1] Comecei a pensar quão grande verdade é esta; pois jamais teve fôrça o demônio para me tentar ao ponto de duvidar eu de que tendes Vós, meu Senhor, todos os bens, ou de nenhuma outra coisa da fé. Pelo contrário, parecia que, quanto mais elevadas acima de tôda explicação natural eram as verdades, mais a fé se me tornava firme e mais crescia em mim a devoção. Só no pensamento de que sois todo-poderoso, estavam incluídas para mim tôdas as grandezas possíveis e imagináveis; e disto, como digo, jamais duvidei. Perscrutando eu, pois, de que modo com justiça não concedíeis a muitos grandes servos vossos as mesmas consolações e mercês que a mim, apesar de ser eu o que era, respondestes-me, Senhor: *Serve-me tu a mim e não te mêtas nisso.* Foi a primeira palavra vossa que entendi e assim fiquei muito atemorizada. Depois declararei esta maneira de entender, com outras coisas que não digo aqui porque é sair do assunto, e creio que já saí bastante. Quase não sei mais o que estava dizendo. Não pode ser de outra forma, e Vossa Mercê há de tolerar estas interrupções, porque quando pondero o que Deus de mim sofreu e vejo-me neste estado, não é muito que perca o tino e o fio do que estou dizendo e do que hei de dizer. Praza ao Senhor que

1) Sl 98 — Iustus es, Domine, et rectum iudicium tuum.

procedem, — parece que Vos desagravo por tantas traições com que Vos ofendi, pois vivi sempre fazendo maldades e procurando desfazer as mercês que me vinham de vossas mãos. Dai-lhes valor, Senhor meu; tornai límpida água tão turva, sequer para não dar a alguém a tentação, que eu mesma tive, de fazer maus juízos pensando como, Senhor, deixais pessoas tão santas que sempre vos têm servido e trabalhado muito, criadas em Religião e verdadeiramente Religiosas — e não como eu, que de Religiosa só tinha o nome — e não lhes fazeis evidentemente tantas mercês como a mim. Por outro lado via eu claramente, Bem meu, que lhes guardais os prêmios para os dar por junto, e que minha fraqueza precisa dessas ajudas de custo. Elas, sendo almas fortes, vos servem sem nada disso, e assim as tratais como gente esforçada e despida de interêsse próprio. Mesmo assim, sabeis Vós, meu Senhor, que eu clamava muitas vêzes na vossa presença, desculpando as pessoas que murmuravam contra mim, pois me parecia terem sobeja razão. Isto era já, Senhor, depois que me tínheis de vossa mão para que não vos ofendesse tanto, e eu de minha parte já me estava desviando de tudo o que julgava poder desgostar-vos. Foi quando isto fiz, que principiastes, Senhor, a abrir vossos tesouros a vossa serva. Dir-se-ia que não esperáveis outra coisa senão que em mim houvesse vontade e disposição para os receber: tal foi a brevidade com que começastes não só a me comunicar vossas riquezas, mas a querer que se percebesse a sua comunicação.

Logo que a perceberam, principiaram a ter boa opinião daquela cuja maldade nem todos haviam ainda penetrado, embora fôsse assaz visível. Sùbitamente irromperam também as censuras e perseguições, a meu ver, bem motivadas; de modo que a ninguém cobrava inimizade, antes vos suplicava que levásseis em conta a razão que lhes assistia. Diziam de mim que queria passar por santa e inventava novidades, não tendo chegado nem de longe a cumprir tôda a minha Re-

sejam sempre tais os meus desatinos, e desde já não permita Sua Majestade tenha eu poder para ir contra Êle no mínimo ponto. Antes me consuma Êle neste momento!

Para que se vejam suas grandes misericórdias, basta o ter perdoado tanta ingratidão, não uma, senão muitas vêzes. A São Pedro perdoou uma só vez em que lhe foi ingrato; a mim, muitas. Não era sem fundamento que me tentava o demônio para não pretender amizade tão estreita com Aquêle contra quem tinha tão pública inimizade... Que cegueira tão grande a minha! Onde pensava, Senhor meu, achar remédio senão em Vós? Que disparate fugir da luz para andar sempre tropeçando! Que humildade tão soberba inventava contra mim o demônio, apartando-me de este [illegible]mada à coluna, ao báculo que me havia de sustentar para não dar tão grande queda! Benzo-me agora e penso nunca haver corrido perigo tão grande, como essa invenção sugerida pelo demônio com aparência de humildade. Punha-me êle no pensamento: como, sendo eu criatura tão ruim apesar de ter recebido tantas mercês, me havia de chegar à oração? Bastava-me rezar o que era de obrigação, como as outras; e se nem isto fazia bem, como queria fazer mais?.. Seria irreverência e pouco caso das mercês de Deus. Bom era pensar e entender isto; mas pô-lo em obra foi grandíssimo mal. Bendito sejais Vós, Senhor, que finalmente me destes remédio.

Princípio da tentação com que perdeu Judas, parece-me esta. Não ousava o traidor acometer-me tão descobertamente, mas, pouco a pouco, viria a dar comigo aonde deu com êle. Considerem bem isto, por amor de Deus, todos os que tratam de oração. Saibam que no tempo em que vivi sem ela, foi muito mais errada minha vida. Vejam que bom remédio me dava o inimigo e que humildade engraçada! O resultado era ter eu enorme desassossêgo. Aliás, como havia de sossegar minha alma? Apartava-se a coitada de seu descanso; tinha diante dos olhos os favo-

res e mercês que recebera; via que os contentamentos da terra merecem asco... Espanto-me de como pude resistir! Era com a esperança de tornar à oração, porque nunca pensei abandoná-la, nem desisti do propósito de a recomeçar. E' a lembrança que tenho, pois mais de vinte e um anos já são passados; só aguardava ficar bem limpa de pecados. Oh! quão mal encaminhada ia com tal esperança!

Até o dia de juízo me conservaria o demônio nessa ilusão, para daí me arrastar ao inferno. Com efeito, se tendo eu oração e lição que me faziam ver verdades e conhecer o mau caminho em que estava, e importunando muitas vêzes o Senhor com lágrimas, era tão ruim que não conseguia vencer-me, que podia eu esperar senão o que já disse, ficando privada dêstes remédios, entregue a passatempos, com muitas ocasiões e poucos auxílios, e até — ouso dizer — sem nenhum, porque antes me ajudavam a cair? Creio que muito merecimento granjeou diante de Deus um Frade de S. Domingos [1], grande letrado, por me ter despertado dêsse sono. Fêz-me, como penso já haver dito, comungar de quinze em quinze dias e melhorar de vida. Comecei a cair em mim, embora não deixasse de fazer ofensas ao Senhor. Contudo, como não havia perdido o caminho, ia prosseguindo nêle, ainda que pouco a pouco, caindo e levantando-me; e quem não deixa de andar e adiantar-se, mesmo que tarde, afinal chega. Para mim, perder o caminho não é senão abandonar a oração. Deus nos livre disto, por quem Êle é.

Vê-se, portanto — e por amor do Senhor em muita conta se tenha — que uma alma, embora chegue a receber de Deus tão grandes mercês na oração, não deve confiar em si, pois pode cair. De nenhum modo se exponha a ocasiões de queda; seja muito recatada porque isso importa muito.

Ainda que a mercê tenha sido de Deus, o demônio vem a enganar, aproveitando-se o traidor, o mais que pode, da mesma mercê, principalmente quando se

1) O Pe. Vicente Varrón.

trata de pessoas não adiantadas nas virtudes, nem mortificadas, nem desprendidas de tudo. Sim, porque aqui não cobram tanta fortaleza que lhes baste, como adiante direi, para arrostarem as ocasiões e os perigos, por grandes desejos e determinações que tenham. E' excelente doutrina esta, não minha, senão ensinada por Deus; e assim quisera que pessoas ignorantes como eu a soubessem. Com efeito, ainda quando se ache a alma neste estado, não se há de fiar de si para sair a combater. Já fará muito se souber defender-se. Aqui carece de armas para resistir aos demônios, não tem ainda fôrças bastantes para pelejar contra êles e trazê-los subjugados, como fazem os que atingiram o estado que adiante direi.

Êste é o ardil com que o inimigo consegue o que quer: vendo-se a alma tão chegada a Deus, sentindo a diferença que há entre os bens do céu e os da terra e conhecendo o amor que o Senhor lhe testemunha, nasce-lhe, dêsse amor, confiança e certeza de não decair do que goza. Parece-lhe perceber claramente o prêmio, e já não lhe ser possível deixar bens tão suaves e deliciosos mesmo desde esta vida, por coisa tão baixa e sórdida como o deleite dos sentidos. Com essa confiança, faz-lhe o demônio perder a pouca que há de ter em si, de modo que se expõe ela a perigos e começa, com bom zêlo, a repartir a fruta com prodigalidade, julgando não ter mais nada a temer. Isto não lhe vem de soberba — pois bem compreende que nada pode por si, — senão da muita confiança em Deus, não unida à discrição. Não vê que por enquanto só está coberta de penugem. Pode sair do ninho e tira-a Deus para fora, mas ainda não se acha capaz de voar, porque as virtudes não estão de todo fortalecidas, não tem experiência para conhecer os perigos, nem sabe o mal que faz em se fiar de si.

Eis aí a causa de minha ruína. Para isto e para tudo há grande necessidade de mestre e trato com pessoas espirituais. Bem creio que alma a quem Deus eleva a êste estado, se muito e inteiramente o não

abandona, não desistirá Sua Majestade de a favorecer, nem deixará que se perca. Mas de novo recomendo: quando cair, olhe, olhe por amor do Senhor, que não a enganem e persuadam a abandonar a oração por humildade falsa, como aconteceu a mim, segundo já disse e quisera repetir muitas vêzes. Confie na bondade de Deus, que é maior que todos os nossos males. Êle não se recorda da nossa ingratidão, quando caímos em nós e queremos recuperar a sua amizade. Tão pouco nos inflige maior castigo por causa das graças que nos fêz; ao invés, a lembrança delas o leva a nos perdoar mais depressa, como a gente que já era de sua casa e comia, como se costuma dizer, de seu pão. Lembrem-se de suas palavras e vejam como procedeu comigo: cansei-me de o ofender antes que Sua Majestade deixasse de me perdoar. Êle jamais se cansa de dar, nem se podem esgotar suas misericórdias: não nos cansemos também de receber. Seja bendito para sempre, amém; e tôdas as criaturas cantem seus louvores.

CAPÍTULO XX

Em que trata da diferença que há entre união e arroubamento. Declara o que é arroubamento e diz alguma coisa do bem que recebe a alma a quem o Senhor por sua bondade faz chegar a tal ponto. Diz os efeitos que produz. E' muito para admirar.

Desejaria saber declarar, com o favor de Deus, a diferença que há entre união e o que chamam arroubamento, ou rapto ou vôo do espírito, ou arrebatamento, que é tudo um. Quero dizer que êstes diferentes nomes designam uma só coisa, que também se chama êxtase. E' grande a vantagem que tem sôbre a união; produz efeitos bem maiores e várias outras operações. Com efeito a união parece princípio, meio e fim, e assim é quanto ao interior; mas estas outras

graças são fins em mais alto grau, e na mesma proporção operam mais altamente tanto no interior como no exterior. Esclareça o Senhor êste ponto como fêz a respeito dos demais, porque, certamente, se Sua Majestade não me houvera sugerido a forma e maneira de dizer alguma coisa, jamais eu me saberia explicar.

Consideremos agora que a última água de que falamos é tão copiosa que — caso fôsse possível neste exílio — poderíamos crer já possuirmos, aqui na terra, essa nuvem da Majestade suprema. Se agradecemos êste grande bem, correspondendo com obras na medida de nossas fôrças, colhe o Senhor a alma, digamos assim, à maneira pela qual colhem as nuvens os vapôres da terra; desprende-a inteiramente desta e erguendo-a (ouvi dizer que as nuvens ou o sol aspiram os vapôres terrestres), tal qual na atmosfera se levanta uma nuvem, sobe com ela ao céu, onde começa a lhe mostrar coisas do reino que lhe tem preparado. Não sei se calha bem a comparação, mas é o que realmente acontece.

Nestes arroubos a alma parece não animar o corpo. Êste sente perfeitamente que lhe falta o calor natural: vai esfriando, embora com grandíssimo deleite e suavidade. Na união, porque estamos em terreno nosso, há remédio e quase sempre se pode resistir, ainda que a custo e com violência. Aqui, ao contrário, a resistência é impossível: na maior parte das vêzes nenhum remédio há; quase sempre, sem pensamento algum prévio, sem cooperação alguma de nossa parte, vem um ímpeto tão acelerado e forte, que sentis e vêdes esta nuvem ou águia possante levantar-se e arrebatar-vos em suas asas.

Sentis — repito — e vêdes que sois levado, mas não sabeis aonde. Não obstante ser grande o deleite, a fraqueza de nossa natureza nos princípios causa temor. E' mister ser alma resoluta e corajosa, muito mais do que nos estados precedentes, para arriscar tudo — venha o que vier — e, entregando-se a Deus,

deixar de bom grado, conduzir-se por suas mãos aonde Êle quiser, pois, ainda que façais resistência, sois levado. E isto se dá tão violentamente, que em muitíssimas ocasiões queria eu resistir com tôdas as fôrças, especialmente em público, e também em outras muitas quando a sós, pelo receio de ser enganada, mas baldados eram meus esforços. Algumas vêzes conseguia-o em parte, ficando, porém, cansada, em grande prostração, como quem lutou com robusto gigante. Em outras, impossível era a resistência: sentia a alma arrebatada com ímpeto, quase sempre a cabeça também sem que eu a pudesse deter, e até — isto raramente — todo o corpo, a ponto de ficar levantado do chão.

Foi o que me aconteceu recentemente, depois que exerço o ofício de Priora, quando, reunidas tôdas no côro, estava eu de joelhos no momento de comungar. Deu-me grandíssimo pesar, e por me parecer coisa extraordinária que logo chamaria muito a atenção, determinei às monjas que a respeito nada dissessem. De outras vêzes, começando a perceber que o Senhor ia fazer-me a mesma graça, estendia-me no chão; rodeavam-me e chegavam a segurar-me o corpo, e contudo era bem visível. Assim fiquei também no dia em que se celebrava a Festa da Vocação, durante um sermão a que assistiam muitas senhoras principais do lugar. Supliquei muito ao Senhor que se dignasse não mais me dar mercês com tais manifestações exteriores, porque estava já cansada de andar com tanta cautela, e Sua Majestade podia conceder-me a mesma graça sem que se percebesse. Tenho para mim que em sua bondade se dignou de me ouvir, pois até agora não tive mais tais coisas, conquanto pouco tempo, na verdade, haja desde minha súplica.

Ao querer resistir, parecia-me que sob os pés me levantavam tão grandes fôrças, que não sei a que as comparar. Sei, porém, que eram muito mais impetuosas do que nas outras coisas do espírito por mim já referidas. Ficava, então, por assim dizer, despedaçada, visto ser terrível a peleja; e afinal, quando o

Senhor quer, pouco aproveita, porque não há poder contra seu poder. Outras vêzes é Êle servido de se contentar com que vejamos que nos quer fazer a mercê e que da sua parte não faltará Sua Majestade. Se então resistimos por humildade, produz os mesmos efeitos que se de todo consentíssimos.

Grandes são êstes efeitos! Um é que se nos manifesta o grande poder do Senhor, e vemos que, quando Sua Majestade quer, não somos senhores do corpo nem capazes, portanto, de o deter, mais do que a alma; ao contrário, verificamos, mau grado nosso, haver acima de nós alguém que pode dar e nos dá tais graças, enquanto de nossa parte nada, absolutamente nada podemos. Imprime-se, então, na alma muita humildade. Confesso até que a mim causou grande temor, e nos primeiros tempos, grandíssimo. Não é para menos a vista de um corpo que assim se levanta da terra. O espírito o leva após si e com grande suavidade quando não acha resistência; mas não se perdem os sentidos, ao menos eu ficava de maneira a poder perceber que era levada. Sente-se tão bem a majestade de quem pode assim fazer, que os cabelos ficam em pé na cabeça e a alma cria temor extremo de ofender a tão grande Deus. Nasce-lhe ao mesmo tempo grandíssimo e novo amor Àquele que vemos amar tanto um verme tão corrupto, a ponto de parecer não se contentar com levar a si tão deveras a alma, e querer também o corpo, embora tão mortal e de barro tão imundo como se tornou por suas muitas ofensas.

Deixa também um desapêgo estranho, que não poderei definir. Parece-me poder dizer que de algum modo é diferente e superior ao que produzem as outras graças puramente espirituais. Estas operam o desapêgo das criaturas quanto ao espírito; aqui parece o Senhor querer que o mesmo corpo o ressinta. Cria-se uma estranheza nova e desconhecida para com as coisas da terra, de modo que é muito mais penosa a vida. Causa-nos depois um tormento que não podemos atrair, nem, uma vez vindo, afastar. Bem quisera dar

a entender êste grande tormento, mas creio que não conseguirei. Se, não obstante, atinar, direi alguma coisa.

Convém notar que isto me aconteceu muito recentemente, depois de tôdas as visões e revelações que mais adiante escreverei, e no tempo em que costumava ter oração, que era onde o Senhor me dava tão grandes consolações e delícias. Agora ainda as gozo algumas vêzes, porém o mais geral e ordinário é o tormento que agora direi. E' ora mais, ora menos intenso; quero falar do maior. Mais adiante falarei dos grandes ímpetos que me acometiam quando quis o Senhor favorecer-me com arroubos; mas, a meu parecer, são tão inferiores a êstes, como uma coisa muito corporal a outra muito espiritual, e creio não estar encarecendo muito. Com efeito, aquêle tormento, embora a alma o sinta, dir-se-ia que é em companhia do corpo; ambos parecem participar dêle, mas não com o extremo de desamparo que êste último estado produz. Aqui, — como disse — não há cooperação da nossa parte. Muito freqüentemente, quando menos se espera, vem um desejo que não sei donde nasce. A alma, com êsse desejo que num momento a penetra tôda, começa a se afligir tanto, que sobe muito acima de si e de todo o criado. Põe-na Deus tão isolada de tôdas as coisas, que, por mais que trabalhe, não lhe parece haver na terra quem a acompanhe; nem o quisera ela, senão naquela soledade morrer. E se lhe falam, embora queira fazer todo o esfôrço possível para responder, é inútil, pois seu espírito, mau grado seu, não se aparta daquela soledade. Deus parecendo estar, então, muitíssimo longe, comunica-lhe, por vêzes, suas grandezas, do modo mais estranho que se pode imaginar. Explicá-lo é impossível; e, penso, não o crerá nem entenderá quem o não houver experimentado: porque é comunicação que não visa a consolar, senão a mostrar a razão que para se afligir tem, quem está ausente do bem que encerra todos os bens.

Com esta comunicação, crescem-lhe o desejo e o extremo de soledade em que se vê, com uma pena tão

aguda e penetrante que, posta a alma naquele deserto, pode dizer ao pé da letra: *Vigilavi, et factus sum sicut passer solitarius in tecto.* [1] Porventura o disse o Real Profeta estando no mesmo desamparo; conquanto a êle, como a Santo, lho daria o Senhor a sentir de modo mais excessivo. Assim me vem então à memória êste verso, que me parece vê-lo em mim; e consola-me o pensamento de que outras pessoas — e tais pessoas — sentiram tão grande extremo de soledade. Dir-se-ia que está a alma, não em si, senão elevada acima de si mesma, de todo o criado e até da parte superior de seu espírito, tal qual sôbre o teto ou telhado de seu ser. Outras vêzes é como se andasse necessitadíssima, dizendo e perguntando a si mesma: *Onde está o teu Deus?* (Sl 41, 4). E' de notar que eu não compreendia bem êstes versos na nossa língua; e, depois que os vim a entender, fiquei consolada por ver que o Senhor mos tinha trazido à memória, sem o procurar eu. Recordava-me, por vêzes, do que diz S. Paulo: que estava crucificado ao mundo. [2] Não digo que seja em tal grau, bem vejo que não é, mas minha impressão é que vive a alma sem ainda se achar no céu nem mais habitar a terra; sem daquele lhe vir consôlo, nem o querer desta. Está como crucificada entre o céu e a terra, padecendo, sem receber socorro dum lado nem do outro. Com efeito, o que lhe vem do céu — e, como já disse, é uma notícia de Deus admirável, muito superior a tudo quanto podemos desejar — só lhe causa maior sofrimento, porque aumenta o seu desejo de tal modo que, segundo me parece, a intensidade da dor a priva algumas vêzes do uso dos sentidos, embora por pouco tempo. Êsse penar assemelha-se às agonias da morte, mas traz consigo tão grande contentamento, que não sei ao que se possa comparar. E' martírio tão duro quão delicioso, pois tudo quanto se oferece à alma, ainda mesmo o que de

---

1) Vigiei e tornei-me como o pássaro solitário no telhado (Sl 101, 8).

2) Gál 6, 14 ...*Mihi mundus crucifixus est, et ego mundo.*

costume mais lhe agrada, ela não aceita: para logo parece lançá-lo longe de si. Bem compreende que só quer a seu Deus, mas nêle não ama em particular coisa alguma; a Êle quer todo inteiro, e não sabe o que quer. Não sabe, digo, porque nada se lhe representa à imaginação; penso mesmo que, durante grande parte do tempo em que fica assim, não agem as suas potências. Aqui a dor as suspende, como o gôzo na união e no arroubamento.

O' Jesus! Quem pudera dar a entender bem isto a Vossa Mercê, ao menos para que me explicasse o que é, pois nesse estado é que agora anda sempre minha alma! Em se vendo desocupada, o mais comum é ficar nessas ânsias de morte, e, quando vê que começam, tem mêdo, porque sabe que não há de morrer; mas, uma vez que sofre, quisera em tal sofrimento passar o que lhe restasse de vida. Tão excessivo, porém, é êle, que a natureza mal o pode suportar. Às vêzes perco quase inteiramente o pulso, segundo dizem as irmãs que então se aproximam de mim e já compreendem melhor o meu estado. Os braços ficam muito abertos e as mãos tão hirtas, que chego a não poder juntá-las, de modo que até ao dia seguinte sinto dor nos pulsos e no corpo, como se mos tivessem desconjuntado.

Se isto fôr por diante como até agora, bem penso que numa dessas ocasiões será o Senhor servido de me tirar a vida, embora não o mereça eu, pois a meu ver basta tão grande tormento para causar a morte. Tôda a minha ânsia é morrer então. Nem me recordo do purgatório, nem dos grandes pecados que cometi, pelos quais merecia o inferno. Tudo esqueço, com aquela ânsia de ver a Deus; e aquêle deserto, aquela soledade parece melhor à alma, que tôda companhia do mundo. Se alguma coisa lhe pudesse dar consôlo, seria tratar com quem houvesse passado pelo mesmo tormento; pois vê que, embora se queixe, ninguém, provàvelmente, lhe dará crédito.

E' tanto o suplício, tão acerba a dor, que não quisera, como de costume, a solidão, mas também não quisera companhia, senão ter alguém com quem se pudesse queixar. E' como uma pessoa que está com a corda ao pescoço, prestes a se enforcar e procura tomar fôlego. Parece-me provir de nossa fraqueza êsse desejo de companhia, porque tal suplício nos põe certamente em perigo de morte. Neste perigo tendo — como já disse — estado várias vêzes por ocasião de graves enfermidades e em outras conjunturas, julgo poder afirmar que o de que trato é tão grande quanto qualquer outro. E' o desejo que o corpo e a alma têm de se não apartarem, que faz o primeiro pedir socorro para tomar fôlego; quer êle dar a conhecer seu sofrimento, queixar-se e distrair-se a fim de conservar a vida, bem contra a vontade do espírito ou parte superior da alma, que não quisera sair do suplício.

Não sei se atino com a verdade e se a poderei expressar, mas até onde posso alcançar é assim que acontece. Veja Vossa Mercê que descanso posso ter nesta vida, pois o que tinha, isto é, a oração e soledade — porque aí me consolava o Senhor — agora me não dá, no mais das vêzes, senão o referido tormento! E' êste, porém, tão saboroso e a alma tão bem conhece seu alto preço, que já o prefere a todos os regalos que costumava ter. Julga-o mais seguro, por ser caminho de cruz e encerrar gôsto de muito valor, ao que me parece; porque a alma reparte com o corpo sòmente a pena, e, padecendo, saboreia sòzinha o gôzo e contentamento que dá êste padecer.

Ignoro como pode isto ser, mas de fato acontece assim. Não trocaria, penso, semelhante mercê que o Senhor me faz — mera e espontânea dádiva de sua mão, repito-o, para cuja aquisição em nada coopero, pois é sumamente sobrenatural — por tôdas as graças que adiante relatarei, não digo que tôdas juntas, senão tomada cada uma de per si. E convém não esquecer que a recebi após tudo quanto vai escrito neste livro;

quero dizer, os ímpetos de que falo são posteriores a tôdas as graças que o Senhor me tem feito. Eis o estado em que Êle me mantém atualmente.

Estando eu a princípio com temor, como quase sempre fico ao receber cada mercê das mãos de Deus, até que com a continuação Sua Majestade me tranqüiliza, disse-me o Senhor que não temesse e tivesse em mais aprêço esta graça, do que tôdas as que me havia feito; porque no referido tormento a alma se purifica tal qual se apura e refina o ouro no crisol, a fim de melhor se dispor para receber o esmalte de seus dons; e vale esta purificação pelo tempo que havia de estar no Purgatório. Bem entendia eu que era grande mercê, mas fiquei com muito mais segurança, e disse-me meu confessor que é coisa boa. Eu, ainda que temesse, por ser tão ruim, nunca pude crer que fôsse mau; era antes a grandeza excessiva da graça que me fazia temer, ao me recordar de quão mal a tenho merecido. Bendito seja o Senhor que é bom tão infinitamente. Amém.

Vejo que saí de meu propósito, pois começara a falar de arroubamentos, e superior a êstes é a pena que expliquei, e por isso deixa os efeitos mencionados.

Tornemos agora aos arroubamentos e ao que nêles ocorre mais de ordinário. Muitas vêzes parecia-me que me deixava esta graça o corpo tão leve, que dêle me tirava todo pêso. Não raramente, chegava a coisa a tal ponto, que quase não sentia tocar com os pés no chão; pois o corpo, quando arroubado, fica muitas vêzes como morto, sem ação e sempre na posição em que é tomado; ora sentado, ora com as mãos abertas, ora com elas fechadas. E' raro perder os sentidos. Tem-me acontecido perdê-los inteiramente, mas poucas vêzes e por pouco tempo. Contudo o comum é que a alma, embora perturbada e sem poder agir quanto ao exterior, não deixa de perceber e ouvir como de longe. Não digo que perceba e ouça quando está no mais subido do arroubo, isto é, no tempo em que se perdem as potências por estarem muito unidas

a Deus, pois então não vê, nem ouve, nem sente, ao que me parece; mas, como disse na oração de união de que falei atrás, essa transformação total da alma em Deus dura pouco. Enquanto dura, porém, nenhuma potência age nem sabe o que ali se passa. Não são coisas essas para que se entendam enquanto vivemos na terra; pelo menos não o quer Deus, pois não deve haver em nós capacidade para tanto. Tenho-o visto por mim.

Perguntar-me-á Vossa Mercê como é que, alguma vez, dura o arroubamento tantas horas? O que me acontece freqüentemente é que se goza com intervalos, como notei a propósito da oração passada. De tempos a tempos engolfa-se a alma, ou para melhor dizer, empolga-a em Si o Senhor e, tendo-a mantido assim um pouco, guarda consigo só a vontade. O bulício das outras duas potências parece-me ser como o da lingüeta dos relógios de sol, que jamais pára. Contudo o Sol de Justiça, quando quer, as detém, e isso é o que digo ser de pouca duração; mas, como foi grande o ímpeto e surto do espírito, embora se tornem elas a agitar a vontade permanece engolfada e, como senhora de todo o ser humano, mantém o corpo no estado que indiquei a fim de não lhe criarem obstáculo os sentidos. Dêste modo, se as duas potências irrequietas querem estorvá-la, a elas deixa reduzido o número dos inimigos, e faz que estejam suspensos os sentidos porque assim quer o Senhor. Na maior parte do tempo, os olhos estão fechados, ainda que não queiramos fechá-los, e se acontece conservarem-se abertos, é sem tino e advertência do que vêem.

Aqui é muito menos o que o corpo pode fazer por si, de modo que para se tornarem a juntar as potências não haverá tanta dificuldade. Quem receber, pois, do Senhor esta mercê, não se desconsole quando se vir assim, atado o corpo muitas horas, e, por vêzes, distraídos o entendimento e a memória. Verdade é que o comum é estarem embebidos em lou-

vores a Deus, ou ocupados em querer perceber e entender o que se passou; entretanto mesmo para isto não estão bem despertos, senão como uma pessoa que dormiu muito, sonhou e ainda não despertou inteiramente.

Explano tanto êste ponto porque sei que atualmente há, nesta cidade, pessoas a quem o Senhor faz tais mercês; e se os seus diretores não passaram por isso, mormente não sendo doutos, imaginarão que durante o arroubo devem elas ficar como mortas. Causa lástima ver como então se padece quando são inexperientes e pouco ilustrados os confessores. Mais adiante falarei a respeito, embora eu mesma talvez não saiba o que digo. Se atinar em alguma coisa, Vossa Mercê entenderá, pois já lhe há dado o Senhor experiência disto; mas, como é de pouco tempo, talvez não o tenha ainda considerado tanto como eu. O fato é que, por muito que procure fazê-lo, durante bastante tempo não há fôrças no corpo para se poder menear: tôdas as levou consigo a alma. Muitas vêzes, estando êle antes bem enfêrmo e cheio de dores, fica são e com mais capacidade, porque é coisa grandiosa o que ali se dá; e quer o Senhor, de quando em quando, — repito, — que também goze o corpo, pois já se mostra obediente à vontade da alma. Depois de voltar esta a si, quando foi grande o arroubamento, acontece andar um ou dois e mesmo três dias tão embevecida, com as potências tão absortas, que parece ainda estar fora de si.

Surge então a pena de voltar a viver. Já lhe caiu a penugem, agora tem asas para voar bem alto. Já levanta de todo o estandarte pela causa de Jesus Cristo, pois outra coisa não parece senão que o alcaide da fortaleza subiu ou foi levado à tôrre mais alta para desfraldar a bandeira de Deus. Olha para os de baixo como quem está a salvo. Já não teme os perigos, antes os deseja como se, de certa maneira, recebesse ali a segurança da vitória. Mui claramente vê quão pouco se deve estimar tudo que há na terra, e

o nada que é. Quem está no alto, enxerga muitas coisas. Já não quer ter liberdade no querer, nem mesmo quisera ter livre alvedrio, e assim o suplica ao Senhor. Dá-lhe as chaves de sua vontade. Ei-lo aqui, o hortelão, feito alcaide; não deseja fazer coisa alguma, senão a vontade do Senhor; não quer dispor de si, nem de nada, nem sequer dum pêro do hôrto. Se neste houver algo de bom, distribua-o Sua Majestade, pois dora em diante não quer ter coisa alguma própria: de tudo disponha Deus conforme a sua glória e a sua vontade.

Na verdade é assim que acontece, quando são verdadeiros os arroubamentos: fica a alma com os efeitos e o aproveitamento que foram indicados. Se tal não se desse, duvidaria muito que viessem da parte de Deus; antes recearia que fôssem os acessos de raiva de que fala S. Vicente. Sei por experiência que numa hora, e ainda em menos tempo, fica a alma senhora de tudo e tão livre que se não pode mais reconhecer. Bem vê que para isso nada fêz, nem sabe como lhe foi dado tanto bem, mas percebe claramente o grandíssimo proveito que lhe traz cada um dêstes arrebatamentos. Não há quem o creia se por tal não passou. E por isso não dão crédito à pobre alma os que a conheceram tão ruim e a vêem tão depressa empreender coisas tão arriscadas, pois logo dá em se não contentar com servir em pouco ao Senhor, senão no mais que é possível. Pensam que é tentação e disparate. Se entendessem que aquilo não nasce dela, senão do Senhor, a quem já entregou as chaves de sua vontade, não se espantariam. Tenho para mim que, quando uma alma chega a êste estado, já não fala, nem faz por si coisa alguma: êste soberano Rei cuida de tudo que ela há de fazer. Oh! valha-me Deus! quão claramente se compreende a declaração do verso e se vê que tinha razão o Salmista — como a terão todos — de pedir asas de pomba.[1] Entende-se bem

1) *Quis dabit mihi pennas sicut columbae, et volabo, et requiescam? — Quem me dará asas como as da pomba, e voarei e descansarei?* (Sl 54, 7).

que é vôo o que dá o espírito para se levantar acima de todo o criado e de si mesmo em primeiro lugar; mas é vôo suave, vôo deleitoso, vôo sem ruído.

Que poderio tem a alma que o Senhor faz chegar a semelhante estado! Como olha tudo sem estar enredada em coisa alguma! Quão envergonhada está do tempo em que teve apegos e assim viveu! Quão espantada de sua cegueira! Quanto lastima os que nela vivem, especialmente se são gente de oração a quem Deus já regala! Quereria clamar em altas vozes para lhes dar a entender quão enganados estão; e chegando a fazê-lo algumas vêzes, chovem-lhe sôbre a cabeça mil perseguições. E' tida por pouco humilde e por pessoa que quer ensinar àqueles de quem deveria aprender. Principalmente se é mulher, logo a condenam, e não sem razão, visto ignorarem o ímpeto que a move tão fortemente, às vêzes, a ponto de não poder conter-se nem deixar de desenganar aquêles a quem quer bem. E' que deseja vê-los soltos do cárcere desta vida, pois não é menos, nem lhe parece menos o cativeiro, em que ela estêve.

Aflige-se quando se lembra do tempo em que tinha em conta pontos de honra, e do engano em que vivia julgando honra aquilo a que o mundo dá êste nome. Vê que é grandíssima mentira em que andamos todos. Compreende que a verdadeira honra não é mentirosa, senão real, dando aprêço ao que de fato tem valor, e tendo em nenhuma conta o que nada vale; pois tudo que acaba e não contenta a Deus, é nada e ainda menos que nada. Ri-se de si mesma ao tempo em que fazia caso do dinheiro e cobiçava-o, embora nesta matéria — creio eu e é a verdade — jamais me tenha reconhecido culpada de qualquer falta. Grande culpa já era tê-lo em alguma conta. Se com êle se pudesse comprar o bem que agora vejo em mim, muito o apreciaria; mas é evidente que semelhante bem se adquire abandonando tudo. Que se conquista, em suma, com o tão desejado dinheiro? Coisa preciosa? Coisa durável? Para que o queremos?

Triste satisfação a que com êle se procura obter, pois bem caro custa! O que muitas vêzes se alcança é o inferno, e o que se compra é fogo que se não extingue, suplício infindável! Oh! se todos se resolvessem a considerá-lo como terra improdutiva, quão em ordem e sem trabalhos andaria o mundo! Com que amizade se tratariam todos, se desaparecessem os interêsses da honra e do dinheiro! Tenho para mim que se remediariam todos os males.

Vê a alma que grande cegueira reina acêrca dos deleites, e como com êstes se compra trabalho e desassossêgo, mesmo para esta vida. Quantas inquietações! que pouco contentamento! que trabalhar em vão! Enxerga, então, em si mesma não só as teias de aranha, as faltas consideráveis, mas até alguma poeirazinha que haja, por mínima que seja, porque o sol está muito claro. E' assim que, por mais que trabalhe uma alma para ser perfeita, se deveras a colhe êste Sol, logo se vê tôda muito turva. E' como a água que dentro dum vaso parece limpidíssima enquanto nela não dá o sol; mas se vem a dar, logo aparece tôda cheia de átomos. Esta comparação é ao pé da letra. Antes de estar a alma em êxtase, julga andar com cuidado de não ofender a Deus, fazendo o que pode, na medida de suas fôrças. Mas quando, chegada a tal estado, o Sol de Justiça sôbre ela dardejando lhe abre os olhos, vê tantas impurezas, que quisera tornar a tê-los fechados. Ainda não é tão filha desta Águia possante, que possa fitar êsse Sol face a face; mas por pouco que os tenha abertos, vê-se tôda turva. Recorda-se do verso que diz: *Quem será justo diante de Ti?* [1]

Quando contempla o Divino Sol, fica deslumbrada com a claridade; quando olha para si, o barro tapa-lhe os olhos e a pombinha não enxerga. Acontece-lhe muitíssimas vêzes ficar assim, de todo cega, absorta, sem fôrças, espantada de tantas grandezas que vê. A alma ganha, então, a verdadeira humildade e

---

1) Sl 142, 2 — *Quia non iustificabitur in conspectu tuo omnis vivens.*

já nada se lhe dá de dizer bem de si, nem de que os outros o digam. E' o Senhor do hôrto quem reparte a fruta, e não ela. Nada, portanto, se lhe pega às mãos: todo o bem que possui vai endereçado a Deus. Se alguma coisa diz de si, é para glória do Senhor. Sabe que ali nada lhe pertence, e ainda que quisesse, não o poderia ignorar, porque o vê com seus olhos, e sem cooperação de sua parte há quem lhos faça cerrar às coisas do mundo e manter abertos para compreender verdades.

CAPÍTULO XXI

Prossegue e termina a exposição do último grau de oração. Diz o sofrimento da alma que nêle está por tornar a viver no mundo, e a luz que para ver os enganos dêste lhe dá o Senhor. E' de boa doutrina e utilidade.

Em conclusão do que vinha declarando, digo que o consentimento da alma aqui não é necessário: já o deu ao Senhor, e sabe que voluntàriamente se entregou em suas mãos e que não pode enganá-lo, porque é sabedor de tudo. Não é como na terra, onde está a vida tôda cheia de enganos e fingimentos. Quando pensais ter conquistado um coração, pelas mostras de afeição que vos dá, vindes a descobrir que tudo é mentira. Não há já quem possa viver no meio de tantos enredos, especialmente se intervém algum interêsse. Bem-aventurada a alma que o Senhor eleva ao conhecimento da verdade. Oh! que estado êste, para os reis! Como lhes valeria muito mais procurá-lo do que ter grande poderio! Que retidão haveria no reino! Que multidão de males se evitariam no presente e se teriam evitado nos tempos idos! Não se teme, então, perder a vida nem a honra por amor de Deus! Que grande bem êste para aquêles que, sendo reis, a quem todos hão de seguir, mais do que ninguém estão obri-

gados a zelar a honra do Senhor! Por dilatar um pouco a fé e dar alguma luz aos hereges, perderiam mil reinos, e com razão, pois se trataria de maior ganho, qual o dum reino infindável. A alma, com o gôzo duma só gôta da água que há por lá, sente asco de tudo que existe na terra. E que será quando de todo estiver nela engolfada?

O' Senhor! se me déreis estado e poder para clamar a todos estas verdades, não me creriam, como não crêem a muitos que o sabem dizer melhor do que eu; porém, ao menos, me sentiria satisfeita. Parece-me que teria em pouca monta a vida, se à custa da mesma pudesse dar a entender uma só destas verdades. Não sei depois como faria, pois não há que fiar de mim; contudo, com ser quem sou, dão-me tão grandes ímpetos de dizer isto aos que governam, que me sinto consumida. Vendo que nada posso, torno-me a Vós, Senhor meu, a pedir-vos remédio para tudo; e bem sabeis que, ficando eu em estado em que não vos ofendesse, de muito bom grado me despojaria das mercês que me tendes feito e as daria aos reis, porque sei que lhes seria impossível consentir no que agora toleram, e daí resultariam grandíssimos bens.

O' Deus meu, dai-lhes a entender a que estão obrigados, pois de tal maneira quisestes distingui-los na terra, que — segundo tenho ouvido — aparecem sinais no céu quando desta vida levais algum dêles. Sinto-me, na verdade, enternecida ao pensar, Rei meu, que, até nessas demonstrações que de algum modo há no céu por ocasião da sua morte como houve na vossa, quereis que entendam deverem imitar-vos na vida. Atrevo-me a muito. Rasgue Vossa Mercê o que digo, se lhe parecer mal, e creia que melhor o diria em presença dos próprios reis, caso pudesse fazê-lo e esperasse merecer crédito, porque os encomendo muito a Deus e quisera que fôsse com proveito. Seria aventurar a vida, mas desejo muitas vêzes estar sem ela; e seria arriscar pouco para ganhar muito,

pois já não se pode viver, vendo a olhos vistos o grande engano em que andamos e a cegueira que trazemos.

Chegada a alma aqui, não tem só desejos da glória de Deus: dá-lhe Sua Majestade fôrças para os realizar. Não se lhe oferece empreendimento que não se abalance a acometer, se o julga do serviço do Senhor; e nada faz, porque — como digo — vê claramente que, fora de contentar a Deus, tudo é sem valor. O que realmente custa é não se apresentarem ocasiões, de lhe ser agradável, a quem é tão balda de préstimo como eu. Sêde servido, Bem meu, que venha tempo em que vos possa pagar algum ceitil do muito que vos devo. Ordenai, Senhor, como vos aprouver, contanto que esta vossa serva de algum modo vos sirva. Mulheres eram também outras, e no entanto fizeram coisas heróicas por amor de Vós. Quanto a mim, sirvo apenas para tagarelar e por isso não quereis, Deus meu, ocupar-me em obras. Reduz-se todo o meu serviço a palavras e a desejos de fazer muito. Mesmo para isto não tenho liberdade e, se porventura a tivera, cometeria faltas em tudo. Fortalecei minha alma, disponde-a primeiro, ó Bem de todos os bens! ó Jesus meu! e ordenai logo ensejos e meios de fazer eu alguma coisa por Vós, pois já não há quem sofra receber tanto sem nada pagar. Custe o que custar, Senhor, não queirais que me apresente diante de Vós com as mãos tão vazias, pois de acôrdo com as obras se há de dar o prêmio. Eis aqui minha vida, eis aqui minha honra e minha vontade; tudo já vos dei; sou vossa; disponde de mim como quiserdes. Bem vejo, meu Senhor, o pouco de que sou capaz; mas, chegada a Vós, do alto dessa atalaia donde se descortinam as verdades, se não vos apartardes de mim tudo poderei, mas apartando-vos, por pouco que seja, irei para o inferno, lugar onde estava.

Oh! quanto custa à alma, em tal estado, ter novamente de tratar com todos, olhar e ver a farsa desta vida tão mal ordenada, despender tempo em cuidar do corpo, dando-lhe sono e alimento! Tudo a cansa;

não sabe como escapar; vê-se encadeada e prêsa; então sente mais verdadeiramente o cativeiro em que nos conserva o corpo e entende melhor a miséria da vida. Conhece a razão que tinha S. Paulo de suplicar a Deus que o livrasse dela; brada juntamente com êle; pede a Deus liberdade. Já falei disto, mas aqui é com tão grande ímpeto, muitas vêzes, que a alma parece querer sair do corpo em busca dessa liberdade, já que não a fazem sair. Anda como vendida em terra estranha, e o que mais a atormenta é não achar muitos que se queixem com ela e peçam o mesmo; antes, ordinàriamente, todos desejam viver. Oh! se a nada estivéssemos apegados, nem puséssemos nosso contentamento em coisa da terra, como a pena de vivermos contìnuamente sem Deus e o desejo de gozarmos da verdadeira vida mitigariam o mêdo da morte! Considero às vêzes: se não obstante ser a criatura que sou, com tão tíbia caridade e tanta incerteza de alcançar o verdadeiro descanso por não o haverem merecido minhas obras, sinto a miúdo — só por esta luz que me deu o Senhor — tão grande pesar de me ver neste desterro, que sentimento deve ter sido o dos Santos? Que devem ter passado S. Paulo, Madalena e outros semelhantes, tão incendiados de amor de Deus? Martírio contínuo, certamente, era para êles a vida. Algum alívio e consôlo parece que me dá o trato de pessoas em quem acho iguais desejos, acompanhados, bem entendido, de obras. Sim, obras, porque há algumas pessoas que se têm em conta de desprendidas de tudo, e chegam a apregoá-lo, e assim havia de ser de conformidade com o que devem a seu estado e aos muitos anos decorridos desde que começaram a trilhar o caminho da perfeição; mas esta alma conhece de longe os que são perfeitos em palavras e aquêles que já confirmaram as palavras com obras, porque tem verificado o pouco proveito de uns e o muito de outros. Quem tem experiência fácil e claramente o reconhece.

São, pois, êstes os efeitos que produzem os arroubamentos quando procedem do espírito de Deus.

Verdade é que há mais e menos; menos, sim, porque no princípio, embora produzam os citados efeitos, como não foram ainda provados com obras, não se dão tanto a entender. Também vai crescendo a alma em perfeição, procurando que em si não haja sequer sombra de teia de aranha, e isto requer algum tempo. Quanto mais aumentam seu amor e sua humildade, maior perfume vão exalando as flôres das virtudes para ela e para os outros. Também é verdade que de tal maneira pode o Senhor agir num rapto dêstes, que pouco trabalho reste à alma para adquirir a perfeição. Não poderá crer quem o não experimentar, o que dá aqui o Senhor; não há — parece-me — diligência de nossa parte que chegue a tanto. Não digo que, com o favor de Deus, no fim de muitos anos, valendo-se das regras dos que escreveram sôbre a oração, seus princípios e meios, não cheguem à perfeição e a um grande desapêgo à custa de bastante trabalho. Não será, porém, em tão breve tempo, sem esfôrço da nossa parte, como obra o Senhor aqui, determinadamente arrancando da terra a alma e dando-lhe domínio sôbre tudo que existe, ainda que nela não haja mais merecimentos do que havia na minha, que era quase nenhum; e, dizendo isto, não o posso encarecer mais.

A razão pela qual procede Sua Majestade dêste modo, é porque assim quer, faz conforme quer e, ainda que nela não ache disposição, sabe dispô-la para receber o bem que lhe dá. De modo que nem tôdas as vêzes concede seus dons a quem lhos mereceu trabalhando bem no hôrto; embora seja muito certo que ao bom jardineiro, que trabalha e procura desapegar-se, não falta Sua Majestade com o regalo. Quer mostrar sua grandeza algumas vêzes na terra mais ingrata, como já disse, e dispô-la para todo bem, a tal ponto que ela já de certo modo parece não poder mais tornar a viver em ofensas a Deus como costumava. Tem o pensamento tão habituado a entender o que é realmente verdade, que tudo mais lhe parece brin-

quedo. Ri-se consigo mesma, em certas ocasiões, ao ver pessoas graves, dadas à oração e vivendo em estado religioso, fazerem muito caso de uns pontos de honra que ela já tem debaixo dos pés. Dizem que isso é ter prudência e zelar a dignidade do seu estado para maior bem, mas sabe ela perfeitamente que mais aproveitariam num só dia descuidando-se, por amor de Deus, dessa dignidade, do que em dez anos resguardando-a.

Assim passa vida trabalhosa e sempre com cruz, mas adianta-se a largos passos. Os que com ela tratam julgam-na chegada ao auge da perfeição e, no entanto, dentro em pouco está muito mais perfeita, porque vai recebendo sempre mais favores. Deus a tem por alma sua, que está já a seu cargo, e isto bem transparece, porque dir-se-ia que a está sempre assistindo e guardando para que o não ofenda, e favorecendo e estimulando para que o sirva. Chegando minha alma a receber de Deus esta tão grande mercê, cessaram meus males e deu-me o Senhor fortaleza para sair dêles. Já não me prejudicava estar em ocasiões e com gente que outrora me distraía. Era como se não estivesse; até me ajudava o que antes me costumava fazer mal. Tudo se convertia para mim em meios de mais conhecer e amar a Deus, de ver o que lhe devia e de ter pesar por lhe haver sido tão ingrata.

Bem compreendia eu que não vinha isso de mim, e que o não tinha ganho com o meu esfôrço, pois ainda não havia tempo para tanto. Só por sua bondade tinha-me dado Sua Majestade fortaleza para tudo. Até agora, desde que o Senhor começou a me fazer mercê dos referidos arroubos, sempre vem aumentando essa fortaleza e me tem Êle sustido com a sua mão para eu não tornar atrás. Não me parece — e é verdade — que de minha parte faça alguma coisa, antes claramente percebo ser o Senhor quem tudo faz. Eis o que me leva a crer que as almas a quem o Senhor concede tais mercês, se viverem com humildade e temor, sempre entendendo que o mesmo Se-

nhor é quem faz tudo, e elas quase nada, poderão manter-se com qualquer gente. Por mais distraída e viciosa que esta seja, não lhes causará impressão nem de modo algum as abalará, antes, como disse, lhes servirá de ajuda e meio para tirarem muito maior proveito. São já almas fortes que o Senhor escolhe para fazer bem a outras, pôsto que não lhes venha de si tal fortaleza. Quando o Senhor eleva uma alma até Si, pouco a pouco lhe vai comunicando mui grandes segredos.

Então, nos êxtases, vêm as revelações verdadeiras, as grandes mercês e visões; e tudo contribui para humilhar e fortalecer a alma, fazer que tenha em menos conta as coisas desta vida e conheça mais claramente as grandezas do prêmio que o Senhor tem aparelhado para os que o servem. Praza a Sua Majestade que, de algum modo, a grandíssima largueza de que tem usado para com esta miserável pecadora, incite e anime os que isto lerem, a tudo deixarem inteiramente por Deus. Se paga Sua Majestade com tanta abundância, que, já nesta vida, patentes são o prêmio e o lucro auferidos por quem O serve, que será na outra?

CAPÍTULO XXII

Trata de quão seguro caminho é para os contemplativos não levantarem o espírito a coisas altas, se o não levanta o Senhor. Diz como pela Humanidade de Cristo se há de chegar à mais subida contemplação. Conta um engano em que estêve algum tempo. E' de muito proveito êste capítulo.

Uma coisa quero dizer, importante a meu ver. Se Vossa Mercê a aprovar, servirá de aviso e talvez seja êste necessário. Dizem alguns tratados de oração que a alma, embora seja incapaz de por si chegar ao estado de contemplação, por ser inteiramente so-

brenatural e obra do Senhor, poderá, contudo, fazer alguma coisa de sua parte, desprendendo o espírito de todo o criado e levantando-o acima do mesmo com humildade, depois de ter muitos anos trilhado a via purgativa e aproveitado na iluminativa. Não sei bem por que razão dizem iluminativa; penso que é dos que vão aproveitando. Avisam muito tais livros que convém apartar o espírito de tôda imaginação corpórea e elevar-se a contemplar a Divindade, ensinando que até a Humanidade de Cristo, aos que já estão assim adiantados, embaraça e impede de subir a mais perfeita contemplação. Alegam a êste propósito o que disse Cristo aos Apóstolos sôbre a vinda do Espírito Santo, isto é, quando subiu aos céus. Parece-me que se tivessem fé, como tiveram depois da vinda dêste Divino Espírito, de que o Senhor era Deus e homem, sua presença não lhes serviria de impedimento, pois não foi dito o mesmo à Mãe de Deus, apesar de o amar esta mais que todos. Julgam tais autores que, sendo a contemplação inteiramente espiritual, qualquer coisa corpórea a pode dificultar ou impedir. O que se há de procurar, dizem êles, é cada qual considerar que está Deus em tôda parte, e ver-se engolfado nêle. Bem me parece isto, algumas vêzes; mas apartar-se totalmente de Cristo e colocar seu divino Corpo no rol de nossas misérias e de todo o criado, eis o que não posso sofrer! Praza a Sua Majestade que me saiba explicar.

Não os contradigo, porque são letrados e espirituais e sabem o que dizem; aliás, por muitos caminhos e veredas leva Deus as almas. O que agora quero dizer é como levou a minha e o perigo em que me vi por querer conformar-me com o que lia; no demais não me intrometo. Bem creio que quem chegar a ter união e não passar adiante, isto é, a arroubamentos, visões e outras mercês que faz Deus às almas, terá por melhor a dita doutrina, como aconteceu comigo; mas se eu tivesse ficado nesta persuasão, creio que nunca teria chegado ao ponto em que estou

agora. A meu ver, há aqui engano; bem pode ser que seja eu a enganada, mas direi o que me aconteceu.

Como não tinha diretor, lia êsses livros, por meio dos quais imaginava ir aos poucos entendendo alguma coisa. Depois verifiquei que, se o Senhor me não houvesse ensinado, pouco poderia ter aprendido com os livros, porque era nada o que entendia até que Sua Majestade mo dava a entender por experiência; e nem mesmo sabia o que fazia. Assim que sentia comêço de oração sobrenatural, isto é, de quietação, procurava desviar o espírito de tôda coisa corpórea, embora ir levantando a alma não ousasse, pois sendo sempre tão ruim, via ser atrevimento. Parecia-me sentir a presença de Deus, o que era verdade, e procurava estar recolhida com Êle. E' oração saborosa quando Deus ajuda, e grande o deleite que causa. Com tais proveitos e gostos, já não havia quem me fizesse tornar à santa Humanidade, senão que me parecia ser, de fato, impedimento. O' Senhor de minha alma e Bem meu, Jesus Cristo crucificado! Não me recordo uma vez sequer desta minha opinião, que não me dê pena; parece-me ter-vos feito grande traição, conquanto por ignorância.

Tôda a minha vida havia eu sido muito devota de Cristo, pois isto já foi para o fim, digo nos últimos tempos, antes que o Senhor me fizesse estas mercês de arroubamentos e visões. Muito pouco fiquei com a referida opinião, e assim tornava sempre ao meu costume de folgar com êste Senhor, especialmente quando comungava. Quisera ter continuamente diante dos olhos seu retrato, sua imagem, já que o não podia trazer tão gravado na alma como desejava. Será possível, Senhor meu, que, mesmo só durante uma hora, tenha detido o pensamento de que me havíeis de servir de empecilho para maior bem? Donde me vieram todos os bens senão de Vós? Não quero pensar que nisto tenha tido culpa, porque me causa muito pesar. Certamente foi ignorância, e assim quisestes Vós, por vossa bondade, remediá-la, dando-

me quem me tirasse de semelhante êrro, e fazendo-me depois ver-vos tantas vêzes — como adiante direi — para que eu com mais evidência entendesse ser grande êrro, o dissesse a muitas pessoas, como tenho feito e, agora, o repetisse aqui.

Estou convencida de ser esta a causa de muitas alma não aproveitarem mais, nem adquirirem mui grande liberdade de espírito, quando chegam a ter oração de união. Parece-me haver duas razões em que posso fundar o que afirmo. Talvez não diga grande coisa, mas do que disser tenho experiência. O certo é que se achava muito mal minha alma até o Senhor lhe dar luz, porque todos os seus gozos eram tomados a sorvos, e, saindo da oração, não se achava na companhia de que depois fruiu nos sofrimentos e nas tentações. Uma das razões é que há um pouco de falta de humildade, tão solapada e escondida, que não se sente. E quem será o soberbo e miserável como eu, que, quando haja passado tôda a vida com quantas penitências, orações e perseguições se possam imaginar, não se julgue muito rico e muito bem pago se lhe consentir o Senhor que esteja ao pé da Cruz com S. João? Não sei em que juízo cabe não se contentar com isto, senão no meu, que de tôdas as maneiras achou ocasião de perder no que havia de ganhar.

Se, por temperamento ou enfermidade, não podemos sempre pensar na Paixão, por nos causar pena, quem nos impede de estar com Êle depois da ressurreição, pois tão perto o temos no Sacramento, onde já está glorificado? Assim não teremos de o contemplar tão aflito e dilacerado, coberto de sangue, fatigado de caminhar, perseguido pelos mesmos aos quais fazia tanto bem, magoado com a pouca fé dos Apóstolos. Sim, certamente, porque não há quem sofra pensar contìnuamente nos muitos tormentos que passou. Ei-lo aqui sem pena, cheio de glória, confortando uns, animando outros, antes de subir aos céus; companheiro nosso no Santíssimo Sacramento, pois pare-

ce que não estêve em suas mãos apartar-se de nós um só momento! E entretanto nas minhas estêve apartar-me eu de Vós, Senhor meu, para vos servir melhor!. Quando vos fazia ofensas, ao menos não vos conhecia! Mas conhecer-vos e pensar ganhar mais por tal caminho! Oh! que mau rumo levava, Senhor! Mais parece que ia transviada, se me não fizésseis tornar ao verdadeiro caminho, pois, vendo-vos junto de mim, logo vi todos os bens. Nunca me sobrevém provação tal, que olhando-vos na atitude em que estivestes diante dos juízes, não ache bom suportá-la. Com tão bom amigo presente, com tão esforçado capitão, que em matéria de padecer foi o primeiro, tudo se pode sofrer. Serve de ajuda e dá esfôrço; nunca falta; é amigo verdadeiro.

Vi depois, e sempre tenho visto claramente, que para contentarmos a Deus e para que nos faça Êle mercês, quer que seja por intermédio desta Humanidade sacratíssima, na qual declarou Sua Majestade ter pôsto suas complacências. Muitíssimas vêzes e muito bem o tenho visto por experiência, e também mo disse o Senhor. Tenho compreendido claramente que por esta porta havemos de entrar, se quisermos que nos mostre grandes segredos a soberana Majestade. De modo que Vossa Mercê, Senhor, não queira outro caminho, ainda que esteja no cume da contemplação. Por aqui irá seguro. E' por meio dêste Senhor nosso que nos vêm todos os bens. Êle o ensinará; contemple sua vida, porque não há modêlo melhor. Que mais queremos, do que ter a nosso lado tão bom amigo, que não nos deixará nos trabalhos e nas tribulações, como fazem os do mundo? Bem-aventurado quem o amar deveras e sempre o trouxer junto de si. Olhemos o glorioso S. Paulo de cujos lábios, por assim dizer, não saía senão o nome de Jesus, tão bem gravado o tinha no coração. Desde que entendi isto tenho considerado atentamente alguns Santos, grandes contemplativos, e vi que não iam por outro caminho. S. Francisco bem o mostra nas chagas; S. Antônio de Pádua, no Meni-

no; S. Bernardo deleitava-se com a Humanidade. O mesmo acontecia com S. Catarina de Sena e com outros muitos que Vossa Mercê saberá melhor do que eu.

Êsse aviso de se apartar do corpóreo, bom deve ser, sem dúvida, pois vem de gente tão espiritual; mas, a meu parecer, há de ser estando a alma muito adiantada. A não ser assim, claro está que se há de buscar o Criador pelas criaturas. Tudo é de acôrdo com as mercês que o Senhor faz a cada alma: nisto não me intrometo. O que desejaria dar a entender, é que não há de entrar neste rol a Humanidade sacratíssima de Cristo. E note-se bem êste ponto, que desejaria saber declarar.

Quando quer Deus suspender tôdas as potências, como vimos nos modos de oração que ficam ditos, claro está que, embora não queiramos, se nos tira a presença da santa Humanidade. Vá-se então, em boa hora! Ditosa tal perda, que faz gozar mais do que nos parece ter perdido; porque então se entrega a alma tôda a amar o que o entendimento procurou conhecer. Ama o que não compreendeu, e goza o que não pudera tão bem gozar se não fôra perdendo a si, como digo, para melhor ganhar.

Mas que nós mesmos, propositadamente e com cuidado, nos acostumamos a não procurar com tôdas as nossas fôrças trazer sempre diante de nós — e prouvera ao Senhor que fôra sempre! — esta sacratíssima Humanidade, isto é que não me parece bem: é andar a alma no ar, como dizem, pois não tem arrimo, por mais que imagine estar cheia de Deus. E' grande coisa, enquanto vivemos e somos humanos, trazer a Deus humanado diante de nós. E' a êste respeito que quero falar do segundo inconveniente a que aludi. O primeiro, já disse, é um pouco de falta de humildade, pois quer levantar-se a alma antes que o Senhor a levante, não se contentando com meditar coisa tão preciosa; e pretende ser Maria antes de haver trabalhado com Marta. Quando o Senhor assim quer, ainda que seja no primeiro dia, não há que te-

mer; mas sejamos nós comedidos, como penso já ter dito. Êsse argueirinho de pouca humildade, ainda que pareça nada, é muito prejudicial a quem quer progredir na contemplação.

Voltemos ao segundo inconveniente. Não somos anjos, temos corpo. Querermos arvorar-nos em anjos quando estamos na terra e tão engolfados nela como eu estava, é desatino. O pensamento, aliás, carece ordinàriamente de arrimo, embora às vêzes a alma saia de si e, em muitas outras, ande tão cheia de Deus a ponto de dispensar coisa criada para se recolher. Isto, porém, não é comum; e quando não se pode ter tanta quietação no meio de negócios, perseguições e trabalhos e em tempo de securas, mui bom amigo é Cristo, porque olhamos para Êle feito Homem e vemos suas fraquezas e tormentos, e ficamos em sua companhia. Havendo costume, é muito fácil achá-lo junto de nós, conquanto dias venham nos quais nem uma coisa nem outra consigamos fazer. Para estas ocasiões, serve o que já foi dito, isto é: que não nos habituemos a buscar consolações de espírito. Grande coisa é viver abraçado à cruz, venha o que vier. Desamparado de tôda consolação ficou êste Senhor; sòzinho o deixaram nos tormentos. Não o deixemos nós, pois, para mais subirmos, melhor nos dará Êle a mão, do que nossa diligência; e ausentar-se-á quando vir que convém e quer o Senhor elevar a alma acima de si mesma pelo modo já indicado.

Muito agrada a Deus ver que uma alma, com humildade, põe por terceiro junto dêle seu Filho, e tanto o ama que, ainda querendo Sua Majestade elevá-la a altíssima contemplação — repito — se reconhece indigna, dizendo com S. Pedro: *Apartai-vos de mim, porque sou homem pecador.*[1]

Isto tenho experimentado por mim mesma, e dêste modo tem Deus levado minha alma. Outros irão, como já disse, por atalho diverso; mas o que tenho entendido é que todo o alicerce da oração está na hu-

---

1) Lc 5, 8. *Exi a me, quia homo peccator sum, Domine.*

mildade, e quanto mais se humilha uma alma, mais Deus a faz subir.

Não me recordo de me haver Êle feito mercê muito assinalada, das que adiante direi, que não fôsse estando eu aniquilada de me ver tão ruim; e ainda procurava Sua Majestade dar-me a entender, para me ajudar no meu conhecimento, coisas que eu não saberia imaginar. Tenho para mim que tudo quanto faça a alma para se ajudar na oração de união, ainda que a princípio pareça proveitoso, muito depressa se desvanecerá, como coisa sem fundamento; e temo que assim nunca chegue à verdadeira pobreza de espírito. Consiste esta não em buscar gôsto e consôlo na oração depois de ter deixado os da terra, mas sim em achar consolação nos tormentos por amor daquele que nêles sempre viveu, e em ter paz no meio das provações e securas, embora sem as deixar de sentir. Não convém que a alma se entregue à inquietação e à pena, à semelhança de algumas pessoas que, se não estão sempre trabalhando com o entendimento e sentindo devoção, julgam tudo perdido; como se com seu trabalho pudessem merecer tão imenso bem! Não digo que deixem de o procurar e de estar com cuidado diante de Deus; mas sim que não se matem se não puderem ter sequer um bom pensamento, como disse de outra vez. Servos imprestáveis somos: como presumimos de nós?

Quer o Senhor que reconheçamos esta verdade, e andemos como jumentinhos para trazer água por meio da nora de que falei. E' certo que, mesmo com os olhos vendados e sem entender o que fazem, tiram êles água em maior quantidade que o hortelão com tôda a sua diligência. Com liberdade havemos de andar neste caminho, entregues às mãos de Deus. Se Sua Majestade quiser elevar-nos à categoria de seus camareiros e confidentes dos seus segredos, vamos de boa vontade: se não, sirvamos em ofícios baixos e não tomemos assento no melhor lugar, como já tenho dito. Deus cuida de tudo, melhor que nós, e sabe o que é pró-

prio de cada um. De que serve querer governar-se a si, quem já deu tôda a sua vontade a Deus! A meu parecer, muito menos se pode sofrer isto aqui do que no primeiro grau de oração e muito mais prejudica, pois se trata de bens sobrenaturais. Se alguém tiver má voz, por muito que se esforce para cantar, não a tornará boa, mas sem esfôrço de sua parte só terá que recebê-la se Deus lhe quiser fazer esta graça. Recorramos, pois, à súplica, pedindo sempre ao Senhor que nos faça mercês, rendido nosso espírito, mas confiando na grandeza de Deus... E visto ser permitido à alma estar aos pés de Cristo, procure ela não se arredar daí, seja qual fôr o seu estado. Imite a Madalena e, desde que esteja forte, será levada pelo Senhor ao deserto.

Em suma, Vossa Mercê, até que ache quem tenha mais experiência do que eu e o saiba melhor, tenha por certo o que lhe digo. Se forem pessoas que apenas começam a gozar de Deus, não lhes dê crédito, pois estas geralmente julgam aproveitar e gozar mais ajudando a si mesmas. Oh! quando Deus quer, como vem Êle manifestamente a nós, sem nosso concursozinho! Por mais que façamos, arrebata o espírito, como um gigante levanta uma palha; e não há resistir-lhe! Como é possível crer que espere Êle que voe o sapo por si mesmo, quando o quer fazer voar? E ainda considero o nosso espírito mais pesado e difícil para se levantar, se Deus não o levanta, porque está carregado de terra e de mil impedimentos. Pouco lhe aproveita querer voar, pois, ainda que isto lhe seja mais natural do que ao sapo, está tão metido na lama, que perdeu as asas por sua culpa.

Quero concluir dizendo que, quando pensarmos em Cristo, sempre nos lembremos do amor com que nos fêz tantas graças e da grande ternura que nos testemunhou Deus em nos dar tal penhor do muito que nos ama: pois amor produz amor. E, ainda que nos vejamos muito ruins e muito no princípio, procuremos sempre ir considerando estas verdades e es-

timulando-nos a amar, porque, uma vez que nos faça o Senhor a mercê de que se nos imprima no coração êste amor, ser-nos-á tudo fácil; faremos grandes coisas muito depressa e muito sem trabalho. Dê-nos Sua Majestade êste amor, pois sabe o muito que nos convém; isto lhe peço pelo que Êle nos teve, e por seu glorioso Filho, que à custa de tantos sofrimentos nos mostrou o seu. Amém.

Uma coisa quero perguntar a Vossa Mercê. Por que motivo, em começando o Senhor a fazer a uma alma mercês tão subidas, como é elevá-la à perfeita contemplação, não fica ela logo perfeita de todo, como seria justo? Sim, por certo seria conforme à razão, pois quem tão grande graça recebe, não deveria mais querer consôlo na terra. Porque, então, chegando a ter arroubos e a receber habitualmente outras mercês, tornam-se mais subidos os efeitos, e quanto mais se multiplicam, tanto mais desapegada fica a alma? Num momento, chegando-se a ela o Senhor, não poderia deixá-la santificada? Como depois, com o andar do tempo, vai deixando-a o mesmo Senhor com mais perfeição nas virtudes? Isto quisera saber, pois ignoro; mas bem compreendo que é diferente a fortaleza que infunde Deus no princípio, quando esta mercê não dura mais que um abrir e fechar de olhos e quase só se sente pelos efeitos, ou quando a concede mais largamente. Muitas vêzes parece-me que será talvez porque não se dispõe totalmente e sem demora a alma, até que o Senhor, pouco a pouco, a cria e faz que ela se determine e lhe dá ânimo varonil para que inteiramente calque aos pés tudo, como num breve instante o fêz com a Madalena. Faz o mesmo em outras pessoas conforme se entregam à ação divina e deixam agir Sua Majestade. Não acabamos de crer que, ainda nesta vida, dá Deus cento por um.

Ocorreu-me também esta comparação. Tanto aos que vão mais adiante como aos que começam, é sempre o mesmo alimento que se dá, mas é como um manjar de que comem muitas pessoas. Algumas provam

pouquinho e ficam só com o bom sabor por algum tempo; outras comem mais e já se sustentam; outras comem muito, e cobram vida e fôrça. Pode mesmo alguém comer tantas vêzes e com tanto proveito dêste manjar de vida, que já não ache gôsto em outra coisa, fora dêle. E' que vê quanto proveito encontra, e tem já o paladar tão afeito a esta suavidade, que preferiria perder a vida a ter de provar de outras coisas, que não serviriam senão para tirar o bom sabor deixado pelo celeste alimento. Do mesmo modo, a convivência com uma pessoa santa não produz tanto fruto num dia como em muitos; e tantos podem ser êstes, que afinal, com o favor de Deus, sejamos como ela. Em suma, tudo depende da vontade do Senhor, e Sua Majestade concede suas graças a quem quer. Mesmo assim é de grande importância que a alma, começando a receber tais mercês, se determine a apreciá-las devidamente e a desprender-se de tudo.

Dir-se-ia também que anda Sua Majestade experimentando um e outro, para ver quem o quer; e, a fim de avivar a fé no que nos há de dar um dia, se porventura está amortecida, descobre quem Êle é por meio daquele deleite tão soberano. Parece dizer: "Olhai que não é isto mais que uma gôta do mar imenso de meus tesouros". Nada deixa por fazer em favor daqueles que ama; e, se vê que o recebem, dá tudo e dá-se Êle mesmo. Quer a quem lhe quer. E como sabe querer bem! e que bom amigo! O' Senhor de minha alma, quem tivera palavras para dar a entender o que dais aos que se fiam de Vós; e quanto perdem os que chegam a êste estado e ficam apegados a si mesmos! Não o permitais Vós, Senhor; pois mais do que isto fazeis, vindo a pousada tão ruim como é a minha. Bendito sejais para todo o sempre!

Torno a suplicar a Vossa Mercê que estas coisas de oração que escrevi, se quiser conferi-las com alguém, só o faça com pessoas espirituais; porque, se não souberem mais que um caminho, ou se tiverem parado no meio, não poderão atinar que seja assim

como digo. Há alguns que logo os leva Deus por via muito sublime; e julgam que os outros tirarão fruto do mesmo modo, aquietando o entendimento e não se valendo do concurso das coisas corpóreas. O resultado é que ficam secos como pedaços de pau. Outros, porque tiveram um pouco de quietação, logo pensam que assim como têm uma coisa, podem fazer outra; e, em lugar de aproveitar, desaproveitam, como já disse.

Assim que, em tudo há necessidade de experiência e discrição. O Senhor no-la dê por sua bondade.

CAPÍTULO XXIII

Volta a narrar sua vida. Diz como começou a ter mais perfeição e por que meios. E' proveitoso às pessoas que se ocupam em dirigir almas que têm oração, para saberem como hão de proceder nos princípios. Proveito que lhe resultou de achar quem soubesse guiá-la.

Quero agora tornar ao ponto[1] onde deixei a narração de minha vida. Creio que me detive mais do que me havia de deter; e foi para que melhor se entenda o que está por vir. E' outro livro novo daqui por diante; quero dizer, outra vida nova. A que decorreu até aqui, era minha; a que vivi desde que comecei a receber as graças de oração que descrevi, é a que Deus vivia em mim, ao que me parece, por que bem vejo que me era impossível, em tão pouco tempo, sair de tão ruins costumes e obras. Seja Deus louvado, que me livrou de mim mesma.

Começando eu, pois, a deixar as ocasiões e a darme mais à oração, pôs-se logo o Senhor a me fazer mercês, como quem estava desejando, segundo parecia, que eu quisesse recebê-las. Principiou Sua Ma-

1) Cap. IX.

jestade a dar-me muito ordinàriamente oração de quietação e muitas vêzes a de união durante muito tempo. Como então se haviam constatado grandes ilusões em mulheres, e enganos em que as tinha enredado o demônio, entrei a temer, por sentir tão grande deleite e suavidade, muitas vêzes sem o poder evitar. Por outra parte, via em mim grandíssima segurança de que era obra de Deus, especialmente quando estava em oração; e sentia-me muito melhorada e com mais fortaleza. Se, porém, me distraía um pouco, tornava a temer e a pensar que talvez o demônio, fazendo-me entender que era bom, procurava suspender-me o raciocínio para me tirar a oração mental e não me deixar refletir na Paixão, nem me aproveitar do entendimento. Ainda não entendia bem as coisas e parecia-me isto o maior dos prejuízos.

Como Sua Majestade queria dar-me luz a fim de não o ofender mais e conhecer o muito que lhe devia, cresceu em mim o mêdo de tal sorte, que me fêz buscar com diligência pessoas espirituais com quem tratar. Já tinha notícia de algumas, porque haviam vindo aqui os Padres da Companhia de Jesus, aos quais, embora sem conhecer nenhum, era muito afeiçoada, só por saber o modo de vida e de oração que levavam. Não me achava, entretanto, digna de os consultar, nem forte para lhes obedecer, e isto me incutia mais temor, porque tratar com êles e continuar a ser quem era, me parecia coisa muito dura.

Andei assim algum tempo, até que, depois de muitos combates e temores, resolvi tratar com uma pessoa espiritual para perguntar que oração era essa que eu tinha e pedir que me desse luz no caso de estar errada, ajudando-me a fazer tudo que estivesse em minhas mãos para não ofender a Deus. A falta de fortaleza que sentia, como já disse, me fazia andar com tanta timidez. Que engano tão grande, valha-me Deus! Por querer ser boa, apartava-me do bem! Neste ponto deve o demônio combater muito os que começam a trilhar o caminho da virtude, pois sentia difi-

culdade em me resolver. Sabe êle que para a alma todo o remédio está em tratar com amigos de Deus, e por isso, certamente, não havia meios de me determinar a fazê-lo. Aguardava, queria primeiro emendar-me, tal qual fiz durante o tempo em que abandonei a oração; e talvez jamais o conseguisse, porque estava tão afeita a coisinhas de mau costume, sem perceber a sua maldade, que precisava ser ajudada, darem-me a mão para me levantar. Bendito seja o Senhor! Afinal foi sua mão (a primeira) que se me estendeu!

Como vi ir aumentando o meu temor porque cresciam as mercês na oração, pareceu-me que nisto devia haver algum grande bem ou grandíssimo mal. Já algumas vêzes não podia resistir; e tê-lo quando queria, era impossível. Pensei comigo que o remédio era procurar manter limpa a consciência e apartar-me de tôda ocasião, mesmo de pecados veniais. Se fôsse espírito de Deus, claro estava o ganho; se fôsse do demônio, procurando eu contentar o Senhor e não o ofender, pouco dano me poderia resultar.

Com esta determinação e suplicando sempre ao Senhor que me ajudasse, procurei fazer assim alguns dias; mas vi que não tinha fôrça minha alma para por si só atingir tão alta perfeição, em razão de algumas afeições a coisas que, embora não fôssem muito más, bastavam para estragar tudo.

Falaram-me num clérigo [1] letrado que havia neste lugar, cuja bondade e virtuosa vida começava o Senhor a dar a entender a todos. Procurei tratar com êle por intermédio dum cavaleiro santo que há nesta cidade, casado, mas de vida tão exemplar e virtuosa, de tanta oração e caridade, que tudo nêle irradia bondade e perfeição. Efetivamente tem vindo grande bem a muitas almas por seu intermédio, apesar de seu estado o não ajudar, pois tem tantos talentos que não pode deixar de colhêr com êles muitos frutos. E' de muito entendimento e sumamente aprazível para com todos. Sua conversação, longe de ser pesada, é tão

1) O Mestre Gaspar Daza.

suave e amena, e, ao mesmo tempo, reta e santa, que dá contentamento grande às pessoas com que trata. Tudo faz servir ao bem das almas que o cercam, parecendo não ter outra ambição senão fazer por todos o que está a seu alcance, dar a todos contentamento.

Êste bendito e santo homem, com suas indústrias, creio ter sido para minha alma o princípio da salvação. Espanta-me sua humildade. Há perto de quarenta anos, não sei se dois ou três de menos, tem oração e leva a vida de maior perfeição que parece possível no seu estado; sua espôsa é tão grande serva de Deus e de tanta caridade, que só pode ajudá-lo; em suma, o próprio Deus a escolheu para aquêle de quem sabia que havia de ser seu fiel servo.

Estavam casados parentes seus com pessoas da minha família e havia também estreitas relações entre êles e outro bem virtuoso servo de Deus, espôso de uma das minhas primas. Por seu intermédio, procurei que viesse falar-me o clérigo a que aludi, tão grande servo de Deus e muito seu amigo. Era minha intenção confessar-me a êle e tomá-lo por diretor. Trouxe-mo, pois, para que lhe falasse; e eu, com grandíssima confusão de me ver em presença de homem tão santo, lhe dei conta apenas de minha alma e oração, porque se recusou a ouvir-me em confissão, dizendo que era muito ocupado, e efetivamente o era. Começou, com determinação santa, a levar-me como alma forte, querendo que eu de nenhum modo ofendesse a Deus, e tinha razão de assim me julgar segundo a oração que conheceu em mim. Vendo eu sua determinação tão repentina em coisinhas que, como disse, não me sentia com fôrça para superar logo com tanta perfeição, afligi-me e compreendi que tomava as dificuldades de minha alma como coisa que se havia de vencer duma só vez, enquanto eu bem via que eram necessários muito maiores cuidados.

Finalmente compreendi que não eram os meios que êle me dava, os que me haviam de remediar, porque eram próprios para almas mais perfeitas; e

eu, embora nas mercês de Deus estivesse adiantada, no que toca às virtudes e à mortificação estava muito em princípio. Estou certa de que, se tivesse de tratar só com êle, nunca talvez medraria minha alma. Só a aflição que me dava ver que eu não fazia, nem — segundo me parece — podia fazer, o que me mandava, era suficiente para perder a esperança e abandonar tudo. Maravilho-me algumas vêzes de ver que, sendo pessoa com graça particular para levar a Deus os principiantes, não foi o Senhor servido de que entendesse minha alma, nem quisesse encarregar-se dela; e vejo que foi tudo para maior bem meu, a fim de que conhecesse e tratasse gente tão santa como a da Companhia de Jesus.

Desde então fiquei ajustada com o cavaleiro santo [1], para que me viesse ver de vez em quando. Aqui mostrou sua grande humildade em querer tratar com pessoa tão ruim como eu. Começou a visitar-me e a dar-me ânimo, dizendo-me que não pensasse que de um dia para outro me havia de apartar de tudo; que, pouco a pouco, Deus o iria fazendo. Contava-me que em coisas bem leves tinha êle estado alguns anos, sem se poder vencer. O' humildade, que grande bem fazes aos que te possuem e aos que a êles se chegam!

Em bem de minha alma, êste santo — penso poder com razão dar-lhe êste nome — referia-me coisas de sua vida que pela sua humildade lhe pareciam fraquezas, mas nêle não eram faltas nem imperfeições à vista do seu estado, ao passo que conforme o meu era grandíssima falta tê-las. Não digo isto sem algum propósito. Pareço alargar-me em minudências, mas são tão importantes para começar a fazer bem a uma alma e ajudá-la a voar, no tempo em que, como dizem, ainda não tem asas, que não o crerá senão quem passou por isto. E porque, espero em Deus, Vossa Mercê com proveito prestará auxílio a muitos, aqui lhe digo que foi tôda a minha salvação achar quem soubesse curar-me, tendo não só humildade e

---

1) Francisco de Salcedo.

caridade para se manter a meu lado, senão paciência para sofrer que eu de todo não me emendasse. Ia êle com discrição, pouco a pouco, ensinando-me diversos modos de vencer o demônio. Comecei a ter-lhe tão grande afeto, que não havia para mim maior descanso do que os dias de sua visita, conquanto raros. Quando tardava, logo me afligia muito, parecendo-me que, por ser eu tão ruim, não vinha ver-me.

Como foi percebendo minhas imperfeições tão grandes, que chegariam talvez mesmo a pecados, embora em parte estivesse emendada desde que tratei com êle, contando-lhe eu as mercês que Deus me fazia, para que me desse luz, disse-me que uma coisa não concordava com a outra.

Aquêles regalos eram próprios de pessoas já muito adiantadas e mortificadas, e portanto não podia êle deixar de temer muito. Em algumas coisas julgava reconhecer a ação do mau espírito, embora não se pronunciasse definitivamente. Mandou-me refletir bem sôbre minha oração para depois lhe contar o que houvesse entendido. Dificuldade tinha eu em fazê-lo porque não sabia, nem muito nem pouco, dizer o que era minha oração. A mercê de entendê-la e saber explicá-la, só recentemente a recebi de Deus.

Ouvindo-o falar assim, como já andasse com mêdo, foi grande minha aflição e derramei muitas lágrimas, porque certamente desejava contentar a Deus e não podia persuadir-me de que fôsse aquilo obra do demônio, mas temia que por meus grandes pecados o Senhor me cegasse para o não entender. Consultando livros para ver se saberia dizer a oração que tinha, achei num, intitulado *Subida do monte,* no lugar em que fala da união da alma com Deus, todos os sinais que via em mim naquela impossibilidade de pensar. Era de fato isto o que eu mais assinalava: em nada poder pensar quando tinha aquela oração. Sublinhei as ditas passagens e dei-lhe o livro, para que êle e o clérigo[1] santo e servo de Deus de quem falei, o exa-

---

1) O Mestre Daza.

minassem e me dissessem o que devia fazer. Conforme fôsse o parecer de ambos, deixaria inteiramente a oração, pois para que me havia de meter em tais perigos, se ao cabo de vinte anos aproximadamente que a tinha, não conseguira sair com lucros, senão com enganos do demônio? Melhor seria deixá-la. Contudo também isto era muito duro para mim, porque já tinha experiência de como ficava minha alma sem oração. Assim para onde quer que me voltasse, só via tribulações, como quem caiu num rio e de todos os lados vê maior perigo de se afogar. E' grandíssimo sofrimento, e dessa espécie tenho tido muitos, como direi adiante; pois ainda que pareça importar pouco, servirá talvez para fazer entender como se há de provar o espírito.

Grande é, não há dúvida, a aflição que se passa. Cumpre usar de prudência, especialmente tratando-se de mulheres, porque é muita a sua fraqueza, e poderia causar grande mal o dizer-lhes, positivamente, que estão sob a ação do demônio. Melhor é examinar bem, apartá-las dos perigos possíveis, e avisá-las secretamente, guardando também segrêdo, porque assim convém. Isto digo como quem muito sofreu por não o terem guardado alguns confessores com os quais falei de minha oração. Consultando-se uns aos outros, com boa intenção, bastante dano me causaram, porque se vieram a divulgar coisas que deviam ficar secretas, por não serem para todos, parecendo ser eu quem as publicava. Creio que, sem culpa dêles, assim permitiu o Senhor para que eu padecesse. Não digo que revelassem o que lhes eu confiava em confissão; mas, sendo pessoas às quais, por meus temores, contava tudo para que me dessem luz, parecia-me a mim que o haviam de calar. Contudo nunca ousei ocultar-lhes coisa alguma. E' preciso, pois, repito, que avisem a essas almas com muita prudência, animando-as e aguardando o tempo em que o Senhor as queira ajudar, como fêz comigo. A falta destas precauções teria podido causar-me grandíssimo dano, pois eu era muito medrosa e sujeita a me assustar. Sofren-

do tanto do coração, espanto-me de não me haver feito muito mal.

Dei, pois, ao cavaleiro santo o livro e uma relação que tinha feito de minha vida e meus pecados em conjunto, o melhor que pude; não em forma de confissão, por ser secular, mas dando bem a entender quanto era ruim. Os dois servos de Deus[1] examinaram com grande caridade e amor o que me convinha. Vindo a mim o cavalheiro com a resposta, que eu com bastante temor esperava, fazendo larga oração aquêles dias e pedindo a muitas pessoas que me encomendassem a Deus, disse-me, todo aflito, que, segundo o parecer de ambos, era tudo obra do demônio. O que me convinha era tratar com algum Padre da Companhia de Jesus, que viria se eu o chamasse alegando muita necessidade, e dar-lhe conta de tôda a minha vida e de meu espírito, por uma confissão geral, tudo com muita clareza. Pela virtude do sacramento da Penitência, lhe infundiria Deus mais luz; além de que êsses Padres são muito experimentados em coisas espirituais. Recomendou-me que não me apartasse em coisa alguma do que êle me dissesse, pois eu ficaria em muito perigo se não houvesse quem me dirigisse.

Causou-me isto tanto temor e pena, que não sabia que fazer de mim: tudo era chorar. Estando num oratório muito desolada, sem saber o que fazer, li num livro que o Senhor me parece ter pôsto nas mãos, êste dito de S. Paulo: *Que Deus é muito fiel e jamais consentia que fôssem enganados pelo demônio os que o amam* (1 Cor 10, 13). Consolou-me muitíssimo êste pensamento. Comecei a tratar de minha confissão geral, pondo por escrito todos os males e bens; fazendo uma relação da minha vida o mais claramente que entendi e soube, sem deixar nada por dizer. Recordo-me de que, depois que escrevi, vendo tantos males e quase nenhum bem, fui acometida de grandíssima dor e aflição. Também me dava pena que me vissem, na casa, tratar com gente tão santa como a da Companhia

1) Francisco de Salcedo e Gaspar Daza.

de Jesus, porque temia minha ruindade. A meu parecer, era contrair maior obrigação de não ser dissipada e de me afastar de meus acostumados passatempos, e a não fazer assim, seria pior. Pedi por isso à sacristã e à porteira que a ninguém o dissessem. Valeu-me de pouco, pois aconteceu justamente estar na portaria, quando me chamaram, quem o espalhou por todo o convento. Oh! que de embaraços põe o demônio, e que de temores inspira a quem se quer chegar a Deus!

Tratando com aquêle servo de Deus[1], que o era em alto grau e bem avisado, e abrindo-lhe tôda a minha alma, êle, como quem bem sabia esta linguagem, declarou-me o que era e animou-me muito. Disse-me ser espírito de Deus muito notòriamente, mas julgou necessário que eu recomeçasse a oração pela base, porque não ia bem fundada, nem tinha começado a entender a mortificação. Era tão verdade, que até êste nome não me parece que eu entendesse. Recomendou-me que de nenhum modo deixasse a oração, antes me esforçasse muito, pois Deus me fazia tão particulares mercês; e quem sabia se por meu intermédio queria o Senhor fazer bem a muitas pessoas? Disse-me ainda outras coisas, parecendo profetizar o que depois o Senhor fêz comigo; e assegurou-me que eu teria muita culpa se não correspondesse às mercês que Deus me fazia. Em tudo eu tinha a impressão de que falava nêle o Espírito Santo para curar minha alma, de tal modo se imprimiam nela suas palavras.

Fêz-me grande confusão; levou-me por meios que pareciam tornar-me outra inteiramente. Que grande coisa é compreender uma alma! Disse-me que tivesse cada dia oração sôbre um passo da Paixão e procurasse aproveitar-me dêle, não pensando senão na Humanidade; e resistisse quanto pudesse àqueles recolhi-

1) O Pe. Diogo de Cetina, Religioso da Companhia. Descobriu-se recentemente ser o Pe. Cetina êsse primeiro Confessor de Santa Teresa e não o Pe. João de Prádanos como se tem escrito até agora.

mentos, de maneira a não lhes dar entrada até que êle me dissesse outra coisa. Deixou-me consolada e animada; o Senhor ajudou a mim, e também a êle para que compreendesse meu espírito e o modo de governar minha alma. Fiquei determinada a não me apartar em coisas alguma do que mandasse, e assim o tenho feito até hoje. Louvado seja o Senhor que me tem dado graça para obedecer a meus confessores, ainda que imperfeitamente. Têm sido quase sempre dêsses benditos homens da Companhia de Jesus; e, como disse, embora com imperfeição, a êles tenho seguido. Sensível melhora começou a ter minha alma, como agora direi.

CAPÍTULO XXIV

Prossegue no relato iniciado e diz como foi progredindo sua alma depois que principiou a obecer. Refere quão pouco lhe aproveitava resistir às mercês de Deus e como Sua Majestade lhas ia dando com maior largueza.

de

Desta confissão ficou minha alma tão branda, que me parecia não haver coisa árdua a que não me abalançasse. Comecei a mudar em muitos planos, ainda que o confessor não me apertasse, antes parecesse fazer pouco caso de tudo. Isto me estimulava mais, porque me levava por via do amor de Deus, parecendo deixar-me liberdade para que eu me resolvesse por amor e não em vista do prêmio. Estive assim quase dois meses, fazendo todos os esforços para resistir aos regalos e mercês de Deus. Quanto ao exterior, era notória a mudança, porque já começava o Senhor a dar-me ânimo para me abster de certas coisas, a ponto de dizerem as pessoas que me conheciam e até mesmo as de casa, que era exagêro. Em comparação do que eu antes fazia, tinham razão de tachar de extremos;

mas, em realidade, ainda tinha pouco rigor naquilo a que estava obrigada pelo meu hábito e profissão.

Desta resistência aos gostos e regalos de Deus, ganhei ser ensinada por Sua Majestade; porque antes disto pensava que para receber regalos na oração era preciso um isolamento absoluto, e quase não ousava mexer-me; depois vi que de pouco serve, pois quando mais procurava divertir-me, mais me cobria o Senhor daquela glória e suavidade. Parecia-me estar rodeada inteiramente e de nenhum lado poder fugir; e assim era na realidade.

Meu cuidado era tanto que me fazia sofrer. Maior o tinha o Senhor para me fazer mercês e assinalar muito mais sua ação durante êstes dois meses do que antes, a fim de melhor me dar a entender que não estava mais em minhas mãos o resistir-lhe. Comecei de novo a tomar amor à sacratíssima Humanidade, e minha oração melhorou, como edifício que já se elevava sôbre bases sólidas. Afeiçoei-me também mais à penitência, da qual vivia descuidada por minhas grandes enfermidades.

Disse-me aquêle varão santo que me confessou, que algumas coisas não me podiam fazer mal; e porventura a razão de me dar Deus tantas dores era porque, não fazendo eu penitência, ma queria dar Sua Majestade. Mandava-me fazer algumas mortificações não muito saborosas ao meu paladar. Eu tudo fazia, porque tinha a impressão de que o Senhor mo ordenava e dava graça ao Padre para mo prescrever de modo que lhe obedecesse. Já minha alma ia sentindo qualquer ofensa que fizesse a Deus, por pequena que fôsse, a tal ponto que, se tinha em meu poder alguma coisa supérflua, não podia recolher-me enquanto a não deixava. Orava muito para que o Senhor me tivesse de sua mão e não me permitisse tornar atrás, pois tratava com seus servos. Isto me parecia grave delito e ocasião de perderem crédito por minha causa.

Neste tempo veio a êste lugar o Padre Francisco, que era Duque de Gandia[1] e, havia alguns anos, tendo deixado tudo, entrara na Companhia de Jesus. Procurou meu confessor que eu tratasse com êle e lhe desse conta de minha oração, e o mesmo veio aconselhar-me o cavalheiro de quem falei, porque sabiam que estava em mui alto estado e era muito favorecido e regalado por Deus, que desde esta vida lhe pagava, como a quem muito havia deixado por seu amor. Ouviu-me êle, pois, e disse-me, em seguida, que era espírito de Deus e que julgava já não ser conveniente resistir, mas até então fôra bem feito fazê-lo. Mandou-me que, quando me pusesse a orar, sempre começasse por um passo da Paixão, e se depois o Senhor me levasse o espírito, deixasse Sua Majestade levá-lo e não lhe resistisse, não o procurando eu. Como quem estava muito no cume, deu-me remédio e conselho; que importa muito para isto a experiência. Disse que já seria êrro resistir por mais tempo. Fiquei consoladíssima e o cavalheiro também. Êste folgava muito de saber que tudo vinha de Deus, sempre me ajudava com avisos no que podia, o que era bastante.

Neste tempo transferiram meu confessor para outro lugar, o que senti muitíssimo, por pensar que havia de tornar a ser ruim e não me parecer possível achar outro como êle. Ficou minha alma como num deserto, muito desconsolada e temerosa; não sabia o que havia de ser de mim. Uma parenta minha conseguiu levar-me para sua casa, e tratei logo de procurar outro confessor entre os da Companhia. Foi o Senhor servido que travasse amizade com uma senhora viúva, de alta nobreza e grande oração, que tratava muito com êle. Fêz ela que me confessasse a seu confessor, e estive em sua casa vários dias, porque morava perto dos Padres. Eu me consolava por tratar muito com êles, pois só de entender a santidade de sua vida era grande o proveito que sentia minha alma.

1) S. Francisco de Borja.

Êste Padre[1] começou a exigir de mim maior perfeição. Dizia-me que para contentar de todo a Deus, não havia de deixar nada por fazer. Ao mesmo tempo, ia com bastante jeito e brandura, porque minha alma não estava nada forte, senão muito tenra, especialmente em relação a algumas amizades que, aliás, não me faziam ofender a Deus. A afeição era muita, e deixá-las parecia-me ingratidão; e assim lhe perguntava por que motivo, já que não ofendia a Deus, havia de ser desagradecida? Êle me respondeu que encomendasse o caso a Deus uns dias e rezasse o hino *Veni Creator,* pedindo que me desse luz para ver o que era melhor. Havendo estado um dia muito em oração e suplicando ao Senhor que me ajudasse a contentá-lo em tudo, comecei o hino, e, no meio dêle, veio-me um aborrecimento tão súbito, que quase me tirou de mim, de modo tão manifesto, que não pude duvidar. Foi a primeira vez que o Senhor me fêz esta mercê de arroubamentos. Entendi estas palavras: *Já não quero que tenhas conversação com homens, senão com Anjos.* Causou-me muito espanto, porque a moção da alma foi grande, e puramente no espírito me foram ditas as palavras, de modo que me fêz temor. Por outra parte, deu-me grande consôlo, o qual me ficou depois de passar o assombro causado, a meu ver, pela novidade do fato.

Tiveram plena realização estas palavras, pois nunca mais pude descansar em amizade alguma, nem ter consolação, ou amor particular senão a pessoas que, segundo percebo, amam a Deus e procuram servi-lo. Não está em minhas mãos agir de outro modo, ainda que se trate de parentes ou amigos. Se não entendo que é pessoa que ama o Senhor e se dá à oração, é para mim penosa cruz tratar com alguém. E' a pura verdade, segundo me parece, e sem exceção.

Desde aquêle dia fiquei tão animosa para deixar tudo por Deus, como se naquele momento — que não me parece ter sido mais — houvesse Êle querido dei-

1) O Pe. Baltasar Álvarez.

xar outra a sua serva. Não foi preciso que mo mandassem mais; que até então meu confessor, vendo-me tão apegada, não tinha ousado dizer-me determinadamente que o fizesse. Estava êle provàvelmente aguardando que o Senhor agisse, como sucedeu. Nunca pensei consegui-lo, porque já havia procurado fazê-lo e sentia tanta pena, que desanimava, tanto mais que não me parecia coisa inconveniente. Aqui, porém, me deu o Senhor liberdade e fôrça para o realizar. Assim o disse ao confessor, e deixei tudo, de acôrdo com o que êle determinou. Trouxe bastante proveito à pessoa com quem eu tratava ver em mim esta determinação.

Bendito seja Deus para sempre, por me ter num minuto dado a liberdade que eu em muitos anos, com tôda sorte de diligências, não tinha podido alcançar, embora fazendo algumas vêzes tão grande esfôrço, que me prejudicava bastante a saúde.

Como foi obra daquele que é poderoso e Senhor verdadeiro de tudo, não me causou pena alguma.

CAPÍTULO XXV

Trata da maneira e forma de entender as falas que Deus faz à alma sem ruído exterior, e de alguns enganos que nisto pode haver. Meios de conhecer quando são palavras divinas. E' de muito proveito para quem se vir neste grau de oração, porque está muito bem declarado e contém abundante doutrina.

Parece-me conveniente referir como é êste falar de Deus à alma e o que esta sente, para que Vossa Mercê o entenda; porque desde essa primeira vez em que, como relatei, me fêz o Senhor esta graça até agora, tem sido ela muito freqüente para mim, como se verá adiante. São umas palavras muito distintas, que não se percebem com os sentidos corporais, mas se

entendem muito mais claramente do que se fôssem ouvidas. Com efeito, aqui na terra, quando o que se diz não nos agrada, podemos tapar os ouvidos ou fixar a atenção em outra coisa, de maneira a não compreender, embora percebendo o som das palavras. Nestas práticas de Deus à alma, não há remédio algum: ainda que nos pese, havemos de escutar e estar com a inteligência tão lúcida para compreender o que Deus quer que entendamos, que não há querer ou não querer. O Onipotente quer que saibamos que se há de fazer o que Êle quer, dando-se a conhecer por verdadeiro Senhor nosso. Tenho muita experiência disto, porque levei quase dois anos resistindo, pelo grande temor que sentia; e ainda agora tento fazê-lo de vez em quando, mas pouco me aproveita.

Quisera declarar os enganos que aqui podem ocorrer, ainda que poucos haverá, ou nenhum, para quem tiver muita experiência; mas esta deve ser em alto grau. Grande é a diferença que há, segundo se trata do bom ou do mau espírito; pode também ser tudo apreensão do próprio entendimento, pois não é raro acontecer que o espírito fale a si mesmo. Não sei se pode ser como digo, mas ainda hoje me pareceu que sim. Das palavras que são de origem divina tenho tido provas em muitos acontecimentos que me foram preditos com dois ou três anos de antecedência, e até hoje todos se cumpriram sem exceção, além de outros sinais por onde se vê claramente ser espírito de Deus, como depois direi.

Penso que, estando uma pessoa a encomendar uma coisa a Deus com grande preocupação e afeto, poderia imaginar que ouve dizer que se fará ou não. E' muito possível, mas quem já ouviu palavras verdadeiras, claramente verá do que se trata, porque é enorme a diferença. Se fôr coisa forjada pelo entendimento, por sutil que seja, logo entenderá que é êle quem alinha e formula as palavras. E' como a diferença que há entre compor um discurso, ou ouvir o que diz outra pessoa. Logo verá a inteligência que está agin-

do por si e não escutando, pois as palavras que fabrica são como coisa surda, fantástica, não tem a nitidez das outras. Está aqui em nossas mãos distrair-nos, assim como nos podemos calar quando falamos; mas quando fala Deus, é impossível. E outro sinal, maior que todos, é que não produzem efeito; e as que vêm de Deus são juntamente palavras e obras. Estas, ainda que não sejam de devoção, senão de repreensão, desde a primeira dispõem a alma, enobrecendo-a, enternecendo-a, dando-lhe luz, regalo e paz. Se estava com secura, ou agitação e desassossêgo no interior, passa-lhe tudo, como se lho tirassem com a mão, e ainda melhor. Parece querer o Senhor que se entenda como é poderoso e como suas palavras são obras.

A meu ver é tanta a diferença como entre falar e ouvir, nem mais nem menos; porque, torno a dizer, quando falo vou ordenando com a inteligência as palavras, mas quando me falam, não faço mais do que ouvir, sem trabalho algum. No primeiro caso é coisa que não fica bem determinada, como de quem está meio adormecido. No segundo, é voz tão nítida que não se perde uma sílaba do que se ouve dizer. E acontece ser em ocasiões em que a alma está tão agitada e distraída, que não acertaria a formular coisa razoável; e, sem trabalho, acha em si grandes sentenças que lhe dizem e que ela nunca poderia alcançar, mesmo estando muito recolhida. Logo à primeira palavra, como digo, fica completamente outra. De modo especial estando em arroubamento, quando as potências estão suspensas, como entenderá coisas que antes nunca lhe vieram à memória? Se esta quase não obra, e a imaginação está como abobada, como lhe ocorrerão tais pensamentos?

Convém entender que, quando a alma tem visões ou ouve estas palavras, nunca — a meu ver — é no tempo em que, totalmente, está unida a Deus no mesmo arroubamento, pois então — como creio já ter declarado na segunda água — de todo se perdem as potências e, a meu parecer, ali não se pode ver, nem

entender, nem ouvir. Está ela inteiramente debaixo de outro poder, e neste tempo, que é muito breve, não me parece que lhe deixe o Senhor liberdade para nada. Passado êste breve espaço e estando a alma ainda arroubada, é que acontece o que digo, porque ficam as potências de tal maneira que, embora não estejam perdidas, quase nada obram: estão como absortas e incapazes de raciocinar. Há tantos indícios para perceber a diferença, que, quem se enganar uma vez, não se enganará muitas.

Repito que, se fôr pessoa exercitada e que esteja de sobreaviso, claramente o verá, porque, deixando de lado outros argumentos que o comprovam, nenhum efeito produzem as palavras quando são falsas; a alma não as admite, nem lhes dá crédito, antes percebe que é tudo devaneio do espírito, do mesmo modo que não faria caso duma pessoa em estado de delírio. Quanto às outras palavras, ainda que nos pese, é como se ouvíssemos uma pessoa muito santa ou letrada e de grande autoridade, que, sabemos, não nos há de mentir. E ainda é baixa comparação, porque algumas vêzes as palavras são acompanhadas de tanta majestade, que mesmo sem considerarmos quem as diz, se são de repreensão fazem tremer e se são de amor agem sôbre a alma de tal modo, que ela se desfaz em amar. São coisas, repito, que estavam bem longe da memória, e as sentenças que num momento ouvimos são tão elevadas, que seria preciso muito tempo para as compor. De nenhum modo podemos então ignorar, penso eu, não ser coisa fabricada por nós. Não há pois motivo para me deter mais neste ponto, porquanto me parece que fôra de admirar poder cair em engano pessoa experiente, se por si mesma, com advertência, não se quiser iludir.

Tem-me acontecido muitas vêzes, quando me ocorre alguma dúvida, não crer o que me anunciam e atribuí-lo à imaginação, isto depois de certo intervalo, pois enquanto dura é impossível. Muito tempo depois vejo cumprir-se tudo, porque faz o Senhor que fique na

memória e não se possa olvidar. O que provém do nosso entendimento é como pensamento furtivo que passa e fica esquecido; estoutro é subsistente, e, embora a lembrança do que nos foi dito se amorteça um pouco com o correr do tempo, nunca ela se perde inteiramente; salvo se foi coisa muito antiga, ou se são palavras de favor ou instrução. Tratando-se, porém, de profecia, não há possibilidade de olvidar, a meu parecer; ao menos assim se dá comigo, embora tenha fraca memória.

Torno a dizer que, se não fôr alma tão sem consciência para querer fingir — o que seria muito mal feito — e dizer que ouve não sendo assim, parece-me impossível que deixe de ver claramente ser ela mesma quem compõe as palavras e as profere no seu íntimo, sobretudo se alguma vez percebeu o espírito de Deus. Se nunca o percebeu, poderá tôda a vida conservar-se enganada e imaginar que ouve; mas, confesso, não sei como pode ser isto. Com efeito, ou esta alma quer entender, ou não. Se está sofrendo muito com o que ouve e absolutamente não quisera ouvir nada, por mil temores ou por outras muitas causas que há para desejar estar quieta em sua oração sem lhe sucederem tais coisas, como pode dar tanta folga ao entendimento para compor frases? Tempo é mister para isto. Quando é Deus que fala, ficamos ensinadas num instante, entendendo coisas tais, que pareceria preciso um mês para as imaginar. O próprio entendimento e a alma ficam espantados do muito que aprendem.

Isto é assim, e quem tiver experiência verá ser verdade tudo que expliquei, ao pé da letra. Louvo a Deus porque o consegui declarar; e termino dizendo, que, se viessem do entendimento as palavras, penso que estaria em nossas mãos entendê-las quando quiséssemos, e até de cada vez que temos oração, poderíamos imaginar que as ouvimos. Mas com as outras não acontece assim; pelo contrário, passarei muitos dias na impossibilidade de entender alguma coisa,

ainda que queira; e de outras vêzes, não querendo, serei obrigada a entender. Parece-me que quem quiser enganar aos outros dizendo que ouviu de Deus o que forjou por si mesmo, pouco lhe custa dizer que o percebe com os ouvidos corporais; e é certo que, na realidade, jamais pensei que houvesse outra maneira de ouvir ou de entender, até que o vi por mim; e, como disse, custou-me muito trabalho.

Quando o demônio é o autor, não deixa bons efeitos, antes os deixa maus. Isto me aconteceu duas ou três vêzes, não mais; e logo o Senhor me avisou ser obra do inimigo. Além de grande secura, sente a alma uma inquietação semelhante à que muitas vêzes tem permitido o Senhor que me assalte por ocasião de violentas tentações e trabalhos interiores de diversos gêneros. Ainda que me atormente êste inimigo muito freqüentemente, como adiante direi, é uma inquietação que não se pode perceber donde provém; parece que a alma resiste e se perturba e aflige sem saber porque, pois o que êle diz não é mau, senão bom. Tenho pensado se não será que um espírito percebe o outro. O gôzo e deleite que dá é, a meu ver, em extremo diferente. Só poderá êle enganar com tais gostos a quem não tiver ou não houver tido outros de Deus.

Os deleites verdadeiros produzem uma consolação suave, forte, profunda, deliciosa, pacífica, bem diferente de umas devoçõezinhas da alma que consistem em lágrimas e outros sentimentos pequenos, comparáveis a florezinhas que se desfolham ao primeiro sôpro de perseguição e nem merecem o nome de devoções. São bons princípios êstes e santos sentimentos, mas insuficientes para se poder determinar se provêm do bom ou do mau espírito. De modo que convém andar sempre com grande cautela, porque pessoas que não estão mais adiantadas na oração e só chegaram a êste ponto, poderiam ser enganadas se tivessem visões ou revelações. Nunca tive coisa alguma destas últimas, enquanto o Senhor só por sua bondade não me deu ora-

ção de união. Excetuo a primeira vez de que falei [1], quando há muitos anos vi Cristo; e prouvera a Sua Majestade tivesse eu percebido que era verdadeira visão, como compreendo agora, pois muito bem me teria resultado. As palavras do demônio nenhuma doçura deixam; pelo contrário, sente-se a alma como apavorada e com grande tédio.

Tenho por muito certo que o demônio não enganará — nem lho permitirá Deus — a alma que em nada se fia de si e está fortalecida na fé e pronta a morrer mil vêzes por uma só de suas verdades. Com êste amor à fé que logo Deus lhe infunde, tem uma convicção viva, robusta: sempre procura conformar-se com a doutrina da Igreja e vai perguntando a uns e outros, como quem já assentou sólidas bases nestas verdades e não se deixaria por tôdas as revelações imagináveis desviar no mínimo ponto do que ensina a Igreja, ainda que visse os céus abertos. Se alguma vez, começando o demônio a tentá-la por primeiro movimento, se vir vacilar interiormente nesta certeza, ou chegar a dizer: "Pois se Deus me diz isto, também pode ser verdade, como o que dizia aos Santos", asseguro que o não crerá, pois já se vê que o deter-se em tal pensamento é malíssimo. Creio mesmo que êsses primeiros movimentos serão raros, em conseqüência da fortaleza na fé que costuma dar o Senhor à alma enriquecida destas mercês. Sente-se ela capaz de esmagar os demônios pela mínima das verdades que a Igreja manda crer.

Digo que, se não vir em si esta fortaleza magnânima e se a devoção ou visão não contribuir para a confirmar, não se tenha por segura. Ainda que o não sinta logo, o dano pouco a pouco poderia tornar-se considerável. O que tenho visto e sabido por experiência é que, nestas coisas, só fica a certeza de que procedem de Deus, na medida em que são conformes à Sagrada Escritura. Se desta se desviassem, por pouquinho que fôsse, julgá-las-ia eu obra do demônio, com

---

1) Cap. VII.

muito mais certeza, sem comparação, do que agora tenho de que são de Deus, por grande firmeza que nisto sinta. Em tal caso, não é mister andar em busca de sinais, nem examinar o espírito, pois tão claro indício é êste para provar que é coisa diabólica, que se então o movimento todo me assegurasse ser de Deus, não o creria. O fato é que quando age o demônio, dir-se-ia que todos os bens se escondem e fogem da alma, de tal modo fica esta desabrida e alvorotada e sem nenhum efeito bom. Ainda que pareça produzir louváveis desejos, êstes não são fortes; a humildade que deixa é falsa, agitada e sem suavidade. Penso que quem tiver experiência do bom espírito o entenderá.

Contudo, pode o demônio usar de muitos embustes, de modo que neste ponto não há coisa tão certa, que o mais seguro não seja temer, ir sempre com cautela, ter diretor que seja letrado e não lhe calar coisa alguma. Fazendo assim, nenhum dano lhe pode vir; ainda que a mim vieram bastantes por certos temores excessivos a que algumas pessoas são sujeitas.

Em particular, aconteceu uma vez, que se reuniram para uma consulta a meu respeito muitos aos quais eu com razão dava grande crédito. Embora já tratasse só com um, por sua ordem falava às vêzes a outros, e todos entre si conferenciavam muito sôbre meu remédio, pois me tinham grande amor e temiam ver-me enganada. Eu também vivia com grandíssimo temor, quando não estava em oração; pois estando nela e fazendo-me o Senhor alguma mercê, logo me tranqüilizava. Eram uns cinco ou seis, creio, todos muito servos de Deus; e disse-me meu confessor que todos tinham por certo que era demônio; e determinaram que eu não comungasse tão a miúdo e procurasse distrair-me, evitando a solidão. Era eu extremamente medrosa, como disse, em parte por causa da doença de coração; muitas vêzes, em pleno dia, não ousava estar sòzinha numa sala. Vendo que tantos o afirmavam e eu não podia crer, deu-me grandíssimo escrúpulo, parecendo-me pouca humildade. Com efeito, sendo todos letra-

dos, de vida mais virtuosa que eu, sem comparação, porque não lhes havia de dar crédito? Esforçava-me o mais possível para acreditar no que diziam e pensava na minha ruim vida, procurando convencer-me de que por esta causa devia ser verdade.

Saí da igreja com esta aflição e entrei num oratório. Havia muitos dias estava sem comungar, privada da solidão que era todo meu consôlo, sem ter com quem desabafar porque todos me eram contrários. Quando falava, uns zombavam, julgando tudo fantasia; outros avisavam ao confessor que se guardasse de mim; outros diziam que era claramente obra do demônio. Só o confessor, embora parecendo conformarse com êles para me provar, como depois vim a saber, sempre me consolava. Dizia-me que, não ofendendo eu a Deus, ainda que fôsse obra do demônio nenhum mal me poderia fazer, e afinal tudo passaria. Mandava-me que o rogasse muito a Deus; e êle e tôdas as pessoas a quem confessava, além de muitas outras, o pediam com instância. Quanto a mim, tôda a minha oração era para que Sua Majestade me levasse por outro caminho; e o mesmo pedia a quantos tinha em conta de servos de Deus. Durou não sei se dois anos êste contínuo suplicar ao Senhor.

Nada era bastante para meu consôlo quando pensava que era possível falar-me o demônio tantas vêzes. Deixei de tomar horas de soledade para a oração, mas no meio de qualquer conversa me fazia o Senhor entrar em recolhimento e, sem que lhe pudesse resistir, dizia-me o que era servido; e eu era obrigada a ouvi-lo, ainda contra minha vontade.

Estando, pois, sòzinha no oratório, sem ter com quem desabafar, não podia rezar, nem ler, como aterrada de tanta tribulação; com temor de ser enganada pelo demônio; tôda agitada e aflita, sem saber o que ia ser de mim. Em semelhante aflição me vi algumas e até muitas vêzes, mas creio que nunca chegou a tal extremo. Estive assim quatro ou cinco horas, deixando-me o Senhor padecer; não havia para mim con-

sôlo no céu nem na terra; temia mil perigos. O' meu Senhor, como sois Vós o amigo verdadeiro! Sois poderoso; quando quereis, podeis; e nunca deixais de amar os que vos amam! Louvem-vos tôdas as criaturas, Senhor do mundo. Oh! quem pudera ir por todo o universo, bradando e dizendo quão fiel sois a vossos amigos! Vêm a faltar tôdas as coisas; Vós, Senhor de tôdas elas, nunca faltais. Pouco é o que deixais padecerem os que vos amam. O' Senhor meu, quão delicada, polida e saborosamente sabeis tratá-los! Oh! quem jamais se houvera detido em amar a alguém fora de Vós! Parece, Senhor, que provais com rigor quem vos ama, para que no extremo do sofrimento se perceba o extremo maior do vosso amor.

O' Deus meu, quem tivera inteligência, letras e palavras nunca ouvidas, para encarecer vossas obras como as concebe minha alma! Falta-me tudo, Senhor meu, mas se Vós não me desamparardes, não vos faltarei eu a Vós. Levantem-se contra mim todos os letrados; persigam-me tôdas as criaturas; atormentem-me os demônios; e não me falteis Vós, Senhor, porque já tenho experiência do lucro com que tirais a salvo a quem só em Vós confia. Estando eu, pois, nessa grande aflição, não tendo ainda começado a ter visões, só estas palavras que ouvi bastaram para me tirar tôda pena, dando-me inteira paz: *Não tenhas mêdo, filha, sou Eu, e não te hei de desamparar; não temas.*

No estado em que me via, penso que seria preciso o trabalho de muitas horas para me restituir o sossêgo, e ninguém seria capaz de o conseguir. E eis-me aqui, só com as sobreditas palavras, sossegada, com fortaleza, com ânimo, com segurança, com tal quietação e luz, que num momento vi minha alma transfigurada, parecendo-me que sustentaria contra todo o mundo ser Deus quem me falava. Oh! que bom Deus! que bom Senhor, e quão poderoso! Dá não só o conselho, senão o remédio. Suas palavras são obras. Oh! valha-me Deus, e como fortalece a fé e aumenta o amor!

E' isto tão certo, que muitas vêzes me recordava de quando mandou o Senhor aos ventos que estivessem quietos, tendo-se desencadeado a tempestade no mar. Dizia eu também: Quem é êste, tão poderoso que assim lhe obedecem tôdas as minhas potências, num momento faz raiar a luz em tão grande obscuridade, torna brando um coração que parecia de pedra e dá água de suaves lágrimas onde deveria prolongar-se por muito tempo a sêca? Quem infunde êstes desejos? Quem dá êste ânimo? Que pensamentos foram os meus? De que tenho mêdo? Que é isto? Servir desejo a êste Senhor; não tenho outra ambição senão contentá-lo; não quero contentamento, nem descanso, nem outro bem, senão fazer sua vontade. Disto estava muito certa e, a meu parecer, podia afirmá-lo.

Se êste Senhor é poderoso, como vejo e sei que é; se são seus escravos os demônios, e disto não há dúvida, pois é de fé; — que mal me podem êles fazer, sendo eu serva dêste Senhor e Rei? Por que não hei de ter fortaleza para combater com todo o inferno? Tomava na mão uma cruz, e parecia verdadeiramente dar-me Deus tal ânimo, que me vi outra em breve tempo e não temera enfrentá-los e lutar com êles, certa de que a todos venceria fàcilmente com aquela cruz; e assim dizia: Agora vinde todos, que, sendo eu serva do Senhor, quero ver o que me podeis fazer.

E' fora de dúvida que mostravam temer-me, porque fiquei sossegada e tão sem receio de todos êles, que me vi livre até hoje dos mêdos que costumava ter. Depois, ainda os vi algumas vêzes, como adiante direi, mas quase os não temia; antes eram êles que pareciam temer-me. Ficou-me tal poderio contra todos, dádiva bem manifesta do Senhor de quem são escravos, que não faço mais caso dêles do que de môscas. São tão covardes, acho eu, que vendo-se desprezados perdem tôda fôrça. Não sabem êstes inimigos acometer de rijo senão a quem se lhes rende abertamente, a não ser quando Deus, para maior bem de seus ser-

vos, lhes permite que os tentem e afligiam. Prouvera a Sua Majestade que temêssemos a quem havemos de temer, e compreendêssemos que nos pode vir maior dano de um só pecado venial do que de todo o inferno junto, pois é a pura verdade.

Se nos amedrontam os demônios, é porque nós mesmos queremos apavorar-nos, com apegos às honras, bens e deleites. Juntam-se então a nós, porque também nós somos contrários — visto estarmos amando e querendo o que devemos aborrecer — e nos causam muito dano. Neste caso somos nós que lhes pomos nas mãos as armas com que nos havíamos de defender, para que na peleja as virem contra nós. Esta é a grande lástima. Se, pelo contrário, tudo aborrecemos por Deus, nos abraçamos com a cruz e tratamos de o servir verdadeiramente, foge destas verdades o demônio como quem foge da peste. E' amigo de mentiras, ou antes, é a mesma mentira. Não fará pacto com quem anda no caminho da verdade. Quando vê obscurecido o entendimento, então é que ajuda lindamente a dar cabeçadas. Com efeito, se vê que alguém já está cego em colocar seu descanso em coisas vãs, e tão vãs como são as dêste mundo, que parecem brinquedos de crianças, logo conhece que êste é menino, e assim o trata como tal e atreve-se a lutar contra êle uma e muitas vêzes.

Praza ao Senhor que não seja eu dêste número, e que me favoreça Sua Majestade para ter por descanso o que é descanso, por honra o que é honra, por deleite o que é deleite, mas tudo ao revés; e... uma *figa* a todos os demônios, pois serão êles os que temerão a mim. Não compreendo tantos temores. Por que dizer: demônio! demônio! se o podemos fazer tremer, dizendo: Deus! Deus! Sim, pois sabemos que, se não lho permite o Senhor, não pode sequer mover-se. Que é isto? E' fora de dúvida que mais do que ao próprio demônio, receio aos que tanto o temem, porque êle nenhum mal pode fazer-me, e êstes, mormente se são confessores, inquietam muito. Passei, por êste mo-

tivo, tão grande tormento durante alguns anos, que agora me admiro de ter podido suportá-lo. Bendito seja o Senhor que tão deveras acudiu em meu auxílio!

CAPÍTULO XXVI

Prossegue na mesma matéria. Vai declarando e narrando certos acontecimentos que a levavam a perder o temor e a afirmar que era bom espírito o que lhe falava.

Considero uma das grandes mercês que me tem feito o Senhor, êste ânimo que me deu contra os demônios; porque andar uma alma acovardada e receosa de alguma coisa que não seja ofender a Deus, é grandíssimo inconveniente, pois temos Rei todo-poderoso e tão grande Senhor, que tudo pode e a todos submete. Não há que temer, como disse, se andamos com verdade e com limpa consciência na presença de Sua Majestade. Para isto, repito, quisera todos os temores: para não ofender no mínimo ponto Aquele que instantâneamente nos pode aniquilar; pois, contente Sua Majestade, não há adversário que não saia confuso. Poderá alguém dizer que realmente é assim, mas teme, porque qual será essa alma tão reta que em tudo e inteiramente contente o Senhor? Não será certamente a minha, que é muito miserável, sem proveito e cheia de mil misérias; contudo Deus leva em conta nossas fraquezas e não é rigoroso como os homens; aliás por grandes conjecturas sente a alma se o ama de verdade, pois em quem chega a êste grau, não anda o amor dissimulado como nos princípios, senão com grandes ímpetos e desejos de ver a Deus, como já disse, ou direi depois: tudo cansa, tudo fatiga, tudo atormenta. Se não é com Deus ou por Deus, não há descanso que não lhes seja cansaço, porque se vêem privadas de seu ver-

dadeiro repouso. E', pois, coisa muito evidente e que não sofre dissimulação.

Aconteceu-me, outras vêzes, a respeito de certo negócio[1] que depois relatarei, ver-me acabrunhada com grandes tribulações e murmurações de quase tôda a cidade onde estou e da minha Ordem, e aflita com muitas ocasiões que havia para me inquietar, e dizer-me o Senhor: *Que temes? Não sabes que sou poderoso? Cumprirei o que te prometi.* Efetivamente tudo depois se cumpria, ficando eu logo com tal fortaleza, que novamente me animaria a empreender outras coisas para o servir, ainda que me custassem maiores trabalhos, e me expusesse a novos padecimentos. Isso ocorreu tantas vêzes, que não as poderia contar. Repreendia-me e repreende-me ainda freqüentemente quando incido em imperfeições; de tal modo, que a alma fica aniquilada. Ao menos, estas repreensões trazem consigo a emenda, porque Sua Majestade, como já disse, dá o conselho e o remédio. Em outras ocasiões traz-me o Senhor à memória os pecados passados, especialmente quando quer fazer-me alguma assinalada mercê. Então já parece à alma ver-se no verdadeiro juízo; porque a verdade se lhe apresenta tão claramente, que não sabe onde se há de esconder. Por vêzes avisa-me de haver perigos para mim e para outras pessoas. Muitos acontecimentos me foram anunciados três ou quatro anos antes, e sempre se realizaram. Poderia indicar alguns. Assim, tantas provas há de virem de Deus tais palavras que, a meu ver, não se pode deixar de reconhecer a sua ação.

O mais seguro é o que faço: não deixo de comunicar tôda a minha alma e as mercês que o Senhor me faz a algum confessor que seja letrado, e a êste obedeço. Sem isto não teria sossêgo, nem é razoável que o tenhamos, nós que somos mulheres e sem letras. Aqui não pode haver dano, senão muitos proveitos. Isto me tem dito o Senhor muitas vêzes. Tinha eu um confessor que me mortificava muito e em certas ocasiões

---

1) A fundação do Convento de S. José de Ávila.

chegava a afligir-me e dar-me grande tormento, porque me inquietava bastante. Contudo, foi, a meu parecer, aquêle com quem mais aproveitei. Ainda que lhe votasse muito afeto, tinha algumas tentações de o deixar, parecendo-me que me impediam de fazer oração aquêles pesares que êle causava. Cada vez que me resolvia a isto, era-me dito logo que o não fizesse, com uma repreensão que me aniquilava mais que tudo quanto fazia o confessor. Algumas vêzes ficava acabrunhada: discussão dum lado, repreensão de outro! E tudo, no entanto, me era necessário, tão pouco dobrada tinha a vontade. Disse-me numa ocasião o Senhor: que não é obediente quem não está determinado a padecer; pusesse eu os olhos no que Êle havia padecido, e tudo se me tornaria fácil.

Certa vez, um sacerdote, que aos princípios me havia confessado, me aconselhou que, visto já estar provado ser bom espírito o que me dirigia, calasse e não desse mais parte a ninguém do meu interior, porque nestas coisas o melhor é calar. Não me pareceu mau o conselho, porque sentia tanto, sempre que as dizia ao confessor e ficava tão envergonhada, que chegava a custar-me muito mais contá-las do que confessar pecados graves. Especialmente se eram grandes mercês, parecia-me que não me haviam de crer e que zombariam de mim. Sentia tanto isto, por me parecer desacato às maravilhas de Deus, que por esta razão quisera guardá-las secretas. Compreendi então que tinha sido muito mal aconselhada por aquêle confessor, e de nenhum modo devia calar coisa alguma a quem me confessava, porque nisto havia grande segurança, e fazendo o contrário poderia alguma vez enganar-me.

Sempre que o Senhor me determinava uma coisa na oração e o diretor me dizia outra, tornava o mesmo Senhor a falar ordenando-me que obedecesse ao seu representante; depois Sua Majestade o trocava, para que me desse nova ordem conforme à sua. Quando se proibiu a leitura de vários livros em língua vul-

gar, senti-o muito, porque me deleitava em ler alguns e já não poderia mais fazê-lo sendo em latim os permitidos. Disse-me o Senhor: *Não tenhas pena, que te darei livro vivo*. Não pude entender o sentido destas palavras, pois ainda não tinha tido visões. Poucos dias depois o entendi muito bem, porque tenho achado tanto em que pensar e em que me recolher no que via presente, e o Senhor tem tido tanto amor comigo, ensinando-me de várias maneiras, que muito pouca, ou quase nenhuma necessidade tenha de livros. Sua Majestade tem sido o livro verdadeiro onde tenho visto as verdades. Bendito seja o tal livro, que deixa impresso o que se há de ler e fazer, de maneira que não se pode olvidar! Quem pode contemplar o Senhor coberto de chagas e aflito com perseguições, sem que as abrace, ame e deseje? Quem, vendo algum vislumbre da glória que dá aos que o servem, não reconhecerá ser nada tudo quanto se pode fazer e padecer, pois tal prêmio esperamos? Quem pode olhar os tormentos que passam os réprobos, sem que se lhe tornem deleites todos os tormentos cá da terra em sua comparação, e sem que reconheça o muito que deve ao Senhor, por tantas vêzes o ter livrado daquele lugar?

Como, porém, com o favor de Deus, falarei mais sôbre êste assunto, quero ir adiante no processo de minha vida. Praza ao Senhor, que tenha sabido explicar-me nisto que ficou dito. Bem creio que quem tiver experiência entenderá e verá que logrei dizer alguma coisa. Quem não a possuir, não estranharei que tenha tudo por desatino. Basta ser dito por mim, para ficar desculpado quem assim julgar, e não o culparei eu. Conceda-me o Senhor a graça de atinar com o cumprimento de sua vontade. Amém.

CAPÍTULO XXVII

Trata de outro modo de ensinar o Senhor à alma, dando-lhe a conhecer de forma admirável a sua vontade. Relata também a grande mercê que lhe fêz o Senhor, duma visão não imaginária. E' muito importante êste capítulo.

Torno, pois, à narração da minha vida. Andava eu acabrunhada de penas e fazendo muitas orações — como já disse — para que o Senhor me levasse por outro caminho, visto que afirmavam ser tão suspeito o que eu seguia. Verdade é que embora o suplicasse a Deus e muito fizesse por desejar outro caminho, vendo tão melhorada a minha alma, não estava em minhas mãos ter tal desejo apesar de sempre o pedir, exceto algumas vêzes em que me sentia atormentada pelo que me diziam e pelos receios que me inspiravam. Vendo-me inteiramente transformada, como podia desejar outra coisa? O que fazia era pôr-me nas mãos de Deus, pedindo-lhe que, pois sabia o que me convinha, cumprisse em mim sua vontade em tudo. Via eu que pelo atual caminho era levada para o céu e que, pelo outro, ia para o inferno. Forçar-me a desejar êste e crer que era demônio, eis o que eu não conseguia, nem estava em minhas mãos, embora fizesse o possível para o crer e desejar. Pus-me a oferecer nesta intenção tudo quanto fazia, em matéria de boas obras. Recorria aos Santos de minha devoção para que me livrassem do demônio. Fazia novenas; encomendava-me a S. Hilarião, ao Anjo S. Miguel, a quem por esta causa tomei nova devoção; e a muitos outros Santos importunava para que me mostrasse o Senhor a verdade, isto é, para que o alcançassem de Sua Majestade.

Ao cabo de dois anos em que andei com tôda esta oração minha e de outras pessoas na intenção de que o Senhor me levasse por outro caminho ou manifestasse a verdade, porque eram muito contínuas as falas do Senhor a que me referi, aconteceu-me o seguinte. Estando em oração no dia do glorioso S. Pedro, vi Cris-

to junto de mim, ou por melhor dizer — pois nada vi com os olhos do corpo nem com os da alma — senti e tive a impressão de o ter ao meu lado. Por íntima convicção via que era Êle quem me falava. Eu, como estava muito longe de ter conhecimento de semelhantes visões, fui a princípio acometida de grande temor e não fazia senão chorar; contudo, ouvindo do Senhor uma só palavra de segurança, ficava no meu estado habitual, tranqüila, consolada e sem temor algum. Parecia-me andar Cristo sempre ao meu lado; sentia muito claramente estar Êle sempre à minha direita e testemunhar todos os meus atos, mas não via em que forma, por não ser visão imaginária. Não havia ocasião em que me recolhesse um pouco, ou não estivesse muito distraída, que o não sentisse junto de mim.

Fui logo a meu confessor, para lhe dar parte de tudo, bem aflita. Perguntou-me em que forma o via. Respondi-lhe que não percebia forma alguma. Indagou então: Como podia eu saber que era Cristo? Tornei-lhe que não sabia como, mas não podia deixar de entender que o tinha junto de mim; via e sentia isto claramente; o recolhimento da alma era muito maior, em oração de quietação muito contínua, com efeitos muito superiores aos que costumava ter; tratava-se de coisa muito evidente. Procurei acumular comparações para dar a entendê-lo, mas nesta maneira de visão, é certo — a meu parecer — que nenhuma quadra perfeitamente. E' das mais subidas, segundo me disse depois um varão santo e de muito espírito, chamado Frei Pedro de Alcântara, de quem adiante farei menção. Tenho ouvido de outros grandes letrados que, entre tôdas, é a visão em que menos se pode intrometer o demônio. Não há têrmos com que nós, mulheres, de pouco saber, possamos descrevê-la. Os doutos muito melhor a explicarão. Se digo que nem com os olhos do corpo nem com os da alma o vejo, — porque não é visão com imagem, — como percebo e afirmo que está o Senhor junto de mim, com mais clareza do que se o visse? Não quadra bem a comparação se eu dis-

ser que é como uma pessoa que está às escuras ou é cega e não vê outra que se acha ao seu lado. Há alguma semelhança, mas não muita, porque em tal caso é possível percebê-la com os sentidos, ouvi-la falar ou mexer-se, ou mesmo tocá-la. Aqui nada disto há nem reina escuridão; a alma percebe o Senhor por uma notícia mais clara do que o sol. Não digo que se veja sol ou claridade, mas uma luz que sem manifestação sensível ilumina o entendimento para que a alma goze de tão grande bem. Traz consigo imensos benefícios.

Não é como uma presença de Deus, sentida muitas vêzes em especial pelos que têm oração de união e de quietação. Nesta, assim que começamos a orar, parece que achamos com quem falar e entendemos que nos ouve, pelos efeitos e sentimentos espirituais que experimentamos de grande fé e amor com várias determinações acompanhadas de ternura. Esta é grande mercê de Deus, e quem a receber a tenha em grande aprêço, porque é mui subida oração; mas não é visão. E' pelos efeitos que produz na alma, como disse, que se percebe que Deus está ali, porquanto Sua Majestade quer dar-se a sentir por êsse modo. Aqui vemos com evidência que está presente Jesus Cristo, Filho da Virgem. Na oração de que falei primeiro, representam-se umas influências da Divindade; aqui, junto com as mesmas, vemos que também nos acompanha e nos quer fazer mercês a Humanidade Sacratíssima.

Perguntou-me ainda o confessor: Quem disse que era Jesus Cristo? — Êle mo diz muitas vêzes, respondi; mas antes que mo dissesse já em meu entendimento se tinha imprimido que era Êle. Nas mercês recebidas anteriormente, embora mo afirmasse, eu não o via. — Se uma pessoa que eu nunca houvesse visto e só conhecesse pela fama, viesse falar-me, estando eu cega ou em grande escuridão, e me dissesse quem era, crê-lo-ia, mas não com tanta certeza o poderia afirmar, como se a visse. Aqui, sim; sem que se veja, imprime-se tão clara notícia, que não parece possível haver vacilação. Quer o Senhor que fique isto tão im-

presso no entendimento, que não se pode duvidar; é tanta a certeza como de coisa que se viu, e ainda mais; porque algumas vêzes nos fica suspeita de ter sido imaginação o que vimos, mas aqui, ainda que de passagem ocorra algum receio, fica por outro lado tão grande convicção, que não tem fôrça a dúvida.

Assim acontece também com outra maneira pela qual Deus ensina a alma e lhe fala sem palavras, do modo que fica dito. E' uma linguagem tão do céu, que mal se pode dar a entender aqui, por mais que se queira explicar, se o Senhor o não ensina por experiência. Põe Sua Majestade muito no interior da alma o que lhe quer dar a entender, e aí lho representa, sem imagem e sem palavras formuladas, senão pelo mesmo modo desta visão que fica dita. E note-se muito esta maneira de fazer Deus que entenda a alma o que Êle quer, revelando-lhe grandes verdades e mistérios; porque muitas vêzes quando o Senhor me explica alguma visão que se dignou conceder-me é por êste modo que me faz entendê-la. Parece-me que é onde menos o demônio se pode intrometer, pelas razões ditas. Se não são boas, devo estar enganada.

E' coisa tão puramente espiritual êste modo de visão e de linguagem, que nenhum movimento há nas potências e nos sentidos do qual o demônio possa tirar partido. Isto sucede algumas vêzes e com brevidade; em outras ocasiões bem me parece que não estão suspensas as potências nem tirado o uso dos sentidos, antes estão muito em si, pois não é sempre durante a contemplação que acontece isto, senão, pelo contrário, muito raramente. Quando assim é, porém, digo que nada agimos por nós mesmos nem fazemos: tudo parece obra do Senhor. E' como se víssemos já pôsto o manjar no estômago sem o têrmos comido nem sabermos quem aí o pôs, mas percebendo bem que nêle está. Entretanto, em tal caso, não se saberia qual o manjar, nem quem o trouxe; aqui o sabemos; mas como o puseram em mim, não o sei, pois nem o vi, nem o entendo, nem jamais pensara desejá-lo, nem

a meu conhecimento tinha vindo que isto pudesse acontecer.

Na fala de que antes tratamos, faz Deus que o entendimento esteja atento, embora lhe pese, e compreenda o que se lhe diz. Parece que a alma tem outros ouvidos com que ouve, e é obrigada a escutar, sem se distrair. E' como uma pessoa que ouvisse bem e a quem não consentissem tapar os ouvidos: se lhe falassem de perto e em altas vozes, entenderia, ainda que não quisesse. E, enfim, alguma coisa faz de sua parte, pois está atenta para entender o que lhe falam. Aqui não há concurso algum; até o pouco que fazia nas falas passadas, que consistia em só escutar, lhe é tirado. Tudo encontra guisado e comido; nada lhe resta a fazer senão gozar. E' como alguém que, sem ter aprendido nem trabalhado nada para saber ler, nem tão pouco estudado coisa alguma, achasse em si adquirida tôda a ciência, sem saber como e donde lhe veio, pois jamais se esforçou sequer para aprender o a-bê-cê.

Esta última comparação parece-me explicar em parte êste dom celestial, porque, dum momento para outro, a alma se vê sábia e tão instruída sôbre o mistério da Santíssima Trindade e outras coisas muito subidas, que não há teólogo com quem não se atrevesse a disputar sôbre a verdade destas grandezas. Fica tão espantada, que basta uma mercê destas para a transformar inteiramente e fazer que já não ame senão a Deus, pois bem vê que, sem cooperação alguma de sua parte, a torna Êle capaz de tão grandes bens, lhe comunica tais segredos e a trata com tanta ternura e amor que se não podem descrever. Com efeito, algumas mercês chegam a causar suspeita, por serem tão admiráveis e feitas a quem tão pouco as tem merecido, que, se não houver fé muito viva, não se poderão crer. Assim é que tenciono referir poucas das que o Senhor me tem feito, se não me mandarem outra coisa. Direi apenas algumas visões que podem ser de proveito para que não se surpreenda quem as receber de Deus, pa-

recendo-lhe impossíveis, como fazia eu; servirão também para explicar o modo e caminho por onde o Senhor me tem levado, porque é o que me mandam escrever.

Tornando agora a esta maneira de entender, parece-me que de todos os modos quer o Senhor dar a esta alma alguma notícia do que se passa no céu. Assim como lá não há necessidade de palavras para todos se entenderem — o que não sabia até quando o Senhor por sua bondade quis que eu o visse, mostrando-mo num arroubamento, — assim acontece aqui: que se entendem Deus e a alma, só porque o quer Sua Majestade. Sem outro artifício, êstes dois amigos manifestam, um ao outro, o recíproco amor que têm. E' como, no mundo, quando duas pessoas se querem muito e têm bom entendimento: até sem sinais, só com o olhar uma a outra, parece que se compreendem. E', se não me engano, o que se passa aqui; sem o vermos nós, êstes dois amantes se fitam, face a face, segundo diz o Espôso à Espôsa nos Cantares. Ao que creio, ouvi citar êste trecho. [1]

O' benignidade admirável de Deus, que assim vos deixais olhar por uns olhos que se empregaram em tanto mal, como são os de minha alma! Com vos verem, ficam já acostumados, Senhor, a não olhar coisas baixas, nem achar contentamento algum fora de Vós. O' ingratidão dos mortais! a que ponto hás de chegar? Sei por experiência ser verdade isto que digo, e ser bem pouco o que se pode dizer do que fazeis com uma alma que elevais a tal estado. O' almas que haveis começado a ter oração e vós que tendes verdadeira fé! que bem podeis buscar, ainda tendo em vista só a felicidade nesta vida, que seja como o menor dêstes, sem falar no que se ganha para a eternidade?

Vêde ser muito certo que Deus se dá aos que tudo deixam por Êle. Não faz acepção de pessoas, a todos ama; ninguém se pode escusar, por pior que seja, pois que o Senhor assim fêz comigo, trazendo-me a tal es-

1) Cantares 4, 9.

tado. Sabei que é como zero o que digo, em comparação do que se pode dizer; só menciono o necessário para fazer compreender êste gênero de visão e mercê que faz Deus à alma; mas não posso exprimir o que se sente quando o Senhor dá a entender segredos e grandezas suas. E' deleite tão superior a tudo que se pode conceber na terra, que com bem razão faz aborrecer os gozos da vida. Não são mais que cisco, todos juntos. Tenho até asco de os tomar aqui por têrmo de comparação, ainda quando se pudesse gozar dêles sem fim. E que direi dêstes que dá o Senhor? Não são mais que uma só gôta do rio caudaloso que nos está aparelhado.

Digo-o para vergonha nossa. Sim, certamente envergonho-me de mim; e, se pudera haver confusão no céu, eu lá estaria mais confusa que ninguém. Por que havemos de querer tantos bens e deleites e glórias sem fim, tudo ùnicamente à custa do bom Jesus? Não choraremos sequer com as filhas de Jerusalém, já que o não ajudamos a levar a cruz como o Cireneu? Com prazeres e passatempos havemos de gozar do que Êle nos ganhou à custa de tanto sangue? E' impossível. E com honras vãs pensamos reparar um desprêzo como o que Êle sofreu a fim de adquirirmos um reino eterno? Não tem cabimento. Errado, errado vai o caminho: nunca chegaremos lá. Apregoe Vossa Mercê altamente estas verdades, pois Deus me tirou a mim êste direito. Quisera contìnuamente apregoá-las a mim mesma; e tão tarde o ouço, tão tarde o entendi de Deus, como se verá no que escrevi. E' para mim grande confusão falar nestas coisas, de modo que quero calar-me; só direi o que algumas vêzes considero.

Praza ao Senhor pôr-me em estado em que possa gozar de tanto bem!

Que glória acidental será e que contentamento o dos Bem-aventurados que já disto gozam, quando virem que, embora tarde, não deixaram de fazer por Deus coisa que estivesse a seu alcance, e por todos os modos possíveis nada lhe negaram, de acôrdo com suas

fôrças e com seu estado! Quem mais tiver feito, maior glória terá. Quão rico se achará o que tôdas as riquezas deixou por Cristo! Quão honrado, o que por Êle não quis honras, antes gostou de se ver muito abatido! Quão sábio o que folgou de ser tido por louco, pois assim chamaram à mesma Sabedoria! Quão poucos dêstes agora há, por nossos pecados! Sim, sim, parece que se acabaram os que o mundo tinha por loucos, vendo nêles obras heróicas de verdadeiros amantes de Cristo! O' mundo, mundo, como vais ganhando honra, em razão de haver poucos que te conheçam!

Mas pensamos talvez que é mais serviço de Deus, sermos tidos por sábios e por discretos. Deve ser, deve ser, a julgar pela discrição que está em voga. Logo imaginamos que é de pouca edificação não andar com muita compostura e autoridade, cada um segundo seu estado. Até o frade, o clérigo, a monja, imaginarão que trazer roupa velha e remendada é novidade, é dar escândalo aos fracos. O mesmo dizem de estar muito recolhido e ter oração! De tal forma está o mundo e tão olvidadas estão as coisas de perfeição dos grandes ímpetos que tinham os Santos. Penso que mais dano faz isto e mais contribui para as desventuras que se vêem nos nossos tempos, do que causariam escândalos os Religiosos dando a entender por obras, como o dizem por palavras, o nenhum caso que se há de fazer do mundo, — pois dêstes escândalos tira o Senhor grandes proveitos. E se uns se escandalizam, outros entram em si e têm remorsos. Prouvera a Deus, se visse ao menos um debuxo de como viveu Cristo com seus Apóstolos, pois agora, mais do que nunca, é necessário.

E que bom imitador seu nos levou o Senhor agora, chamando a Si o bendito Frei Pedro de Alcântara! O mundo já não é capaz de suportar tanta perfeição. Dizem que estão as saúdes mais fracas e que mudaram os tempos. Êste santo homem viveu em nossos dias; tinha o espírito alentado, como os Santos de outros tempos, e assim trazia o mundo debaixo dos

pés. Ainda que não andemos descalços nem façamos tão áspera penitência como êle, muitas coisas há, como tenho dito por várias vêzes, em que se pode também desprezar o mundo; e o Senhor no-lo ensina quando vê ânimo. E que grande coragem deu Sua Majestade ao referido Santo, para durante quarenta e sete anos fazer tão áspera penitência, como todos sabem. Quero dizer a êste respeito alguma coisa, e sei que é a pura verdade.

Disse-o a mim e a outra pessoa para quem não tinha segredos. A causa de mo dizer era a afeição que me tinha, porque o Senhor lha quis dar para que tomasse minha defesa e me animasse em tempo de tanta necessidade, como já disse e direi ainda. Parece-me que foram quarenta anos os que me contou ter passado dormindo só hora e meia entre a noite e o dia. Vencer o sono foi de tôdas as penitências a que mais lhe custou nos princípios, e para isto estava sempre de joelhos ou de pé. Quando dormia era assentado, com a cabeça arrimada a um pedaço de maneira que tinha pregado à parede. Deitar-se, ainda que quisesse, não podia, porque sua cela, como é sabido, não tinha mais de quatro pés e meio de comprimento. Em todos êsses anos jamais se cobriu com o capuz, por grandes soalheiras e aguaceiros que houvesse; não trazia calçado nos pés, nem vestia senão um hábito de saial, sem outra roupa sôbre a carne, e êsse hábito tão estreito quanto podia ser, com um manto pequeno do mesmo pano, por cima. Contou-me que tirava êste nos grandes frios e deixava a porta e o postigo da cela abertos, para depois, pondo de novo o manto e fechando a porta, contentar o corpo e fazê-lo sossegar com mais abrigo. Comer só no fim de três dias era-lhe muito ordinário. E perguntou-me por que razão me espantava, pois era muito possível a quem o tivesse por costume. Disse-me um seu companheiro que acontecia a êste santo passar oito dias sem comer. Devia ser estando em oração, pois tinha grandes arrouba-

mentos e ímpetos de amor de Deus, como uma vez presenciei.

Sua pobreza era extrema. Foi tal sua mortificação na mocidade que, segundo me contou, lhe havia acontecido estar três anos numa casa de sua Ordem sem conhecer frade algum a não ser pela fala, porque jamais levantava os olhos. Não sabia ir aos lugares aonde o chamava o dever, a não ser andando atrás dos outros Religiosos. O mesmo lhe acontecia pelos caminhos. Jamais olhou mulher alguma durante muitos anos. Dizia-me que já nada se lhe dava de ver ou não ver; mas era muito velho quando o vim a conhecer, e tão extrema sua fraqueza que parecia feito de raízes de árvores. Com tôda esta santidade, era muito afável, embora de poucas palavras, a menos que fôsse interrogado. Sua conversação era mui agradável porque tinha espírito encantador. Outras coisas quisera mencionar, mas receio que Vossa Mercê pergunte por que me meto em tal assunto, e já foi com temor que escrevi. E assim concluo dizendo que foi seu fim semelhante à sua vida, pois morreu pregando e admoestando a seus Religiosos. Quando viu que estava nas últimas, disse o salmo *Laetatus sum in his quae dicta sunt mihi* [1], e, pôsto de joelhos, expirou. Depois, tem o Senhor permitido que com êle me ache mais do que em sua vida, e seja aconselhada por êle em muitos pontos. Tenho-o visto várias vêzes em grandíssima glória. Na sua primeira aparição, além de outras coisas, disse-me que bem-aventurada era a penitência que lhe granjeara tal prêmio.

Um ano antes de morrer, estando ausente, apareceu-me. Tive revelação de que estava próxima sua morte, e mandei-lhe aviso, a algumas léguas daqui. Ao expirar apareceu-me e disse-me que ia entrar no seu descanso. Não acreditei e contei-o a algumas pessoas. No fim de oito dias veio a notícia de que morrera, ou, para melhor dizer, começara a viver para sempre.

---

1) Sl 121 — Alegrei-me com o que me foi dito.

Ei-la pois acabada, essa aspereza de vida, com tão grande glória! Parece-me que muito mais me consola do que quando estava na terra. Disse-me uma vez o Senhor que não lhe pediriam coisa em nome dêste santo, que não a concedesse. Muitas que lhe tenho encomendado para que as peça ao Senhor, tenho visto cumpridas. Seja Êle bendito para sempre. Amém.

Mas para que falar e estimular a Vossa Mercê a não fazer caso das coisas desta vida, como se o não soubesse, ou não estivesse já determinado a deixar tudo, pois até o pôs por obra? E' que vejo tanta perdição no mundo, que é descanso para mim dizer isto, embora a ninguém aproveite e só sirva para me dar cansaço o escrevê-lo. Contra mim é tudo o que digo. Perdoe-me o Senhor o que o tenho ofendido neste ponto; e perdoe-me Vossa Mercê que o canse sem motivo. Dir-se-ia querer eu que faça penitência pelo que pequei nesta matéria.

CAPÍTULO XXVIII

Em que narra as grandes mercês que lhe concedeu o Senhor, e como êste lhe apareceu pela primeira vez. Declara o que é visão imaginária, os grandes efeitos e sinais que deixa quando é de Deus. Êste capítulo é muito útil e importante.

Tornemos ao nosso propósito. Passei alguns dias, poucos, com a visão intelectual a que me referi, muito contínua. Causava-me tanto proveito, que vivia numa oração não interrompida; e em tudo quanto fazia, procurava que fôsse de modo a não descontentar Aquele que o estava presenciando, como eu claramente via. Por vêzes, é verdade, tinha temor pelo muito que me assustavam, mas durava pouco, porque o Senhor me tranqüilizava. Estando um dia em oração, quis o Senhor mostrar-me só as mãos, de tanta formosura que

me seria impossível descrevê-la. Fêz-me grande temor, porque qualquer nova mercê sobrenatural que o Senhor me faça, muito me assusta nos princípios. Daí a poucos dias vi também aquêle divino rosto, que de todo me deixou absorta, ao que me parece. Não podia compreender por que se mostrava assim o Senhor pouco a pouco, pois me havia de fazer mais tarde mercê de que o visse todo. Compreendi depois que me ia levando Sua Majestade conforme a minha fraqueza natural. Seja bendito para sempre, porque tanta glória junta, tão baixa e vil criatura não o pudera sofrer. Como quem isto sabia, aos poucos me ia dispondo o piedoso Senhor.

Parecerá a Vossa Mercê que não era mister muito esfôrço para ver umas mãos e um rosto de tanta formosura; mas são tão belos os corpos glorificados, que a glória, produzida pela vista de coisa tão sobrenatural e formosa, desatina; e assim me fazia tanto temor, que eu tôda me perturbava e alvoroçava. Logo depois, entretanto, ficava com certeza e segurança e com tais efeitos, que depressa perdia o mêdo. Um dia de S. Paulo, durante a Missa, eis que se me representou tôda a Humanidade sacratíssima, como se pinta depois da ressurreição, com tanta formosura e majestade como em particular escrevi a Vossa Mercê quando mo ordenou expressamente. E custou-me bastante escrevê-lo, porque nada se pode dizer sôbre esta graça, que não seja desfazer nela; contudo declarei-a o melhor que pude, e assim não há para que o tornar a dizer aqui. Só digo que, ainda que outra coisa não houvesse para deleitar a vista no céu senão a formosura dos corpos glorificados, seria grandíssima glória, em especial a vista da Humanidade de Jesus Cristo Senhor Nosso. Se é assim aqui na terra, onde Sua Majestade se mostra conforme ao que pode comportar nossa miséria, que será na mansão onde se goza da plenitude de tanto bem? Esta visão, ainda que é imaginária, nunca a percebi com os olhos corporais, nem tão pouco alguma outra, senão com os olhos da alma.

Afirmam — os mais entendidos nesta matéria — ser mais perfeita a visão passada do que esta, que, por sua vez, é muito superior às visões percebidas com os olhos do corpo, as quais são mais baixas e sujeitas às ilusões do demônio. Como eu então não podia entender isto, desejava que, visto receber a mercê, fôsse de modo a ver com os olhos corporais, para não me dizer o confessor que era fantasia. Acontecia também que, depois de passada a visão, logo me vinha o pensamento de que fôra efeito da imaginação, e afligia-me de o haver dito ao confessor pelo receio de o ter enganado. Novo pranto; ia a êle e dizia-lhe meu receio. Perguntava-me se pensara dizer-lhe a realidade ou se havia querido enganá-lo. Eu lhe dizia a verdade, pois a meu parecer não mentira, nem pretendera fazê-lo, nem para ganhar o mundo inteiro dissera uma coisa por outra. Disto estava êle bem certo, e assim procurava sossegar-me. Quanto a mim, sentia tanto ir a êle com essas ninharias, que não sei como o demônio conseguia persuadir-me de que era fingimento da minha parte. Como me havia eu de atormentar? O Senhor, porém, deu-se tanta pressa em me fazer esta mercê e em declarar sua veracidade, que logo perdi tôda suspeita de ser fantasia. Depois vi muito claramente minha tolice, porque, se eu levasse muitos anos estudando o modo de figurar coisa tão formosa, não teria capacidade nem ciência para tanto, porque só na brancura e resplendor excede tudo que se pode imaginar na terra.

Não é brilho que deslumbre; é brancura suave, resplendor infuso que dá deleite grandíssimo à vista e não cansa. O mesmo digo da claridade em que se vê esta formosura tão divina. E' luz tão diferente da que há na terra, que a claridade do sol nos parece apagada, em comparação daquele fulgor esplêndido que se representa à nossa vista. Quem a viu uma vez não quisera mais abrir os olhos. E' como contemplar uma água muito límpida que desliza sôbre cristal e reverbera o sol; e olhar depois outra muito turva que

corre por cima da terra em dia de grande nevoeiro. Não é que se veja o sol, nem semelhança de luz solar; mas, em suma, é luz que mostra ser verdadeira, e a dêste mundo é como coisa artificial. Luz que não conhece noite; brilha sempre e nada a pode ofuscar. Finalmente, é de tal sorte que, por grande entendimento que uma pessoa tivesse, não a poderia figurar esforçando-se em todos os dias de sua vida. E apresenta-a Deus tão de súbito à nossa vista, que nem haveria tempo para abrir os olhos se fôra mister abri-los; mas tanto faz estarem abertos como fechados, pois, quando o Senhor quer, vemos, ainda que não queiramos. Não há distração que o estorve; nem resistência possível, nem diligência, nem cuidado que o consiga. Disto tenho boa experiência, como depois direi.

O que desejaria explicar agora é o modo pelo qual o Senhor se mostra nestas visões. Não pretendo declarar como essa luz tão forte pode imprimir-se no sentido interior, nem como a inteligência recebe imagem tão clara, que Jesus Cristo parece verdadeiramente estar ali. Pertence isto aos letrados. Não há querido o Senhor dar-me a entender a razão, e sou tão ignorante e tão rude de entendimento que, conquanto tenham querido explicar-mo, não consegui compreendêlo inteiramente. E' a pura verdade; ainda que Vossa Mercê julgue que possuo vivacidade de espírito, não é assim, antes em muitas coisas tenho experimentado que só compreendo o que me dão mastigado, como se costuma dizer. Algumas vêzes ficava admirado meu confessor de minhas ignorâncias; pois jamais entendi, nem aliás desejei saber, como fazia Deus isto ou aquilo, ou como podia ser; e nunca o perguntei, ainda que de muitos anos para cá tenha tratado com homens doutos. Se uma coisa era ou não pecado, isto sim, indagava; no demais, bastava-me pensar que Deus o tinha feito, para ver que não havia razão de espanto, senão motivo para o louvar. Até me fazem devoção as coisas dificultosas; e quanto mais incompreensíveis, mais me enternecem.

Direi, pois, o que tenho visto por experiência. Como o Senhor o faz, melhor o dirá Vossa Mercê, e explicará o que estiver escuro e eu não souber dizer. Bem me parecia, por alguns indícios, que era imagem o que eu via, mas por outros muitos achava que não, antes era o mesmo Cristo; dependia tudo da claridade com que era servido mostrar-se a mim. Manifestava-se umas vêzes tão confusamente, que me parecia imagem, conquanto não semelhante aos quadros cá da terra, por muito perfeitos que sejam, dos quais muitos tenho visto e bem lindos. E' disparate pensar que exista alguma analogia entre uma e outra coisa, nem mais nem menos que entre uma pessoa viva e seu retrato. Êste por melhor que seja não pode ser tão natural, que não se perceba, afinal de contas, que é coisa inanimada. Mas deixemos isto, pois está bem explicado e é assim ao pé da letra.

O que acabei de dizer não é comparação; é muito mais que isto, é a pura verdade: existe realmente a diferença do vivo ao pintado, nem mais nem menos. Com efeito, se é imagem, é imagem animada: não homem morto, senão Cristo vivo. E dá a entender que é homem e Deus; não como estava no sepulcro, senão como dêle saiu depois de ressuscitado. Vem às vêzes com tão grande majestade, que não há como duvidar: vê-se que é o mesmo Senhor, especialmente logo depois da Comunhão, quando já sabemos que está ali, pois no-lo diz a fé. Representa-se tão senhor daquela pousada, que parece à alma estar tôda desfeita e consumida em Cristo. O' Jesus meu, quem pudera dar a entender a majestade com que vos mostrais, e quão Senhor de todo êste mundo, dos céus e de outros mil mundos e de inumeráveis mundos e céus que poderíeis criar! Entende a alma, segundo a majestade com que vos representais, que é nada para vós serdes Senhor de tudo isso.

Aqui se vê claramente, Jesus meu, o pouco poder de todos os demônios em comparação do vosso. Na verdade, quem vos tiver contentado plenamente pode

calcar aos pés o inferno todo. Aqui se vê a razão de temer que tiveram êles quando descestes ao limbo; desejariam outros mil infernos mais profundos para fugir de tão imensa majestade. Vejo que quereis dar a entender quão grande é o poder que tem vossa sacratíssima Humanidade unida à Divindade. Aqui se representa bem o que será no dia de juízo ver a majestade dêste Rei e o rigor que mostrará aos maus. Aqui é a verdadeira humildade, incutida na alma pela vista de sua miséria que não pode ignorar; aqui a confusão e o verdadeiro arrependimento dos pecados, a tal ponto que ela não sabe onde se meter, embora receba tantas mostras de amor, e assim fica aniquilada. Digo que tem fôrça tão possante esta visão, quando o Senhor quer mostrar grande parte de sua grandeza e majestade que, penso, seria impossível a qualquer alma resistir, se o Senhor não se dignasse alentá-la de modo muito sobrenatural, pondo-a em êxtase ou arrebatamento e fazendo que, com o gôzo excessivo, perca a visão daquela divina presença. Há verdades que se olvidam depois, mas aquela majestade e formosura fica tão impressa, que não há como a olvidar, a não ser quando quer o Senhor que padeça o espírito uma grande aridez e soledade de que falarei adiante, porque então do próprio Deus parece esquecer-se.

Fica a alma transformada, sempre embebida; tem a impressão de que começa a amar a Deus com novo amor, muito vivo, e, a meu ver, em altíssimo grau. A visão passada, na qual se representa Deus sem imagem, como disse, é mais subida; contudo, em conseqüência de nossa fraqueza, é muito grande coisa ficar representada e impressa na imaginação tão divina presença, para que a conservemos na memória e tenhamos bem ocupado o pensamento. Vêm quase sempre juntas, aliás, estas duas espécies de visão; e convém que assim seja, porque com os olhos da alma contemplamos a excelência, formosura e glória da santíssima Humanidade e, do outro modo que ficou dito, se nos dá a entender como é Deus poderoso, que tudo

pode, tudo ordena, tudo governa e tudo enche de seu amor.

E' muitíssimo de estimar esta visão e sem perigo, a meu parecer, porque pelos efeitos se conhece que não tem fôrça aqui o demônio. Parece-me que, três ou quatro vêzes, quis êste, por meio duma representação falsa, dar-me a ver desta maneira o mesmo Senhor. Toma forma humana, mas não pode contrafazê-la com a glória que tem quando é de Deus. Representa fantasmagorias para desfazer a verdadeira visão concedida à alma; esta, porém, resiste, se sente perturbada, desabrida, inquieta, perde a devoção e o gôsto que antes tinha e fica sem nenhuma oração. Aconteceu-me isto nos primeiros tempos, três ou quatro vêzes, conforme disse. E' coisa tão extremamente diversa, que basta ter tido oração de quietação para o entender, pelos efeitos que ficam ditos acêrca das falas. E' coisa muito conhecida, e se a alma não se quer deixar enganar, penso que não será enganada, desde que ande com humildade e simplicidade. Quem tiver tido verdadeira visão de Deus, quase imediatamente o sentirá, porque, embora comece com regalo e gôsto, a alma o rejeita. Deve mesmo ser diferente o gôsto, a meu ver; não tem aparência de amor puro e casto; bem depressa dá a entender quem é. De modo que, onde há experiência, tenho por impossível o demônio fazer dano.

Ser efeito da imaginação é absolutamente inaceitável, não tem cabimento, porque só a formosura e brancura das mãos excede tudo quanto podemos imaginar. Como, pois, sem lembrança nem pensamento anterior, se podem ver presentes, num instante, coisas que em muito tempo a imaginação seria incapaz de conceber, porque estão acima do que nos é dado compreender aqui na terra? Claro está que é impossível. E mesmo que pudéssemos produzir alguma coisa dêsse gênero, a sua origem apareceria claramente pelo que vou dizer. Se fôsse representação do entendimento, não produziria os grandes efeitos que indiquei, e até

ficaria sem fruto. Seria como o caso de uma pessoa que quisesse dar mostras de estar dormindo, mas ficasse acordada por não lhe ter vindo o sono. Sentindo necessidade ou fraqueza na cabeça e desejando dormir, esforça-se por adormecer; faz tôdas as diligências e às vêzes parece conseguir alguma coisa: mas, se o sono não é verdadeiro, não a sustenta, nem lhe dá fôrça à cabeça, antes acontecerá talvez deixar-lha mais atordoada. E' em parte o que se daria aqui: ficaria enfraquecida a alma, não sustentada e forte, senão cansada e cheia de tédio. Quando a visão é verdadeira, não se pode encarecer a riqueza que deixa; ao próprio corpo dá saúde e confôrto.

Esta razão, entre outras, apresentava eu quando me diziam ser obra do demônio ou da imaginação, e isto acontecia muito freqüentemente. Punha-me então a fazer comparações, conforme o que alcançava e o que o Senhor me dava a entender. Tudo, porém, com pouco resultado, porque, como havia neste lugar pessoas muito santas que Deus não levava por êste caminho e a respeito das quais era eu uma criatura perdida, logo todos se enchiam de temores. Creio que, por meus pecados, circulavam as notícias de um para outro, de maneira que se vinham a saber sem que eu falasse senão a meu confessor ou a quem êle me indicava.

Disse-lhe duma feita: Se me assegurassem que uma pessoa muito minha conhecida, com quem tivesse acabado de falar, não era aquela que eu pensava, e me dissessem que estavam certos do meu êrro, dar-lhes-ia mais crédito do que aos meus próprios olhos. Mas se essa pessoa me houvesse deixado várias jóias por prendas do seu muito amor, vendo-as eu em minhas mãos, quando antes nenhuma tinha, e sentindo-me rica, sendo até então pobre, não poderia crer em tais palavras, embora quisesse. Essas jóias, eu lhas poderia mostrar, porque todos os que me conheciam viam que minha alma evidentemente estava outra, e assim o dizia meu confessor; pois era muito considerável a diferença em tôdas as coisas, não dissimulada senão tão manifesta

que todos a podiam ver. Sendo antes tão má, dizia eu, não podia crer que, se o demônio pretendia com isto enganar-me e arrastar-me ao inferno, usasse de meio tão contrário, qual o de tirar-me os vícios e dar-me virtudes e fortaleza, porque via eu claramente que cada uma destas graças me deixava transformada. Meu confessor, que era um Padre bem santo da Companhia de Jesus, como disse, respondia o mesmo, segundo soube mais tarde. Era muito discreto e extremamente humilde, mas a sua grande humildade acarretou-me bastantes sofrimentos, porque, apesar de ser douto e de ter muita oração, não confiava em si. Não o levava, aliás, o Senhor pelo mesmo caminho. Por minha causa assaz sofreu. Diziam-lhe — como vim a saber — que se precatasse de mim: não o enganasse o demônio fazendo-lhe crer alguma coisa do que de mim ouvia! Apontavam-lhe exemplos de outras pessoas. Tudo isso me fazia sofrer. Cheguei a temer que não houvesse com quem me confessar e que todos fugissem de mim. Não fazia senão chorar.

Foi Providência Divina ter êle querido continuar a ouvir-me; mas era tão grande servo de Deus, que a tudo se exporia por seu amor. Dizia-me que não ofendesse eu a Deus, não me apartasse de sua direção e não tivesse receio, que êle, por sua vez, não me faltaria. Sempre me animava e consolava, mandando-me constantemente que não lhe calasse coisa alguma; e eu obedecia. Assegurava-me que, procedendo eu assim, o mesmo demônio não me faria dano, antes o Senhor tiraria bem do mal que o inimigo quisesse fazer à minha alma. Procurava aperfeiçoá-la em tudo que podia. Eu, como andava com tantos temores, obedecia em tudo, ainda que imperfeitamente. Por minha causa, no meio de tantas dificuldades, padeceu êle bastante nos três anos e tanto em que foi meu confessor; pois em grandes perseguições que moveram contra mim e quando em muitas circunstâncias, por permissão do Senhor, me julgaram mal, freqüente-

mente sem a isso ter dado caso, iam a êle e lançavam-lhe a culpa de tudo, conquanto fôsse bem inocente.

Seria impossível, se não tivesse tanta santidade e não o animasse o Senhor, poder sofrer tanto. Com efeito, tinha de responder aos que não lhe davam crédito e me julgavam transviada; e, ao mesmo tempo, havia de sossegar-me e curar o mêdo que me assaltava, embora por vêzes me fizesse temer ainda mais. Por outra parte tinha de tornar a tranqüilizar-me depois de cada nova visão, porque permitia Deus que me ficassem grandes temores. Tudo me vinha de ter sido e de ser ainda tão pecadora. Êle me consolava com muita piedade, e se tivesse confiança em si mesmo, não padeceria eu tanto, pois Deus lhe dava a entender a verdade em tudo, e o mesmo Sacramento lhe infundia luz, creio eu.

Os servos de Deus que se não sentiam seguros, tratavam muito comigo, e eu lhes falava com singeleza algumas coisas que êles interpretavam desfavoràvelmente. Queria muito a um dêles[1] porque lhe devia imensamente minha alma; era muito santo e desejava com grande ardor, para meu aproveitamento, que o Senhor me desse luz. Eu sentia sumamente vendo que não me entendia, e que todos êles, como disse, sem mais considerações, atribuíam a pouca humildade minhas palavras. Mal viam em mim uma falta — o que não seria raro — logo condenavam tudo. Faziam-me algumas perguntas e, respondendo eu com simplicidade e confiança, logo imaginavam que queria passar por sábia e dar-lhes lições. Tudo iam denunciar a meu confessor; certamente porque queriam meu proveito, e êle se punha a ralhar comigo.

Andei assim bastante tempo, atormentada por muitas partes; mas, com as mercês que me fazia o Senhor, passava por cima de tudo. Digo isto para que se entenda o grande trabalho que é não achar quem tenha experiência neste caminho espiritual. Se não me favorecera tanto o Senhor, não sei o que teria sido

1) Provàvelmente D. Francisco de Salcedo.

de mim. Bastantes coisas havia para me tirar o juízo. Via-me, por vêzes, reduzida a tal extremidade, que não sabia o que fazer senão levantar os olhos ao Senhor; porque contradição de bons a uma mulherzinha fraca, ruim e inclinada ao temor como eu, assim dito parece nada e, contudo, tendo passado na vida grandíssimos trabalhos, posso dizer que é êste um dos maiores. Praza ao Senhor que nisto haja eu servido de algum modo a Sua Majestade! Quanto aos que me argüiam e condenavam, bem certa estou de que visavam a glória de Deus, e em suma foi tudo para meu grande bem.

CAPÍTULO XXIX

Prossegue o começado e narra algumas grandes mercês que lhe fêz o Senhor. Coisas que lhe dizia Sua Majestade infundindo-lhe confiança e ensinando-lhe o modo de responder aos que a contradiziam.

Muito me apartei do assunto, pois estava tratando de declarar as razões que há para vermos que não procedem da imaginação estas visões. Com efeito, como poderíamos à custa de esforços representar a Humanidade de Cristo e reproduzir por meio da imaginação sua grande formosura? Não seria mister pouco tempo para conseguir alguma semelhança. Bem pode alguém imaginar uma figura e contemplá-la durante algum tempo; ver seus traços, sua brancura e pouco a pouco ir aperfeiçoando e gravando na memória aquela imagem. Ninguém lho pode impedir, pois é mero trabalho do entendimento. No que vamos tratando, nada disto é possível: forçoso é ver o que o Senhor nos quer representar, e vê-lo como Êle quer e quando quer. Não há tirar nem pôr, nem modo de o conseguir; por mais que façamos, não depende da nossa vontade o

ver ou deixar de ver. Em pretendendo fixar alguma coisa particular, logo se perde de vista a Cristo.

Durante dois anos e meio, fazia-me Deus muito ordinàriamente esta mercê. Haverá mais de três que me tirou o tê-la tão contìnuamente, substituindo-a por outra mais subida, como talvez direi depois. Via eu que o Senhor me estava falando; olhava aquela grande formosura e notava a suavidade — por vêzes o rigor — das palavras daquela formosíssima e divina bôca. Desejava em extremo perceber a côr de seus olhos e saber a sua altura para o dizer depois, mas jamais o mereci, nem há esfôrço que o consiga; antes tudo se desvanece diante de minha vista. Bem vejo, algumas vêzes, que me olha com piedade; mas tem tanta fôrça êste olhar, que o não pode sofrer a alma e fica em tão subido arroubamento que, para mais gozar do Senhor, perde esta formosa vista. Aqui, pois, não há querer e não querer. Vê-se manifestamente que só quer o Senhor que tenhamos humildade e confusão e tomemos o que nos fôr dado, louvando a quem o dá.

Isto acontece em tôdas as visões, sem exceção: não há poder ver mais nem menos; nem para isto faz nem desfaz nossa diligência. Quer o Senhor dar-nos a ver muito claramente que não é obra nossa, senão de Sua Majestade. Dêste modo, muito menos podemos ter soberba, antes ficamos humildes e temerosos, conhecendo que, assim como o Senhor nos tira a possibilidade de ver o que queremos, pode tirar-nos também estas mercês e a sua graça e deixar-nos inteiramente perdidos; e é bem que sempre andemos com temor enquanto estamos neste exílio.

Quase sempre se me representava o Senhor como ressuscitado, e via-o na Hóstia do mesmo modo. Algumas vêzes, porém, para me reanimar em qualquer tribulação, mostrava-se chagado, na cruz e no Hôrto; raramente com a coroa de espinhos, e por vêzes levando a cruz; isto, como disse, por ocasião de necessidades minhas e de outras pessoas, mas sempre com a carne glorificada. Bastantes afrontas e dissabores acarretou-

me o ter contado estas visões. Muitos temores e muitas perseguições sofri! Tão certa lhes parecia a ação do demônio em minha alma, que algumas pessoas queriam sujeitar-me a exorcismos. Disto pouco se me dava, mas ficava triste quando via que os confessores tinham receio de me atender, ou quando sabia que lhes falavam contra mim. Não obstante tudo isto, jamais podia ter pesar de haver sido favorecida com tais visões celestes, das quais sequer uma só não trocaria por todos os bens e deleites do mundo. Sempre as tinha por grandes mercês do Senhor; pareciam-me grandíssimo tesouro, e o mesmo Senhor assegurou-me disto muitas vêzes. Eu me via crescer em o amar muitíssimo; ia queixar-me a Êle de todos êsses trabalhos, e sempre saía consolada da oração e com novas fôrças. Aos que me eram contrários não ousava contradizer vendo que era pior, pois lhes parecia pouca humildade minha. A meu confessor dizia tudo, e êle sempre me consolava muito quando me via atribulada.

Como as visões foram crescendo, um dêles, que muito me ajudava e algumas vêzes me ouvia em confissão quando estava impedido o ministro, começou a dizer que sem nenhuma dúvida era obra do demônio. Ordenaram-me que, pois me era impossível resistir, a cada visão fizesse o sinal da cruz e desse figas, na certeza de estar vendo o demônio e de o afugentar por êsse meio. Fazendo eu assim, não tivesse mêdo, pois Deus me havia de guardar e livrar daquele mal. Para mim era isto grande sofrimento e coisa terrível, pois não podia deixar de crer que era Deus, e também não conseguia, como disse, desejar que me fôssem tiradas aquelas graças; contudo fazia quanto me mandavam. Suplicava muito a Deus que me livrasse de ser enganada; isto pedia sempre e com abundantes lágrimas. Recomendava-me a São Pedro e S. Paulo, porque o Senhor me apareceu pela primeira vez no dia dêles e me disse que me guardariam para que não fôsse enganada. Via-os muitas vêzes ao meu lado esquerdo, mui claramente, ainda que não por visão imaginária.

Honrava a êstes gloriosos Santos como meus particulares protetores.

Isto de dar figas quando em visão me aparecia o Senhor, causava-me grandíssima pena. Com efeito, em o vendo presente, ainda que me fizessem em pedaços, não poderia crer que era o demônio; e assim foi um gênero de penitência bem grande para mim. Finalmente, para não me andar benzendo tanto, tomava uma cruz na mão. Isto fazia quase sempre; as figas mui raramente, porque sentia muita repugnância. Lembrava-me das injúrias que o Senhor tinha recebido dos judeus, e suplicava-lhe que me perdoasse porque o fazia para obedecer a quem estava em seu lugar, e não me culpasse, pois eram os ministros por Êle constituídos em sua Igreja. Respondia-me que não me importasse e que fazia bem em obedecer; mas Êle daria a entender a verdade. Quando me tiraram a oração, pareceu-me descontente. Mandou-me que lhes dissesse que já aquilo era tirania. Dava-me razões para que entendesse não ser obra do demônio, das quais alguma direi depois.

Duma feita, segurando eu a cruz dum rosário, tomou-a e quando ma restituiu estava formada por quatro grandes pedras, incomparàvelmente mais preciosas do que diamantes, porque quase não se pode comparar o que é visível com o sobrenatural. O diamante parece pedra falsa e imperfeita ao lado das gemas que lá em cima se vêem. Na cruz estavam lindamente representadas as cinco chagas. Disse-me o Senhor que doravante eu a veria assim, o que se verificou, pois não via mais a madeira de que era feita, senão as pedras. A não ser eu, porém, ninguém as percebia.

Apenas me mandaram resistir e fazer tais provas, as mercês foram crescendo em alto grau. Por mais que me quisesse divertir, nunca saía da oração; até dormindo parecia estar nela. Crescia o amor, e juntamente minhas lástimas ao Senhor. Deixar de pensar nêle, não o podia sofrer, nem estava em minhas mãos, por mais que quisesse e me esforçasse; contudo obe-

decia quanto me era possível, embora pouco, e até nada, estivesse em meu poder. O Senhor nunca me dispensou de obedecer; mas, se dizia que o fizesse, por outro lado assegurava-me e ensinava-me o que lhes havia de dizer, e ainda o faz agora. Dava-me tão fortes razões, que me deixava inteiramente confiada.

Dentro de pouco tempo, começou Sua Majestade, como me tinha prometido, a dar maiores mostras de que era Êle. Cresceu em minha alma tão grande amor a Deus, que eu não sabia de onde me vinha, porque era muito sobrenatural e não procurado por mim. Sentia-me morrer com o desejo de ver a Deus, e não sabia onde havia de buscar a verdadeira vida senão com a morte. Vinham-me grandes ímpetos dêsse amor que, embora nem tão intoleráveis nem de tanto valor como os que referi acima [1], me punham em estado de não saber o que fazer. Nada me saciava; não cabia em mim; parecia verdadeiramente que se me arrancava a alma. O' soberano artifício do Senhor, de que indústria tão delicada usáveis para com a vossa miserável escrava! Por um lado vos escondíeis de mim; por outro o vosso amor me punha em agonia de morte tão deliciosa, que dela jamais quisera sair.

Quem não tiver experimentado semelhantes ímpetos nunca os poderá entender. Não se trata aqui dum desassossêgo do peito, nem dessas devoções muito comuns que muitas vêzes sufocam interiormente e transbordam no exterior. E' isso oração bem inferior, e convém evitar semelhantes agitações, procurando com suavidade recolher a alma interiormente e fazê-la calar. E' como se faz com os meninos que têm um modo acelerado de chorar e parecem perder o fôlego; dando-se-lhes de beber, logo se acalmam. Assim no nosso caso: a razão trate de atalhar e de encolher as rédeas, porque a natureza se pode aqui intrometer. Mude a consideração, introduzindo o temor de que nem tudo aquilo é perfeito, antes pode proceder em grande parte da sensibilidade; e faça calar a alma,

---

1) Cap. XX.

como se faz a uma criança, com um regalo de amor que a incline a amar de modo suave, e não às punhadas, como se costuma dizer. Recolha o amor mais no íntimo, e não seja como panela que ferve demasiadamente e se derrama tôda porque se pôs lenha sem justa medida. Modere a causa que ateou êsse fogo e procure abrandá-lo com lágrimas suaves, e não penosas como as que procedem de tais sentimentos, pois estas são muito prejudiciais. Nos princípios tive delas algumas vêzes, e deixavam-me com a cabeça perdida e tão cansado o espírito, que um dia e até mais tempo ficava incapaz de tornar à oração. Assim, pois, é mister muita discrição nos primeiros tempos para que vá tudo com suavidade e aprenda o espírito a obrar interiormente, procurando muito evitar as demonstrações exteriores.

Êstes outros ímpetos, a que me refiro agora, são diferentíssimos. Não pomos nós a lenha, antes parece que, aceso já o fogo sùbitamente, nos lançam nêle para que nos queimemos. Não procura a alma que lhe doa esta chaga da ausência do Senhor; é uma seta com que lhe atravessam, por vêzes, o mais vivo das entranhas e do coração, de tal sorte que não sabe mais o que há nem o que quer. Bem entende que quer a Deus, e que a seta parece ervada e tem virtude para a mover a aborrecer-se a si por amor do Senhor e a perder de boa vontade a vida por Êle. Não se pode encarecer nem exprimir o modo com que chaga Deus a alma; a grandíssima pena que dá, e como a põe fora de si; mas é pena tão saborosa, que não há deleite na vida que mais contentamento dê. Sempre quisera ela, como disse, estar morrendo dêsse mal.

Esta pena unida a tanta glória trazia-me desatinada: não podia eu entender como era aquilo. Oh! que maravilha ver uma alma assim ferida! Sim, ela o entende, de maneira que pode declarar-se ferida por tão excelente causa; vê claramente que nada fêz por onde lhe viesse tal abrasamento, antes lhe parece que do amor grandíssimo que o Senhor lhe tem, nela caiu

aquela centelha que a faz tôda arder. Oh! quantas vêzes me recordo, quando assim estou, daquele verso de David: *Quemadmodum desiderat cervus ad fontes aquarum.*[1] Julgo vê-lo ao pé da letra cumprido em mim!

Quando êste transporte não dá com muito ímpeto, dir-se-ia que de certo modo se aplica com algumas penitências; ao menos busca a alma por êste meio algum remédio, não sabendo o que fazer; mas não as sente e, mesmo derramando sangue, não tem mais dor do que se estivesse o corpo morto. Busca meios e modos de fazer coisa que sinta, por amor de Deus; porém é tão grande a primeira dor, que não conheço tormento corporal capaz de a tirar. Como não está nisto o remédio, são demasiadamente baixas tais medicinas para tão subido mal. O que o mitiga e alivia um pouco é pedir a Deus remédio; e nenhum vê senão a morte, por cujo meio espera gozar plenamente de seu Sumo Bem. Outras vêzes dá êste ímpeto com tanta veemência, que nem isso nem outra alguma coisa consegue fazer. O corpo fica despedaçado, incapaz de menear os pés e os braços; se está de pé, cai assentado como um objeto inanimado. Nem pode o peito respirar à vontade; só dá uns gemidos, baixinhos pela falta de fôrças, mas bem altos pelo sentimento.

Aprouve ao Senhor favorecer-me algumas vêzes com esta visão. Via um Anjo perto de mim, do lado esquerdo, sob forma corporal, o que não costumo ver senão muito raramente. Ainda que muitas vêzes me apareçam Anjos, não os vejo senão pelo modo que expliquei na visão passada, de que falei primeiro.[2]

Nesta visão quis o Senhor que assim o visse: não era grande, senão pequeno, formosíssimo, o rosto tão incendido, que parecia dos Anjos muito próximos de Deus, que parecem abrasar-se todos. Presumo que seja dos chamados Querubins, pois os nomes não me dizem; mas bem vejo que no céu há tanta diferença de uns Anjos a outros, e dêstes a outros ainda, que não o

---

1) Assim como deseja o cervo as fontes das águas. Sl 42.
2) Cap. XXVII.

saberia dizer. Via-lhe nas mãos um comprido dardo de ouro, e na ponta de ferro julguei haver um pouco de fogo. Parecia-me meter-mo pelo coração algumas vêzes, de modo que me chegava às entranhas. Ao tirá-lo, tinha eu a impressão de que as levava consigo, deixando-me tôda abrasada em grande amor de Deus. Era tão intensa a dor, que me fazia dar os gemidos de que falei; e tão excessiva suavidade vem gerada dessa dor grandíssima, que não há desejar que se tire, nem se contenta a alma com menos do que com Deus. Não é dor corporal senão espiritual, ainda que o corpo não deixe de ter sua parte, e até bem grande. E' um trato de amor tão suave entre a alma e Deus, que suplico à sua bondade o dê a provar a quem pensar que minto.

Os dias em que recebia esta graça, andava como fora de mim [1]; quisera não ver, nem falar, senão ficar abraçada com a minha pena, que era para mim maior glória que tôdas as grandezas criadas. Isto me acontecia algumas vêzes, quando quis o Senhor que me acometessem arroubamentos tão grandes, que, ainda estando entre muitas pessoas, não podia resistir, de modo que com bastante pesar meu começaram a ser divulgados. Desde que os tenho, sinto menos o tormento a que me referi agora; foi substituído por outro de que falei acima, não me recordo em que capítulo [2], o qual é muito diferente em vários pontos e de maior preço. Em começando esta pena de que agora falo, parece que arrebata o Senhor a alma e a põe em êxtase, e assim não há ocasião de haver mágoa nem de padecer, porque logo vem o gozar. Seja bendito para sempre Aquêle que tantas mercês faz a quem tão mal corresponde a seus grandes benefícios.

---

1) No original: embobada.
2) Capítulo XX.

CAPÍTULO XXX

Retoma o fio da narração de sua vida e conta como remediou o Senhor em grande parte seus tormentos trazendo ao lugar onde estava o santo varão Frei Pedro de Alcântara, da Ordem do glorioso S. Francisco. Trata de grandes tentações e sofrimentos interiores que tinha algumas vêzes.

Vendo eu que quase nada lograva fazer para não ter ímpetos tão grandes, comecei também a temê-los; porque pena e contentamento, não conseguia entender como podiam andar juntos. Pena corporal e contento espiritual, sabia que era bem possível; mas tão excessiva pena espiritual e com tão imenso gôsto, eis o que me desatinava. Continuava ainda procurando resistir, mas conseguia tão pouco, que algumas vêzes ficava cansada. Amparava-me com a cruz e queria defender-me d'Aquêle que com ela nos amparou a todos. Via que ninguém me entendia; isto era muito claro para mim, mas não ousava dizê-lo senão ao meu confessor, porque o contrário fôra dar mostras de não ter humildade.

Foi o Senhor servido remediar grande parte de meu trabalho, e mesmo todo por algum tempo, trazendo a êste lugar o bendito Frei Pedro de Alcântara, de quem já fiz menção e de cujas penitências dei alguma idéia.[1] Entre outras, certificaram-me de que havia trazido durante vinte anos contìnuamente um cilício de fôlha de lata. E' autor duns pequenos livros sôbre oração, em língua vulgar, agora muito lidos, porque escreveu bem proveitosamente para os que a têm, como quem tão bem a havia exercitado. Guardou a Regra primitiva do bem-aventurado São Francisco em todo o seu rigor, além do mais que já em parte mencionei.

Soube a viúva, serva de Deus e minha amiga de quem falei, que estava aqui tão eminente varão. Conhecia ela minha necessidade, era testemunha de mi-

---

1) No fim do cap. XXVII.

nhas aflições e consolava-me bem, porque com sua grande fé não podia deixar de crer que era espírito de Deus o que os demais atribuíam ao demônio. Como é pessoa muito discreta e de ótimo entendimento, a quem o Senhor fazia bastantes mercês na oração, quis Sua Majestade dar-lhe luz para entender o que os letrados ignoravam.

Davam-me licença meus confessores para que me abrisse com ela contando-lhe algumas coisas, pois era digna de confiança. Cabia-lhe, algumas vêzes, parte das mercês que o Senhor me fazia, com avisos muito proveitosos para sua alma. Sabendo-o ela pois, para maior facilidade alcançou licença do meu Provincial, sem me dizer nada, para que eu estivesse oito dias em sua casa. Aí e em algumas igrejas, falei a êste Santo muitas vêzes na sua primeira vinda a Ávila, e depois em diversos tempos tive muita comunicação com êle. Dei-lhe conta sumàriamente da minha vida e do meu modo de proceder na oração, com a maior clareza que me foi possível. E' sempre meu costume tratar com tôda inteireza e verdade com aquêles a quem comunico as coisas de minha alma; até os primeiros movimentos quisera que lhes fôssem conhecidos, assim como os casos apenas de dúvida e de suspeita. Chegava a dar-lhes argumentos contra mim. Assim, pois, sem doblez nem dissimulação lhe manifestei minha alma.

Quase às primeiras palavras, vi que me entendia por experiência, e isto era tudo o que eu precisava. Sim, porque eu então não o sabia entender como agora, nem tinha têrmos para me exprimir; só depois recebi de Deus o dom de saber compreender e declarar as mercês que me faz Sua Majestade. Era pois mister alguém que houvesse passado pelo mesmo, para de todo me entender e declarar o que era. Deu-me êle grandíssima luz porque, até então, as visões desprovidas de imagens constituíam para mim inexplicável mistério, e tão pouco entendia as que se manifestavam aos olhos apenas da alma; pois — como

disse — só julgava dignas de aprêço as que se percebem com os olhos corporais, e destas não tinha.

Deu-me o santo homem muita luz e explicou-me tudo. Disse-me que me não afligisse, antes louvasse a Deus e me convencesse de que era espírito seu; que, afora as verdades da fé, não podia haver coisa mais certa e digna de ser crida. Consolava-se muito comigo e mostrava-me muita bondade e benevolência; e sempre, desde então, testemunhou-me muita estima, dando-me parte de seus empreendimentos e negócios. Achando em mim, em estado de desejos, o que já nêle era obras — pois êstes anseios muito decididos me dava o Senhor, — e vendo-me com tanto ânimo, folgava de tratar comigo. E' que, para uma alma elevada por Deus a êste estado, não há prazer nem consôlo que iguale ao de dar com outra alma a quem lhe parece ter concedido o Senhor princípios do mesmo. Então não devia eu ter muito mais do que isso, segundo posso julgar; e praza ao Senhor o tenha agora!

Mostrou-me grandíssima compaixão. Disse-me que uma das maiores provações neste mundo é a contradição de bons, e era o que eu havia padecido; e ainda me restava muito a passar, porque minhas necessidades eram contínuas e não havia nesta cidade quem me entendesse. Prometeu-me falar ao que me confessava e a um dos que mais me faziam sofrer, que era o cavaleiro casado de quem fiz menção. Êste, como me tinha maior amizade, era quem mais guerra me fazia; é alma temerosa e santa, e como, havia tão pouco tempo, me tinha visto tão ruim, não podia tranqüilizar-se inteiramente. Fêz o santo varão como disse, e falou a ambos, dando-lhes razões e explicações para que se tranqüilizassem e não me inquietassem mais. O confessor de pouco precisava; mas o cavaleiro estava tão necessitado, que isso não bastou para o sossegar inteiramente, embora contribuísse para que não me assustasse tanto.

Ficou combinado entre nós que lhe escreveria eu daí em diante o que me sucedesse, e mùtuamente nos

encomendaríamos muito a Deus. Era tanta a sua humildade, que fazia caso das orações desta miserável, o que me causava não pequena confusão. Deixou-me com grandíssimo consôlo e contentamento, mandando-me que continuasse a ter oração com tôda segurança e não duvidasse de que tudo vinha de Deus; desse parte ao confessor de qualquer dúvida que me ocorresse, e mesmo de tudo mais para maior segurança; e com isto vivesse tranqüila. Contudo não podia eu ter essa total segurança sôbre todos os pontos, porque o Senhor me levava pelo caminho do temor; e assim tornava a crer que era ação do demônio quando mo afirmavam. O certo é que ninguém me podia infundir, quer temor quer tranqüilidade, de maneira que lhe pudesse dar mais crédito além do que o Senhor punha em minha alma. Assim foi que, embora êste Santo me tenha consolado e tranqüilizado, não lhe dei tanta fé que de todo ficasse sem temor, especialmente quando me deixava o Senhor nos sofrimentos interiores que agora direi. Contudo fiquei, como digo, muito consolada. Não me fartava de dar graças a Deus e a meu glorioso Pai São José, que me pareceu tê-lo trazido, porque era Comissário geral da Custódia de São José, a quem eu muito me encomendava, assim como a Nossa Senhora.

Acontecia-me algumas vêzes e ainda agora me acontece, embora não com tanta freqüência, estar com grandíssimos trabalhos na alma e, ao mesmo tempo, com tormentos e dores no corpo, tão violentos que não achava alívio. Outras vêzes tinha males corporais mais graves, e como não tinha os da alma passava-os com muita alegria. Quando, porém, se juntava tudo, era tão grande o sofrimento, que me via no maior apêrto. Olvidava tôdas as mercês que me havia feito o Senhor; só me restava uma memória vaga, como de coisa sonhada, para me dar pena. Ficava com o entendimento entorpecido, a ponto de andar em mil dúvidas e suspeitas, parecendo-me que não tinha entendido bem e que talvez fôsse imaginação minha. Não

me bastava andar eu enganada, sem enganar os bons? Sentia-me tão má, que todos os males e heresias que têm surgido se me afiguravam conseqüência de meus pecados.

E' esta uma humildade falsa, que o demônio inventava para me tirar a paz, com intento de levar minha alma ao desespêro. Tenho já tanta experiência que é coisa sua, que êle, vendo que o entendo, não me atormenta mais neste ponto como costumava. Vê-se isto claramente na inquietação e no desassossêgo com que começa; no alvorôto que produz na alma todo o tempo que dura e na obscuridade e aflição que deixa, juntamente com secura e má disposição para orar e fazer qualquer bem. Parece que sufoca a alma e ata o corpo, para impedir todo proveito. Quando a humildade é verdadeira, embora conheçamos nossa maldade e tenhamos pena vendo o que somos, pensando grandes encarecimentos de nossa miséria, tão grandes como os que referi, e bem sinceros e verdadeiros, não produz alvorôto, nem desassossêgo na alma, nem obscuridade, nem secura; antes, pelo contrário, vem com regalo, quietação, suavidade e luz. A alma sente pena mas, por outra parte, fica confortada por ver quão grande mercê lhe faz Deus em lhe dar aquêle sentimento, e como é bem empregado. Pêsa-lhe de ter ofendido a Deus, mas ao mesmo tempo dilata-se com o pensamento de sua misericórdia. Tem luz para se confundir e louva a Sua Majestade que a suportou tanto. Na outra humildade que vem do demônio, não há luz para bem algum; tudo parece que leva Deus a fogo e a sangue. Só considera a sua justiça, e, embora conservando a fé na sua misericórdia — porque o poder do demônio não é tanto que lha faça perder, — é de maneira que não sente consôlo; antes, a vista de tanta misericórdia contribui para lhe aumentar o tormento, porque vê que estava obrigada a maior gratidão.

E' uma invenção do demônio, das mais penosas, sutis e dissimuladas de que tenho conhecimento; e

assim quisera avisar a Vossa Mercê para que se fôr tentado dêste modo, tenha alguma luz e o conheça, se o inimigo lhe deixar livre o entendimento para o perceber. Não pense que dependa isto das letras e do saber, pois a mim, ainda que tudo me falte, depois de passado, bem vejo ser desatino. O que tenho entendido é que o Senhor o quer e permite e lhe dá licença, como lha deu para que tentase a Job, ainda que por minha pouca virtude não seja com tanto rigor.

Aconteceu-me isto, bem me recordo, na antevéspera de Corpus Christi, festa da qual sou devota, ainda que não tanto como fôra justo. Desta vez durou apenas até o dia da festa; de outras, dura oito, quinze dias, três semanas e não sei se mais. Especialmente durante as Semanas Santas, nas quais costumava ter muitos regalos de oração, acontece que o inimigo de repente me distrai o espírito com coisas tão pueris, que em outra ocasião me riria eu delas, fazendo-me andar em grande perturbação por onde lhe apraz. A alma ali fica, aferrolhada, sem ser senhora de si, sem poder pensar senão nos disparates que êle lhe apresenta; coisas sem importância, que não atam nem desatam; ou antes, só atam para a oprimir de tal maneira que fica fora de si. Tem-me acontecido, em tais casos, ter impressão de que andam os demônios jogando à bola com a alma, sem que esta se possa livrar do seu poder. Não se pode exprimir o que padece nestas ocasiões; anda a buscar socorro, e permite Deus que o não ache; só lhe resta a razão do livre alvedrio, mas obscurecida. Anda quase como de olhos vendados, tal qual uma pessoa que, muitas vêzes tendo percorrido de dia um caminho, por êle passa de noite às escuras, porque sabe onde pode tropeçar e assim se precata dos perigos. E' o mesmo aqui para não ofender a Deus: parece que se vai pelo costume. Deixemos de parte o ter-nos o Senhor de sua mão, que é o principal.

A fé está, nestas ocasiões, tão amortecida e sonolenta como tôdas as demais virtudes, ainda que não

perdida, pois bem crê a alma o que ensina a Igreja, e faz atos vocalmente, mas por outro lado parece-lhe que a apertam e a fazem ficar entorpecida; tem impressão de que conhece a Deus como coisa que ouviu remotamente. Está o amor tão tíbio que, se ouve falar neste Senhor, aceita-o como uma coisa que crê ser assim porque a Igreja o ensina, mas não lhe resta memória do que experimentou em si. Ir rezar ou buscar solidão é afligir-se ainda mais, porque o suplício que sente, sem lhe saber a causa, é intolerável. Ao meu ver, é uma tal ou qual imagem do inferno. E' realmente assim, segundo o Senhor me deu a entender numa visão; porque a alma se queima dentro de si, sem saber por quem nem por onde lhe entra o fogo, nem o meio de fugir dêle, nem com que o apagar. Buscar remédio na leitura é como se não soubesse ler. Aconteceu-me uma vez tentar ler a Vida dum Santo, para ver se conseguia nela embeber-me e consolar-me com o que padeceu. Li quatro ou cinco vêzes outras tantas linhas e, apesar de ser na nossa língua, entendia menos no fim do que no princípio, de modo que desisti de continuar. Aconteceu-me isto muitas vêzes, mas desta me recordo mais particularmente.

Ter conversação com alguém é pior; porque o demônio incute um espírito de ira tão desagradável, que me parece ter ímpetos de comer a todos, sem me poder dominar. Já é muito, creio, ir-me à mão, ou antes, é o Senhor quem segura com a sua a quem assim está, para que não diga nem faça contra os próximos coisa que os prejudique e ofenda a Deus. Que fazer? Ir ao confessor? E' fato averiguado que me acontecia muitas vêzes o seguinte: apesar de serem tão santos aquêles com quem ùltimamente tenho tratado e ainda trato, falavam-me e repreendiam-me com tal aspereza, que depois, quando eu lhes repetia suas palavras, êles mesmos se espantavam e diziam que não estava em suas mãos agir de outro modo. Com efeito, ainda que propusessem fortemente não o fazerem de outras vêzes quando me vissem em seme-

lhantes trabalhos de corpo e de alma, porque tinham depois pena e até escrúpulo e determinavam consolar-me com piedade, não o podiam cumprir.

Suas palavras não eram más, quero dizer, não chegavam a ser ofensa de Deus; contudo eram as mais desabridas que se podem imaginar num confessor. Provàvelmente pretendiam mortificar-me. Em outras ocasiões ficaria eu contente e teria paciência para o sofrer, mas então tudo era tormento para mim. Vinha-me também receio de os estar iludindo, e ia ter com êles e avisava-os muito deveras que se acautelassem comigo, que os poderia enganar. Bem via que advertidamente não seria capaz de o fazer, nem de lhes dizer mentira, mas tudo se me convertia em temor. Certa vez, entendendo a tentação, disse-me um confessor que não me afligisse, pois, ainda quando o quisesse enganar, bastante juízo tinha êle para não se deixar iludir. Deu-me isto muita consolação. Algumas vêzes e quase sempre — ao menos era o mais comum — em acabando de comungar descansava. Acontecia mesmo, não raramente, que mal chegava ao Sacramento, logo no mesmo instante ficava tão boa de alma e de corpo que me espantava. Era como se num momento se dissipassem tôdas as trevas da alma, e raiasse o sol. Então eu conhecia em que disparates tinha estado metida. Outras vêzes, como já contei, com uma só palavra que me dizia o Senhor, como esta: — *Não te aflijas; não tenhas mêdo* — ou com alguma visão, ficava inteiramente sã, como se nada houvera tido. Regalava-me então com Deus, queixava-me a Êle, perguntando-lhe como consentia que eu tantos tormentos padecesse; mas ficava tudo bem pago, porque depois me vinham quase sempre em grande abundância as mercês. Tenho a impressão de que sai a alma do crisol, como o ouro, mais apurada e clarificada para ver em si o Senhor. Assim é que se fazem depois pequenos êstes trabalhos, de incomportáveis que pareciam; e a alma deseja tornar a padecê-los, se forem de maior serviço do Senhor. E ainda que haja mais

tribulações e perseguições, é tudo para maior proveito, desde que as passemos não só sem ofender ao Senhor, senão com alegria de as padecer por Êle. Quanto a mim, não as passo como se devem passar; ainda sofro muito imperfeitamente.

De outras vêzes me vinham, e vêm ainda, trabalhos de outro gênero. Parece-me que se me tira tôda a possibilidade de pensar ou de desejar fazer coisa boa; sinto o corpo e a alma totalmente inúteis e pesados. Contudo é sem essas tentações e desassossegos; dá-me apenas um desgôsto de que não sei a causa, e nada me contenta a alma. Procuro então aplicar-me a boas obras exteriores, para ter ocupação, quase por violência; e fico conhecendo bem o pouco que vale uma alma quando se esconde a graça. Não me causava isto muita pena, porque ver minha baixeza me dava alguma satisfação. Acontece também, por vêzes, achar-me de modo que não posso pensar de assento em Deus, nem em coisa alguma boa, nem ter oração, mesmo estando em soledade; contudo sinto que conheço o Senhor.

Quando isso ocorre, compreendo que está o mal no entendimento e na imaginação, pois a vontade me parece boa e disposta para todo bem. E' o espírito que está tão desvairado como um louco furioso que ninguém consegue atar; não sou senhora de o sossegar sequer o tempo de um Credo. Rio-me algumas vêzes e conheço minha miséria; ponho-me a olhá-lo, e deixo-o para ver até onde vai. Glória a Deus, nunca, nem por exceção, divaga em coisas que não sejam boas; senão em assuntos indiferentes, como, por exemplo, o que há por fazer aqui, ali ou acolá. Então melhor conheço a grandíssima mercê que me faz o Senhor quando mantém atado êste louco em perfeita contemplação. Não sei o que seria se me vissem, em tal desvario, as pessoas que me têm em boa conta. Tenho grande lástima de ver a alma em tão má companhia. Desejo vê-la com liberdade, e assim digo ao Senhor: Quando, Deus meu, chegarei enfim a ver minha alma

tôda unida e entregue aos vossos louvores, de modo que tôdas as suas potências vos gozem? Não permitais mais, Senhor, que ela seja assim despedaçada: só me parece ver os seus pedaços dispersos por todos os lados. Isto padeço com muita freqüência; algumas vêzes bem entendo que é em grande parte pela pouca saúde corporal. Recordo-me muito do dano que nos fêz o primeiro pecado e penso que dêle nos veio o sermos incapazes de gozar de tanto bem sem estas vicissitudes; em mim deve isto provir ainda de meus próprios pecados. Se eu não houvera feito tantos, teria mais inteireza no bem.

Passei também outro grande trabalho. Lendo livros que tratam de oração, parecia-me entendê-los todos e já me haver dado o Senhor aquelas graças. Não sentia necessidade dêles e por isso os deixava, preferindo ler Vidas de Santos, pois o ver-me tão longe de servir a Deus como êles, me aproveita e anima. Julgava entretanto muito pouca humildade pensar já haver chegado àqueles graus de oração, e, como não podia deixar de pensar assim, ficava muito aflita, até que alguns letrados e o bendito Frei Pedro de Alcântara me disseram que não se me desse nada dêste pensamento. Bem vejo que no servir a Deus ainda nem principiei; mas no fazer-me Sua Majestade mercês, é como a muitos bons. Sou a mesma imperfeição, a não ser nos desejos e no amor, que nisto, bem vejo, me há favorecido o Senhor para que o possa de algum modo servir. Bem me parece a mim que o amo, mas desconsolam-me as obras e as muitas imperfeições que vejo em mim.

Dá-me, outras vêzes, tal estupidez na alma — é a pura verdade, — que se me afigura não fazer bem nem mal. Ando atrás dos outros, como se costuma dizer, sem pena, nem glória, quer acêrca da vida, quer acêrca da morte; sem prazer, nem pesar, numa espécie de insensibilidade. Parece-me a mim que anda a alma como um asninho que pasta e se sustenta porque lhe dão de comer, e come quase sem saber o que

faz. Com efeito, neste estado não deve ela ficar sem comer algumas grandes mercês de Deus, pois em vida tão miserável não lhe pesa viver e a vai tolerando com igualdade de ânimo; mas não sente movimentos nem efeitos que lho dêem a entender.

Vem-me agora à idéia que é como um navegar com os ares muito serenos; anda-se muito sem entender como. Nos outros modos de que falei, são tão grandes os efeitos, que quase imediatamente se vê a melhora, porque logo fervem os desejos, e nada mais pode satisfazer a alma. Assim atuam os grandes ímpetos de amor a que me referi, naqueles a quem Deus os dá. São como umas fontezinhas que tenho visto manar e que nunca cessam de mover a areia para cima. Muito natural se me afigura êste exemplo ou comparação, e bem quadra às almas que aqui chegam. Sempre está em borbotões o amor e imaginando o que fará; não cabe em si, como na terra parece não caber aquela água, de modo que vai sempre borbulhando. Assim está a alma muito de ordinário, que não sossega, nem cabe em si, com o amor que tem. Já está inundada: quisera que bebessem outros, pois não lhe faz falta, para que a ajudassem a louvar a Deus. Oh! quantas vêzes me recordo da água viva de que falou o Senhor à Samaritana! E' o que me faz ser muito afeiçoada a êste Evangelho. Já o era desde muito pequena, sendo que certamente não entendia, como agora, êste bem; suplicava muitas vêzes ao Senhor que me desse daquela água, e no aposento onde estava sempre, tinha um quadro representando o Senhor junto ao poço, com êste letreiro: *Domine, da mihi aquam*[1].

Parece também como um fogo que é grande e, para que não diminua, tem sempre necessidade de alimento às suas chamas. Assim são as almas a que me refiro: ainda que fôsse muito à sua custa, quereriam trazer lenha para que não se apagasse êste incêndio.

(1) Senhor, dai-me dessa água (Jo 4, 15).

E' tal minha miséria, que me contentaria até de ter só palhas para lançar nêle, e assim me acontece algumas e mesmo muitas vêzes; de umas, chego a rir, e de outras, grandemente me aflijo. Incita-me o movimento interior a fazer alguma obra e, não sendo capaz de outras maiores, ocupo-me em adornar com ramilhetes e flôres as imagens, em varrer, em arrumar um oratório e em outras coisinhas tão baixas, que me causam confusão. Se alguma penitência fazia, era tudo tão pouco e de tal maneira, que, a não levar o Senhor em conta a vontade, eu mesma via que era sem valor algum, e ria de mim. Verdadeiramente não têm pouco tormento as almas a quem Deus por sua bondade dá êste fogo de amor seu em abundância, quando lhes faltam fôrças corporais para fazerem por Êle alguma coisa. E' pena bem grande porque, como carecem de meios para lançar alguma lenha a êste fogo, estão morrendo para que não se apague; parece-me que se vão interiormente consumindo e reduzindo a cinzas: desfazem-se em lágrimas e abrasam-se ao mesmo tempo. Suplício bem intenso, embora saboroso.

Louve muitíssimo ao Senhor a alma que, tendo aqui chegado, dêle recebe fôrças corporais para fazer penitência, ou letras, talentos e liberdade para pregar e confessar e levar almas a Deus. Não sabe nem entende ela o valor dos bens que possui, se não provou o que é receber sempre muito, e nada poder fazer no serviço do Senhor. Seja Êle por tudo bendito e rendam-lhe glória os Anjos. Amém.

Não sei se faço bem em escrever tantas minudências. Como Vossa Mercê de novo me mandou dizer que não tivesse receio de me alargar, nem deixasse nada por dizer, vou tratando com clareza e verdade tudo que me vem à memória. E muita coisa é forçoso deixar, porque seria gastar muito mais tempo tendo eu tão pouco, como disse, e porventura sem proveito algum.

CAPÍTULO XXXI

Trata de algumas tentações exteriores, representações e tormentos provenientes do demônio. Trata também de algumas coisas bastante proveitosas para aviso de pessoas que seguem o caminho da perfeição.

Já que falei de algumas tentações e perturbações interiores e secretas, quero contar como me acometia o demônio com outras quase públicas, das quais era impossível desconhecê-lo por autor.

Estando eu uma vez num oratório, apareceu-me do lado esquerdo em abominável figura; reparei especialmente na bôca, porque me falou, e a tinha espantosa. Parecia sair-lhe do corpo uma grande chama tôda clara, sem sombra. Disse-me, de modo aterrador, que bem me havia eu livrado de suas mãos, mas que havia de recair nelas. Tive grande temor, e benzi-me conforme pude. Desapareceu, mas tornou logo; o que me aconteceu por duas vêzes. Eu estava sem saber o que faria. Tinha água benta à mão; lancei-a para seu lado e não voltou mais. Atormentou-me, outra vez, durante cinco horas, com tão terríveis dores e desassossêgo interior e exterior, que já me parecia impossível sofrê-lo. As que me assistiam estavam espantadas e não sabiam a que meios recorrer, nem eu tinha poder para nada.

Quando as dores e males do coração são absolutamente intoleráveis, tenho por costume fazer atos interiores, conforme posso, suplicando ao Senhor que, se fôr servido de que sofra eu aquilo, me dê paciência Sua Majestade e deixe-me assim até o fim do mundo. Desta vez, pois, a que me refiro, como vi tão rigoroso padecer, buscava remédio nesses atos e propósitos para poder resistir. Quis o Senhor dar-me a entender que era arte do demônio, porque vi junto de mim um negrinho muito abominável que rangia os dentes, como desesperado por ver que, em vez de ganhar, perdia. Quando o vi, pus-me a rir e não tive

mêdo. Havia comigo algumas pessoas e estavam perplexas sem achar remédio para tanto tormento, porque êle me fazia bater com o corpo, a cabeça e os braços, sem que eu lhe pudesse resistir; e o pior era o desassossêgo interior, que de nenhuma sorte me deixava descansar. Eu não ousava pedir água benta, para não as assustar nem dar a entender o que era.

De muitos fatos cobrei experiência de que não há coisa de que mais fujam os demônios; e é de modo que não voltam. Da cruz também fogem, mas vêm de novo.[1] Grande deve ser a virtude da água benta. Para mim é particular e muito notória a consolação que experimento quando a tomo; posso afirmar que muito ordinàriamente sinto uma recreação espiritual impossível de exprimir; é como um deleite interior que me conforta tôda a alma. Isto não é imaginação nem coisa que me tenha acontecido uma só vez: é muito freqüente, e tenho-o verificado com grande advertência. E' como o que sentiria uma pessoa que estando com muito calor e grande sêde, bebesse um jarro de água fria: parece que em todo o corpo experimentaria refrigério. Fico considerando que grandeza há em tôdas as instituições da Igreja; e regalo-me muito ao ver que têm tanta eficácia suas palavras, que assim comunicam virtude à água, de modo que seja tão grande a diferença entre a que é benta e a que o não é.

Como, pois, não cessava o tormento, disse às que me rodeavam: Se não se rissem, pediria água benta. Trouxeram-na e aspergiram-me com ela, mas sem resultado. Tomei-a eu e alancei-a para o lugar onde estava o demônio, e imediatamente fugiu, ficando eu livre de todo mal, como se com a mão mo tivessem tirado. Apenas fiquei cansada, à semelhança de quem tivesse recebido muitas pauladas. Causou-me grande proveito o ver que, se êste inimigo faz tanto mal quando o Senhor lhe dá licença, não sendo ainda seus o corpo e a alma, que fará quando os possuir definitiva-

1) E' evidente que a Santa diz apenas o que lhe aconteceu algumas vêzes.

mente? Deu-me novo desejo de evitar tão ruim companhia.

Em outra ocasião, há pouco tempo, sucedeu o mesmo, estando eu a sós, mas não durou muito. Pedi água benta, e as que entraram depois de se terem ido os demônios, sentiram um cheiro péssimo, como de enxôfre. Eram duas monjas bem dignas de fé, que de nenhum modo seriam capazes de mentir. Quanto a mim, não o senti, mas durou tanto, que pôde ser verificado. De outra vez, estando eu no côro, veio-me um grande ímpeto de recolhimento; saí, para que o não entendessem. Pouco depois tôdas ouviram, pois estavam perto, dar rijas pancadas no lugar para onde eu me retirara. Ouvi falar junto de mim, ainda que não percebesse senão vozes grossas; pareciam organizar algum conluio, mas eu estava tão embebida em oração, que nada entendi, nem tive mêdo algum. Aconteciam essas coisas quase sempre quando o Senhor me fazia mercê de que por minha persuasão se aproveitasse alguma alma. Um fato muito notável que me aconteceu é o que agora direi; dêste há muitas testemunhas, especialmente quem agora me confessa, que o viu relatado numa carta. Não lhe disse de quem era esta, mas êle bem o entendeu.

Veio ter comigo uma pessoa que havia dois anos e meio vivia num pecado mortal dos mais abomináveis que tenho ouvido, e em todo êsse tempo nem o confessara, nem se emendara, e dizia Missa. Na confissão acusava-se de seus outros pecados; quanto ao tal, alegava que não havia de confessar coisa tão feia. Tinha grande desejo de sair dêste estado, mas não se podia vencer. Causou-me grande lástima e senti muita pena por ver que se ofendia a Deus de tal maneira. Prometi-lhe suplicar ao Senhor que lhe desse remédio e pedir a outras pessoas melhores do que eu que fizessem o mesmo. Escrevi-lhe por meio de certo mensageiro a quem me disse êle que podia dar as cartas. O fato é que, logo à primeira, se confessou. Assim quis Deus usar de misericórdia com essa alma,

em atenção às preces de numerosas pessoas muito santas às quais a encomendei, e eu, ainda que miserável, fazia o que estava em minhas mãos com bastante cuidado. Escreveu-me que estava tão melhorado, que havia alguns dias se abstinha do pecado, mas era tão grande o tormento das tentações, que lhe parecia estar no inferno, pelo muito que padecia. Pedia-me que intercedesse por êle junto de Deus. Tornei a encomendá-lo às minhas Irmãs, que o tomaram muito a peito e por cujas orações devia fazer-me o Senhor esta mercê.

Tratava-se de uma pessoa que ninguém podia atinar quem era. Supliquei a Sua Majestade que se aplacassem aquêles tormentos e tentações, e voltassem os demônios contra mim seus assaltos, contanto que eu em nada ofendesse ao Senhor. O resultado foi que passei um mês de grandíssimos tormentos, e foi precisamente nesse tempo que aconteceram os dois casos que acima referi.

Foi o Senhor servido de que ficasse em paz aquela alma; assim mo escreveram, tendo-lhe eu dado conta do que estava sofrendo naquele mês. Cobrou fôrças espirituais, ficando inteiramente livre, e não se fartava de dar graças ao Senhor e a mim, como se eu houvera feito alguma coisa. E' que lhe tinha infundido confiança o crédito que eu já tinha de que o Senhor me fazia mercês. Contava que, quando se via muito apertado, lia minhas cartas e ficava livre da tentação; e estava muito espantado de ver o que eu havia padecido e como ficara êle livre. Não foi menor meu espanto, e sofreria outros muitos anos para ver salva aquela alma. Seja por tudo o Senhor louvado! Na verdade muito pode a oração dos que o servem, como são, a meu ver, as Irmãs desta casa. Se os demônios se indignavam mais contra mim, é que eu as estimulava e o Senhor por meus pecados o permitia.

Aconteceu também nesse tempo que, uma noite, pensei que me iam estrangular. Lançamos muita água

benta, e vi grande multidão dêles que iam fugindo como quem se vai despenhando. São tantas as vêzes que me atormentam êsses malditos e tão pouco o mêdo que dêles tenho, por ver que não se podem menear se o Senhor não lhes dá licença, que cansaria a Vossa Mercê e a mim se fôsse contar tôdas as minudências.

Sirva o que disse para que o verdadeiro servo de Deus despreze êsses espantalhos inventados pelos demônios para nos causar temor. E' bom saber que ficam com menos fôrça, e a alma se torna muito mais senhora, cada vez que são desprezados; e sempre resulta algum proveito considerável que, para não me alargar, não comento. Só narrarei o seguinte fato que me aconteceu numa noite de Finados. Fui a um oratório e, tendo rezado um noturno, estava no fim dizendo umas orações muito, muito devotas que temos em nosso Breviário. Eis que de repente se me põe sôbre o livro o demônio para me impedir de acabar a oração. Benzi-me e desapareceu. Tornei a começar e logo voltou; o mesmo aconteceu por três vêzes, se me não engano; e enquanto não lancei água benta, não pude terminar. Mal acabei, vi que saíram do purgatório algumas almas para cuja expiação certamente pouco faltava. Pensei que o propósito do demônio era pròvàvelmente retardar a libertação delas. Raras vêzes o tenho visto em forma corporal, e muitas sem ela, pela visão na qual sem forma alguma sensível se percebe claramente estar alguém ali, como já expliquei.

Quero também dizer outro caso, porque me causou muito pavor. Estando em arroubamento no côro, em certo mosteiro, no dia da Santíssima Trindade, vi uma grande contenda de demônios contra anjos. Não podia entender o que queria dizer aquela visão; mas antes de quinze dias o compreendi bem, por certa desavença que aconteceu entre algumas pessoas de oração e outras muitas que o não eram, e da qual resultou bastante dano à dita casa. Durou muito e causou considerável desassossêgo. Outras vêzes os via, que me rodeavam em densa multidão; e parecia-me estar

metida numa grande claridade que me cercava tôda e os impedia de se aproximarem. Entendi que me guardava Deus para não me atingirem de maneira que me fizessem ofender ao Senhor. Por várias coisas que vi diversas vêzes, constatei como foi verdadeira esta visão. O caso é que já compreendi perfeitamente quão pouco é o poder dêles contra mim, se eu mesma não fôr contra Deus. Por isso quase não os temo. Nada valem suas fôrças, a não ser que vejam almas covardes que se lhes rendam, pois aqui mostram êles sua tirania. Parecia-me algumas vêzes, quando era acometida das tentações de que falei, que tôdas as vaidades e fraquezas dos tempos passados tornavam a despertar em meu espírito, a ponto que tinha de me encomendar bem a Deus. Assaltava-me logo outro tormento: a suspeita de que, se me vinham tais pensamentos, tudo em mim devia ter origem diabólica; até que por fim me sossegava o confessor. E' que eu julgava comigo que nem princípio de mau pensamento havia de ter quem tantas mercês recebia do Senhor.

Em outras ocasiões, não pouco me atormentava, e ainda agora me atormenta, ver que muito me estimam e dizem muito bem de mim, especialmente quando são pessoas principais. Neste ponto tenho sofrido bastante e ainda estou sofrendo. Olho imediatamente para a vida de Cristo e dos Santos, e parece-me que sigo caminho oposto, pois êles não acharam senão desprêzo e injúrias. Faz-me isto andar temerosa; quase não ouso levantar a cabeça, não querendo dar mostras do que na realidade não faço. Quando sofro perseguições, anda a alma tão senhora — ainda que o corpo o sinta, e que eu, por outra parte, me aflija — que não sei como pode isto ser; é verdade que então parece estar ela em seu reino e trazer tôdas as coisas debaixo dos pés. Vinham-me por vêzes êsses sentimentos de confusão, de que falei, durando bastantes dias. Era, a meu ver, de certo modo virtude e humildade; mas agora reconheço claramente a tentação. Um Reli-

gioso Dominicano, grande letrado, declarou-me bem esta verdade. Quando me vinha à lembrança que essas mercês que o Senhor me faz viriam a ser sabidas do público, era tão excessivo o tormento, que me inquietava muito a alma. Chegou a tal ponto que, ao imaginá-lo, me parecia preferível ser enterrada viva, e assim, logo que me começaram êsses grandes recolhimentos e arroubamentos aos quais nem em público podia resistir, ficava depois tão corrida de vergonha, que não quisera aparecer onde alguém me visse.

Estando eu, em certa ocasião, muito aflita com isto, perguntou o Senhor *por que razão temia, pois só podia haver duas coisas: ou murmurariam de mim, ou louvariam a Êle;* dando-me a entender que uns dariam crédito e o louvariam, outros seriam incrédulos e condenar-me-iam sem culpa. Em ambos os casos, porém, sairia eu lucrando e portanto não me devia afligir. Muito me sossegaram estas palavras e ainda me consolam quando me vêm à memória. Chegou a tal extremo a tentação, que me queria ir dêste lugar e levar meu dote para outro mosteiro de clausura muito mais estreita do que o meu e de cujos rigores tinha ouvido falar. Era também de minha Ordem e muito distante. Ficaria consolada de ir para longe e viver onde ninguém me conhecesse, mas nunca mo permitiu o confessor.

Muito me tiravam a liberdade de espírito êsses temores. Depois vim a entender que essa humildade não era boa, pois tanto me inquietava. Ensinou-me também o Senhor esta verdade: se eu estivesse convencida e certa de que nenhum bem era meu, senão de Deus, não me pesaria de que Êle mostrasse em mim suas obras; assim como não me pesava de ouvir louvar a outras pessoas, antes me consolava e folgava muito de ver que nelas se ostentava a Divina Bondade.

Também dei em outro exagêro, que foi suplicar particularmente a Deus que desse Sua Majestade a conhecer meus pecados a quem pensasse bem de mim,

e manifestasse quão sem merecimento de minha parte me fazia mercês. Tenho sempre muito vivo êste desejo. Mandou-me meu confessor que não o pedisse. Mas até pouco tempo atrás, quando me parecia que alguém pensava muito bem a meu respeito, mediante rodeios ou como podia, dava-lhe a entender meus pecados, e com isto de certo modo ficava aliviada. Também sôbre isto me infundiram grandes escrúpulos.

Hoje compreendo que tôdas essas coisas procediam não de humildade, senão duma tentação que originava outras muitas. Parecia-me trazer a todos enganados e, embora seja verdade que assim andam em pensar que há algum bem em mim, não era meu desejo enganá-los e jamais pretendi tal coisa; é o Senhor que por algum fim o permite. Mesmo com os confessores, se não fôra a necessidade, não trataria destas graças e teria grande escrúpulo de o fazer. Vejo agora que êsses temorezinhos, êsses desgostos e essas sombras de humildade provinham de grande imperfeição e de não estar eu mortificada, porquanto uma alma inteiramente abandonada nas mãos de Deus e que compreende as coisas como são, é tão indiferente ao bem como ao mal que dela se diz. Bem entendido, se o Senhor lhe faz mercê de compreender que nada lhe vem de si mesma. Fie-se ela de quem lhe dá tantas graças e sabe por que as descobre, e prepare-se para a perseguição, que nos tempos de agora é certa quando quer o Senhor dar a entender que faz a alguma pessoa semelhantes mercês. Há mil olhos para uma alma dessas, ao passo que para mil almas de outro feitio não há um só.

Na verdade, não há pouca razão de temer, e daí vinha em parte meu receio. Era não humildade, senão pusilanimidade. Com efeito, a alma que, por permissão de Deus, assim se torna alvo dos olhos de todos, bem se pode aparelhar a ser mártir do mundo, pois se não quiser morrer a êle, o mesmo mundo lhe dará a morte. E' certo que nêle não vejo coisa que me parcça louvável a não ser que não pode perceber fal-

tas nos bons sem as corrigir a poder de murmurações. Digo que é mister mais ânimo, a quem ainda não está perfeito, para enveredar pelo caminho da perfeição, do que para num momento dar a vida pelo martírio. E' que a perfeição não se alcança depressa, a não ser que o Senhor queira, por particular privilégio, fazer esta mercê. O mundo, em vendo alguém principiar, logo o quer perfeito; a mil léguas de distância descobre uma falta, que porventura é virtude, e condena-a porque, usando daquilo mesmo por vício, julga os outros por si. Não dá licença ao tal para comer, nem dormir, nem respirar, como se costuma dizer; e, quanto mais o tem em boa conta, mais parece olvidar que ainda está em corpo mortal e que, por perfeita que tenha a alma, vive sujeito a muitas misérias na terra, embora a tenha já debaixo dos pés. Em suma é como digo: requer-se grande ânimo, porque a pobre alma ainda não começou a andar, e querem que voe; ainda não tem subjugadas as paixões, e exigem que em perigosas ocasiões esteja tão perfeita como se lê dos Santos confirmados em graça. E' para louvar a Deus a guerra que sofre, ou antes, é de cortar o coração, porque voltam atrás muitíssimas almas, pobrezinhas! por não saberem defender-se. Assim teria acontecido com a minha, se o Senhor tão misericordiosamente não tivera feito tanto da sua parte. De fato, verá Vossa Mercê que, até tomar Êle tudo a seu cargo, minha vida foi um contínuo cair e levantar.

Quisera saber explicá-lo, pois creio que aqui muitas almas se enganam pretendendo voar antes que o Senhor lhes dê asas. Tenho idéia de que empreguei uma vez esta comparação, mas calha bem neste lugar. Insisto neste assunto, porque conheço pessoas cuja aflição provém disso. Principiam com grandes desejos, com fervor e determinação de progredir na virtude, e algumas, mesmo quanto ao exterior, tudo deixam por Deus. Ficam, entretanto, desconsoladas quando vêem em outras, que estão mais adiantadas, obras muito grandes de virtudes dadas pelo Senhor e que

por nós mesmos não podemos adquirir; ou quando, nos tratados de oração e contemplação, lêem certas coisas que havemos de fazer para subir a essa dignidade e elas não se podem logo resolver a praticar. São ensinamentos como êstes: nada se nos dar de que digam mal de nós, antes sentirmos maior contentamento do que quando dizem bem; ter em pouca estima a honra; levar o desapêgo dos parentes a ponto de não querer tratar com êles se não têm oração, antes sentir cansaço com sua convivência; e muitas outras coisas dêste gênero, que são, a meu parecer, dons de Deus e bens claramente sobrenaturais e contrários à nossa natural inclinação. Não se aflijam; ponham no Senhor sua esperança, pois se perseverarem na oração e fizerem de sua parte quanto está em suas mãos, fará Sua Majestade que venham a ter por obras o que agora têm só em desejos. E' muito necessário para êste nosso fraco natural o manter grande confiança e não desanimar, nem perder a certeza de que, se nos esforçarmos, sairemos com a vitória.

Tenho muita experiência neste ponto e por isso direi alguma coisa para aviso de Vossa Mercê. Quando se lhe afigurar possuir uma virtude, não a tenha por adquirida enquanto não a experimentar com o seu contrário. Sempre havemos de andar suspeitosos, sem nos descuidarmos, enquanto vivemos; porque com muita facilidade ficamos novamente apegados, se, como digo, não nos foi dada plenamente a graça de conhecer quão pouco valem tôdas as coisas; e nesta vida, por mais que se receba, nunca deixa de haver muitos perigos. Parecia-me a mim, há alguns anos atrás, que estava muito desapegada de meus parentes, que até me cansavam, e realmente sentia-me enfastiada com sua conversação. Sobreveio certo negócio de bastante importância e tive de conviver com uma das minhas irmãs a quem eu antes queria muitíssimo. Não me agradavam suas conversas porque, embora melhor que eu, tendo diferente estado, visto ser casada, não podíamos sempre falar no que eu quisera. Conserva-

va-me sòzinha o mais possível; contudo vi que me davam pena seus trabalhos muito mais que os do próximo, e até alguma preocupação. Em suma, entendi de mim que não estava tão livre como pensava e que ainda tinha necessidade de fugir da ocasião, para que medrasse a virtude que o Senhor me havia começado a dar. E' o que, desde então, tenho procurado, com seu auxílio, fazer sempre.

Em muito aprêço convém ter qualquer virtude, quando o Senhor no-la vai concedendo; e de maneira alguma devemos expor-nos ao perigo de a perder. Refiro-me a coisas que atingem a reputação, e a muitas outras, pois creia Vossa Mercê que nem todos os que nos julgamos desapegados de tudo, o estamos; e é mister nunca nos descuidarmos neste ponto. Qualquer pessoa que se sinta prêsa a algum ponto de honra, creia-me, se quiser progredir na virtude, combata êsse apêgo. E' uma cadeia que nenhuma lima consegue quebrar. Só Deus a despedaça, mas com muitos esforços e orações da nossa parte. Parece-me ser um obstáculo neste caminho, e espanta-me o mal que faz. Conheço pessoas, santas em suas obras, que as fazem tão grandes a ponto de causar admiração a todos. Valha-me Deus! Por que está ainda na terra uma alma destas? Como não atingiu o cume da perfeição? Que é isso? Que estôrvo existe para quem tanto faz por Deus? Ah! é que está prêsa a um ponto de honra! E o pior é que não quer entender que o tem; e algumas vêzes convence-a o demônio de que é obrigada a conservá-lo.

Creiam-me, creiam por amor do Senhor o que diz esta formiguinha que Êle quer que fale. Êsse defeito, se o não tirarem, será como uma lagarta: não estragará talvez de todo a árvore; algumas outras virtudes restarão, mas tôdas carcomidas. Não é árvore frondosa; não medra, nem deixa medrar as suas vizinhas; porque a fruta que produz de bom exemplo não é nada sã: pouco durará. Costumo dizer que, por mínimo que seja o ponto de honra, é como, no canto

acompanhado de órgão, um trecho ou compasso errado, que põe dissonância em tôda a música. E' coisa que em tôdas as partes prejudica grandemente às almas, mas neste caminho de oração é peste.

Andas procurando juntar-te com Deus por união; pretendes seguir os conselhos de Cristo carregado de injúrias e de falsos testemunhos; e queres muito inteiros o crédito e a honra? Não é possível chegar lá, pois são opostos os caminhos. O Senhor só se chega à alma, quando nos esforçamos e procuramos perder do nosso direito em muitas coisas. Mas, dirá alguém, não tenho em que agir assim, nem se me deparam ocasiões. Creio que, se tiver tal determinação, não permitirá o Senhor que perca tão grande bem: Sua Majestade proporcionará tantas ocasiões de adquirir esta virtude, que lhe parecerão demasiadas. Mãos à obra! Quero contar as ninharias e bagatelas, ao menos algumas, em que eu me exercitava quando comecei; são as palhinhas que lanço ao fogo, como disse, pois de maiores obras não sou capaz. Tudo recebe o Senhor: bendito seja para sempre.

Entre minhas faltas, tinha a de saber mal a reza no Breviário, as cerimônias do côro e o modo de oficiar; isto puramente por viver descuidada e metida em muitas vaidades. Via outras, ainda noviças, que me podiam instruir, mas não as consultava para que não ficassem sabedoras da minha ignorância. Ocorre logo a idéia do "bom exemplo"; é o que costuma acontecer. Depois que Deus me abriu um pouco os olhos, ainda mesmo sabendo, se havia a menor dúvida interrogava as meninas. Nem perdi honra, nem crédito, antes quis o Senhor, a meu parecer, dar-me daí em diante mais memória. Não sabia bem cantar e, se não tinha estudado o que me encomendavam, sentia-o tanto — não por fazer falta diante do Senhor, que isto fôra virtude, senão pelas muitas pessoas que me ouviam, — que, de puro amor-próprio, me perturbava extremamente e cantava ainda muito pior do que sabia. Determinei depois confessar minha ignorância sempre que

não estivesse bem certa. No princípio sentia bastante; depois já o fazia com prazer. O resultado foi que, desde que comecei a não me importar de ver percebida minha incapacidade, fiquei cantando muito melhor. Era a falsa honra, que cada um põe onde quer e eu punha nessas coisas, que me impedia de o fazer bem.

Com estas ninharias, que em si nada são — e nas quais, contudo, por ser menos que nada, eu achava dificuldade — pouco a pouco nos vamos acostumando a praticar atos. E exercitando-nos nessas pequeninas coisas, às quais Deus dá valor quando feitas por amor dêle, com o seu auxílio passamos a coisas maiores. Em matéria de humildade, por exemplo, acontecia-me que, vendo tôdas progredirem na virtude, menos eu que nunca prestei para nada, à saída do côro recolhia e dobrava tôdas as capas. Parecia-me servir àqueles anjos que ali louvavam a Deus, até que, não sei como, vieram a entendê-lo. Isto me causou bastante confusão, porque não ia minha virtude a ponto de querer que se descobrissem essas coisas; não por humildade, provàvelmente, mas para que não se rissem de mim à vista dêsses nadas.

O' Senhor meu, que vergonha é ver tantas maldades e contar uns grãozinhos de areia, que nem ainda os levantava da terra por vosso serviço, senão indo tudo envolto em mil misérias! Não manava ainda a água de vossa graça debaixo dessas areias, de modo que as levantasse. O' Criador meu, quem me dera ter algum serviço de monta a assinalar, entre tantos males, quando relato as grandes mercês que tenho recebido de Vós! O fato é, Senhor meu, que não sei como o pode sofrer meu coração, nem como poderá deixar de aborrecer-me quem ler isto, vendo que, correspondendo tão mal a tão imensas mercês, não tenho vergonha de contar êsses serviços, miseráveis como tudo que vem de mim. Sim, tenho vergonha, Senhor meu; mas por não ter outra coisa a contar de minha parte, animo-me a relatar tão baixos princípios para que,

vendo que mesmo isto parece o Senhor ter levado em conta, os que fizerem grandes obras, tenham esperança de que ainda melhor lhas aceitará. Praza a Sua Majestade dar-me graça para que eu não fique sempre só em princípios. Amém.

CAPÍTULO XXXII

Em que narra como aprouve ao Senhor pô-la em espírito no lugar do inferno que por seus pecados tinha merecido.[1] Dá uma idéia do que se lhe representou, e que nada é em comparação da realidade. Começa a tratar do modo e dos meios por que se fundou o mosteiro de São José, onde agora está.

Havia já muito tempo que o Senhor me fazia muitas das mercês que referi e outras grandíssimas, quando um dia, estando em oração, achei-me sùbitamente, ao que me parecia, metida corpo e alma no inferno. Entendi que queria o Senhor dar-me a ver o lugar que aí me haviam aparelhado os demônios, e eu merecera por meus pecados. Durou brevíssimo tempo, mas, ainda que vivesse muitos anos, tenho por impossível olvidá-lo. Pareceu-me a entrada um beco bem longo e estreito, semelhante a um forno muito baixo, escuro e apertado. O solo tinha a aparência duma água, ou antes, dum lôdo sujíssimo e de pestilencial odor, cheio de reptis venenosos. No fundo havia uma concavidade aberta numa parede, a modo de armário, onde me vi encerrada estreitìssimamente. Tudo isto era deleitoso à vista, em comparação do que ali senti. Entretanto o que escrevi está muito aquém da verdade.

---

1) Diz o Pe. Ribera, na Vida de Santa Teresa, que êsse lugar era, não o que havia merecido, mas o que viria a merecer pelo caminho que levava. E' a opinião unânime de todos os biógrafos da Santa.

O tormento interior é tal que, segundo me parece, não há palavras para bem indicar, nem se pode entender como é realmente. Na alma senti tal fogo, que não tenho capacidade para o descrever. No corpo eram incomparáveis as dores. Tenho passado nesta vida outras gravíssimas e, ao dizer dos médicos, as maiores que se podem aqui passar, como foi quando se me encolheram todos os nervos e fiquei tolhida, sem falar de outras muitas de diversos gêneros e até — como disse — algumas causadas pelo demônio; mas posso afirmar que tudo foi nada em comparação do que ali experimentei. E o pior era ver que havia de ser sem fim e sem jamais cessar. Sim, repito, tudo mais pode chamar-se nada em relação ao agonizar da alma: é um apêrto, um afogamento, uma aflição tão intensa e com uma tristeza tão desesperada e pungente, que não sei como encarecer semelhante estado! Compará-lo à sensação de que sempre vos estão a arrancar a alma, é pouco, porque em tal caso seria como se outro vos acabasse a vida, mas aqui é a própria alma que se despedaça. O fato é que não sei como encareça aquêle fogo interior e aquêle desespêro que se sobrepõem a tão gravíssimos tormentos. Não via eu quem mos ministrava, mas sentia-me queimar e retalhar, ao que me parecia; e piores, repito, são aquêle fogo e aquela desesperação que cruciam interiormente.

Em tão pestilencial lugar, sem poder esperar consôlo, não há sentar-se, nem se deitar, nem espaço para tal; pois me puseram numa espécie de fenda cavada na muralha e as próprias paredes, espantosas à vista, oprimem, e tudo ali sufoca. Por tôda parte trevas escuríssimas: não há luz. Não entendo como pode ser que, sem haver claridade, se enxerga tudo que à vista causa pena. Não quis o Senhor, então, que eu visse mais, do que há no inferno; depois, em outra visão, vi coisas espantosas acêrca do castigo de alguns vícios.

Pareceram-me muito mais horrorosas de ver, mas, como não sentia a pena, não me causaram tanto temor como nesta visão, na qual o Senhor quis que eu

verdadeiramente sentisse aquelas torturas e aquela aflição no espírito, como se o corpo as estivera padecendo. Como isto foi não sei, mas bem entendi ser grande mercê, e querer o Senhor que eu visse, com meus olhos, de onde me havia livrado sua misericórdia. Verdadeiramente nada é ouvir discorrer, ou mesmo meditar, sôbre a diversidade dos tormentos, como eu de outras vêzes havia feito, embora raramente, porque a feição de minha alma não é ser levada por temor; ou ler que os demônios atenazam as almas e lhes dão outros diferentes suplícios. Tudo é nada a respeito da verdadeira pena, que é coisa muito diversa. Numa palavra, é tão diferente como o debuxo o é da realidade; e o queimar-se aqui na terra é sofrimento muito leve em comparação daquele fogo de lá.

Fiquei tão aterrada, e ainda agora o estou enquanto isto escrevo, apesar de o ter visto há quase seis anos, que, de temor, tenho a impressão de me faltar o calor natural, aqui onde estou. Desde então, ao que me recordo, tôda vez que tenho trabalhos ou dores, logo me parece nada o que se pode passar na terra; e assim, penso que em parte nos queixamos sem motivo. Foi esta, repito, uma das maiores mercês que me tem feito o Senhor. Valeu-me muitíssimo, quer para perder o mêdo às tribulações e contradições desta vida, quer para me esforçar a padecê-las e a dar graças ao Senhor, por me ter livrado, ao que agora me parece, de males tão perpétuos e terríveis.

De então para cá, como disse, tudo se me afigura fácil em comparação de sofrer um momento o que lá padeci. Admiro-me de como, havendo lido muitas vêzes livros em que se dá alguma idéia das penas do inferno, não as temesse, nem as levasse em muita conta. Onde estava eu? Como podia achar descanso em caminho que ia ter a tão mau lugar? Sêde bendito, Deus meu, para sempre! E como deixastes ver que me queríeis muito mais do que eu a mim mesma! Quantas vêzes, Senhor, me livrastes de tão tenebroso

cárcere e como tornava eu a meter-me nêle contra vossa vontade!

Daí também cobrei, além da grandíssima pena que me dá a vista dos muitos que se condenam — especialmente dêsses luteranos que já pelo Batismo eram filhos da Igreja, — os fortes ímpetos de salvar almas, que me fariam, tenho por certo, padecer mil mortes de muito boa vontade, para livrar ainda uma só de tão grandíssimos tormentos. Considero comigo que, vendo aqui na terra uma pessoa a quem amamos, com grande trabalho ou dor, nossa própria natureza nos move à compaixão; e quanto maior o seu sofrimento, mais nos afligimos. Que será ver uma alma metida, sem esperança de fim, no trabalho que é o sumo dos trabalhos? Quem o poderá sofrer? Não há coração que o pondere sem grande lástima. Com efeito, se ainda aqui, sabendo que mais cedo ou mais tarde há de ter fim, ou ao menos acabará com a vida, nos movemos a tanta compaixão, não sei como podemos sossegar, à lembrança dêsse outro mal que não acaba, quando vemos tantas almas que cada dia o demônio arrasta consigo.

Isto igualmente me faz desejar que, em matéria que tanto nos importa, não nos contentemos enquanto não fizermos tudo que pudermos da nossa parte. Nada deixemos por fazer; e praza ao Senhor, seja servido de nos dar graça para isto! Faço ainda esta consideração: embora eu fôsse tão perversa, vivia com algum cuidado de servir a Deus e não fazia certas coisas que vejo fazerem no mundo, como quem bebe um copo de água. Afinal de contas, padecia graves enfermidades e com muita paciência, dada pelo Senhor. Não era inclinada a murmurar, nem falar mal do próximo, nem capaz, ao que me parece, de querer mal a alguém. Não tinha cobiça nem, ao que me lembro, tive jamais inveja, de modo a ser ofensa grave do Senhor. Possuía ainda outras boas qualidades, pois, embora tão ruim, sentia quase sempre o temor de Deus. Entretanto vi a morada que já tinham preparado para mim os demônios! Verdade é que, segun-

do minhas culpas, ainda me parecia merecer maior castigo. Digo contudo que era terrível tormento, e perigoso é contentarmo-nos com pouco. Sobretudo não sei como pode ter sosssêgo, ou satisfação a alma que anda caindo a cada passo em pecado mortal. Sim, por amor de Deus, fujamos das ocasiões, que o Senhor virá em nosso auxílio, como fêz comigo. Praza a Sua Majestade que não me largue de sua mão, de modo que eu torne a cair, pois já vi onde hei de ir parar. Não o permita o Senhor, por quem Sua Majestade é. Amém.

Depois de ter visto estas e outras grandes coisas e segredos que, da glória futura dos bons e da pena dos maus, o Senhor só por sua bondade quis mostrar-me, andava eu a desejar modo e ocasião de poder fazer penitência de tanto mal e merecer um pouquinho para granjear tanto bem. Desejava fugir de todo comércio com as criaturas e, uma vez por tôdas, apartar-me totalmente do mundo. Não se quedava meu espírito, mas seu movimento não era de inquietação, senão delicioso. Bem via ser dádiva de Deus e calor concedido por Sua Majestade à alma para que assimilasse outros manjares mais suculentos do que até então.

Pondo-me a imaginar o que poderia fazer por Deus, convenci-me de que a primeira coisa era seguir o que Sua Majestade tivera em vista quando me chamara à Religião, e guardar minha Regra com a maior perfeição possível. No mosteiro em que eu estava, havia muitas servas de Deus e nêle era o Senhor bem servido. Mas em razão da grande penúria, as monjas saíam freqüentemente e passavam tempos em lugares onde podiam ficar com tôda honestidade e religião. Além disso, a Regra não fôra estabelecida nem era observada em seu primitivo rigor, senão de acôrdo com a Bula de mitigação [1], como aliás em tôda a Ordem, e havia ainda outros inconvenientes, pois me parecia demasiado o regalo por ser a casa grande e deleitosa.

---

1) A Regra da Ordem do Carmo havia sido mitigada pelo Papa Eugênio IV em 1432.

O pior para mim eram as saídas, embora eu muito usasse delas, porque algumas pessoas, as quais os Prelados não podiam descontentar, gostavam de me ter em sua companhia e os importunavam com pedidos, de modo que êles me mandavam ir. O resultado seria, segundo se iam encaminhando as coisas, que eu pouco poderia estar no mosteiro. Devia em parte ser isto astúcia do demônio para me não deixar em casa, porque, comunicando eu a algumas o que me ensinavam meus confessores, era grande o proveito.

Aconteceu uma vez, estando eu com várias pessoas, perguntar uma delas [1], a mim e a outras, por que não seríamos monjas à maneira das Descalças? E acrescentou que era bem possível fundar um mosteiro. Como já andava com êsses desejos, comecei a tratar da fundação com aquela senhora viúva, minha companheira [2], que também suspirava pelo mesmo. Ela se pôs a traçar planos para lhe dar renda, e agora vejo que não eram muito realizáveis, mas então, com o desejo que tínhamos, tudo nos parecia possível. Da minha parte, ainda não estava bem resolvida, porque sentia grandíssimo contento na casa em que estava. Tanto esta, de fato, como minha cela eram muito do meu gôsto. Combinamos, contudo, encomendar fervorosamente o caso a Deus.

Um dia, depois da Comunhão, mandou-me Sua Majestade expressamente que trabalhasse nessa emprêsa com tôdas as minhas fôrças, fazendo-me grandes promessas de que se não deixaria de fundar o mosteiro e neste seria Êle muito bem servido. Disse-me: que devia ser dedicado a São José; que êste glorioso Santo nos guardaria a uma porta, Nossa Senhora à outra, e Cristo andaria conosco; que a nova casa se tornaria uma estrêla donde se irradiaria grande esplendor; que, embora as Ordens Religiosas estives-

---

1) Sucedeu êste fato na cela de Santa Teresa, na Encarnação, e quem sugeriu a fundação de um mosteiro reformado foi sua sobrinha Maria de Ocampo, que na Descalcez recebeu o nome de Maria Batista.

2) D. Guiomar de Ulloa.

sem relaxadas, eu não devia crer fôsse Êle pouco servido nelas; que refletisse no que seria do mundo se não houvesse Religiosos. Ordenou-me, enfim, referir isso ao meu confessor, e de sua parte rogar-lhe que não fôsse contrário à projetada obra, nem estorvasse a sua realização.

Teve esta visão tão grandes efeitos e de tal maneira me penetraram as palavras do Senhor, que não pude duvidar que viessem dêle. Senti grandíssima pena porque imaginei em parte os desassossegos e trabalhos que me sobreviriam. Vivia aliás contentíssima no meu convento, e se antes já tratava do negócio, não era com tanta determinação nem certeza de que se realizaria. Agora não tinha para onde fugir e, vendo que seria origem de grande desassossêgo, estava em dúvida sôbre o que devia fazer. Finalmente, foram muitas as vêzes que o Senhor tornou a falar-me sôbre o assunto, sugerindo-me tantas causas e razões convincentes, que conheci ser sua vontade e, não me atrevendo a fazer outra coisa, resolvi dizê-lo a meu confessor [1], e dei-lhe por escrito conta de tudo que se passava.

Não ousou êle dizer-me formalmente que abandonasse meu intento, mas via que, segundo a razão natural, não era possível, porque minha companheira, que havia de fazer o mosteiro, dispunha de pouquíssimo, ou melhor, de quase nenhum cabedal. Disse-me que me entendesse com meu Prelado e fizesse o que êste me ordenasse. Eu não tratava destas visões com o Provincial, de modo que foi aquela senhora quem lhe falou, dizendo-lhe que queria fundar o mosteiro. Êle, sempre muito favorável a tudo que é de religião, concordou plenamente, prometeu-lhe todo o apoio necessário e disse-lhe que tomaria a casa sob sua jurisdição. Trataram da renda que se havia de ter e da vontade que tínhamos, por muitas causas, de que nunca houvesse mais de treze Religiosas. Antes de come-

1) O Pe. Baltasar Álvarez.
2) O Pe. Gregório Fernández.

çarmos a tratar do negócio, escrevemos ao santo Frei Pedro de Alcântara todo o sucesso; êle nos aconselhou que o não deixássemos de fazer, e sôbre todos os pontos nos deu seu parecer.

Mal se começou a saber do projeto no lugar, veio sôbre nós tão grande perseguição, que levaria muito tempo a referir. Choveram os ditos e as risadas; tinham tudo em conta de disparate. A mim diziam que estava bem em meu mosteiro; à minha companheira perseguiam tanto, que a traziam atribulada. Eu não sabia o que fazer; chegava a pensar que em parte tinham razão. Estando assim muito aflita, encomendando-me a Deus, começou Sua Majestade a consolar-me e animar-me. Disse-me que por aqui veria o que tinham passado os Santos fundadores das Ordens Religiosas; muito maiores perseguições do que eu podia imaginar me restavam a passar, mas não tivesse mêdo. Acrescentava, de vez em quando, algumas palavras destinadas a minha companheira; e era admirável ver como logo ficávamos consoladas e com ânimo para resistir a todos. O fato é que na cidade, entre as pessoas de oração e mesmo entre tôdas, quase não havia uma que então não fôsse contra nós e não tivesse tudo por grandíssimo disparate.

Foram tantos os comentários e tal o alvorôto, mesmo no meu mosteiro, que pareceu duro ao Provincial ter de enfrentar a todos e, mudando de opinião, recusou admitir a futura casa. Alegou que a renda era diminuta, além de pouco segura, e que eram muitos os que nos contradiziam. Em tudo devia ter razão; o fato é que voltou atrás e retirou a licença. Nós duas tivemos a impressão de serem êstes os primeiros golpes e sentimos grandíssimo pesar, especialmente eu por ver a oposição do Provincial, pois seu consentimento ter-me-ia servido de desculpa aos olhos de todos. Chegaram as coisas a tal ponto, que já não queriam absolver a minha companheira se não desistisse do projeto, porque, segundo diziam, estava obrigada a fazer cessar o escândalo.

Foi ela falar a um letrado eminente [1], grandíssimo servo de Deus, da Ordem de São Domingos e deu-lhe conta de tudo. Isto foi antes que o Provincial retirasse a licença, porque em tôda a cidade não tínhamos quem nos quisesse dar parecer, assim diziam que nos guiávamos só por nossas cabeças. Deu esta senhora relação de tudo e conta da renda que tinha de seu morgado ao santo varão, cheia de desejo de que nos ajudasse, porque era o maior letrado que havia então no lugar, e poucos o excediam na sua Ordem. De minha parte também lhe disse tudo que tencionávamos fazer e algumas das causas que nos moviam. Não lhe toquei em revelação alguma; apenas disse as razões naturais que me moviam, pois não queria que nos desse o parecer senão de acôrdo com estas. Êle nos pediu um prazo de oito dias para responder, e perguntou se estávamos resolvidas a fazer o que nos dissesse. Respondi-lhe que sim, mas ainda que o afirmasse e penso que o cumpriria, nunca perdi a segurança de que o mosteiro se havia de fundar. Minha companheira tinha mais fé: nunca se resolveria a deixar o projeto por coisa alguma que lhe dissessem.

Quanto a mim, como disse, tinha certeza de que não se deixaria de fazer; mas, embora tendo por verdadeira a revelação, não lhe daria fé senão enquanto não fôsse contrária ao que está na Sagrada Escritura ou às leis da Igreja que somos obrigados a cumprir. Verdadeiramente parecia-me ser de Deus; mas se aquêle letrado me dissesse que o não podíamos fazer sem ofender ao Senhor e ir contra a consciência, penso que logo me apartaria daquilo e buscaria outro meio; conquanto por então não me desse o Senhor outro, senão aquêle. Dizia-me depois o servo de Deus, que se tinha encarregado do caso com firme determinação de fazer tudo para nos dissuadir, porque já tinha vindo à sua notícia o clamor do povo e também a êle, como a todos, o projeto parecia desatino. Em sabendo que o tínhamos procurado, um cavaleiro lhe man-

1) O Pe. Pedro Ibáñez.

dou avisar que visse bem o que fazia e não nos ajudasse. Pondo-se, porém, a estudar o que nos havia de responder e examinando o negócio, o intento que tínhamos, e o conjunto de ordem e religião que tencionávamos estabelecer, assentou consigo que era muito do serviço de Deus e que não se devia deixar de realizar. Respondeu-nos que nos apressássemos a concluí-lo, e ensinou-nos os meios e modos a empregar; conquanto a fazenda fôsse pouca, alguma coisa cumpria fiar de Deus. Disse mais: que quem o contradissesse fôsse a êle, pois se encarregava de responder. Efetivamente, sempre nos ajudou, como depois direi.

Com esta decisão, saímos muito consoladas, e também porque algumas pessoas santas, que antes nos eram contrárias, já estavam mais aplacadas, e algumas nos ajudavam. Uma destas era o cavaleiro santo já citado, o qual, tão virtuoso como era, vendo que o nosso projeto, baseado inteiramente na oração, traçava caminho tão perfeito, embora os meios lhes parecessem muito difíceis e impraticáveis, mudara de opinião e achava que podia ser coisa de Deus. O Senhor, certamente, o movera e da mesma forma agira com o clérigo que já mencionei e a quem fiz as primeiras confidências. Êste Mestre [1], que é para tôda a cidade espelho de virtude, como pessoa enviada por Deus para remédio e aproveitamento de muitas almas, já se tinha resolvido a me ajudar no negócio. Estando a coisa nestes têrmos, sempre com o auxílio de muitas orações, compramos a casa em bom sítio. Era pequena, mas disto nada se me dava, pois me dissera o Senhor que entrasse de qualquer modo e depois veria o que Sua Majestade havia de fazer. E quão bem o tenho visto! Assim, reconhecendo embora que a renda não seria suficiente, tinha fé no Senhor, que nos havia de favorecer e prover a tudo por outros meios.

1) Mestre Gaspar Daza. V. cap. XXIII.

CAPÍTULO XXXIII

Prossegue na mesma matéria da fundação do mosteiro do glorioso São José. Diz como lhe mandaram que não se envolvesse nela. Por quanto tempo a deixou e alguns trabalhos que padeceu. Como a consolava o Senhor.

Estando os negócios neste ponto e quase concluídos, porquanto no dia seguinte se haviam de lavrar as escrituras, foi justamente quando nosso Padre Provincial mudou de parecer. Creio que o fêz por inspiração divina, segundo se viu depois; porque, atendendo às minhas orações, ia o Senhor aperfeiçoando a obra e dispondo que se fizesse de outro modo. Desde que o Provincial não a quis admitir, logo me mandou o confessor que não cuidasse mais da emprêsa. Entretanto sabe o Senhor os grandes trabalhos e aflições que me havia custado trazê-la a tal ponto. Como abandonamos tudo e ficaram as coisas paradas, mais se confirmou a opinião de que eram disparates de mulheres, e cresceu a murmuração contra mim, apesar de que, até então, tudo havia feito por mandado de meu Provincial.

Estava muito malquista em meu mosteiro, por querer fazer casa de mais estreita clausura. Diziam que as estava ofendendo; que ali podia também servir a Deus, pois havia outras melhores do que eu; não tinha amor a meu convento; melhor seria procurar renda para êle do que para outra obra. Umas eram de opinião que me metessem no cárcere; outras, bem poucas, tìmidamente tomavam minha defesa. Bem via eu que em muitas coisas tinham razão; dizia-lhes algumas vêzes o que me tinha levado a agir, mas como não podia contar o principal, que era a ordem expressa do Senhor, não sabia como proceder, e geralmente calava. Recebi de Deus uma grandíssima mercê, que foi não me perturbar com todos êsses contratempos; pelo contrário, com tanta facilidade e contentamento o deixei, como se nada me houvera custado. Isto nin-

guém podia crer, nem ainda as almas de oração que tratavam intimamente comigo; julgavam-me muito magoada e corrida, e até meu próprio confessor não conseguia convencer-se plenamente. Quanto a mim, como me parecia ter feito tudo que estava ao meu alcance, não me julgava obrigada a mais para cumprir o que me ordenara o Senhor, e permanecia em meu mosteiro, onde vivia muito contente e satisfeita. Ainda que jamais pude deixar de crer que se havia de fazer, já não via meio, nem sabia como, nem quando; contudo tinha-o por muito certo.

O que me fêz sofrer muito foi que, uma vez, meu confessor, como se eu houvera dado algum passo contra sua vontade, me escreveu que me convencesse de que tudo era sonho e me emendasse para o futuro; não quisesse inventar novidades e não falasse mais em fundação, pois bem via o escândalo que resultara. E acrescentou outras coisas que muito me magoaram. Devia o Senhor querer que também daquela parte, que mais me havia de doer, não deixasse de me advir trabalho. Estando no meio de tantas perseguições, quando me parecia que dêle havia de receber consôlo, deu-me isto mais pena que tudo junto. Entrei a imaginar que talvez por minha causa e culpa houvessem ofendido a Deus, e, se as visões não passavam de mera ilusão, engano era também tôda a minha oração, andando eu, portanto, muito enganada e em mau caminho. Tais pensamentos causaram-me grandíssima angústia; fiquei tôda perturbada e extremamente aflita. O Senhor, porém, que nunca me faltou, pois em todos os referidos trabalhos frequentemente me consolava e animava por modos que não é necessário dizer aqui, disse-me então não haver motivo para me afligir, visto que no referido negócio longe de haver eu ofendido a Deus, muito Lhe agradara e servira; devia, contudo — conforme ordenara o meu confessor — recolher-me ao silêncio por enquanto, até ser oportuno tornar a cuidar da projetada obra. Tão consolada e contente fiquei, que me parecia reduzir-se a nada tôda a perse-

guição desencadeada contra mim. Aqui me ensinou o Senhor o grandíssimo bem que é padecer por Êle trabalhos e perseguições. Vi em minha alma tal aumento de amor de Deus e de muitas outras coisas, que ficava admirada; daí vem que não posso deixar de desejar trabalhos. Todos me julgavam envergonhadíssima, e efetivamente assim fôra se o Senhor não me favorecesse em extremo, com tão grandes mercês. Por êsse tempo comecei a ter maiores os ímpetos de amor de Deus de que falei, e mais altos arroubamentos, ainda que me calasse e a ninguém desse conta dos meus lucros. O santo varão Dominicano não deixava de ter por tão certo como eu que se havia de fazer a fundação; e, porque eu em nada queria envolver-me para não desobedecer ao meu confessor, negociava êle tudo com minha companheira. Juntos escreveram para Roma, e iam dando todos os passos necessários.

Também começou aqui o demônio, de bôca em bôca, a espalhar e dar a entender que eu tinha tido alguma visão ou revelação sôbre o caso. Vinham várias pessoas a mim, com muito mêdo, a dizer-me que os tempos não andavam bons e que poderiam levantar algum falso testemunho e denunciar-me aos inquisidores. Achei graça na idéia; fêz-me rir, porque neste ponto nunca temi; tinha consciência de que, em matéria de fé, ou para não ir contra a menor cerimônia da Igreja, ou por qualquer verdade da Sagrada Escritura, estava pronta a morrer mil vêzes. Respondia, pois, que a êsse respeito nada receassem; em bem mau estado andaria minha alma se nela houvesse coisa de tal natureza que me fizesse temer a Inquisição. Imaginasse eu haver necessidade, e seria a primeira a ir buscá-la; mas se eram imputações falsas as que me assacavam, o Senhor tomaria minha defesa, fazendo redundar tudo em meu proveito. Dei conta de tôda a minha vida a êste meu Padre Dominicano, pois, como disse, sendo eminente letrado, bem podia eu ficar tranqüila com o que me dissesse. Fiz-lhe uma relação completa de tôdas as visões, do meu modo de oração

e das grandes mercês que me fazia o Senhor, com a maior clareza que pude, suplicando-lhe que tudo examinasse muito bem, visse se havia coisa contra a Sagrada Escritura e me desse seu parecer. Êle me tranqüilizou muito, e penso que minhas confidências lhe foram proveitosas porque, embora já muito bom Religioso, daí por diante muito mais se deu à oração. Para melhor se entregar a êste exercício, recolheu-se a um mosteiro de sua Ordem em lugar muito solitário, e aí permaneceu mais de dois anos, até que, por obediência e com grande pesar, foi aonde seus merecimentos o tornavam necessário.

Embora não quisesse eu nem procurasse retê-lo, senti muito quando partiu, pela grande falta que me fazia. Mas compreendi quanto isto lhe era proveitoso, porque, estando assaz pesarosa pelo seu afastamento, o Senhor me disse que me não afligisse e me consolasse, pois ia êle por bom caminho. À sua volta, trazia a alma tão aproveitada e adiantada nas vias do espírito que, segundo me disse, por nada no mundo trocaria o tempo que ali estêve. O mesmo podia eu dizer, porque, se antes me infundia segurança e consolação só com seu saber, agora o fazia também com a experiência do espírito, que já era profunda, acêrca das coisas sobrenaturais. Deus o trouxe aliás justamente no tempo em que viu Sua Majestade ser necessário para ajudar a esta sua obra e trabalhar para êste mosteiro, cuja fundação era querida pelo Senhor.

Acolhi-me, como disse, ao silêncio, não me envolvendo nem falando no negócio, cinco ou seis meses, e nunca o Senhor me mandou o contrário. Eu não compreendia a causa, mas não podia perder o pensamento de que se havia de fazer. Decorrido êsse tempo, tendo sido removido daqui o Reitor do Colégio da Companhia de Jesus, trouxe Sua Majestade outro muito espiritual [1], douto e de ânimo esforçado, justamente quando eu me via bem necessitada. Efetivamente como o que me confessava tinha Superior, e os da Companhia

1) O Pe. Gaspar de Salazar.

têm em extremo esta virtude de não se moverem senão de acôrdo com a vontade de seus maiores, embora êle entendesse bem meu espírito e tivesse desejo de me ver ir muito adiante, não ousava dar decisão em algumas circunstâncias, por muitas causas que para isso tinha. Já ia minha alma com ímpetos tão veementes, que muito sentia ver-se atada, mas não saía do que êle me ordenava.

Estando eu um dia com forte tribulação, parecendo-me que o confessor não me cria, disse-me o Senhor que não me afligisse, pois bem depressa aquela pena teria fim. Alegrei-me muito, pensando que ia morrer breve; e, quando me lembrava, sentia muito contentamento. Depois vi claramente que se tratava da vinda do mencionado Reitor, pois nunca mais se me ofereceu ocasião da mesma pena. O novo Reitor não ia à mão ao ministro, que era meu confessor, antes lhe dizia que me consolasse, sem mais receio; que não me levasse por caminho tão apertado, e deixasse obrar o espírito do Senhor. De fato, às vêzes, minha alma, com os grandes ímpetos do espírito, ficava, por assim dizer, quase sem poder respirar.

Tendo ido visitar-me êste Reitor, mandou-me o confessor que lhe falasse com tôda liberdade e clareza. Eu costumava sentir grandíssima contradição quando tinha de me abrir assim; mas eis que, ao entrar no confessionário, senti interiormente um não sei quê, como não me recordo ter sentido com ninguém, nem antes nem depois. Não há comparações que o dêem a entender, porque foi um gôzo espiritual, uma intuição de que aquela alma compreenderia a minha e de que havia afinidade entre ambas; e isto, torno a dizer, não sei de que maneira. Sim, porque se eu já lhe houvesse falado, ou se tivesse informações a seu respeito, não seria muito que sentisse gôsto com a esperança de ser compreendida; mas nunca havíamos trocado palavra, nem dêle ouvira antes falar. Mais tarde, vi claramente que meu espírito não me enganara, pois de seu trato resultou, sòb todos os pontos de vista,

grande proveito para meus negócios e para minha alma. A sua maneira de dirigir é muito adequada às pessoas que o Senhor parece já ter elevado muito alto, porquanto as faz correrem, e não irem passo a passo. Procura sempre desapegá-las de tudo e mortificá-las, tendo-lhe o Senhor dado para isso, assim como para muitas outras coisas, extraordinário talento.

Começando a tratar com êle, logo compreendi seu modo de proceder e vi que era alma pura, santa, que possuia dom especial do Senhor para discernir espíritos. Fiquei muito consolada. Pouco depois, entrou novamente o Senhor a instar comigo para que tornasse a tratar do negócio do mosteiro, e mandou-me que dissesse a meu confessor e ao referido Reitor muitas razões e causas para que não me estorvassem. Algumas destas lhes causaram impressão, porque o Padre Reitor nunca duvidou de que fôsse espírito de Deus, tendo com muita ponderação e solicitude estudado todos os seus efeitos. Finalmente, por muitos motivos, não ousaram criar-me empecilhos.

Tornou meu confessor a dar-me licença para me dedicar à obra com tôdas as fôrças. Bem via eu em que trabalho me metia, por estar só e ter pouquíssimos recursos. Ficou assentado que se faria tudo com o maior segrêdo, de modo que procurei que uma de minhas irmãs [1], que vivia fora daqui, comprasse a casa e fizesse as obras, como para si, com o dinheiro que o Senhor por certas vias nos enviou em quantidade para a compra. Seria longo narrar como o Senhor foi provendo às necessidades. Quanto a mim, tinha o maior cuidado de não dar passo contra a obediência; mas agia secretamente, sabendo que, se o dissesse a meus Prelados, estava tudo perdido, como da vez passada e ainda pior. Em conseguir dinheiro, fazer as diligências necessárias, organizar planos e dirigir obras, passei imensos trabalhos, e alguns bem sòzinha. Minha companheira fazia o que estava em suas mãos, mas

1) D. Joana de Ahumada, casada com D. João de Ovalle, a qual residia em Alba.

podia pouco, tão pouco que era quase nada. Apenas a obra era feita em seu nome e com seu favor; todo o trabalho restante era meu, de tantos modos que agora me espanto de como pude agüentar. Algumas vêzes dizia na minha aflição: Senhor meu, como me ordenais coisas que parecem impossíveis? Se, embora sendo mulher, tivesse liberdade! Mas atada por tantas partes, sem dinheiro e sem ter onde o buscar, nem para as despesas do Breve, nem para coisa alguma: que posso fazer, Senhor?

Certa vez, estando numa necessidade sem saber o que resolver, nem com que pagar aos oficiais, apareceu-me São José — meu verdadeiro Pai e Senhor — e deu-me a entender que os contratasse, pois não me faltariam recursos. Assim o fiz sem ter um real[1]; e o Senhor me proveu por certos meios que deixavam pasmos os que o vinham a saber. Pus-me a achar muito pequena a casa, e de fato o era, a tal ponto que parecia impossível convertê-la em mosteiro. Pensei em adquirir outra, também muito acanhada, junto da nossa, para a transformar em Igreja; mas não havia meio de realizar a compra, nem dinheiro para isso, e tão pouco eu sabia o que fazer. Eis que um dia, em acabando de comungar, ouvi do Senhor estas palavras: *"Já te disse que entres como puderes"*. Depois, a modo de exclamação, acrescentou: *"O' cobiça do gênero humano, que até a terra pensas que te há de faltar! Quantas vêzes dormi eu ao relento, por não ter onde buscar abrigo!"* Fiquei muito temerosa e vi que o Senhor tinha razão. Vou ver a casinha, traço meus planos, e acho meios de fazer um mosteiro regular, ainda que bem pequeno. Desde então não pensei em comprar mais terreno; procurei adaptá-la, de modo a se poder viver nela, fazendo tudo grosseiro e tôsco, apenas o necessário para não prejudicar a saúde, e assim se há de proceder sempre.

Quando ia comungar no dia de Santa Clara, apareceu-me esta Santa com muita formosura. Disse-me

---

1) *Ninguna "blanca"*, pequena moeda.

que tivesse coragem e prosseguisse no meu empreendimento, pois não deixaria de me ajudar. Cobrei-lhe extrema devoção. Em prova do cumprimento de sua promessa, um mosteiro de sua Ordem, situado perto do nosso, nos tem ajudado a viver. Ainda mais: pouco a pouco a bem-aventurada Santa elevou os meus anelos a tanta perfeição, que a pobreza por ela instituída em seus mosteiros se observa também neste, e vivemos de esmolas. Pouco trabalho não me custou estabelecer isso como regra sancionada pelo Santo Padre, de modo a não se poder fazer outra coisa e jamais têrmos renda. Mais ainda faz o Senhor, talvez pelos rogos da bendita Santa, pois sem peditório algum nos provê do necessário com muita fartura. Seja bendito por tudo. Amém.

Por êsses mesmos dias, estando na festa da Assunção de Nossa Senhora num mosteiro da Ordem do glorioso São Domingos, enquanto considerava os muitos pecados que em tempos idos havia confessado naquela casa, e várias coisas de minha ruim vida, sobreveio-me um arroubamento tão grande, que quase perdi de todo os sentidos. Sentei-me e penso que nem pude ver a elevação nem ouvir a Missa, o que me deixou algum escrúpulo. Em tal estado pareceu-me ver que me recobriam duma veste de grande brancura e esplendor. Ao princípio não enxergava quem ma vestia; depois vi Nossa Senhora a meu lado direito e meu Pai São José ao esquerdo, que me adornavam com aquelas vestes. Tive a intuição de que me faziam compreender que estava limpa de meus pecados. Depois de assim vestida com grandíssima delícia e glória, logo me pareceu que a Senhora me tomava as mãos nas suas. Disse-me que eu lhe causava muito contentamento com a minha devoção ao glorioso São José; estivesse certa de que o mosteiro se faria conforme os meus desejos; nêle muito bem servido seriam o Senhor, Ela e São José; não receasse que neste ponto houvesse relaxação, embora se fundasse sob uma jurisdição que não era do meu gôsto, pois Ela e seu Es-

pôso nos guardariam e já seu Filho nos havia prometido andar conosco. Para sinal da verdade de suas promessas, dava-me aquela jóia. Pareceu-me então que me punha ao pescoço um colar de ouro formosíssimo, do qual pendia uma cruz de subido valor. Êsse ouro e essas pedras preciosas são tão diferentes das de cá, que não se pode estabelecer comparação; é sua formosura muito superior ao que na terra podemos imaginar. Não é capaz o entendimento de perceber de que matéria era a veste, nem pode a imaginação reproduzir a alvura que apraz ao Senhor representar-nos; tôdas as coisas cá de baixo se nos afiguram, por assim dizer, mero debuxo a carvão.

Era grandíssima a formosura que vi em Nossa Senhora, conquanto não tenha podido observar nenhum dos seus traços em particular, senão em conjunto a beleza do rosto. Estava vestida de branco, cercada de esplendor imenso, mas suave, que não deslumbra. Não vi tão claramente o glorioso São José, embora percebesse bem que estava ali, como nas visões de que falei, nas quais não se vêem imagens. Parecia-me Nossa Senhora muito jovem. Depois de estarem assim comigo, por algum tempo, — e eu com grandíssimo gôzo e glória, como jamais talvez havia tido, nem quisera ver findar, — pareceu-me vê-los subir ao céu, rodeados de inumeráveis Anjos. Fiquei com suma saudade, mas tão consolada, enlevada, absorta em oração e enternecida, que algum tempo estive quase fora de mim, sem conseguir falar nem fazer movimento. Causou-me esta visão veemente ímpeto de me consumir no serviço de Deus. Foram tais os seus efeitos em mim e de tal modo tudo se passou, que jamais pude, por mais que o procurasse, duvidar de que fôsse coisa de Deus. Deixou-me consoladíssima e com imensa paz.

O que disse a Rainha dos Anjos acêrca da jurisdição, foi porque eu sentia muito não pôr o mosteiro sob a obediência de nossa Ordem, mas tinha-me dito o Senhor que não convinha fazê-lo. Deu-me as razões

pelas quais de nenhum modo era isto conveniente, e disse-me que mandasse a Roma por certa via, que também me indicou, prometendo que por êsse meio viriam as licenças. Assim se cumpriu, pois até então nunca o negócio tivera solução e, depois que enviamos por onde o Senhor me ensinou, veio tudo muito bem. Também para o que sucedeu mais tarde, foi muito conveniente que se tivesse prestado obediência ao Bispo [1], mas nesse tempo não o conhecia eu, nem imaginava que Prelado seria. Permitiu o Senhor que fôsse tão bom e favorecesse tanto esta casa, como era preciso para a formidável contradição que se levantou contra ela — como direi em seguida — e para a trazer ao estado em que se acha atualmente. Seja Aquêle que assim fêz tudo bendito para sempre. Amém.

CAPÍTULO XXXIV

Trata de como nesse tempo foi conveniente que se ausentasse do lugar em que vivia. Diz a causa, e conta como a mandou seu Prelado a consolar uma senhora de alta nobreza que estava muito aflita. Começa a tratar do que então lhe sucedeu. Narra a grande mercê que lhe fêz o Senhor de, por seu intermédio, mover a que o servisse mui deveras uma pessoa de elevada posição, em quem ela encontrou depois favor e amparo. Tudo quanto diz é muito digno de nota.

Apesar de me esforçar para que não viessem a saber da obra empreendida, foi impossível levá-la a cabo tão em segrêdo que dela não se tivesse notícia. Algumas pessoas acreditavam, outras não. Eu tinha bastante receio de que, chegando o Provincial a inteirar-se dos boatos, me mandasse não cuidar da fundação, e assim ficasse tudo parado. Proveu, porém, o Senhor

1) D. Álvaro de Mendoza.

a tudo da seguinte maneira. Numa grande cidade [1], a mais de vinte léguas dêste lugar, sucedeu achar-se uma senhora [2] muito aflita e desolada em conseqüência da morte do marido. Estava em tal abatimento que se temia por sua saúde. Teve ela notícia desta pecadorazinha, porque assim quis o Senhor, permitindo que lhe dissessem bem de mim, pelos muitos proveitos que daí resultariam. Essa senhora, que era de alta nobreza, conhecendo muito o nosso Provincial e sabendo não haver clausura no meu mosteiro, teve, por inspiração do Senhor, grande desejo de me ver, com a intuição de que eu a consolaria. Não pôde resistir e logo procurou ter-me em sua casa, enviando para êste fim mensageiro ao Provincial, que estava bem longe. Êste me mandou ordem, com preceito de obediência, para partir imediatamente com alguma companheira. Recebi-a na noite de Natal.

Causou-me tal ordem alguma perturbação e muita mágoa ao perceber que o motivo de quererem levarme era o bom conceito que de mim faziam. Vendome tão ruim, não o podia sofrer. Encomendei-me muito a Deus e estive todo o tempo de Matinas, ou parte considerável das mesmas, em grande arroubamento. Disse-me o Senhor que não deixasse de ir e não desse ouvidos a objeções; poucos me aconselhariam sem temeridade; trabalhos teria, mas resultaria muita glória para Deus; quanto à fundação do mosteiro, convinha ausentar-me até vir o Breve. Acrescentou ter o demônio armado grande trama para quando o Provincial voltasse, mas eu nada temesse porque Êle me ajudaria. Fiquei muito animada e consolada. Disse tudo ao Reitor, e êle me respondeu que absolutamente não deixasse de ir. Diziam outros que era absurdo; que seria alguma invenção do demônio para daí me originar prejuízo; que eu devia pedir ao Provincial revogação da ordem.

---

1) Toledo. — 2) D. Luísa de la Cerda, filha do Duque de Medina-Coeli e viúva de Arias Pardo de Saavedra, um dos mais ricos senhores da Espanha.

Obedeci ao Reitor e, confortada pelo que havia entendido na oração, parti sem mêdo, mas com grandíssima confusão, vendo a que título me levavam e como se enganavam tanto a meu respeito. Isso me fazia importunar mais o Senhor para que me não largasse de sua mão. Consolava-me muito pensar que havia casa da Companhia de Jesus na cidade para onde ia; parecia-me que, continuando sujeita àqueles Padres, como aqui, viveria com alguma segurança. Foi o Senhor servido que aquela senhora se consolasse tanto, que logo começou a melhorar a olhos vistos e cada dia se achava menos atribulada. Maravilharam-se todos, pois — como disse — a saudade a ia fazendo definhar. Certamente agiu assim o Senhor pelas muitas preces que faziam pessoas virtuosas, minhas conhecidas, para que tudo me corresse bem. Era a senhora tão temente a Deus e tão piedosa, que a sua religiosidade supriu o que me faltava. Tomou-se de grande afeição por mim, e eu também lhe queria muito por ver sua bondade; mas tudo se me convertia em cruz, porque os regalos me davam cruéis tormentos, e o fazerem tanto caso de mim trazia-me em grande temor. Andava minha alma tão encolhida, que não ousava descuidar-se, nem dela se descuidava o Senhor, pois enquanto ali estive, me favoreceu com altíssimas mercês. Davam-me estas tanta liberdade e inspiravam-me tal desprêzo por tudo quanto via — tanto maior quanto mais preciosas eram as coisas — que, podendo ter muita honra de servir aquelas damas, as tratava tão lhanamente como se fôra da mesma linhagem. Tirei disto considerável proveito, e não deixava de o dizer à senhora. Vi que era mulher, tão sujeita a paixões e fraquezas como eu; compreendi quão pouco se hão de estimar as grandezas humanas, e como, quanto maior é um senhor, mais cuidados e trabalhos tem. Acompanha-o uma preocupação de guardar a compostura correspondente à sua nobreza, que lhe tira todo o gôsto da vida. Até o comer é fora de tempo e de acêrto, porque tudo há de ser regulado de acôr-

do com a dignidade e não com o temperamento: muitas vêzes os manjares são mais conformes à nobreza do que ao gôsto.

O resultado foi que aborreci totalmente o desejo de ser senhora. Deus me livre todavia de má compostura para com as pessoas altamente colocadas. Esta a quem me refiro, embora seja das principais do reino, é muito simples; creio que poucas haverá mais humildes. Tinha eu pena — e ainda tenho — de a ver constantemente forçada a contrariar suas inclinações para obedecer às exigências de sua nobreza. Das pessoas de casa pouco se podia fiar, embora fôssem boas as que a cercavam; mas era preciso cuidar de não falar nem atender mais a uma do que a outra, sob pena de ficar malquista a favorecida. Redunda isso em verdadeira sujeição. Uma das mentiras do mundo é chamar senhores às pessoas de alta classe, que mais me parecem escravos em mil pontos. Foi o Senhor servido de que, durante o tempo que estive naquela casa, todos progredissem no serviço de Sua Majestade; contudo não deixei de sofrer alguns trabalhos e invejas que de mim tinham algumas pessoas pela muita afeição que me votava aquela senhora. Suspeitavam porventura algum interêsse ou pretensão da minha parte. Devia permitir o Senhor que me dessem algum sofrimento essas coisas e outras de diversos modos, para que eu não me embebesse no regalo que por outra parte havia, e de tudo foi servido tirar-me com aproveitamento de minha alma.

Estando eu na referida cidade, coincidiu ir ali um Religioso [1], pessoa muito importante, com quem eu havia tratado algumas vêzes, anos atrás. Fui ouvir Missa num mosteiro de sua Ordem, próximo à casa onde eu estava, e deu-me vontade de saber as disposições daquela alma, pois desejava que fôsse muito servo de Deus. Levantei-me para ir falar-lhe, mas pareceu-me depois que era perder tempo, pois já me achava re-

1) O Pe. Fr. Garcia de Toledo, da Ordem do glorioso S. Domingos.

colhida em oração, e tornei a sentar-me, perguntando a mim mesma que tinha eu com aquilo. Se não me engano, por três vêzes fiz assim. Finalmente, pôde mais o Anjo bom que o mau: fui chamá-lo, e veio falar comigo num confessionário. Como havia muitos anos que não nos víamos, pus-me a perguntar-lhe por sua vida, e êle pela minha. Comecei a contar-lhe que a minha tinha sido de muitos tormentos da alma. Instou muitíssimo para que lhos contasse. Respondi que não eram para ser sabidos, nem lhos podia eu relatar. Tornou-me êle que o Padre Dominicano [1], de quem falei, estava a par de tudo e, sendo muito seu amigo, lho contaria; portanto não me importasse de lho confiar também.

O caso é que nem estêve em suas mãos deixar-me de importunar, nem nas minhas, creio eu, escusar-me de lho dizer. Sendo tanto o pesar e pejo que costumo ter quando trato dessas coisas, com êle e com o Reitor acima mencionado, não tive pena alguma, antes me consolei muito. Contei-lhe tudo sob segrêdo de confissão. Achei-o mais avisado que nunca, embora tivesse admirado sempre sua grande inteligência. Considerei os raros talentos e predicados que tinha para fazer muito bem, caso se desse de todo ao Senhor, porque, de uns anos para cá, não posso ver pessoa que muito me agrade, sem logo querer vê-la totalmente entregue a Deus. E' isto com tais ânsias, que algumas vêzes não me posso conter. Desejo que todos o sirvam, mas quando se trata dessas pessoas que me satisfazem, é com grandíssimo ímpeto, de modo que muito suplico ao Senhor por elas. Com o Religioso em questão assim aconteceu.

Rogou-me que o encomendasse a Deus, mas não tinha necessidade de mo pedir, porque já não poderia eu fazer outra coisa. Vou logo aonde costumava isolar-me para fazer oração, e, muito recolhida, começo a falar ao Senhor com extrema simplicidade [1],

1) Pe. Pedro Ibáñez.
1) No original: *con un estilo abobado.*

como a Êle me dirijo muitas vêzes, sem saber o que digo. Então é o amor que fala, e está a alma tão fora de si que não olha a diferença que há dela para Deus. O amor que sabe lhe ter Sua Majestade a faz esquecer-se de si mesma; parece-lhe estar nêle, possuí-lo como coisa própria que ninguém lhe pode tirar, e diz desatinos. Depois de pedir ao Senhor, com abundantes lágrimas, que chamasse muito deveras a seu serviço aquela alma que, embora tão boa, não me contentava de todo, porque eu a queria muito santa, recordo-me de lhe ter suplicado: Senhor, não me haveis de negar esta mercê; vêde que bom elemento para nosso amigo!

O' bondade e condescendência grande de Deus! Como não considera Êle as palavras, senão os desejos e o amor com que se dizem! Como sofre que uma criatura como eu fale a Sua Majestade com tanto atrevimento! Bendito seja para sempre, eternamente!

Lembro-me também de que naquela noite, enquanto orava, senti grande aflição ao pensar que eu mesma talvez vivesse em inimizade de Deus, sem saber se estava ou não em sua graça. Não é que o quisesse perscrutar, mas desejava morrer para não me ver em vida onde não tinha segurança de não estar morta. Não podia haver para mim morte mais dura do que o receio de ter talvez ofendido a Deus; via-me apertada com esta perda e, transbordante de ternura, derretida em lágrimas, suplicava-lhe que o não permitisse. Entendi então que bem me podia consolar e ficar certa de que estava em graça; porque semelhante amor de Deus, as mercês que Sua Majestade me concedia e os sentimentos que me inspirava não podiam existir em alma que estivesse em pecado mortal. Infundiu-me o Senhor confiança de que havia de fazer o que eu lhe suplicava a respeito daquela pessoa, e encarregou-me de lhe transmitir umas palavras. Senti-o muito, porque não sabia como as dizer. Dar recados a terceira pessoa é sempre o que mais me custa, em especial quando ignoro como os tomará ou se zombará de mim. Fiquei muito aflita, mas afinal me senti tão per-

suadida a obedecer, que, segundo me lembro, prometi a Deus não deixar de transmitir as suas palavras. Escrevi-as, entretanto, pela grande vergonha que tinha, e assim as entreguei ao Religioso.

Pelo efeito que neste produziram, bem se viu ser coisa de Deus. Determinou-se muito deveras a dar-se à oração, ainda que o não fizesse imediatamente. O Senhor, como o queria para Si, por meu intermédio mandava dizer-lhe certas verdades, que, sem eu as entender, vinham tão a propósito, que o espantavam e ao mesmo tempo deviam dispô-lo a crer que eram de Sua Majestade. Quanto a mim, embora miserável, muito suplicava ao Senhor que totalmente o atraísse para Si e lhe desse aborrecimento pelas satisfações e coisas da vida. Seja Êle para sempre louvado, que o fêz tão perfeitamente, que, sempre que me fala êsse Religioso, fico maravilhada. Se eu o não houvera visto, tivera por duvidoso fazer-lhe o Senhor em tão breve tempo tão altas mercês e trazê-lo tão ocupado em Si, que já não parece viver para as coisas dêste mundo. Sua Majestade o tenha de sua mão, pois se êle fôr assim adiante — como espero no Senhor que acontecerá, visto ter sólido e profundo conhecimento de si próprio — há de ser um de seus mais assinalados servos e de grande proveito para muitas almas. Com efeito, em pouco tempo adquiriu muita experiência das coisas do espírito, porquanto o Senhor concede seus dons como e quando quer, sem que dependam da antiguidade ou dos serviços. Não digo que isto não ajude muito, mas o fato é que freqüentemente não dá o Senhor em vinte anos a uns a contemplação que num só ano dá a outros. A causa, Sua Majestade o sabe. O engano está em imaginarmos que os anos nos fazem entender o que só com a experiência podemos alcançar. Erram, portanto — repito — muitos que, sem serem espirituais, querem discernir espíritos. Não digo, todavia, que um homem douto não possa dirigir quem é espiritual se êle próprio não o fôr. Poderá fazê-lo, mas dêste modo: veja que tudo nas coisas exteriores

e interiores de ordem natural vá conforme à luz da razão; e nas sobrenaturais, que esteja de acôrdo com a Sagrada Escritura. No mais não se atormente, nem julgue entender o que não entende, nem afogue os espírito, que, já neste ponto, outro maior Senhor os governa, e não estão sem superior.

Não se espante, nem tenha as coisas por impossíveis; tudo é possível ao Senhor. Procure antes avigorar a fé e humilhar-se, vendo que nesta ciência faz o Senhor, porventura, mais sábia uma velhinha do que a êle, com tôda a sua doutrina. Com esta humildade aproveitará mais às almas e a si, do que se arvorando em contemplativo sem o ser. Sim, porque torno a dizer: se lhe falta a experiência e não tem grandíssima humildade para se convencer de que tais coisas, embora não as entenda, não são impossíveis, ganhará pouco, e ainda menos dará a ganhar às almas que dirige. Se tiver humildade não tenha mêdo, que o Senhor não permitirá que se engane nem engane os outros.

Êste Padre, de quem falo, em muitas coisas recebeu do Senhor experiência; por outro lado tem procurado estudar tudo o que por estudo se pode adquirir sôbre esta matéria, pois é muito douto. Quanto ao que não entende por experiência, pergunta-o a quem a tem, e assim, ajudado pelo Senhor que lhe dá grande fé, muito se tem aperfeiçoado, e vem fazendo progredirem algumas almas, em cujo número está a minha. Sabendo o Senhor em quantos trabalhos me havia eu de ver, e tendo Sua Majestade de levar consigo alguns dos que me governavam, parece ter determinado que ficassem outros que, além de me ajudarem em numerosas dificuldades, me têm feito grande bem. Transformou-o o Senhor inteiramente, de maneira que êle mesmo quase não se conhece, por assim dizer; tem-lhe dado fôrças corporais para a penitência, sendo que antes não as tinha e vivia enfêrmo. Tornou-o animoso para todo bem e deu-lhe outras gra-

ças, pelas quais se vê claramente ser muito particular chamamento do Senhor. Seja bendito para sempre.

Creio que todo êste bem lhe tem vindo das mercês que recebe na oração, que são bem reais. Em algumas circunstâncias já tem querido o Senhor manifestá-lo, porque se sai delas como quem já se compenetrou da verdade do mérito que se ganha em sofrer perseguições. Deus é grande, e nêle espero que a alguns de sua Ordem e a tôda ela há de vir muito bem por meio dêste Religioso. Já se vai entendendo isto. Tenho tido subidas visões, nas quais me tem dito o Senhor grandes maravilhas dêle, do Reitor da Companhia de Jesus de quem falei [1] e de outros dois Religiosos da Ordem de S. Domingos , especialmente de um. No adiantamento espiritual dêste, demonstrado por obras, vem o Senhor dando a entender algumas coisas que me revelara a seu respeito. Muitas, sobretudo, foram as revelações acêrca de um Religioso de quem estou falando.

Um fato quero agora consignar aqui. Certa vez estando eu com êle no locutório, era tanto o amor de Deus que minha alma percebia arder na sua, que me punha quase absorta. E' que verificava o poder da graça de Deus que, em tão pouco tempo, o elevara a tão sublime estado. Sentia grande confusão vendo-o com suma humildade aceitar algumas coisas que eu lhe dizia a respeito da oração. Pouco humilde era eu em tratar assim com pessoa semelhante, mas o Senhor mo devia sofrer pelo meu grande desejo de o ver adiantar-se muito. Faziam-me tanto proveito suas palavras, que pareciam atear-me na alma novo fogo para servir ao Senhor, como se então principiasse. O' Jesus meu, quanto faz uma alma abrasada em vosso amor! Como a devíamos ter em grande conta e suplicar ao Senhor que a deixasse nesta vida! Quem tem

---

1) O Pe. Gaspar de Salazar.
2) Os PP. Pedro Ibáñez e Domingos Báñez, especialmente o primeiro.

o mesmo amor, havia de andar sempre atrás dessas almas, se fôsse possível.

Grande coisa é para um enfêrmo achar outro ferido do mesmo mal; muito se consola vendo que não está só. Ajudam-se mùtuamente a padecer e até a merecer, pois de excelente modo se escoram os que já estão determinados a arriscar mil vidas por Deus e desejam que se lhes ofereçam ocasiões de as perder. como soldados que para ganharem os despojos e se fazerem ricos, desejam que haja guerra, convencidos de que o não alcançarão por outro meio. E' êste seu ofício: trabalhar. Oh! grande coisa é, quando o Senhor dá luz, entender o que se ganha em padecer por Êle! Não se compreende bem enquanto não se dá de mão a tudo. Com efeito, quem está prêso a alguma coisa, é sinal que a estima; se a estima, forçosamente terá pesar de deixá-la, e dêste modo já anda tudo imperfeito e perdido. E' o caso de dizer: perdido anda quem anda atrás do perdido. E que maior perdição, que mais cegueira e desventura do que ter em muito o que nada é?

Torno agora ao que dizia. Contemplando aquela alma, sentia eu grande regozijo e contentamento, porquanto me parecia querer o Senhor patentear os tesouros com que a enriquecera. Vendo a mercê que me fizera em lhos dar por meu intermédio, considerava-me indigna de a ter recebido, e mais apreciava as graças que a êle outorgara o Senhor e para com Êste mais obrigada me julgava, do que se as houvesse concedido a mim. Desfazia-me em louvores por verificar que Sua Majestade atendera à minha súplica e vinha satisfazendo os meus desejos de que incitasse semelhantes pessoas a servi-lo com fervor. Estando em tanto deleite que já não podia suportá-lo, minha alma ficou enlevada e perdeu-se, para mais ganhar. Cessaram para ela as considerações, e ao ouvir aquela língua divina, pela qual parecia falar o Espírito Santo, entrei em grande arroubamento que me fêz quase perder os sentidos, embora durasse pouco. Vi Cristo, com gran-

díssima majestade e glória, mostrando sumo contentamento do que ali ocorria. Assim mo disse, querendo dar-me a ver claramente que a semelhantes colóquios está sempre presente, e muito lhe agrada que nos deleitemos em falar dêle.

De outra vez, estando o citado Religioso longe dêste lugar [1], vi que os Anjos o levantavam da terra com muita glória. Por esta visão compreendi que sua alma muito progredia. Assim era realmente, pois suportou com muito contentamento que uma pessoa a quem fizera grande bem e remediara não só na alma como na honra, levantasse contra êle um falso testemunho assaz aviltante; fêz outras obras muito do serviço de Deus e padeceu várias perseguições. Não me parece caber agora declarar mais coisas, mas se Vossa Mercê julgar conveniente, pois as conhece, poderei escrevê-las para glória de Deus.

Tôdas as profecias feitas a mim — quer as referentes a êste mosteiro, já indicadas, e outras de que falarei, quer algumas sôbre diferentes sucessos — se hão cumprido. Alguns fatos, três anos antes de se realizarem; uns mais cedo, outros mais tarde, me eram revelados pelo Senhor; e sempre os comuniquei ao meu confessor, e àquela viúva minha amiga com quem tinha licença de me abrir, conforme já disse. Soube que ela os referia a outras pessoas, e estas sabem que não minto; nem Deus permita que em nenhuma coisa, quanto mais em matéria tão grave, deixe de usar de tôda verdade.

Tendo morrido sùbitamente um meu cunhado [2] e estando eu com muita pena porque não tinha êle cuidado de se confessar amiúde, me foi dito durante a oração que minha irmã [3] morreria da mesma maneira e que eu fôsse procurar induzi-la a estar sempre preparada. Contei o ocorrido ao meu confessor, e êste não

---

1) A cidade de Ávila.
2) D. Martín de Guzmán y Barrientos, casado com D. Maria de Cepeda, irmã mais velha de Santa Teresa.
3) A mesma D. Maria de Cepeda.

me tendo deixado ir, ouvi o aviso várias vêzes. À vista disso, disse-me êle que fôsse, pois nada havia de perder. Vivia minha irmã numa aldeia.[3] Tendo chegado sem dizer nada do que me levava à sua casa, conforme podia lhe fui dando, pouco a pouco, luz em tôdas as coisas. Fiz que se confessasse freqüentemente e que em todos os pontos fôsse cuidadosa de sua alma. Como era muito boa, assim fêz. No fim de quatro ou cinco anos, continuando sempre neste costume e tendo em muito boa disposição a consciência, morreu sem que alguém a visse, e sem se poder confessar. O que lhe valeu foi que, segundo costumava, não havia mais de oito dias que se confessara. Esta circunstância muito me consolou quando recebi a notícia de sua morte. Estêve muito pouco no Purgatório. Menos de oito dias depois, creio eu, tendo acabado de comungar, apareceu-me o Senhor e quis que visse como a levava à Glória. Em todos os anos decorridos entre a predição e a morte, não me saía da memória o que me tinha sido revelado, nem o esquecia também minha companheira. Esta, quando soube que era morta minha irmã, veio a mim tôda espantada de ver como tudo se havia cumprido. Seja Deus louvado para sempre, que tanto cuidado tem das almas para que se não percam.

CAPÍTULO XXXV

Prossegue a mesma matéria da fundação dêste mosteiro de Nosso glorioso Pai S. José. Diz por que meios dispôs o Senhor que nêle se viesse a guardar a santa pobreza. Motivo de sua volta da casa daquela Senhora. Refere algumas outras coisas que sucederam.

Estando eu, como ficou dito, com aquela senhora, em cuja casa passei mais de meio ano, ordenou o Senhor que tivesse notícia de mim uma beata de nossa

3) Castellanos de la Cañada.

Ordem, residente a mais de setenta léguas dêste lugar, a qual, devendo vir por êstes lados, fêz um rodeio de várias léguas para me falar. Fôra movida pelo Senhor, no mesmo ano e mês que eu, a fundar outro mosteiro de nossa Ordem e, desejando fazê-lo, vendeu tudo quanto tinha e foi, a pé e descalça, a Roma, a impetrar o Breve para a fundação.

E' mulher de muita penitência e oração, a quem fazia o Senhor muitas mercês. Apareceu-lhe Nossa Senhora e mandou-lhe dedicar-se a essa obra. Levava-me tanto a dianteira no serviço do Senhor, que eu me sentia envergonhada na sua presença. Mostrou-me os despachos que trazia de Roma, e, nos quinze dias que passou comigo, assentamos o que havíamos de estabelecer nos dois mosteiros. Até lhe falar, eu não tivera notícia de que nossa Regra, antes de ser mitigada, prescrevia que nada de próprio possuíssemos. Nunca pensei em fundar sem rendas, pois era meu intento que não tivéssemos cuidado com o necessário para viver. Não considerava eu as muitas preocupações que traz consigo o possuir. Esta bendita mulher, ensinada certamente pelo Senhor, conhecia muito bem, embora não soubesse ler, o que eu ignorava andando sempre a ler as Constituições. Logo que mo disse, pareceu-me bem; apenas temi que não mo haviam de consentir, antes diriam que era desatino e que eu não fizesse coisa desse ocasião de padecerem outras por minha imprudência. Se só de mim se tratasse, nem pouco nem muito me detivera; pelo contrário, teria por grande regalo a perspectiva de observar os conselhos de Cristo Senhor Nosso, porque grandes desejos de pobreza já me havia dado Sua Majestade. Para mim não duvidava ser o melhor. Desde certo tempo queria que fôsse possível ao meu estado andar pedindo esmola por amor de Deus, e não ter casa nem coisa alguma. Temia contudo que não só as outras vivessem descontentes, se não lhes desse o Senhor iguais desejos, mas que também resultasse alguma distração, porque via alguns mosteiros pobres não muito recolhi-

dos. Não considerava que a falta de recolhimento era causa de serem pobres, e não a pobreza origem da distração, pois esta não faz ficarem mais ricas, nem falta Deus jamais a quem o serve. Enfim, tinha pouco robusta a fé, o que não acontecia àquela serva de Deus.

Como eu em tudo costumava, comecei a tomar pareceres; mas quase ninguém — nem o meu confessor, nem os letrados que consultei — achei que aprovasse o meu intento. Aduziam tantas razões, que me punham perplexa, porque tendo eu sabido que a pobreza era de nossa Regra e conhecendo ser ela de mais perfeição, não podia persuadir-me a ter renda. Se acontecia alguma vez ficar convencida com os argumentos, em tornando à oração e olhando a Cristo tão desnudo e pobre na cruz, não podia suportar a idéia de ser rica. Suplicava-lhe com lágrimas que providenciasse de maneira a me ver pobre como Êle.

Achava tantos inconvenientes em ter renda, via ser isto causa de tantos desassossegos e mesmo distração, que não fazia senão discutir com os letrados. Escrevi o que se passava ao Religioso Dominicano que nos assistia; respondeu-me por escrito em duas fôlhas cheias de teologia e argumentos em contestação, para me fazer desistir, assegurando-me que tinha estudado muito o caso. Respondi por minha vez que, para deixar de seguir minha vocação e de cumprir o voto que tinha feito de pobreza, e a obediência, aos conselhos de Cristo com inteira perfeição, não queria aproveitar-me da teologia e renunciava neste caso ao benefício de sua ciência. Quando achava alguma pessoa do mesmo parecer que eu, alegrava-me muito. Aquela senhora, com quem estive, muito me ajudou; quanto aos outros, alguns no primeiro momento diziam lhes parecer bem o que eu pretendia; mas depois de melhor considerarem, achavam tantos inconvenientes, que tornavam atrás e instavam muito comigo para que o não realizasse. A êstes eu respondia que, visto tão depressa mudarem de parecer, queria guiar-me pelo primeiro.

Neste tempo foi o Senhor servido que, atendendo aos meus rogos, viesse o santo Frei Pedro de Alcântara à casa daquela senhora, que nunca o tinha visto. Como era verdadeiro amante da pobreza, que observava havia tantos anos, e sabia bem os tesouros nela encerrados, ajudou muito e mandou que de nenhum modo deixasse de levar avante o meu intento. Com êste parecer e apoio, de quem melhor o podia dar, por ser fruto de larga experiência, assentei não andar mais buscando outros.

Certo dia, encomendando ardentemente a Deus o caso, disse-me o Senhor que de nenhum modo deixasse de estabelecer em pobreza o mosteiro; que tal era a vontade de seu Pai e a sua, e que Êle viria em meu socorro. Foi isto num grande arroubamento e com efeitos tão poderosos, que absolutamente não pude duvidar de que fôsse obra de Deus. Disse-me, outra vez, que na renda estava a confusão, e acrescentou várias coisas em louvor da pobreza, assegurando-me que não falta o necessário para viver a quem o serve. Esta falta, como já disse, nunca a temi por mim. Mudou também o Senhor o coração do Padre Presentado [1], isto é, do Religioso Dominicano que me escrevera aconselhando-me a não fundar sem renda, como acima referi. Já eu estava muito contente com o que ouvira e com ter tais pareceres; afigurava-se-me possuir tôda a riqueza do mundo desde que me determinei a ser mendiga por amor de Deus.

Nesse tempo levantou meu Provincial o preceito sob obediência que me havia impôsto de fazer companhia à citada senhora, permitindo-me, conforme fôsse de minha vontade, partir ou em sua casa permanecer ainda algum tempo. Estavam próximas as eleições no meu mosteiro, e fui avisada de que muitas Religiosas queriam dar-me o cargo de Prelada. Para mim, só pensar nisso era tão grande tormento, que com facilidade me determinaria a sofrer por Deus qualquer

1) Êste título na Ordem de S. Domingos equivale ao de licenciado em teologia.

martírio, mas a êste de nenhuma sorte me podia resolver. E' que, sem falar no trabalho considerável por serem numerosíssimas as Religiosas, a par de outras coisas de que nunca fui amiga, pois era grande minha aversão a exercer cargos e sempre os recusara, havia — a meu ver — perigo para a consciência. Louvei, pois, a Deus de me não achar lá e escrevi às minhas amigas que me não dessem voto.

Estando muito contente de me achar longe daquele reboliço, disse-me o Senhor que: absolutamente não deixasse de ir; se eu desejava cruz, uma cruz excelente lá me esperava e, portanto, não a desprezasse; fôsse com ânimo e sem demora, que Êle me ajudaria. Fiquei muito aflita e não fazia senão chorar pensando que a cruz era ser Prelada, e, como disse, não me podia convencer de que isto por algum modo fôsse bom para minha alma, nem achava razoável semelhante coisa. Contei-o ao meu confessor. Mandou-me que procurasse partir imediatamente, pois claro estava ser maior perfeição; mas, como o calor era fortíssimo e bastava que eu lá me achasse para as eleições, podia deter-me alguns dias para me não fazer mal a jornada. O Senhor, no entanto, havia ordenado outra coisa, e forçoso foi obedecer. Era grande o desassossêgo que trazia em mim e o não poder ter oração, por me parecer que faltava ao que o Senhor me ordenara, permanecendo onde estava a meu gôsto e com regalo, não querendo ir oferecer-me ao trabalho. Bem se via não serem mais que palavras, pensava eu, meus protestos para com Deus. Por que razão, podendo estar onde era mais perfeito, não o havia de fazer? Se me fôsse preciso morrer, morresse! Além de tudo, sentia apertada a alma, e tirava-me o Senhor todo gôsto na oração. Finalmente, fiquei em tal estado, foi tão grande meu tormento, que supliquei àquela senhora que houvesse por bem deixar-me ir. Já então meu confessor, vendo o que eu sofria, movendo-o Deus também como fizera comigo, me mandara partir.

A senhora sentia tanto minha partida, que me dava novo tormento, pois lhe custara muito o alcançar licença do Provincial, ao cabo de o importunar por vários modos. Foi extremo seu pesar, e considero grandíssima graça haver consentido; mas, como era muito temente a Deus, dizendo-lhe eu, além de muitas outras coisas, que se podia fazer grande serviço ao Senhor e dando-lhe esperança de ainda nos revermos, finalmente o teve por bem.

Já eu não tinha desgôsto de partir, porque, entendendo que era mais perfeição e serviço de Deus, com o gôzo de o contentar superei a pena de deixar aquela senhora, que eu via tão sentida, e outras pessoas às quais muito devia, especialmente meu confessor, que era da Companhia e com quem me achava muito bem. Quanto maiores consolações eu perdia pelo Senhor, tanto mais contentamento achava nessa perda. Não podia entender isto, porque via claramente êstes dois sentimentos contrários: folgar, consolar-me, alegrar-me do que me pesava na alma. Efetivamente, estava consolada, sossegada e podia ter muitas horas de oração.

Ia meter-me num fogo, bem o via, porque já o Senhor me tinha dito que me esperava grande cruz, embora nunca a imaginasse tão grande como depois experimentei; já partia alegre e ansiosa por entrar antes na batalha, pois o Senhor assim queria. Dêste modo enviava-me Sua Majestade o esfôrço e alentava minha fraqueza.

Não podia, repito, entender o que se passava em mim. Ocorreu-me esta comparação: possuindo eu uma jóia ou qualquer coisa que me dê grande deleite, venho a saber que a deseja uma pessoa a quem amo e quero contentar mais que a mim mesma. Para satisfazer o seu desejo, sinto grande prazer em ficar sem o que me é caro, e êsse prazer, excedendo ao meu próprio contentamento, desvanece a pena que deveria advir-me, quer da falta da jóia ou objeto amado, quer da perda da satisfação que achava em possuí-lo. Do mesmo modo, agora eu não podia, por mais que

quisesse, ter pena de deixar pessoas tão pesarosas pela minha partida, ao passo que em outros tempos, naturalmente grata como sou, ficaria muito aflita.

Para o negócio desta bendita casa, o não me deter sequer um dia foi de tal importância, que não sei como se poderia concluir se eu não houvesse partido sem demora.

O' grandeza de Deus! Espanto-me muitas vêzes quando relembro estas coisas e vejo quão particularmente queria Sua Majestade ajudar-me para que se fizesse êste cantinho de Deus, que assim o considero, e morada em que Sua Majestade se deleita. Disse-me, uma vez, na oração, ser esta casa para Êle um paraíso de delícias. De fato parece Sua Majestade ter escolhido as almas que trouxe para cá, em cuja companhia vivo com grande, mui grande confusão; porque eu mesma não as saberia desejar tão boas para esta vida de tanta austeridade, oração e pobreza. Levam tudo com imensa alegria e contentamento; cada uma se acha indigna de haver merecido o lugar que ocupa. Há em especial algumas às quais chamou o Senhor do meio de muita vaidade e gala, arrancando-as do mundo onde poderiam viver contentes seguindo suas leis; e aqui se vêem alagadas de tal abundância de consolações, que reconhecem claramente terem recebido cento por um do que deixaram e não se fartam de dar graças a Sua Majestade. A outras mudou o Senhor de bem para melhor. Às muito novinhas dá fortaleza e luz para que não possam desejar outra coisa e entendam que, mesmo humanamente falando, vive em maior descanso quem está apartado de tudo o que há na vida. Às mais velhas e de pouca saúde, tem infundido fôrças para observarem a mesma austeridade e penitência que as outras.

O' Senhor meu, como se manifesta o vosso poder! Não é mister buscar razões para o que quereis, pois, transcendendo tôda razão natural, tornais tôdas as coisas possíveis e dais bem a entender que nos basta amar-vos deveras e deixar absolutamente tudo por Vós,

para que, Senhor meu, torneis tudo fácil. Calha bem dizer neste ponto, que *fingis trabalho em vossa lei* (Sl 93, 20) porque não vejo eu, Senhor, nem sei como *é estreito o caminho que a Vós leva* (Mt 7, 14). Vejo que é estrada real e não vereda, estrada que conduz com a maior segurança quem verdadeira e intrèpidamente a segue. Nada de precipícios, nada de tropeços que façam cair: longe estão, porque as ocasiões também estão longe. Vereda e vereda ruim, chamo eu o caminho estreito que está ladeado à direita por um vale profundíssimo, onde se pode cair, e à esquerda por um despenhadeiro. Haja um pequeno descuido, e logo se despenham os viandantes e se despedaçam.

Quem Vos ama de verdade, Bem meu, anda seguro, trilha caminho largo, estrada real. Longe está o despenhadeiro; mal haja tropeçado um pouquinho e logo, Senhor, lhe dais a mão. Não se perderá, por alguma queda, nem mesmo por muitas, se tiver amor a Vós e não às coisas do mundo: anda pelo vale da humildade. Não posso entender que temor é êsse, de entrar resolutamente no caminho da perfeição. Dê-nos o Senhor a entender, por quem Êle é, quão erradamente andam seguros em tão manifestos perigos os que seguem as leis e exemplos do mundo; e como está a verdadeira segurança em procurar ir muito adiante no caminho de Deus.

Nêle ponhamos os olhos! Assim fazendo, não haja mêdo de que tenha ocaso êste Sol de justiça! Não nos deixará caminhar nas trevas para nos perdermos, se antes não O houvermos abandonado.

Os mundanos não temem andar entre leões, dos quais parece cada um lhes querer tirar um pedaço: que a feras comparo as honras, os deleites e os contentamentos tão decantados do mundo. Entretanto, no serviço do Senhor, dir-se-ia que o demônio faz terem mêdo até de insetozinhos. Espanto-me mil vêzes, e dez mil quisera abundantemente chorar e clamar a todos

publicando minha grande cegueira e maldade, para os ajudar de algum modo a abrirem os olhos.

Aquêle que tudo pode, lhos abra por sua bondade e não permita que me torne eu a cegar. Amém.

CAPÍTULO XXXVI

Prossegue na matéria começada e diz como se concluiu e fundou o mosteiro do glorioso São José. Relata as grandes contradições e perseguições originadas pela tomada de Hábito das Religiosas, os trabalhos e tentações que em grande número lhe sobrevieram, e como de tudo a fêz sair vitoriosa para honra e glória do mesmo Senhor.

Tendo já partido daquela cidade, vinha eu muito contente pelo caminho, determinando-me a sofrer com o maior amor tudo que ao Senhor aprouvesse. Na mesma noite em que aportei a esta terra, chegam os despachos para o mosteiro, com o Breve de Roma. Fiquei admirada, e os que sabiam como o Senhor tinha apressado a minha vinda, igualmente se espantaram, compreendendo a que ponto esta era necessária, e vendo em que conjuntura me trouxera o Senhor. Com efeito, encontrei aqui o Bispo e o Santo Frei Pedro de Alcântara e outro fidalgo muito servo de Deus, em cuja casa se hospedava aquêle homem, por ser pessoa em quem os servos de Deus achavam apoio e acolhimento.

Êstes dois conseguiram que o Bispo admitisse o mosteiro sob sua jurisdição. Não foi coisa fácil, por ser sem rendas; mas era êste Prelado tão amigo de pessoas que via determinadas a servir ao Senhor, que logo se afeiçoou à nova casa e resolveu favorecê-la. A aprovação do santo velho e o muito que instou com uns e com outros para que nos ajudassem, foi o que aplanou tudo. Se eu não viera em tal ocasião, não sei — repito — como se poderia fazer, porque êste santo

homem pouco se demorou aqui, talvez menos de oito dias; estava bem enfêrmo e daí a muito breve prazo o levou o Senhor consigo. Parece que o tinha guardado Sua Majestade até se concluir a fundação, pois andava muito mal, havia bastante tempo, não sei se mais de dois anos.

Fêz-se tudo debaixo de grande segrêdo, que a não ser assim, nada se pudera realizar, de tal modo era o povo contrário ao projeto, como se viu depois. Ordenou o Senhor que um de meus cunhados [1] estivesse bem doente, e sua espôsa fora daqui. Em tanta necessidade, deram-me licença para ir tratar dêle, e desta maneira nada transpareceu. Algumas pessoas não deixaram de ter alguma suspeita, mas não acreditavam de todo. Coisa admirável! a doença não durou mais do que foi mister para o negócio. Desde que houve necessidade de sua saúde para que eu me desocupasse e a casa ficasse desembaraçada, logo lha restituiu o Senhor, tão prontamente que êle ficou maravilhado.

Tive bastante trabalho em alcançar aprovação de uns e de outros. Era preciso lidar, dum lado com o enfêrmo, e de outro com os operários a fim de acabarem a casa a tôda pressa dando-lhe forma de mosteiro, pois faltava muito. Não estava aqui minha companheira porque sua ausência nos parecera necessária para mais dissimular o que se passava. Eu via que todo o êxito dependia da brevidade, por muitos motivos, um dos quais era o receio de que, duma hora para outra, me mandassem voltar ao meu mosteiro. Foram tantas as dificuldades, que pensei ser essa a grande cruz que me estava aparelhada, embora me parecesse, apesar de tudo, pequena em comparação da que me anunciara o Senhor.

Finalmente, estando tudo pronto, foi o Senhor servido que, no dia de S. Bartolomeu, tomassem o há-

---

1) D. João de Ovalle, espôso de D. Joana de Ahumada, irmã da Santa.

bito alguma noviças.[1] Colocou-se o Santíssimo Sacramento, e assim, com tôda as autorizações e formalidades requeridas, ficou fundado o nosso mosteiro do nosso gloriosíssimo Pai S. José no ano de 1562. Estive presente à tomada de hábito, juntamente com outras duas monjas de nosso Convento que por coincidência estavam fora. Como a casa em que se estabeleceu o mosteiro era a residência de meu cunhado, que, segundo disse, a tinha comprado para melhor dissimular o negócio, estava eu ali com licença. Aliás, para em nada faltar à obediência, a respeito de tudo tomava sempre parecer de letrados. Êstes, vendo que por várias razões adviria do meu intento muito proveito para tôda a Ordem, me diziam que podia continuar a realizá-lo, embora secreta e cautelosamente para o não saberem meus Prelados. A não ser assim, pela mínima imperfeição que achassem no meu modo de proceder, deixaria — creio — mil mosteiros, quanto mais um. Isto é certo, porque, conquanto desejasse vê-lo estabelecido a fim de nêle mais me apartar de tudo e corresponder à minha vocação, levando vida de maior perfeição e inteira clausura, eram meus desejos acompanhados de tal desprendimento, que, se eu julgasse ser mais serviço de Deus abandonar tudo, logo o faria, como antes, com muito sossêgo e paz.

Foi para mim como que um antegôzo da Glória ver instalado o SS. Sacramento e recebidas sem dote, porque êste não se exigia, quatro órfãs pobres, tôdas grandes servas de Deus. Nosso intuito desde o princípio fôra, efetivamente, recebermos pessoas que com seu exemplo pudessem ser fundamento do edifício que pretendíamos elevar para nêle têrmos vida de grande perfeição e oração. Via eu assim realizada, conforme os meus anelos, uma obra que sabia ser para o serviço do Senhor e honra do Hábito de sua gloriosa Mãe. Grande também era minha consolação por haver exe-

---

1) Foram quatro, que se chamaram na Religião: Antônia do Espírito Santo, Maria da Cruz, Úrsula dos Santos e Maria de São José.

cutado o que tanto me ordenara o Senhor e dado a esta cidade mais uma Igreja, dedicada — como antes não havia — a meu Pai, o glorioso S. José. Não que julgasse ter para isso feito alguma coisa! nunca tal pensei, nem penso; sempre entendo que tudo foi obra do Senhor. O que fazia de minha parte era com tantas imperfeições que — bem vejo — mais havia motivo para me culparem do que para me agradecerem; contudo era grande regalo para mim o ver que, embora tão má, me havia Sua Majestade tomado para tão grande obra. Era tal meu contentamento, que estava fora de mim, absorta em profunda oração.

Acabado tudo, cêrca de três ou quatro horas depois, arremeteu o demônio contra mim num combate espiritual que agora direi. Sugeriu-me que talvez tivesse sido mal feito tudo quanto fizera, pois quem sabe se eu não transgredira a obediência, agindo sem ordem de meu Provincial? Bem me parecia que êste havia de ficar descontente vendo o mosteiro sob a jurisdição do Ordinário, sem que se lhe desse aviso prévio: por outro lado também pensava que talvez não se importasse, porque êle mesmo não o tinha querido admitir, e eu pessoalmente continuava sob sua obediência. Viveriam contentes as que estavam em tanta clausura? E se lhes viesse a faltar o pão? Não fôra um disparate meu empreendimento? Se eu tinha meu mosteiro, para que me metera a fundar outro? Tôdas as ordens recebidas do Senhor, os muitos pareceres e as orações quase contínuas durante mais de dois anos, tudo se tinha apagado de minha memória, como se nunca houvera existido. Parecia-me haver procedido de acôrdo apenas com o meu pensamento e desejo. A fé e as outras virtudes estavam então suspensas na minha alma e eu me via sem fôrças para usar delas e me defender de tantos golpes.

Sugeria-me ainda o demônio outras coisas: como queria encerrar-me em mosteiro tão acanhado, tendo tantas enfermidades? Como havia de suportar tanta penitência, deixando casa tão vasta e deleitosa, onde

sempre vivera tão contente, com tantas amigas? As que compunham o novo mosteiro talvez não fôssem de meu agrado. Havia-me obrigado ao que estava acima de minhas fôrças e viria talvez a ficar desesperada. Não seria tudo ardil do demônio para me tirar a paz e quietação? Se eu vivesse desassossegada, não poderia ter oração e acabaria por perder a alma... Estas e outras sugestões semelhantes, tôdas aos mesmo tempo, apresentava-me o demônio ao espírito; e não estava em minhas mãos pensar em outra coisa. Além de tudo, sentia tão grande aflição, obscuridade e trevas na alma, que não sei como descrever. Vendo-me assim, fui para diante do Santíssimo Sacramento, em tal estado que nem me podia encomendar ao Senhor. Minha angústia assemelhava-se à duma pessoa que está em agonia. Desabafar com alguém não ousava, porque nem ainda tinha confessor designado.

Oh! valha-me Deus, que vida esta tão miserável! Não há contentamento seguro, nem estado constante! Havia tão pouquinho, não trocaria — penso — meu contentamento por nenhum outro da terra; e agora, o mesmo motivo que o causara, de tal sorte me atormentava, que não sabia o que fazer de mim. Oh! se considerássemos com advertência as coisas da nossa vida, cada qual veria por experiência em quão pouco aprêço se hão de ter tanto os contentamentos como os descontentamentos dela. Certo é que tenho êste por um dos mais duros transes que passei na vida. Parecia adivinhar meu espírito os muitos sofrimentos que me esperavam, dos quais nenhum, no entanto, seria tão grande como êste, caso tivesse durado mais. O Senhor, porém, não deixou que padecesse muito sua pobre serva, porque nunca nas tribulações me faltou com seu socorro, e assim me amparou também desta vez. Deu-me um pouco de luz para entender a verdade e ver que em tudo era o demônio que me queria aterrar com suas mentiras. Comecei a relembrar minhas grandes determinações de servir ao Senhor e meus desejos de padecer por Êle; e pensei que, para

os cumprir, não havia de andar à busca de descanso. Se surgissem trabalhos, seriam fonte de merecimentos, e se me viessem tristezas, desde que as aceitasse por amor de Deus, servir-me-iam de purgatório. Que havia a temer? Já que eu desejava sofrimentos, bons eram êstes, pois na maior contradição está o maior lucro. E por que razão me havia de faltar ânimo para servir Àquele a quem tanto devia? Com estas e outras considerações, dominando-me, prometi diante do SS. Sacramento esforçar-me quanto pudesse por obter licença para nesta casa [1] ficar definitivamente e prometer clausura, desde que em boa consciência me fôsse possível fazê-lo. Mal fiz isto, no mesmo instante fugiu o demônio, deixando-me tranqüila e contente, como desde então tenho estado. Tudo quanto se observa nesta casa — a clausura, as penitência e o demais — é para mim em extremo leve e suave. E' tão imensa minha felicidade, que algumas vêzes entro a pensar que coisa mais saborosa poderia escolher na terra? Não sei se em parte é por isso que gozo de mais saúde do que nunca, ou se é o Senhor que, vendo ser necessário e justo observar eu o mesmo que tôdas, quer dar-me o consôlo de o poder cumprir, embora com algum custo. E' coisa esta que faz pasmarem tôdas as pessoas que conhecem minhas enfermidades. Bendito seja Aquêle que tudo nos dá e cujo poder tudo faz possível.

Fiquei bem cansada de tal luta, mas rindo do demônio, ao ver que tudo fôra obra sua. Creio que foi permissão do Senhor. Como eu nunca soube que coisa era descontentamento de ser monja, sequer por um momento, em mais de vinte e oito anos que o sou, quis Êle não só me dar a entender que grande graça nisso me fêz e de que tormento me livrou, mas também infundir-me experiência para que se mais tarde visse alguma tentada neste ponto, ao invés de me espantar, me compadecesse e soubesse consolá-la.

1) O Convento de São José de Ávila.

Passada esta tormenta, queria após a refeição descansar um pouco, porque não havia quase parado tôda aquela noite, e nas anteriores tivera sempre trabalho e preocupações além do cansaço de todos os dias. Já circulavam, porém, notícias do ocorrido, quer na cidade, quer no meu mosteiro, e neste reinava grande alvorôto pelas razões já referidas, que não pareciam destituídas de procedência. Logo a Prelada me mandou ordem para voltar imediatamente. Ao recebê-la, deixo minhas monjas bem penalizadas e parto sem detença. Bem vi que não poucos trabalhos estavam à minha espera, mas, como já a fundação estava feita, muito pouco se me dava. Fiz oração suplicando ao Senhor que me favorecesse, e a meu Pai S. José, que me trouxesse de novo à sua casa. Ofereci a Deus o que ia sofrer e, mui contente de se me oferecer ocasião de por Êle padecer e de lhe prestar algum serviço, parti, tendo certeza de que logo me lançariam no cárcere. Confesso que, se isso acontecesse, muito me agradaria, porque, exausta de tratar com tanta gente, bem precisava de não falar a pessoa alguma e descansar um pouco.

Desde que cheguei, dei conta de meu procedimento à Prelada, e esta se aplacou um pouco. Mandaram chamar o Provincial para julgar a causa. Tendo êle vindo, fui submetida a juízo, com bem grande contentamento de ver que padecia um pouquinho pelo Senhor, pois não tinha consciência de haver ofendido na mínima coisa a Sua Majestade. Em nada tinha ido contra a minha Ordem; antes procurava com tôdas as minhas fôrças engrandecê-la, e para isto sofreria de boa vontade a morte, pois todo o meu desejo era que se observasse a Regra com a maior perfeição. Recordei-me do julgamento de Cristo, e vi que o meu nada era. Acusei-me como sendo muito culpada, e aliás tal parecia a quem não estava informado de tôdas as razões de meu procedimento. Recebendo do Provincial áspera repreensão, embora não tão rigorosa quanto merecia o delito e lhe aconselhavam muitas pessoas,

eu não me quis desculpar porque assim determinara fazer. Pedi-lhe, ao invés, que me perdoasse, castigasse e não ficasse descontente comigo.

Em alguns pontos bem via eu que me condenavam sem motivo, porque diziam que o tinha feito para ser tida em grande conta, para dar que falar ao povo e coisas semelhantes. Entendia, porém, claramente que falavam a verdade, quando alegavam que eu era pior que muitas outras e, não tendo guardado a muita religião estabelecida no meu mosteiro, como pretendia guardá-la em outro com mais rigor? Era escandalizar o povo e introduzir novidades... Tudo isto não me causava perturbação nem pena, embora eu mostrasse tê-la, para não dar mostras de fazer pouco aprêço do que me diziam. Finalmente recebi ordem, diante das monjas, de justificar meu procedimento e fui obrigada a fazê-lo.

Como meu interior estava em paz e o Senhor me ajudava, dei minhas razões de maneira que nem o Provincial nem as que ali estavam, acharam em que me condenar. Depois que fiquei só com êle, falei mais claramente. Mostrou-se muito satisfeito e prometeu que, se fôsse adiante o negócio, logo que se restabelecesse a paz na população, me daria licença para voltar ao novo mosteiro. Com efeito a cidade tôda em pêso estava alvorotada, como agora direi.

Dois ou três dias depois, juntaram-se alguns dos regedores com o corregedor e alguns membros do cabido e todos a uma voz disseram que de nenhum modo se havia de tolerar o mosteiro, pois daí resultaria manifesto prejuízo ao bem público. Tratariam, pois, de tirar o Santíssimo Sacramento, e absolutamente não sofreriam que a fundação fôsse avante. Convocaram tôdas as Ordens, cada uma representada por dois letrados, para que dessem seu parecer. Uns calavam, outros condenavam. Por fim concluíram que se desfizesse imediatamente a casa. Só um Presentado [1] da Ordem de S. Domingos, embora contrário, não

1) Fr. Domingos Báñez.

ao mosteiro mas à total pobreza em que foi fundado, ponderou que não era coisa que sem mais nada se desfizesse; olhassem bem; tempo havia para tudo; o caso era da alçada do Bispo, e outras coisas dêste gênero. Muito valeram êstes argumentos, pois era tal a fúria, que foi felicidade não porem logo o plano em execução. E' que, em suma, o convento se havia de manter: o Senhor queria a sua fundação, e pouco podiam todos contra a sua divina vontade. Quanto aos nossos contrários, como julgavam justas suas razões e eram movidos por bom zêlo, não ofendiam a Deus; mas faziam padecer a mim e a tôdas as pessoas que nos favoreciam. Estas eram em pequeno número e foram alvo de muita perseguição.

Estava tão amotinado o povo, que não se falava em outra coisa. Todos só faziam condenar-me, e iam ora ao Provincial, ora ao meu mosteiro. Eu nenhuma pena sentia de quanto diziam de mim: era como se o não dissessem; mas receava que desfizessem a fundação. Isto me causava sumo pesar, como também ver que perdiam crédito e passavam muitos trabalhos as pessoas que me ajudavam; pois do que contra mim diziam, julgo poder afirmar que antes me alegrava. Tivera eu bastante fé, e nenhuma alteração sentiria; mas qualquer falta numa virtude é suficiente para deixar tôdas as outras entorpecidas, e assim passei muito magoada os dois dias em que se reuniram na cidade as juntas de que falei: e, estando bem angustiada, disse-me o Senhor: "Não sabes que sou poderoso? Que receias?" E assegurou-me que se não desfaria o mosteiro. Com isto fiquei muito consolada. Remeteram os do povo informação escrita ao Conselho Real, e dêste veio ordem para que se lavrasse e se lhe enviasse um relatório do ocorrido.

Estava assim iniciado um grande pleito, porque a cidade mandou seus representantes à Côrte, e forçoso foi mandá-los também por parte do mosteiro. Mas não havia dinheiro, nem eu sabia como agir. Felizmente, por Providência do Senhor, meu Padre Pro-

vincial nunca me determinara que deixasse de tratar do negócio; porque é tão amigo de tôda a virtude, que, embora não ajudasse, não queria ser contrário. Contudo, não me permitiu vir para cá até ver em que paravam as coisas. Estas servas de Deus estavam a sós, e mais faziam com suas preces do que eu com tôdas as negociações em que andava metida, ainda que tivesse de empregar bastante diligência. Por vêzes, tudo parecia falhar, especialmente no dia anterior à chegada do Provincial, porque a Priora me ordenou que me não envolvesse em mais nada, o que implicava ficar tudo abandonado. Voltei-me para Deus e disse-lhe: "Senhor, a casa não é minha: por Vós foi feita; agora, já que não há quem trate dos negócios, faça-o Vossa Majestade". Com isto fiquei tão sossegada e sem pesar como se tivesse o mundo todo a negociar por mim; e logo considerei certo o êxito.

Um sacerdote [1], grande servo de Deus e amigo de tôda perfeição, que sempre me ajudara, foi à Côrte tratar do negócio, e ali muito trabalhou. O cavaleiro santo, já citado, também fazia muitíssimo e por tôdas as formas nos favorecia. Nêle, em tudo, achei sempre um pai e como tal ainda o tenho.

Incutia o Senhor tanto zêlo aos nossos defensores, que tomavam a peito a nossa causa como se fôsse negócio que de perto lhes interessasse, do qual dependesse a sua vida ou a sua honra, e isto só por julgarem que se tratava de serviço do Senhor. No número dos que mais trabalhavam por nós, estava aquêle clérigo Mestre em Teologia [2] de quem já falei. Viu-se claramente que o ajudava Sua Majestade, porque, tendo-o delegado o Bispo como seu representante numa grande junta realizada a nosso respeito, apesar de nela se achar sòzinho contra todos, afinal os aplacou sugerindo-lhes certos meios que bastaram para os entreter. Contudo, nenhum foi suficiente para que não dessem a vida, como se costuma dizer, pela destruição do

---

1) Gonzalo de Aranda.
2) O mestre Gaspar Daza.

do mosteiro. O servo de Deus a que me refiro foi quem deu o hábito às noviças e colocou o Santíssimo Sacramento. Sofreu por nossa causa não poucas perseguições. Durou quase meio ano a tempestade, e relatar por miúdo as provações que passamos tomaria muito tempo.

Admirava-me que o demônio pelejasse com tanto furor contra pobres mulheres, e os nossos adversários julgassem capaz de causar grande dano à cidade uma comunidade levando vida tão austera e composta apenas de doze Religiosas e a Priora, pois não devem ser mais. Se prejuízo ou êrro houvesse, seria para elas próprias, mas trazer o mosteiro dano à cidade era disparate. Entretanto, achavam tais inconvenientes, que com boa consciência lhe faziam oposição.

Finalmente propuseram êste acôrdo: se houvesse rendas, suportariam a fundação e permitiriam que fôsse adiante. Estava eu já tão cansada de ver o trabalho de todos os nossos amigos, mais que do meu, que não me pareceu mau ter rendas até se restabelecer a calma, com a intenção de as deixar mais tarde. Por ser ruim e imperfeita chegava a imaginar, outras vêzes, que porventura seria esta a vontade do Senhor, pois de outro modo nada se conseguia, e já me inclinava ao acôrdo.

Começamos a tratar do negócio, e na véspera de ser concluído, estando eu à noite em oração, disse-me o Senhor, além de outras coisas, que não fizesse tal, pois se começássemos a ter rendas, não conseguiríamos depois licença para as deixar. Na mesma noite apareceu-me o santo Frei Pedro de Alcântara, que era morto. Sabendo da grande oposição e perseguição movida contra nós, antes de morrer escrevera-me êle que folgava de ver tão fortemente contrariada a fundação. Era sinal de que se havia de servir muitíssimo ao Senhor neste mosteiro, visto o demônio tanto se empenhar em nos combater, mas que eu absolutamente não concordasse em ter rendas. Por duas ou três vêzes, renovava na carta as mesmas palavras de per-

suasão, prometendo-me que, se eu assim procedesse, tudo se viria a fazer segundo minha vontade. Já o tinha eu visto duas vêzes depois de morto, e contemplara sua grande glória, de modo que a visão não me fêz temor, senão muito gôzo. Aparecia sempre com o corpo glorificado, cheio de muita felicidade, e grandíssima também era a glória que em mim produzia sua vista. Quando o vi pela primeira vez, recordo-me de que, revelando-me o muito que gozava, me disse, entre outras coisas, que ditosa penitência fôra a sua, pois lhe tinha alcançado tão grande prêmio.

Já tendo falado, se não me engano, a respeito destas aparições [1], aqui só contarei que desta vez me mostrou rigor, dizendo apenas que de nenhum modo admitisse rendas: e por que não queria eu tomar seu conselho? E logo desapareceu. Fiquei atemorizada, e sem mais demora no dia seguinte referi o ocorrido ao cavaleiro, a quem eu em tudo acudia como ao mais dedicado; disse-lhe que absolutamente não consentisse em haver rendas e deixasse o pleito ir adiante. Êle neste ponto estava muito mais firme do que eu, e folgou muito; confessou-me depois com que má vontade tratara do acôrdo.

Pouco depois, novo incidente. Outra pessoa serva de Deus, movida de bom zêlo, quando o negócio já ia bem encaminhado, propôs que se sujeitasse o caso ao critério dos letrados. Daqui surgiram numerosas inquietações, porque alguns dos que me ajudavam foram da mesma opinião; e de tôdas as patranhas do demônio foi esta a mais traiçoeira. Em tudo me ajudou o Senhor. Dito assim sumàriamente, não se pode dar bem a entender o que se passou nesses dois anos, desde que foi começada esta casa até que se concluiu. O primeiro e a última metade do segundo, foram os tempos mais trabalhosos.

Já um tanto aplacada a cidade, usou de boa indústria em nosso favor o Padre Presentado Domini-

1) Cap. XXVII.

cano que nos auxiliava. Estava fora mas trouxe-o o Senhor a tempo de nos fazer muito bem.

Parece só o ter trazido Sua Majestade para tal fim: pois mais tarde me disse que não tivera motivo para vir, e só por acaso tinha sabido o que se passava. Demorou-se aqui apenas o necessário. Antes de partir obteve, por certos meios, licença de nosso Padre Provincial para vir eu a esta casa, acompanhada de mais algumas, a fim de dar comêço à reza do Ofício e ensinar as que já aqui estavam. Parecia quase impossível alcançar a permissão tão depressa. Foi grandíssimo consôlo o que tive no dia em que viemos.

Estando eu a fazer oração na Igreja antes de entrar no mosteiro, num quase arroubamento, vi Cristo. Pareceu-me que me recebia com muito amor e me punha na cabeça uma coroa, agradecendo o que eu tinha feito por sua Mãe. Outra vez, estando tôdas no côro em oração depois de Completas, vi Nossa Senhora cercada de grandíssima glória e revestida dum manto branco, debaixo do qual parecia abrigar-nos a tôdas. Entendi quão alto grau de glória daria o Senhor às Religiosas desta casa.

Logo que se principiou a rezar o ofício, foi muita a devoção que o povo começou a ter para com êste mosteiro. Recebemos mais noviças, e pôs-se o Senhor a mover os que mais nos tinham perseguido para muito nos favorecerem e nos assistirem com esmolas. Já aprovavam o que tanto haviam reprovado e pouco a pouco desistiram do pleito, declarando-se convencidos de ser esta casa obra de Deus, pois tinha querido Sua Majestade que fôsse adiante apesar de tanta oposição. Presentemente ninguém julgaria acertado ter-se deixado de fundar o mosteiro, e todos são tão solícitos em nos prover de tudo, que, sem esmolarmos nem pedirmos coisa alguma, o Senhor os desperta para que nos socorram. Dêste modo vamos vivendo sem nos faltar o necessário, e espero no Senhor que será sempre assim. Sendo tão poucas as Religiosas, se fizerem o que devem — como Sua Majestade agora lhes dá graça

para fazerem, — segura estou de que não as abandonará, e assim não terão de ser pesadas ou importunas, porquanto o Senhor velará por elas como até agora.

E' para mim grandíssimo consôlo ver-me aqui metida entre almas tão desapegadas. Sua preocupação é achar meios de irem adiante no serviço do Senhor. A soledade lhes dá tal consôlo e felicidade, que sofrem com o pensamento de verem alguém, embora dos seus parentes muito próximos, que não contribua para mais as inflamar no amor de seu Espôso. Assim é que não vem a esta casa quem disto não trate, porque nem as contenta nem acha contentamento. Não sabem falar senão de Deus; de modo que só as entende e só é entendido quem tem a mesma linguagem. Guardamos a Regra de Nossa Senhora do Carmo, a Primitiva, sem mitigação [1] como a redigiu Frei Hugo, Cardeal de Santa Sabina, a qual foi dada em 1248, no quinto ano do Pontificado do Papa Inocêncio IV.

Dou por bem empregados todos os trabalhos que passamos. Agora, não obstante haver algum rigor porque jamais se come carne — exceto por necessidade, — há jejum de oito meses e outras coisas prescritas pela Regra Primitiva, tudo parece pouco às Irmãs, e por isso ainda se entregam a práticas que nos têm parecido necessárias para maior perfeição na observância da Regra. Espero no Senhor que há de ir muito adiante o que está começado, como me prometeu Sua Majestade.

A outra casa, que a beata [2] de que falei procurava fazer, também a favoreceu o Senhor. Fundou-a em Alcalá, e não lhe faltou bastante oposição, nem deixou de passar grandes trabalhos. Sei que se guarda nela perfeita observância desta nossa Regra Primitiva. Praza ao Senhor seja tudo para sua glória e seu louvor,

---

1) A Regra Primitiva foi dada aos Eremitas do Monte Carmelo por Santo Alberto, Patriarca de Jerusalém, em 1209 mais ou menos. Inocêncio IV, depois de mandar examiná-la e corrigi-la, aprovou-a em 1247 segundo o Bulário Romano.

2) Maria de Jesus. V. Cap. XXXV.

bem como para honra da gloriosa Virgem Maria, cujo hábito trazemos. Amém.

Penso que se enfadará Vossa Mercê com a larga relação que fiz dêste mosteiro; todavia é bem insuficiente em relação aos muitos trabalhos que custou sua fundação e às maravilhas que o Senhor tem operado. De tudo há muitas testemunhas que sob juramento podem atestá-lo. Rogo a Vossa Mercê por amor de Deus que, se resolver rasgar o que aqui vai escrito, ao menos guarde a parte referente a êste mosteiro para, depois de minha morte, dá-la às Irmãs que nêle estiverem. As vindouras sentir-se-ão animadas a servir fielmente a Deus e a procurar que não caia o começado, antes vá sempre avante, vendo o muito que Sua Majestade fêz por intermédio de criatura tão ruim e baixa. E, pois o Senhor tão particular e claramente quis que, com a sua proteção, se fundasse êste mosteiro, parece-me que agirá muito mal e será muito castigada aquela que introduzir algum princípio de relaxamento na perfeição por Êle próprio estabelecida desde o comêço e, pela sua graça, observada com tanta suavidade. Muito bem se vê que é tolerável: pode praticar-se com descanso e proporciona grande felicidade para viverem nesta paz as que quiserem a sós gozar de Cristo seu Espôso. Sim, porque é isso o que hão de sempre pretender: viver sós com o Só. Não serão mais de treze [1], pois, tendo tomado muitos pareceres, cheguei à conclusão de que convém ser assim, e tenho visto por experiência que, para manter o espírito agora reinante, e viver de esmolas sem peditório, não podem ser em maior número. Mais crédito dêem sempre a quem à custa de grandes trabalhos e com oração de muitas pessoas procurou o que seria melhor. No grande contentamento, na alegria e pouca dificuldade em praticar a observância com que tôdas temos vivido nos anos decorridos desde que estamos

1) Mais tarde determinou a Santa que houvesse vinte Religiosas em cada mosteiro, incluindo neste número três Irmãs de véu branco ou conversas.

nesta casa, tendo as Irmãs muito mais saúde do que dantes, torna-se patente ser isto o que convém fazer. Se a algumas parecer áspero nosso gênero de vida, lancem a culpa à sua falta de espírito, e não ao que se observa aqui, pois pessoas delicadas e não sadias, porque são espiritualmente fortes, com tanta suavidade o podem observar. Vão para outro mosteiro, onde se salvarão segundo o espírito que as anima.

CAPÍTULO XXXVII

Trata dos efeitos que lhe ficavam na alma quando lhe fazia o Senhor alguma mercê. Dá juntamente muito boa doutrina. Diz como se há de procurar e ter em muita conta adquirir mais um grau de glória. Por nenhum trabalho deixemos bens que são perpétuos.

Custa-me referir outras mercês do Senhor, já sendo tão grandes as que relatei, pois difìcilmente se poderá crer que Deus as tenha feito a pessoa tão ruim como eu; mas a fim de obedecer ao Senhor que mo ordenou e a Vossas Mercês [1], direi algumas coisas para glória sua. Praza a Sua Majestade que a alguma alma faça bem o ver que a criatura tão miserável tem querido o Senhor assim favorecer. Que não fará Êle por quem o tiver servido de verdade? Razão é para que se animem todos a contentar Sua Majestade, pois já nesta vida dá tais prendas de seu amor.

Primeiramente cumpre entender que nestas mercês outorgadas por Deus à alma, há mais e menos. Em algumas visões, a glória, o deleite e a consolação excedem tanto ao que o Senhor dá em outras, que pasmo de ver tanta disparidade no mesmo gôzo, ainda nesta vida. Acontece, com efeito, ser tal a plenitude das de-

---

1) Os Padres Pedro Ibáñez e Garcia de Toledo.

lícias infundidas por Deus numa visão ou num arroubo, que parece impossível haver mais a ambicionar na terra, e a alma é incapaz de desejar ou de pedir maior contentamento. Entretanto, depois que o Senhor me deu a entender quão grande é a diferença que há no céu entre o que uns gozam e o que gozam outros, bem vejo que, também aqui em baixo, não há limitação no dar, quando ao Senhor apraz. Quisera eu, da minha parte, não ter medida em servir a Sua Majestade e gastar por Êle tôda a minha vida, minhas fôrças e minha saúde, de modo a não perder por culpa minha um pouquinho de mais gozar. E assim digo: se me dessem a escolher entre padecer todos os tormentos imagináveis até ao fim do mundo e depois subir um grauzinho mais na glória, ou sem sofrimento algum ir gozar de uma glória um pouco mais baixa, eu de muito boa vontade tomaria todos os tormentos a trôco de gozar um pouquinho mais da compreensão das grandezas de Deus, pois vejo que mais o ama e louva quem mais o entende.

Não digo que não me contentaria nem me teria por muito venturosa de estar no céu, mesmo no último lugar: pois, tendo visto o que me fôra aparelhado no inferno, compreendo que grande misericórdia me faria nisto o Senhor. Praza a Sua Majestade levar-me para seu reino, e não olhar meus grandes pecados! O que digo é que eu, ainda à custa de grandíssimos sacrifícios, se estivesse ao meu alcance e o Senhor me desse graça para trabalhar muito, não quisera por minha culpa perder o mínimo grau de glória. Miserável de mim, que com tantas culpas tudo havia perdido!

Convém notar igualmente que, em cada mercê — visão ou revelação — que me fazia o Senhor, ficava minha alma com grande lucro. Algumas visões, sobretudo, deixavam muitíssimos proveitos. De ver a Cristo, ficou impressa em mim sua grandíssima formosura, e assim a tenho sempre. Para isto bastaria uma só vez; quanto mais fazendo-me o Senhor tão freqüente-

mente esta mercê? Ficou-me outro proveito inestimável e foi o seguinte. Tinha eu grandíssimo defeito do qual me advieram danos consideráveis: começando a perceber que uma pessoa gostava de mim, se me caía em graça cobrava-lhe tanta afeição, que prendia demasiadamente a memória em sua lembrança. Não tinha intento de ofender a Deus, apenas gostava de ver e de pensar nela e em suas boas qualidades, mas era coisa tão prejudicial, que a alma com isto perdia muito. Depois que vi a grande formosura do Senhor, nunca mais achei quem — comparado a Êle — me parecesse formoso, ou pudesse ocupar meu espírito. Só com um volver de olhos interior à imagem que guardo na alma, fico com tanta liberdade neste ponto, que tudo quanto vejo, desde então, se me afigura digno de asco, comparado às excelências e graças que acho no meu Senhor. Não há ciência nem regalo de espécie alguma que me pareça estimável, a par do que é ouvir uma só palavra daquela bôca divina! E quanto mais, quando tantas tenho ouvido! A menos que o Senhor por meus pecados me tire essa lembrança, tenho por impossível ocupar alguém meu pensamento de modo a não me achar livre, por um pouquinho que me recorde dêste Senhor.

Aconteceu-me a alguns confessores mostrar amizade, porque sentia segurança e sempre quero muito aos que governam minha alma. Como verdadeiramente os considero representantes de Deus, é a êles que mais se afeiçoa meu coração. Por serem circunspectos e servos de Deus, êles temiam que houvesse apêgo e demasia nessa afeição embora santa, e usavam de rigor comigo. Isto sucedeu depois que comecei a viver inteiramente sujeita à obediência dos diretores, pois antes não lhes cobrava tanto afeto. Ria comigo mesma, vendo-os assim tão enganados, e tratava de os sossegar, embora nem sempre lhes dissesse claramente a que ponto me sentia e estava desprendida de tudo. Dentro de pouco tempo, à medida que iam falando mais comigo, conheciam êles de quantas graças eu era de-

vedora ao Senhor e deixavam dessas suspeitas, que aliás só ocorriam no princípio. Vendo o Senhor e com Êle conversando tão contínua e inteiramente, comecei a cobrar-Lhe maior amor e confiança. Compreendi que é Deus, mas é também Homem e não se espanta das fraquezas dos homens, conhecendo bem nossa miserável natureza, sujeita a muitas quedas em conseqüência do primeiro pecado que Êle veio reparar. Embora seja Senhor, posso tratar com Êle como com um amigo. Verifiquei que não é como os potentados da terra, que fazem consistir todo o seu poderio no aparato externo. Marcam dias e horas para suas audiências e só certas pessoas lhes podem falar em particular. Se um pobrezinho tem algum negócio, à custa de quantos rodeios, empenhos e trabalhos o chega a tratar! E que será falar com o Rei! Aqui se proíbe a entrada a gente pobre e sem brasões; não há remédio senão recorrer aos mais privados, que certamente não serão pessoas que tenham o mundo debaixo dos pés, porque os desta têmpera não temem nem devem e por isso dizem as verdades: não são feitos para os palácios onde não se deve usar de tal franqueza. Na côrte é forçoso calar o que se desaprova, e nem sequer se ousa ter pensamento contrário, pelo receio de ser desfavorecido.

O' Rei da glória e Senhor de todos os reis, vosso império não é uma armação de pauzinhos; é reino que não tem fim! Como não há necessidade de terceiros para chegar a Vós! Só de contemplar vossa pessoa, logo se vê que sois o Único que mereceis ser chamado Senhor. E' tal a Majestade que mostrais, que não há necessidade de séquito nem de gente de guarda para dar a conhecer que sois Rei. Um rei da terra, estando só, dificilmente se fará reconhecer como tal; por mais que se queira dar a conhecer, não o acreditarão, pois em si mesmo não tem mais que os outros. E' mister que se veja aparato régio, para crer, e assim é justo que use de certas pompas que conferem autoridade, pois se as não tivesse, não o respeitariam. E' que não lhe vem de si a aparência de poderoso: de

outros lhe há de vir a autoridade. O' Senhor meu! ó Rei meu! Quem soubera representar agora a Majestade que tendes! E' impossível deixar de ver que sois Imperador, por Vós mesmo. Enche de assombro a vista de vossa Majestade; mais espanta, porém, Senhor meu, a par de tanta grandeza, ver vossa humildade e o amor que mostrais a uma criatura como eu. Em tudo podemos tratar e falar convosco como quisermos, desde que passa o primeiro espanto e temor de ver a Vossa Majestade, ficando-nos, entretanto, outro maior temor para nunca mais vos ofendermos. Não é, porém, por mêdo de castigo, Senhor meu, porque êste em nenhuma conta se tem em comparação do mal que é perder a Vós.

São êstes os efeitos desta visão, sem falar em outros bens consideráveis que deixa na alma. Se é de Deus a mercê, logo se entende pelos efeitos quando a alma tem luz; pois, como tenho dito muitas vêzes, em certas ocasiões quer o Senhor que esteja em trevas e privada dessa claridade, e então não é de admirar que tema quem, como eu, se vê tão sem virtudes. Aconteceu-me, agora mesmo, passar oito dias de tal sorte, que parecia não haver em mim vislumbre de conhecimento do que devo a Deus nem lembrança de suas mercês. Tinha a alma tão néscia e absorta não sei em quê, nem como — não com maus pensamentos, mas incapaz de os ter bons, — que me ria de mim, e gostava de considerar a baixeza da criatura quando não anda Deus sempre agindo nela. Bem vê a alma que não está sem Êle neste estado, pois não é como nas grandes tribulações que me acometem por vêzes, como já referi; mas, embora lançando lenha e fazendo o pouco que está a seu alcance, não consegue atear o fogo do amor de Deus. Por grande misericórdia divina, ainda há e aparece fumaça para que ela perceba não estar êsse fogo de todo extinto. Só o Senhor o torna a acender porque, então, por mais que a alma se esforce, sopre e concerte a lenha, parece que mais o abafa com suas diligências! Creio que o melhor é

render-se inteiramente, reconhecendo que só por si de nada é capaz, e ocupar-se, como já disse, em outras obras meritórias. E' porventura para que a elas se entregue e entenda por experiência própria quão pouco de si pode, que lhe tira o Senhor a oração.

Certo é que me regalei hoje com o Senhor, e ousei queixar-me de Sua Majestade, dizendo-lhe: Deus meu! Não basta que me conserveis prêsa nesta vida miserável, e que por vosso amor eu o aceite e me submeta a viver onde só encontro embaraços para vos gozar, onde sou forçada a comer, dormir, ocupar-me de negócios e tratar com todos? Bem sabeis, Senhor meu, ser para mim tormento grandíssimo, que, entretanto, suporto por amor de Vós. E é possível que nos poucos momentos que me restam para estar convosco, ainda vos escondais de mim? Como conciliar isso com a vossa misericórdia? Como o pode sofrer o amor que me tendes? Creio, Senhor, que, se fôra possível esconder-me de Vós como vos escondeis de mim, jamais consentiríeis, por êsse amor que, segundo julgo e estou convencida, me tendes. Mas Vós estais comigo e sempre me vêdes... Não pode ser assim, Senhor meu; reconhecei, suplico-vos, que é fazer agravo a quem tanto vos ama.

Estas e outras coisas me tem acontecido dizer, tendo sempre em vista, porém, quão benigno era o lugar que me estava preparado no inferno em comparação do que eu merecera. Algumas vêzes o amor tanto me desatina, que não sei mais de mim, e é muito convencida que prorrompo nestas queixas: e tudo me permite o Senhor. Louvado seja tão bom Rei! Quem seria capaz de ir aos da terra com êstes atrevimentos? Ainda ao rei, não me maravilho de que não se ouse falar, pois se lhe deve reverência, assim como aos senhores principais; mas já anda o mundo de tal sorte, que a vida é curta para aprender as etiquêtas, novidades e fórmulas de polidez, se queremos gastar por outro lado algum tempo no serviço de Deus. Eu me benzo de ver o que se passa. O caso é que já não sabia como

lidar com o mundo, quando aqui me encerrei, porque logo se leva a mal quando há descuido em dar às pessoas tratamentos muito superiores aos que merecem. Tão deveras o tomam por afronta, que é preciso dar satisfações e justificar a intenção, quando ocorre alguma inadvertência; e ainda, praza a Deus que o creiam!

Torno a afirmar que, realmente, não sabia como viver. A pobre da alma chega a ficar cansada. Vê que lhe mandam ocupar sempre em Deus o pensamento e que é necessário assim fazer para se livrar de muitos perigos. Por outro lado sabe que não se há de apartar uma linha das etiquêtas do mundo, sob pena de dar ensejo a tentações aos que puseram nestes melindres sua honra. Vivia eu já cansada, e era um nunca acabar de dar satisfações, porque não conseguia, apesar de tôda atenção e do máximo estudo, deixar de nisto cometer numerosas faltas, as quais, — repito — no mundo não são consideradas leves. E será que para as Comunidades religiosas, onde seria justo haver dispensa neste ponto, se achará desculpa? Não, pois dizem que os mosteiros devem ser côrte e escola de polidez. A falar verdade, não posso entender isto. Penso que talvez algum Santo tenha dito que hão de ser as casas religiosas côrtes para formar os que querem ser costesãos do céu, e inverteram o sentido das suas palavras. Com efeito, não sei como poderá quem por justiça deve estar continuamente ocupado em contentar a Deus e aborrecer o mundo, andar com tais ocupações e com tão grande cuidado de agradar aos mundanos em coisas que variam tão freqüentemente. Ainda seria suportável se de uma vez por tôdas pudéssemos aprendê-las; mas até para o cabeçalho das cartas já é mister haver cátedra onde se ensinem os tratamentos ou títulos a dar e os modos de dizer. Ora se deixa a margem num lado do papel, ora no outro; e a quem se costumava tratar de magnífico já se há de chamar ilustre.

Não sei onde isto há de parar, pois não completei ainda cinqüenta anos, e já tenho visto tantas mudanças, que não sei mais viver. Que hão de fazer os que nascem agora, se viverem muito? Por certo tenho pena dos que são espirituais e se vêem por algum santo intento obrigados a viver no mundo; que terrível cruz têm nesta matéria! Se todos acordassem em se fingir de ignorantes, consentindo em passar por tais nesta ciência, de muito trabalho se livrariam.

Vejo agora em que tolices estou metida! Tratando das grandezas de Deus, vim a discorrer sôbre as baixezas do mundo. Já que o Senhor me fêz a mercê de o deixar, quero sair dêle inteiramente. Lá se avenham os que com tanto trabalho sustentam essas ninharias. Praza a Deus que na outra vida, que é imutável, não as paguemos! Amém.

CAPÍTULO XXXVIII

Em que trata de várias grandes mercês que lhe fêz o Senhor, mostrando-lhe alguns segredos do céu, assim como de outras altas visões e revelações que Sua Majestade houve por bem conceder-lhe. Diz os efeitos que produziam e o grande aproveitamento que lhe deixavam na alma.

Estando tão doente, uma noite, que me queria dispensar de ter oração, tomei um rosário para rezar vocalmente, procurando não recolher o entendimento, ainda que no exterior estivesse retirada num oratório. Quando, porém, o Senhor quer, de pouco valem nossas diligências! Ao cabo de bem pouco tempo sobreveio-me um arrebatamento do espírito, com tanto ímpeto, que não houve resistência possível. Parecia-me estar dentro do céu, e as primeiras pessoas que lá vi foram meu pai e minha mãe. Contemplei coisas tão sublimes, em tão breve espaço como o de dizer

uma Ave-Maria, que fiquei bem fora de mim, tendo por excessiva tal mercê... Isto de ser em tão breve tempo não asseguro; seria mais talvez; todavia parece muito pouco. Temi alguma ilusão; contudo não me parecia haver engano. Não sabia o que fazer, porque tinha grande vergonha de ir ao confessor relatar isto, não por humildade, creio eu, senão pelo temor de que zombasse de mim e me perguntasse se eu era S. Paulo ou S. Jerônimo para ver coisas do céu. Por haverem tido êstes gloriosos Santos coisas semelhantes, mais intimidada ficava eu e não fazia senão chorar abundantemente, porque me parecia disparate. Finalmente, embora sentindo muito, fui ao confessor, pois jamais ousei calar coisa alguma, por mais que me custasse dizê-la, pelo grande mêdo que tinha de ser enganada. Êle, como me visse tão aflita, muito me consolou com boas palavras, de modo a me tirar tôda pena.

Com o andar do tempo aconteceu, e acontece ainda algumas vêzes, ir-me o Senhor mostrando maiores segredos. Querer a alma ver mais do que se lhe representa é impossível, não há meio algum; assim não via eu de cada vez senão o que me queria mostrar o Senhor. Era tanto, que a menor parcela bastaria à alma para ficar deslumbrada e com muito proveito, estimando e tendo em pouco tôdas as coisas da vida. Quisera eu poder dar a conhecer alguma parte mínima do que entendia nessas revelações e, pensando como o poderia exprimir, reconheço que é impossível. Só a diferença entre a luz que vemos e a que então se nos representa é tal, apesar de ambas serem luz, que não há comparação. Mesmo a claridade do sol parece muito desbotada. Em suma, não alcança a imaginação, por mais sutil que seja, pintar nem debuxar como é êsse esplendor, nem coisa alguma das que o Senhor me dava a entender com deleite tão soberano que não se pode exprimir. Todos os sentidos gozam em tão alto grau, com tanta suavidade, que não se pode assaz encarecer; e portanto é melhor calar-me.

Uma vez havia estado o Senhor assim, mais duma hora, mostrando-me coisas admiráveis; parecia não se poder tirar de meu lado. Disse-me: "*Vê, filha, o que perdem os que são contra Mim; não deixes de lho dizer*". Ai! Senhor meu, quão pouco aproveitam minhas palavras, aos que se cegam com suas obras, se Vossa Majestade não lhes der luz! Algumas pessoas, a quem esclarecestes, tiraram proveito da comunicação que lhes fiz de vossas grandezas; mas vendo-as, Senhor meu, manifestadas a criatura tão vil e miserável, admiro-me de que me tenham crido. Bendito seja vosso nome e bendita vossa misericórdia, pois, ao menos no que me toca, sensível melhora se tem operado em minha alma. Depois de tais graças, quisera ela estar sempre junto de Vós e não tornar a viver, porque grande desprêzo me ficou de tudo o que há na terra. Parece-me cisco, e vejo quão baixo descemos, ocupando-nos com coisas que passam.

Quando fazia companhia àquela senhora já citada, certa vez sobreveio-me uma crise do coração com as fortes dores que — conforme deixei dito — costumava ter, mas de que não sofro mais. Por ser muito caridosa, a senhora quis que eu visse suas ricas e valiosas jóias de ouro e pedrarias, especialmente um aderêço de diamantes muito apreciado. Supôs ela que assim me proporcionava agradável distração. Mas eu me ria interiormente e ao mesmo tempo sentia pena, vendo dum lado o que os homens estimam, e do outro o que nos reserva o Senhor. Pensava que, mesmo com esfôrço, me seria impossível apreciar aquelas coisas, a menos que o Senhor me tirasse a lembrança de outras. E' grande senhorio êsse para a alma, tão grande que — segundo creio — só o entenderá quem o possuir; é o natural e verdadeiro desapêgo que não nos advém de esfôrço nosso: é tudo obra de Deus. Mostra-nos Sua Majestade semelhantes verdades de tal maneira que se gravam em nosso espírito, e vemos cla-

1) D. Luísa de la Cerda, em Toledo.

ramente que por nós mesmos não poderíamos adquiri-las assim em tão breve tempo.

Também fiquei com pouco mêdo à morte, que eu sempre temera muito. Parece-me ela agora coisa facílima para quem serve a Deus, pois num momento se vê a alma livre dêste cárcere e posta em descanso. Fazer Deus evolar-se o espírito nestes arrebatamentos e mostrar-lhe coisas tão sublimes, afigura-se-me muito semelhante ao que se passa quando sai do corpo uma alma, e num instante se vê de posse de todo bem. Não falemos das dores do último arranco, que delas nenhum caso se há de fazer; tanto mais, que os que deveras tiverem amado a Deus e dado de mão às coisas desta vida, mais suavemente devem morrer.

Penso que também me valeu muito êste gênero de visão para me ajudar a conhecer nossa verdadeira pátria e ver que aqui na terra somos peregrinos. Grande coisa é contemplar o que há por lá e saber onde havemos de viver; porque, se alguém tem de ir de mudança para uma terra, de grande ajuda lhe é, para passar as fadigas da viagem, já ter visto que é lugar onde há de viver muito a seu descanso. Também deixa facilidade para considerar as coisas celestiais, e procurar que nelas esteja nossa conversação. Só o olhar para o céu produz recolhimento; porque, como aprouve ao Senhor mostrar uns vislumbres do que há por lá, a alma se põe a pensar no que viu. Freqüentemente os que me acompanham e consolam são os que lá vivem, segundo me foi dado saber. Vejo-os como verdadeiramente vivos, enquanto os desta vida parecem-me tão mortos, que todo o mundo, sinto, não me faz companhia, principalmente quando tenho os ímpetos de que falei.

Tudo quanto vejo com os olhos do corpo é como se fôra sonho ou farsa; o que já tenho visto com os olhos da alma, eis o que desejo, e por estar tão distante sinto-me morrer. Em suma, é grandíssima a mercê que faz o Senhor a quem dá semelhantes visões; são de muito proveito e ajudam a alma a levar sua

cruz, que é bem pesada porque nada a satisfaz, tudo a enfastia. Se o Senhor não permitisse que de vez em quando o esquecesse, ainda que volte logo a saudade, não sei como poderia viver. Bendito e louvado seja Êle para todo o sempre! Praza a Sua Majestade — pelo Sangue que seu Filho derramou por mim, — que, pois se dignou dar-me a entender alguma parte de tão grandes bens e fazer-me começar de certo modo a gozar dêles, não me aconteça como a Lúcifer, que por sua culpa perdeu tudo. Não o permita, por quem é! Não pouco temor tenho algumas vêzes, embora por outra parte e muito ordinàriamente, encontre segurança na misericórdia de Deus, que, depois de me haver tirado de tantos pecados, não quererá soltar-me de sua mão para que eu me perca. Isto rogo a Vossa Mercê que suplique sempre.

As graças que ficam ditas não são tão grandes, a meu ver, como esta que agora direi, por muitas causas e inapreciáveis bens que dela me ficaram, além de grande fortaleza na alma. Cada mercê, aliás, considerada de per si é de tal valor, que se não podem comparar umas com as outras.

Numa vigília do Espírito Santo, depois da Missa, fui a um sítio bem apartado, onde me costumava retirar para ter oração, e comecei a ler num Cartusiano[1] o trecho referente à festa. Chegando aos sinais que hão de ter os principiantes, os proficientes e os perfeitos para entenderem se está com êles o Espírito Santo, e tendo lido o que se refere a êstes três estados, pareceu-me, tanto quanto podia perceber, que por bondade de Deus não deixava Êle de estar comigo. Pusme a louvá-lo, recordando-me de que em outros tempos, lendo o mesmo, via muito bem que estava destituída de tudo aquilo. Agora, pelo contrário, achava tudo em mim e conhecia as grandes mercês que do Senhor havia recebido. Neste ponto comecei a considerar o lugar que no inferno havia merecido pelos meus pecados; e dava muitos louvores a Deus, pois quase não

1) A Vida de Cristo, por Ludolfo de Saxônia, monge cartuxo.

reconhecia minha alma, de tal modo se achava transformada. No meio destas considerações, sobreveio-me possante ímpeto sem entender eu a sua causa. A alma parecia querer sair do corpo, não cabendo mais em si, nem se achando capaz de esperar tanto bem. Era ímpeto tão excessivo, que não podia resistir, e, a meu parecer, diferente de outras vêzes. Não entendia o que tinha a alma, nem o que pressentia, que tão alterada estava. Busquei arrimo, porque, sem fôrças absolutamente, nem sentada podia estar.

Estando assim, vejo sôbre minha cabeça uma pomba, bem diferente das de cá; não tinha penas nas asas, senão umas conchinhas que lançavam por tôda parte grande esplendor. Era bem maior que uma pomba ordinária. Parecia-me ouvir o ruído que fazia com as asas: durou talvez o espaço de uma Ave-Maria. Já estava a alma em tal enlêvo que, perdendo-se a si, a perdeu de vista. Acalmou-se o espírito com a presença de tão bom hóspede; pois, o ser tão maravilhosa a mercê, penso eu, era o que a princípio o tinha desassossegado e espantado. Mal começou a gozar, logo perdeu o mêdo, e entrou em quietação com o gôzo, ficando em êxtase.

Grandíssima foi a glória dêste arroubamento. Fiquei, o resto da Páscoa, tão embevecida [1] e tonta, que não sabia o que fazer, nem explicar como merecera em minha baixeza tão alto favor, tão insigne graça. Desde êsse dia percebo em mim grandíssimo aproveitamento; fiquei com mais subido amor de Deus e com as virtudes mais fortalecidas. Seja bendito e louvado para sempre. Amém.

De outra vez vi a mesma pomba sôbre a cabeça dum Padre da Ordem de S. Domingos [2], com a diferença de que muito mais se estendiam os raios e resplendor de suas asas. Foi-me revelado que êle traria muitas almas para Deus.

---

1) No original: abobada.

2) O Padre de que se trata nesta visão e na seguinte é, segundo atesta o Pe. Graciano, o Pe. Frei Pedro Ibáñez.

Em outra ocasião vi Nossa Senhora colocar um manto muito alvo no Presentado dessa mesma Ordem ao qual me tenho referido algumas vêzes. Disse-me Ela que dava tal manto porque a servira auxiliando a fundação dêste mosteiro, e em sinal de que para o futuro guardaria a pureza de sua alma de modo a preservá-la de pecado mortal. Tenho por certo que isso se deu, e, tanto quanto se pode entender, é fora de dúvida, tal a sua penitência nos poucos anos que ainda viveu e tal a santidade de sua morte. Um frade, que o acompanhava então, contou-me que êle antes de expirar lhe disse que era assistido por Santo Tomás. Morreu com grande gôzo e desejo de sair dêste destêrro. Depois, algumas vêzes me tem aparecido com imensa glória, revelando-me várias coisas. Era tão sublime sua oração, que, próximo ao seu fim, querendo distrair-se dela em razão da extrema fraqueza, porque tinha freqüentes arroubamentos, não o conseguia. Escreveu-me pouco antes de morrer, perguntando-me de que meio se valeria, pois, em acabando de dizer Missa, ficava arroubado por muito tempo, sem o poder evitar. Deu-lhe o Senhor, no fim, o prêmio do muito que o havia servido tôda a vida.

Quanto ao Reitor da Companhia de Jesus [1], de quem por vêzes tenho feito menção, tive conhecimento de altas mercês que o Senhor lhe fazia, as quais não indico para não me alongar. Sofreu duma feita grande trabalho: foi muito perseguido e viu-se em extrema aflição. Estando eu um dia a ouvir Missa, vi Cristo na cruz, durante a Elevação da Hóstia; encarregou-me de lhe transmitir algumas palavras de consôlo e outras de aviso do que estava por vir, lembrando-lhe quanto havia padecido por êle e animando-o a se preparar para sofrer. Deu-lhe isso muito consôlo e ânimo; e tudo se passou depois como o Senhor me havia dito.

---

1) O Pe. Gaspar de Salazar, ou, segundo outros, o Pe. Baltasar Álvarez.

Dos da Ordem dêste Padre, que é a Companhia de Jesus, e de tôda a Ordem junta, tenho visto grandes coisas. Por vêzes os vi no céu, com bandeiras brancas nas mãos; além de outras coisas, repito, que dêles tenho entendido, verdadeiramente admiráveis. Daí resulta que voto a esta Ordem grande veneração, porque tenho tratado muito com os seus membros e vejo que sua vida corresponde ao que dêles me deu a entender o Senhor.

Uma noite, estando eu em oração, começou o Senhor a trazer-me à memória quão má tinha sido minha vida, dizendo-me algumas palavras que me infundiram grande confusão e pesar. Com efeito, ainda quando não proferidas com severidade, suas palavras causam tal mágoa e dor, que deixam a alma aniquilada. Uma só a faz progredir mais no conhecimento de si mesma do que muitos dias de meditação sôbre a nossa miséria, porque tôdas têm um cunho de verdade a que se não pode resistir. Representou-me o Senhor as afeições tão frívolas que eu tivera e disse-me que devia considerar grande graça a que me fazia querendo e admitindo Lhe fôsse dedicado um amor outrora tão mal gasto como era o meu. Em outras vêzes: que me recordasse do tempo em que eu parecia pôr minha honra em ir contra a sua. E ainda em outras: que ponderasse quanto lhe devia, pois, quando Êle estava a me fazer mercês, maior ofensa recebia de mim. Incorrendo eu em alguma falta, o que não é raro, de tal maneira dá-me Sua Majestade luz para a perceber, que fico, por assim dizer, aniquilada; e como em muitas incorro, sucede isso freqüentemente. Acontecia-me ser repreendida pelo confessor; e, querendo buscar consôlo na oração, achava aí a repreensão verdadeira.

Retomo o fio do que estava dizendo. Como o Senhor me começou a trazer à memória minha ruim vida, pensei no meio de minhas lágrimas que talvez me quisesse fazer alguma mercê, pois na ocasião não me recordava de ter cometido falta recente. Digo as-

sim porque, muito de ordinário, quando alguma particular mercê recebo, é depois de me ter eu aniquilado interiormente. Penso que o Senhor assim faz para que eu melhor veja quão longe estou de as merecer. Pouco depois foi arrebatado meu espírito com tal ímpeto, que me pareceu ficar quase totalmente fora do corpo. De fato, em tal estado, se a alma continua unida ao corpo, não o percebe. Vi a Humanidade sacratíssima com tão excessiva glória como jamais vira. Por uma notícia clara e admirável, se me manifestou estar repousando no seio do Pai. Não saberei dizer como foi, porque sem ver me sentia em presença daquela Divindade. Fiquei tão fortemente abalada, que passei muitos dias, ao que me recordo, sem poder voltar a mim; e sempre me parecia ver aquela majestade do Filho de Deus, embora — bem o percebia — não fôsse como da primeira vez. Mas por mais breve que haja sido, imprime-se sua presença na imaginação de maneira a durante algum tempo não se poder apagar. E daí resulta se ter não só grande consôlo, como também muito proveito.

Mais três vêzes recebi a mercê dessa visão. E', segundo me parece, a mais subida das visões com que o Senhor me tem favorecido, e imensos são os efeitos benéficos que produz. Purifica inteiramente a alma e tira tôda a fôrça à nossa sensualidade. E' chama possante, que parece abrasar e aniquilar todos os desejos da vida. Conquanto, glória a Deus, já os não tivesse de coisas profanas, aqui me foi perfeitamente declarado como tudo é vaidade e quão vãs são as grandezas da terra. E' ensinamento profundo que eleva os desejos à pura verdade. Deixa impressa uma reverência que não sei explicar, bem diferente de tudo quanto se pode adquirir aqui em baixo. Causa à alma grande espanto ver que teve — e outros têm — a ousadia de ofender a Majestade do Altíssimo.

Já tenho falado dos efeitos que causam as visões e outras graças, e afirmei haver maior e menor fruto; o desta última é grandíssimo. Quando me aproxima-

va, desde então, para comungar, recordando-me daquela Majestade infinita que tinha visto, e considerando que é o mesmo Deus que está no Santíssimo Sacramento — tanto mais que muitas vêzes quer o Senhor que o veja na Hóstia, — sentia que os cabelos se me eriçavam na cabeça. Ficava quase aniquilada. O' Senhor meu! Se não encobrísseis vossa grandeza, quem ousaria ir tantas vêzes juntar coisa tão suja e miserável com a vossa imensa Majestade? Bendito sejais, Senhor! Louvem-vos todos os Anjos e as criaturas tôdas, porque assim proporcionais vossas graças à nossa fraqueza para que gozemos de tão soberanas mercês sem nos deixarmos apavorar pelo vosso grande poder, como gente fraca e miserável, a ponto de nem ousarmos gozá-las.

Poderia acontecer-nos o que sei com certeza haver ocorrido a um lavrador que encontrara um tesouro. Vendo-se inesperadamente possuidor de tantas riquezas, que muito superavam seu ânimo mesquinho, por não saber como as aproveitar entrou a se preocupar e afligir, a ponto de lentamente definhar e afinal vir a morrer. Se, ao invés de as achar juntas, as fôsse recebendo aos poucos, e com elas provendo à sua subsistência, viveria mais contente do que quando pobre e não teria perdido a vida.

O' Riqueza dos pobres, quão admiràvelmente sabeis sustentar as almas! Sem que vejam de uma vez tão grandes riquezas, pouco a pouco as ides mostrando! Quando contemplo, desde então, Majestade tão suprema dissimulada em coisa tão mesquinha como é a Hóstia, não me canso de admirar tão excelsa sabedoria. Não sei como me atreveria a me aproximar do Senhor, se Êle, que me fêz e ainda faz tão grandes mercês, não me desse coragem e fôrça. Sem Êle, tão pouco poderia eu dissimular e deixar de dizer em altas vozes tão maravilhosos prodígios. Sim, que sentirá uma miserável como eu, carregada de abominação e que com tão pouco temor de Deus gastou a vida, ao se acercar dêste Senhor de tão imensa Majestade nas

ocasiões em que lhe apraz mostrar-se aos olhos de minha alma? Uma bôca, que ofendeu com tantas palavras o mesmo Senhor, como há de tocar naquele corpo gloriosíssimo, cheio de pureza e piedade? Na verdade, muito maior é a mágoa e aflição da alma, por não ter servido a Deus, vendo o amor que lhe mostra aquêle rosto de tanta formosura com suma ternura e afabilidade, do que o temor que lhe causa a majestade que nêle vê.

Mas ah! quais foram meus sentimentos em duas ocasiões em que vi o que agora vou referir? Realmente, Senhor meu e glória minha, quase me atrevo a dizer que, de algum modo, pela imensa aflição que senti na alma, mereci alguma coisa em vosso serviço. Ai de mim, que não sei o que digo, e quase não sou quem fala enquanto isto escrevo! E' que me acho perturbada e como fora de mim, por trazer à memória semelhantes coisas. Se de mim viera o sentimento, bem poderia alegar ter feito alguma coisa por Vós, Senhor meu; mas, já que nem bom pensamento pode haver se o não dais, nada fiz de minha parte: sou eu a devedora, Senhor, e Vós o ofendido.

Uma vez, chegando-me eu a comungar, vi com os olhos da alma, mais claramente do que se vê com os olhos do corpo, dois demônios de mui abominável figura, que pareciam rodear com os corpos a garganta do pobre sacerdote. Vi meu Senhor, com a majestade que falei, na partícula que eu ia receber, pôsto naquelas mãos que conheci claramente serem criminosas. Entendi estar aquela alma em pecado mortal. Que seria, Senhor meu, ver vossa formosura entre figuras tão abomináveis? Estavam os demônios como amedrontados e aterrorizados diante de Vós, e creio que de boa vontade fugiriam se os deixásseis ir. Acometeu-me tão grande perturbação, que nem sei como pude comungar; e fiquei com grande temor, parecendo-me que, se fôra visão de Deus, não teria permitido Sua Majestade que eu percebesse o mau estado daquele infeliz. Disse-me o mesmo Senhor que rogasse por êle; assim havia per-

mitido para me dar a entender que fôrça têm as palavras da consagração, e como não deixa Deus de estar ali, embora seja mau o sacerdote que as pronuncia. Acrescentou que ponderasse sua grande bondade, que se põe em mãos inimigas só para bem meu e de todos. Tive compreensão nítida de como os sacerdotes têm mais obrigação de ser bons do que os outros; vi que coisa atroz é receber êste Santíssimo Sacramento indignamente e a que ponto o demônio é senhor da alma em pecado mortal. Essa visão de grande proveito me foi: deu-me profundo conhecimento de quanto devia a Deus. Seja Êle para sempre bendito!

Aconteceu-me, de outra vez, um fato semelhante que me deixou muitíssimo aterrada. Estando eu em certo lugar, morreu um homem que, como vim a saber, vivera bem mal durante muito tempo. Havia dois anos que andava enfêrmo e dera em alguns pontos mostras de se haver emendado. Morrera sem confissão, mas apesar de tudo eu não acreditava que devesse ser condenado. Enquanto lhe amortalhavam o corpo, vi que muitos demônios o agarravam e pareciam divertir-se com êle, torturando-o, espetando-o com grandes garfos e lançando-o de um para outro lado, o que me causou enorme pavor. Quando vi que o levavam a enterrar com as mesmas honras e cerimônias que os demais, fiquei considerando a bondade de Deus em não querer que fôsse infamada aquela alma, nem conhecida como inimiga sua.

Eu estava meio atônita com o que tinha visto. Durante todo o Ofício não avistei nenhum demônio; depois, quando baixaram o corpo à sepultura, era tanta a multidão dos que estavam dentro para pegar nêle, que fiquei fora de mim com aquela vista, e tive necessidade de não pouco ânimo para dissimular. Considerava o que fariam daquela alma, quando do triste corpo se assenhoreavam de tal modo. Prouvera ao Senhor que todos os que estão em mau estado presenciassem, como eu, espetáculo tão horripilante! Penso que contribuiria muito para que se movessem a bem

viver. Tudo isto me faz mais conhecer o que devo a Deus e de que males me livrou. Fiquei muito temerosa, até que dei conta do caso a meu confessor, suspeitando alguma ilusão do demônio para infamar aquela alma, embora não fôsse tida por muito cristã. Verdade é que, não o tendo em conta de ilusão, sempre que me recordo dêste fato, sinto temor.

Já que comecei a referir visões de defuntos, quero contar algumas coisas que o Senhor me revelou de várias almas. Direi poucas, para abreviar e por não ser necessário, quero dizer, porque não me parece haver proveito. Disseram-me que tinha morrido um antigo Provincial [1] nosso, com o qual eu tinha tratado, recebendo dêle alguns favores. Na ocasião da morte governava outra Província e era pessoa de grande virtude. Com a notícia do falecimento fiquei bem perturbada e temi por sua salvação, porque tinha sido Prelado vinte anos, o que sempre me inspirava temor, por me parecer muito perigoso ter encargo de almas. Com grande aflição entrei num oratório. Dei-lhe todo o bem que tinha feito em minha vida — que bem pouco seria — e disse ao Senhor que suprisse com seus méritos o que faltava àquela alma para sair do purgatório. Estando a pedir isto ao Senhor, do melhor modo que podia, pareceu-me vê-lo sair das profundezas da terra a meu lado direito, e logo o vi subir ao céu com grandíssima alegria. Pôsto que fôsse bem velho, apareceu-me como tendo apenas trinta anos e até menos, com o rosto resplandecente. Foi rápida esta visão, mas deixou-me extremamente consolada: não pude mais ter pesar de sua morte, embora visse aflitas muitas pessoas, pois era muito querido. Tanta consolação sentia minha alma, que nada se me dava, nem podia duvidar de ser boa a visão; quero dizer, tinha certeza de não ser enganosa. Não havia mais de quinze dias que tinha morrido. Não me descuidei todavia de procurar que o encomendassem a Deus e também o fiz, mas não com o fervor com que faria se o não tive-

1) O Pe. Gregório Fernandes.

ra visto, porque, quando o Senhor me mostra assim alguma alma e depois a quero encomendar a Sua Majestade, tenho impressão de que é dar esmola ao rico.

Soube depois — porque morreu muito longe daqui — a morte que o Senhor lhe deu. Foi de tão grande edificação, que deixou a todos admirados do conhecimento, lágrimas e humildade com que findou seus dias.

Tinha morrido no meu mosteiro, há pouco mais dum dia e meio, uma Religiosa grande serva de Deus. Durante o Ofício de Defuntos que por ela se recitava no côro, estando uma Religiosa a ler uma lição e eu de pé, ao lado, para a ajudar a dizer o versículo, no meio da lição pareceu-me ver a alma, que saía do mesmo lugar que a precedente e ia para o céu. Não foi uma visão imaginária como aquela, senão das outras sem imagem, das quais já falei, que deixam tanta certeza quanto as que se vêem.

Outra monja, de dezoito ou vinte anos, morrera no mesmo convento. Tinha vivido sempre enfêrma e era muito serva de Deus, amiga do côro e bem virtuosa. Estava eu certa de que não entraria no Purgatório, porque tinha passado por muitas enfermidades, antes lhe sobrariam méritos. Durante as Horas canônicas [1], antes que a enterrassem, havendo decorrido umas quatro horas depois da morte, vi que saía do mesmo lugar e ia para o céu.

Estando eu num Colégio da Companhia de Jesus, padecendo os grandes trabalhos de alma e de corpo que sofria algumas vêzes — como já disse — e ainda sofro, sentia-me de tal sorte, que me parecia nem poder ter um bom pensamento. Tinha morrido durante a noite um Irmão daquela casa, e estando eu, como podia, a encomendá-lo a Deus e ouvindo por êle Missa de um Padre da Companhia, sobreveio-me um grande recolhimento. Vi-o subir ao céu, com muita glória, e o Senhor ia com êle. Entendi que era particular favor ir acompanhado por Sua Majestade.

---

1) Durante a recitação das quatro Horas menores do Ofício Divino que as Religiosas rezam no côro, de manhã.

Um Frade de nossa Ordem, muito bom Religioso, estava gravemente enfêrmo. Quando eu ouvia Missa, veio-me um recolhimento e vi que tinha morrido e subia ao céu sem entrar no Purgatório. Expirou na mesma hora em que tive a visão, como vim a saber depois. Admirei-me de não ter passado pelo lugar de expiação. Foi-me dado a entender que, por ter sido Religioso que tinha correspondido bem à sua profissão, havia lucrado as Bulas da Ordem referentes ao Purgatório. Não sei por que razão entendi isto; deve ser, penso, porque o ser Religioso não consiste no hábito, isto é, não basta vesti-lo para gozar dos privilégios do estado de mais perfeição, que é a vida religiosa.

Não quero referir mais destas coisas, embora sejam muitas as que tenho visto por mercê do Senhor, pois — repito — não vejo utilidade. Mas de tôdas as almas que me foram mostradas, nunca entendi que deixasse alguma de passar pelo Purgatório, exceto êste Padre, o santo Frei Pedro de Alcântara e o Padre Dominicano de que falei. De algumas almas aprouve ao Senhor mostrar-me os graus que têm de glória, revelando-me os lugares que ocupam no céu. E' grande a diferença que há de umas a outras.

CAPÍTULO XXXIX

Prossegue na mesma matéria, dizendo as grandes mercês que lhe fêz o Senhor. Refere como Sua Majestade lhe prometeu favorecer as pessoas pelas quais intercedesse e como lhe concedeu êste favor em algumas ocasiões assinaladas.

Estando eu uma vez importunando muito ao Senhor por uma pessoa a quem devia obrigações, para que lhe desse vista, pois a tinha perdido quase inteiramente, sentia grande compaixão e receio de não ser atendida por causa de meus pecados. Apareceu-me o

Senhor, como de outras vêzes. Começou a mostrar-me a chaga da mão esquerda, e com a outra mão tirava um grande cravo que nela estava metido. Parecia-me que, de envolta com o cravo, arrancava também alguma carne; e bem deixava ver sua grande dor, que muito me magoava. Disse-me que quem tinha passado aquilo por meu amor, sem dúvida, melhor ainda faria o que eu lhe pedisse. Prometeu-me nunca deixar de atender a meus rogos, pois já sabia que eu nada havia de pedir senão em vista de sua glória, e assim me concedia o que lhe estava suplicando. Fêz-me ver que, mesmo quando eu o não servia, sempre me tinha concedido tôdas as graças que lhe pedira, melhor do que as sabia eu desejar. Quanto mais o faria agora, estando certo do meu amor; não duvidasse eu, portanto, de suas promessas. Em menos de oito dias, penso, restituiu o Senhor a vista àquela pessoa. Meu confessor logo o soube. Bem pode ser que não fôsse devido às minhas orações, mas, como tinha esta tido visão, fiquei convencida de que a mim fizera Sua Majestade esta mercê, e dei-lhe muitas graças.

Outra vez estava passando mal uma pessoa [1] atacada duma enfermidade mui dolorosa, que não nomeio por ignorar de que natureza era. Havia dois meses que sofria tão cruciantes dores que se despedaçàva. Meu confessor, que era o Reitor já mencionado, foi à casa dela, teve grande compaixão e disse-me que não deixasse de ir vê-la, porque era pessoa a quem podia visitar por ser meu parente. Fui e à sua vista senti tanta piedade, que comecei com muita instância a pedir sua saúde ao Senhor. Vi claramente, tanto quanto posso julgar, a mercê que me fêz, porque, logo no outro dia, ficou o enfêrmo inteiramente bom daquela dor.

Tive, em certa ocasião, grandíssimo pesar por saber que uma pessoa, a quem eu era muito obrigada, queria dar um passo bem contra Deus e a própria honra, estando já muito resolvida a fazê-lo. Era tanta minha aflição, que não sabia que remédio empregar para

1) D. Pedro Mexia, primo da Santa.

a dissuadir; parecia não haver meio algum. Supliquei a Deus, muito de coração, que Êle mesmo remediasse; mas enquanto não via passado o perigo, não encontrava alívio minha mágoa. Neste estado fui a uma ermida bem apartada, como as temos neste mosteiro; e, estando na de Cristo atado à coluna, suplicando-lhe que me fizesse esta mercê, ouvi que me falavam em voz muito suave à semelhante dum murmúrio. Assombrada, arrepiaram-se os meus cabelos. Queria entender o que me diziam, mas não consegui, porque foi coisa muito rápida. Passado o assombro, que foi momentâneo, senti interiormente tal sossêgo, gôzo e consôlo, que me admirei de que só com ouvir uma voz — que isto percebi com os ouvidos corporais, — sem entender palavra, tão grande efeito se produzisse na minha alma. Compreendi que minha súplica seria atendida e, embora nada ainda houvesse mudado, deixei de sentir pesar, tal qual se vira feito o que desejava, como depois se realizou. Contei aos meus confessores [1], que eram dois grandes letrados e servos de Deus.

Soube que uma pessoa que resolvera servir de verdade a Deus e durante algum tempo se dera à oração, recebendo nela muitas mercês do Senhor, tinha deixado êste santo exercício por certas ocasiões bem perigosas, das quais ainda não se apartara. Deu-me isto grandíssima pena por pessoa a quem eu queria e devia muito. Durante mais dum mês, se não me engano, não fazia eu senão suplicar a Deus que tornasse esta alma para Si. Pondo-me em oração, um dia, vi junto de mim um demônio que com muita raiva fêz em pedaços uns papéis que tinha na mão. Isto me deu grande consôlo, parecendo-me ter alcançado o que pedia. Assim foi, pois soube mais tarde que se havia ela confessado com grande contrição, voltando-se tão deveras para Deus que, espero em Sua Majestade, há de ir sempre em progresso. Amém.

---

1) Os Padres Garcia de Toledo e Domingos Báñez, ambos Dominicanos.

E' muito freqüente converter Nosso Senhor, a meu pedido, pessoas que estão em pecado grave, e trazer outras a mais perfeição. Quanto a livrar almas do Purgatório e conceder-me outras coisas assinaladas, são tantas as mercês que me tem feito o Senhor, que, se houvesse de dizer tôdas, seria cansar a mim e a quem me lesse. E' coisa muito notória, da qual há numerosas testemunhas. Não podia eu deixar de crer que o Senhor o fazia por minha oração, sem falar em sua bondade que é o principal. Logo me vinha muito escrúpulo; mas já são tantos os fatos e tão conhecidos por outras pessoas, que não me dá pena crê-lo assim. Louvo pois a Sua Majestade e fico confusa porque me reconheço por mais devedora; e com isto, a meu parecer, cresce em mim o desejo de O servir e torna-se mais vivo o amor. O que mais me admira é que, tratando-se de coisas que o Senhor vê não serem convenientes, por mais que eu queira e me esforce, não consigo pedi-las com a mesma instância, o mesmo zêlo e fervor dos pedidos de outros favores que Sua Majestade me há de conceder. Quanto a êstes, sinto que os posso solicitar muitas vêzes, com insistência; e se não ando com tal desvêlo, parece que me fazem sempre tê-los presentes.

E' grande a diferença que há entre êstes dois modos de pedir. Não sei como o declarar. Algumas vêzes, embora peça — pois não deixo de procurar interceder junto ao Senhor, mesmo não sentindo em mim o fervor ordinário, — por mais que me interesse o negócio, sou como uma pessoa que tem atada a língua, e quer falar mas não pode, ou se fala é de modo que bem percebe não ser entendida. Outras vêzes é como quem fala em voz clara e distinta a quem vê que de boa vontade o está ouvindo. Do primeiro modo pedimos como em oração vocal, digamos assim; do outro, em subida contemplação, na qual o Senhor faz sentirmos que nos está ouvindo, que recebe nossas súplicas e folga de no-las deferir. Seja Êle bendito para sempre, que tanto dá e tão pouco lhe dou eu. Com efeito,

que pensa, Senhor meu, quem não se desfaz todo por Vós? E quanto, quanto, quanto — e outras mil vêzes o posso dizer — me falta para isto! Não vivo conforme ao que vos devo, e só por esta razão não havia de desejar viver, sem falar em outras muitas. Com quantas imperfeições me vejo! Que frouxidão em vosso serviço! E' certo que algumas vêzes, creio, quisera estar fora de meu juízo, para não entender tanto mal de mim. Aquêle que pode, dê remédio!

Estando eu em casa daquela senhora[1] de quem falei, tinha necessidade de andar com cuidado, considerando sempre a vaidade que há em tôdas as coisas da vida, porque era muito estimada e recebia muitos louvores. Poder-me-ia apegar a muitas coisas se pusesse em mim os olhos; mas só os punha naquele que vê tudo conforme a verdade, e suplicava-lhe que não me deixasse de sua mão.

Por falar em verdadeira vista, penso nos grandes trabalhos que sofrem em tratar com as criaturas aquêles a quem Deus elevou ao conhecimento da verdade acêrca de todos os bens dêste mundo, onde ela anda tão encoberta, como me disse o Senhor uma vez. Quero deixar declarado que muitas coisas das que aqui escrevo não são de minha cabeça, senão ouvidas dêste meu Mestre celestial. Particularmente quando digo: *Isto ouvi*, ou *Disse-me o Senhor*, tenho grande escrúpulo de pôr ou tirar uma única sílaba que seja. Quando não me lembro bem de tudo exatamente, escrevo-o como dito por mim; ou também porque algumas coisas serão minhas. Não chamo meu ao que é bom, pois sei que nada há em mim que o seja, exceto o que, tão sem merecimentos de minha parte, me tem dado o Senhor; chamo pois "dito por mim", o que não me foi dado a ouvir em alguma revelação.

Mas, ai! Deus meu, quantas vêzes queremos nas coisas espirituais julgar por nosso parecer, torcendo e forçando a verdade, como nas do mundo! Imaginamos que se há de regular nosso aproveitamento pelos anos

1) D. Luísa de la Cerda.

que temos de algum exercício de oração, e até damos mostras de querer impor medida a quem sem medida alguma distribui seus dons quando quer, podendo em meio ano dar mais a uma alma do que a outra em muitos! Isto tenho verificado tanto, em muitas pessoas, que me espanto como possa haver dúvida a respeito.

Bem creio que não cairá neste engano quem possuir talento para discernir os espíritos e tiver recebido do Senhor verdadeira humildade. Sim, porque julga pelos efeitos, examinando a generosidade e o amor, e, iluminado pelo Senhor para que o conheça, medirá por êstes sinais o adiantamento e progresso das almas, e não pelos anos. Realmente, em poucos meses pode um ter alcançado mais que outro em vinte anos; pois, como digo, dá o Senhor suas graças a quem quer e também a quem melhor se dispõe. Vejo agora virem a êste mosteiro umas donzelas bem jovens. Mal as tocou Deus com sua graça e lhes deu um pouco de luz e de amor, quero dizer, mal provaram as suavidades que por algum tempo lhes concedeu, corresponderam logo ao seu apêlo. Sem se intimidarem com as dificuldades, nem se lembrarem sequer do pão de cada dia, encerram-se para sempre em casa sem renda, como quem não receia arriscar a vida por amor daquele de quem se sabem tão amadas. Deixam tudo, não querem ter vontade, nem temem viver descontentes em tanta austeridade e clausura. Tôdas juntas se oferecem a Deus em sacrifício.

De quão boa vontade aqui reconheço que me levam vantagem! Deveria eu andar envergonhada diante de Deus, porque o que Sua Majestade não conseguiu de mim em tantos anos decorridos desde que comecei a ter oração e receber mercês, consegue delas em três meses — e até de uma em três dias — com favores que lhes faz muito menores do que a mim, ainda que boa paga lhes dê Sua Majestade. E sem dúvida alguma, não estão arrependidas do que por Êle fizeram.

Com o fim de nos humilharmos quisera eu que trouxéssemos à memória os muitos anos de profissão ou de oração que temos, e não para atormentarmos aos que em pouco tempo vão mais adiante, fazendo-os voltar atrás para que meçam os passos pelos nossos. Aos que voam como águias com as mercês que Deus lhes concede, não pretendamos fazer que andem como pintos amarrados. Ponhamos, pelo contrário, os olhos em Sua Majestade, e se virmos humildade nessas almas, soltemos as rédeas; o Senhor, que lhes faz tantas mercês, não permitirá que se despenhem em algum precipício. Baseadas na verdade da fé que conhecem, abandonaram-se elas a Deus; e não as abandonaremos nós ao mesmo Senhor? Teremos a pretensão de as medir por nossa bitola, de acôrdo com o nosso ânimo mesquinho? Não seja assim; ao invés de as condenar, humilhemo-nos, se não nos elevamos até aos generosos feitos e propósitos que, por falta de experiência, mal logramos compreender. Sem isto, parecendo ter em vista o proveito do próximo, ficamos sem o nosso e perdemos uma ocasião, fornecida pelo Senhor, para nos humilharmos e entendermos o que nos falta, vendo quanto mais desapegadas e unidas a Deus devem estar essas almas, pois tanto se chega a elas Sua Majestade.

Não entendo, nem quero entender outra coisa, senão que oração de pouco tempo que produz efeitos muito grandes (que êstes logo se percebem, pois é impossível deixar tudo, só para contentar a Deus, sem grande veemência de amor), mais a quisera eu que a de muitos anos, quando esta no último dia está como no primeiro e nunca se resolve positivamente a fazer por Deus coisa que valha. E' evidente, a menos que uns atozinhos tão miúdos como grãozinhos de sal, sem pêso nem substância, que, por assim dizer, um pássaro os levaria no bico, tenhamos por grandes obras e mortificações; digo isto porque fazemos caso de certas coisas que empreendemos pelo Senhor, tão insignificantes que seria lástima olhar para elas, ainda que

fôssem muitas. E' o que me acontece, ao passo que as mercês provàvelmente olvido a cada passo. Não digo que Sua Majestade, sendo tão bom como é, não leve muito em conta essas pequenas obras; mas quisera eu não fazer caso delas, nem ver que as faço, pois nada são. Perdoai-me, e não me culpeis, Senhor meu, pois com alguma coisa me hei de consolar, já que em nada vos sirvo; se em obras grandes vos servira, não faria caso de ninharias. Bem-aventurados os que vos dão glória mediante feitos magnânimos! Se houvesse algum merecimento na inveja que lhes tenho e no desejo que sinto de os imitar, não ficaria eu muito atrás em vos dar gôsto; mas para nada presto, Senhor meu. Ponde Vós valor ao que há em mim, pois tanto me amais.

Aconteceu um dia dêstes que, chegando o Breve de Roma que autoriza êste mosteiro a viver sem rendas, ficou inteiramente concluída a fundação. Parece-me ter custado algum trabalho. Estando eu consolada por ver assim terminado tudo, lembrando-me de quanto tinha sofrido e louvando o Senhor que de algum modo se havia querido servir de mim, comecei a pensar em tudo que se tinha passado. Vi que em cada ato meu, que parecia de alguma importância, havia numerosas faltas e imperfeições, algumas vêzes pouco ânimo e muito freqüentemente diminuta fé. Sim, porque até esta hora em que vejo cumprido tudo quanto o Senhor me predisse acêrca dêsta mosteiro, jamais conseguia crer inteiramente no que ouvira, nem tão pouco podia pô-lo em dúvida. Não sei como explicar. E' que muitas vêzes por uma parte me parecia impossível; por outra, não podia duvidar, isto é, perder a fé de que se havia de fazer. Em suma, cheguei à conclusão de que o bem foi obra só do Senhor, e o mal, obra minha; e assim deixei de pensar no passado, e quisera não o trazer mais à memória para não tropeçar com tantas faltas que cometi. Bendito seja Aquêle que faz resultar bem de tôdas elas, quando é servido. Amém.

Torno a dizer que é perigoso alegar os anos que se têm de oração. Mesmo havendo humildade, pode ficar, penso eu, algum ressaibo ou pensamento de que se merece alguma coisa pelos serviços passados. Não digo que não haja merecimento e que não se receba boa paga, mas qualquer pessoa espiritual que imagine pelos muitos anos de oração ter adquirido direito a êstes regalos de espírito, tenho por certo que não chegará ao cume. Não lhe basta ter alcançado que Deus a sustenha para o não ofender como costumava antes de ter oração? Ainda lhe quer intentar demanda pelos seus dinheiros, como se costuma dizer? Pode ser que seja, mas a mim não me parece profunda humildade; antes considero atrevimento, e apesar de pouco humilde, creio que jamais ousei tal coisa. Será provàvelmente porque nunca servi a Deus, e assim não lhe tenho pedido salário; se porventura o tivesse servido, mais que nenhum outro quisera que me pagasse o Senhor.

Não digo que não vá crescendo a alma e que Deus não a recompense se fôr humilde sua oração; o que peço é que olvide os anos de serviço, pois tudo quanto podemos fazer é digno de asco em comparação duma só gôta do sangue que o Senhor por nós derramou. E se quem mais o serve, mais devedor lhe fica, que recompensa é essa que lhe pedimos, pois por um maravedi [1], com que amortizamos a nossa dívida, recebemos de novo mil ducados? Por amor de Deus, deixemos êsses juízos, que só a Êle pertencem. Sempre são más as comparações, mesmo nas coisas cá de baixo. Que será então no que só Deus sabe, como bem o mostrou Sua Majestade quando pagou tanto aos últimos como aos primeiros? (Mt 20, 12).

Escrevi estas três últimas fôlhas em tão diferentes vêzes e em tantos dias — visto, como já disse, serem poucos os meus lazeres, — que me ia esquecendo do que queria relatar. E' a visão seguinte. Estando, um dia, em oração, vi-me sòzinha num vasto campo, ro-

1) Pequena moeda.

deada de muita gente de tôdas as classes que — parecia-me — se preparavam para me agredir, empunhando: uns, lanças; outros, espadas; outros, adagas; e outros, estoques muito compridos. Enfim, não me era possível sair por nenhuma parte sem me expor a perigo de morte; estava a sós, sem ninguém que tomasse meu partido. Cheia de aflição por isso e não sabendo o que fazer, levantei os olhos ao céu e vi Cristo. Não estava no céu, senão no ar, bem alto, e estendia a mão para mim e me amparava, mesmo de longe, de tal maneira que eu não temia tôda aquela gente; nem êles, por mais que quisessem, me podiam fazer dano.

Parece sem fruto esta visão, e entretanto me fêz grandíssimo proveito, porque me foi dado compreender o que significava. Pouco depois, de fato, sofri assalto quase semelhante, conhecendo então ser aquela visão uma imagem do mundo, onde tudo quanto há parece armar-se para ofender a triste alma. Não falemos nos que não servem muito ao Senhor, nem nas honras, riquezas, deleites e outras coisas semelhantes que, está claro, enredam ou ao menos procuram enredar os incautos; refiro-me aos amigos, parentes e — o que mais me espanta — a pessoas muito boas. De todos me vi depois tão apertada, pensando êles proceder bem, que não sabia como me defender nem que partido tomar.

Oh! valha-me Deus! Se me fôsse dado contar os diferentes trabalhos de todo gênero que nesse tempo tive, isto é, depois do que atrás fica dito, como serviria de escarmento para totalmente aborrecermos o mundo! Foi, creio eu, a maior perseguição das muitas por que tenho passado. Sim, repito, em certas ocasiões me vi tão apertada, que só achava remédio em erguer ao céu os olhos e chamar por Deus. Recordava-me bem do que tinha visto na referida visão; e bastante me serviu para não confiar muito em pessoa alguma, porque ninguém é estável senão Deus sòmente. Como então me havia mostrado, o Senhor nes-

ses grandes trabalhos sempre me enviava alguém que me desse a mão, pois eu a nada me apegava e só a Deus desejava contentar. Assim fizestes para sustentar meu pequeno cabedal de virtude, que consistia só em desejar servir-vos. Sêde para sempre bendito!

Estava eu, uma vez, muito inquieta e atrapalhada, sem me poder recolher, sofrendo grande assalto e lutando interiormente, com o pensamento a vaguear por coisas imperfeitas, a ponto de nem sentir o desapêgo que me é ordinário. Como me vi tão ruim, entrei a temer que fôssem ilusões as mercês que o Senhor me tinha feito. Estava, em suma, com a alma em completa escuridão. No meio desta pena, começou-me a falar o Senhor e disse-me que não me afligisse; em me ver assim, entenderia que miséria seria a minha se Êle de mim se apartasse, e quão pouca segurança há enquanto vivemos nesta carne. Foi-me dada a compreensão de como é bem empregada esta guerra e contenda em vista de tal prêmio; e pareceu-me que o Senhor tinha lástima dos que vivemos neste mundo. Acrescentou: que não me tivesse por olvidada; jamais me abandonaria, mas era mister fazer eu o que estivesse nas minhas mãos. Isto me falou o Senhor com muita benevolência e ternura, acrescentando outras palavras em que me fazia grande mercê e que não há motivo para repetir.

Muitas vêzes me tem dito Sua Majestade, mostrando-me grande amor: *Já és minha e eu sou teu*. O que eu sempre costumo repetir, e penso que com verdade, é: Que se me dá, de mim, Senhor, senão de Vós? Causam-me estas palavras e regalos tão grandíssima confusão, que, segundo já afirmei outras vêzes e ainda agora o digo não raramente a meu confessor, mais ânimo julgo necessário para receber tais mercês, que para passar enormes trabalhos. Na ocasião em que as recebo, estou quase olvidada de minhas obras; só tenho uma representação de minha miséria, sem discurso do entendimento, que por vêzes também me parece sobrenatural.

Há dias em que me vêm umas ânsias de comungar tão fortes, que não sei se as poderia encarecer. Aconteceu que, uma manhã, chovia tanto, que não parecia possível com tal tempo pôr o pé na rua. Saí contudo, porque não estava em meu mosteiro e já me sentia tão fora de mim com aquêle desejo que, ainda quando me apontassem lanças contra o peito, penso que as arrostaria, quanto mais água! Chegando à igreja, sobreveio-me um grande arroubamento. Pareceu-me ver os céus abertos, e não apenas uma entrada como tenho visto de outras vêzes. Representou-se-me o trono de que já falei a Vossa Mercê e que mais de uma vez tenho contemplado, e acima dêle outro trono, no qual, por um conhecimento que não sei exprimir, entendi estar a Divindade, embora nada visse. Parecia-me descansar êle sôbre uns animais, e o que êstes significam penso já ter ouvido. Imaginei que seriam talvez figuras dos Evangelistas (Apoc 4, 6, 7, 8). Não vi, porém, como era o trono e tão pouco quem nêle estava. Enxerguei apenas imensa multidão de Anjos que me pareceram incomparàvelmente mais formosos do que todos quantos tenho visto no céu. Pensei que talvez fôssem Serafins ou Querubins, porque a beleza e a glória dêstes são superiores às dos outros. Pareciam inflamados. E' grande — repito — a diferença entre os Anjos. A felicidade de que então me senti inundada, não se pode exprimir por escrito nem de viva voz: dela só pode ter idéia quem a houver experimentado. Entendi estar ali, por junto, tudo quanto se pode desejar, mas nada vi. Disseram-me — e não sei quem o disse — que o que ali havia a fazer era compenetrar-me de que não podia entender coisa alguma, e olhar como tudo era nada em comparação daquilo. Com efeito, desde então minha alma se envergonhava só de pensar que se poderia deter em alguma coisa criada, ou — o que seria pior — afeiçoar-se a ela, porque tudo me parecia um formigueiro.

Comunguei e assisti à Missa, nem sei como. Pensava que tivesse decorrido muito pouco tempo; e espantei-me quando, ao som do relógio, vi que eram duas as horas que eu tinha passado naquele arroubamento e deleite. Maravilhava-me depois vendo como, ao contacto dêsse fogo de verdadeiro amor de Deus — que bem se vê é vindo do Alto, pois, quando o não dá Sua Majestade, por mais que eu o queira, procure e me desfaça, não consigo acender sequer uma centelha, — parece que se consome o homem velho com as suas faltas, tibiezas e misérias. À semelhança da ave chamada fênix que — segundo li — depois de queimada, renasce das próprias cinzas, a alma fica outra, com desejos diferentes e grande fortaleza; não parece a que era dantes; transformada, começa a trilhar com pureza inteiramente nova o caminho do Senhor. Suplicando eu a Sua Majestade que assim acontecesse comigo e de novo começasse eu a servi-lo, disse-me Êle: *"Boa comparação fizeste; cuida de a não esqueceres a fim de que procures aperfeiçoar-te sempre mais"*.

Estando uma vez com a mesma dúvida que há pouco referi, a pensar se seriam de Deus estas visões, apareceu-me o Senhor e disse-me com rigor: *"O' filhos dos homens, até quando sereis duros de coração?"* Ordenou em seguida *que uma coisa examinasse: se eu de todo estava entregue a Êle e era sua ou não; se assim estava e era, cresse que Êle não permitiria minha perda.* Fiquei muito magoada com aquela exclamação. Tornou-me a dizer, com grande ternura e carinho, que me não afligisse, pois já sabia que da minha parte não deixaria eu de me oferecer a todos os trabalhos por seu serviço. Prometeu-me que se faria tudo o que eu solicitava e, com efeito, o que eu então lhe pedia se realizou. Disse-me ainda que visse como seu amor ia aumentando em mim, de dia para dia, o que era prova de não ser obra do demônio; não pensasse que concedia Deus a êste inimigo tanto domínio sôbre a alma de seus servos, nem poder para

infundir a clareza de entendimento e a paz que eu tinha em mim. Deu-me a entender que, havendo eu ouvido de tantas pessoas e tão autorizadas que estas mercês eram de Deus, faria mal em não lhes dar crédito.

Rezando eu, um dia, o salmo *Quicumque vult*[1], recebi a compreensão do modo pelo qual Deus é um só em três Pessoas, tão claramente que muito me admirei e consolei. Fêz-me grandíssimo proveito para conhecer mais a grandeza de Deus e suas maravilhas; e assim, quando penso ou ouço falar na Santíssima Trindade, parece que entendo como pode ser, o que é para mim de muito contentamento.

Num dia da Assunção da Rainha dos Anjos e Senhora nossa, dignou-se o Senhor fazer-me esta mercê: representou-se-me, num arroubamento, sua subida ao céu; vi a alegria e solenidade com que Ela foi recebida e o lugar onde está. Seria incapaz de dizer como ocorreu isto. Foi grandíssimo o gôzo de meu espírito com a vista de tão imensa glória. Fiquei com subidos efeitos, e tirei por fruto maior desejo de padecer graves trabalhos e também vivas ânsias de servir a esta Senhora, pois tanto mereceu.

Estando num Colégio da Companhia de Jesus, enquanto comungavam os Irmãos daquela casa vi um pálio muito rico sôbre suas cabeças. Isto aconteceu por duas vêzes. Quando outras pessoas comungavam, não via o mesmo.

---

1) O símbolo chamado de Santo Atanásio, que se reza na festa da SS. Trindade na hora de Prima.

CAPÍTULO XL

Prossegue na mesma matéria, dizendo as grandes mercês que lhe fêz o Senhor. Algumas encerram muito boa doutrina. Foi seu principal intento, como já disse, primeiramente obedecer, e depois relatar as graças que são para proveito das almas. Com êste capítulo termina a narração que escreveu de sua vida. Seja para a glória do Senhor. Amém.

Estando uma vez em oração, senti tanto deleite interior, que por me julgar indigna de tanto bem, comecei a pensar quão melhor merecia o lugar que tinha visto preparado para mim no inferno, pois, como disse, nunca me sai da memória o modo pelo qual nêle me vi. Com esta consideração, começou a mais se inflamar minha alma, e sobreveio-me um arrebatamento de espírito que o não sei descrever. Parecia-me estar mergulhada e cheia daquela Majestade que já de outras vêzes tenho entendido; e nessa mesma Majestade se me deu a compreender uma verdade que é a plenitude de tôdas as verdades. Não sei dizer como, porque nada vi. Disseram-me — não sei quem, mas bem entendi ser a mesma Verdade: — *Não é pouco isto que faço por ti: é uma das maiores graças de que me és devedora; porque todo dano que vem ao mundo é por não conhecerem os homens com clareza as verdades da Escritura, da qual nem um til se deixará de cumprir.*

Veio-me ao pensamento que sempre o havia crido e que todos os fiéis o crêem. Tornou-me o Senhor: *Ah! filha, quão poucos me amam com verdade! Se me amassem, não lhes encobriria Eu meus segredos. Sabes o que é amar-me de verdade? E' compreender que é mentira tudo quanto me não agrada. Claramente verás isto, que agora não entendes, pelo fruto que sentirás em tua alma.*

Assim tem sucedido, Deus louvado! Desde então, de tal modo me parece vaidade e mentira tudo que

vejo não ir endereçado ao serviço de Deus, que não saberia exprimir a que ponto o entendo. Que lástima me fazem, quando os considero, os que vivem em trevas acêrca desta verdade! Vieram-me além disto, vários outros proveitos que relatarei aqui, e muitos outros que não saberei referir. Disse-me ainda o Senhor uma particular palavra de grandíssima benevolência. Não sei como foi, porque nada vi; mas verifiquei em mim uma mudança que tão pouco sei dizer, e achei-me com invicta fortaleza e verdadeira resolução de cumprir com tôdas as minhas fôrças até a mínima parte da divina Escritura. Para isto, parece-me, nenhum obstáculo se apresentaria, que eu o não superasse.

Dessa Verdade divina que se me representou, ficou gravada em meu espírito uma verdade — sem eu saber como nem por quem — que me faz ter um respeito todo novo a Deus, porque dá a conhecer sua majestade e seu poder de maneira inexprimível. Sei apenas que ter tal conhecimento é dom de alto valor. Fiquei com grandíssima vontade de não falar senão palavras muito verdadeiras, elevando-me acima do trato que se usa no mundo; e assim comecei a ter pesar de viver nêle. Deixou-me esta graça com grande ternura, deleite e humildade. Parece-me, sem perceber como, que o Senhor aqui me deu muito. Não me ficou suspeita alguma de ilusão. Nada vi, mas compreendi o grande bem que há em não fazer caso de coisa que não sirva para mais nos chegarmos a Deus; e compenetrei-me do que é andar uma alma na verdade em presença da própria Verdade. Por meio desta compreensão, deu-me o Senhor a entender que é Êle a mesma Verdade.

Tôdas estas coisas que referi me foram manifestadas ora por palavras, ora sem elas, embora as dêste último gênero tenham por vêzes mais clareza ainda do que as outras que por palavras se me dizem. Sôbre esta Verdade aprendi muitíssimas verdades que muitos doutos não poderiam ensinar-me. Parece-me que êstes nunca seriam capazes de as imprimir tão viva-

mente no meu espírito, nem conseguiriam dar-me tão claramente a entender a vaidade do mundo. Esta Verdade que, como digo, me foi manifestada, é verdade em si mesma e é sem princípio nem fim. Tôdas as demais verdades dependem desta Verdade, como todos os demais amôres, dêste Amor, e tôdas as demais grandezas, desta Grandeza. Entretanto é obscuro o que digo, em comparação da luz com que o Senhor mo quis dar a entender. E como resplandece o poder desta Majestade, pois em tão breve tempo deixa tão grande proveito e tais verdades imprime na alma! O' Grandeza e Majestade minha! Que fazeis, Senhor meu, Todo-poderoso? Vêde bem a quem concedeis tão soberanos favores! Não vos recordais de que foi esta alma um abismo de mentiras, um pélago de vaidades, e tudo por minha culpa; pois, tendo recebido de Vós natural aborrecimento à mentira, eu mesma me enredei em muitas coisas mentirosas? Como se tolera Deus meu, como se compreende tão subido favor e mercê feito a quem tão mal vo-lo há merecido?

Estando uma vez nas Horas [1], com tôdas as Religiosas, recolheu-se sùbitamente minha alma. Pareceu-me vê-la como um claro espelho, que não tinha avêsso, nem lados, nem alto, nem baixo. Estava tôda luminosa, e no centro dela foi-me dado contemplar Cristo Nosso Senhor como costumo vê-lo. Tive a impressão de que em tôdas as partes de minha alma O via com tanta nitidez como num espelho, e, ao mesmo tempo, êste espelho se esculpia inteiramente, não sei dizer como, no mesmo Senhor, por inefável comunicação, sumamente amorosa. Sei que me foi esta visão de grandíssimo proveito, e ainda o é, sempre que me volta à memória, especialmente quando acabo de comungar. Foi-me dado a entender que estar uma alma em pecado mortal é cobrir-se êste espelho de densa névoa e ficar totalmente negro, de modo a não reflectir nem deixar ver êste Senhor, conquanto esteja Êle

1) Refere-se a Santa Madre à parte do Ofício Divino que se reza pela manhã.

sempre presente, dando-nos o ser.) Em relação aos hereges, está o espelho como quebrado, o que é muito pior do que simplesmente obscurecido. E' grande a diferença que há entre ver e exprimir estas coisas, porque mal se podem dar a entender. O certo é que tirei muito proveito. E que grande pesar tenho das vêzes que com minhas culpas obscureci minha alma de modo a não ver êste Senhor!

Parece-me útil semelhante visão às pessoas que se dão ao recolhimento, pois ensina a considerar o Senhor no mais íntimo da alma. Esta representação interior prende mais e é muito mais frutuosa do que o buscá-lo fora de si, como tenho dito outras vêzes. O mesmo está escrito em alguns livros de oração, que ensinam onde se há de buscar a Deus. Em especial diz o glorioso S. Agostinho: que nem nas praças, nem nos contentamentos, nem em parte alguma onde o buscava, o achou como dentro de si mesmo. [1] E é muito claro ser isto o melhor. Não é mister ir ao céu nem sair de nós mesmos, o que só serviria para cansar o espírito e distrair a alma sem auferir tanto fruto.

Um aviso quero dar aqui a respeito do que ocorre nos grandes arroubamentos, para quem os tiver. Passado o tempo de união em que estão as potências totalmente arrebatadas — e isto, como disse, dura pouco, — acontece permanecer recolhida a alma e incapaz de tornar a si, mesmo no exterior, ficando, entretanto, as duas potências, memória e entendimento, quase em delírio, muito desatinadas. Eis o que, torno a dizer, acontece algumas vêzes, especialmente aos princípios. Procede isto porventura de nossa fraqueza natural, que não pode sofrer tanta fôrça de espírito e fica com a imaginação enfraquecida. Sei que isto se dá com algumas pessoas. Nestas ocasiões, acho bom que se vençam e deixem provisòriamente a oração, recuperando em outra ocasião o que houverem perdido; não insistam, porque daí lhes poderá vir muito

---

1) Solilóquios cap. XXXI.

mal. Disto há experiência, e também de quão acertado é olhar o que comporta nossa saúde.

Em tudo há necessidade de experiência e de direção, porque, chegada a alma a êstes têrmos, encontra muitas dificuldades e precisa ter com quem o tratar. Se, tendo buscado diretor não o achar, creia que não lhe faltará o Senhor, pois não me faltou a mim, sendo eu quem sou. Com efeito, poucos mestres se encontram, creio eu, que tenham chegado à experiência de graças tão elevadas; e, quando a não têm, são incapazes de dar remédio à alma sem a inquietar e afligir. Mas também isto o Senhor levará em conta e, portanto, o melhor é abrir-se com um confessor que seja digno, como já tenho dito outras vêzes. Tudo que agora digo vai talvez repetido, mas é que a memória não me ajuda, e vejo que, especialmente para mulheres, é muito importante dizer tudo ao próprio confessor. E' muito mais a estas do que aos homens, que o Senhor faz tais mercês. Isto ouvi do santo Fr. Pedro de Alcântara e também o tenho observado. Dizia êle que, neste caminho, vão elas muito mais longe que os homens, e dava disto excelentes razões, que não há mister repetir aqui, tôdas em favor das mulheres.

Uma vez, na oração, foi-me dado a entender, muito brevemente, sem representação visível mas com extrema clareza, como se vêem em Deus tôdas as coisas e como Êle as encerra totalmente em Si. Saber escrever como foi isto, não o sei; mas ficou muito impresso na minha alma. E' uma das grandes mercês que me há feito o Senhor e das que mais me têm causado confusão e vergonha, pela lembrança dos pecados que cometi. Creio que se o Senhor se tivesse dignado mostrar-me isto em outros tempos e o vissem os que o ofendem, nem êles nem eu teríamos coração e atrevimento para pecar. Tenho a impressão de ter visto o que vou dizer, sem poder entretanto afirmar que o vi positivamente. Alguma coisa se deve oferecer à vista, já que poderei fazer a comparação que se

segue; mas é por modo tão sutil e delicado, que o entendimento o não pode alcançar. Talvez eu mesma não saiba entender essas visões, que não parecem imaginárias, mas nas quais, ao menos em algumas, deve haver imagem, até certo ponto. Como a alma está em arroubamento, não sabem depois as potências reproduzir o que ali lhes quis dar o Senhor a ver e a gozar.

Digamos pois que a Divindade é como um claríssimo diamante, muito maior que todo o mundo; ou como aquêle espelho que representava a alma na visão antes referida; mas aqui é de modo tão superior e sublime, que o não posso encarecer. Tudo quanto fazemos se vê neste diamante, porque é de tal natureza que encerra tudo em Si, e nada há que subsista fora de sua imensidade. Foi para mim um maravilhoso espetáculo ver em tão breve espaço tantas coisas juntas, neste claro diamante. E que grande lástima sinto, cada vez que me recordo de ter considerado coisas tão feias, como eram meus pecados, que se refletiam naquela limpidíssima claridade! O certo é que, a esta lembrança, não sei como posso resistir; e, na ocasião, fiquei tão envergonhada, que não sabia, creio, onde me meter. Oh! quem pudera dar a entender isto aos que cometem pecados muito feios e desonestos, para que se recordem de que não ficam ocultos! Com razão os sente Deus, pois na presença de Sua Majestade os cometemos, e com tanto desacato nos desmandamos diante dêle! Vi com quanta justiça se merece o inferno por uma só culpa mortal; porque excede tôda compreensão a extrema gravidade da ofensa que é pecar diante de tão excelsa Majestade, a quem tanto repugnam coisas semelhantes. Mais resplandece também aqui a misericórdia do Senhor, pois vê que tudo isto sabemos e contudo nos sofre.

Tenho pensado comigo: se só uma visão como esta deixa assim atemorizada a alma, que será no dia de juízo, quando claramente esta mesma Majestade se manifestar a nós e nos fizer ver as ofensas com que a ultrajamos? Oh! valha-me Deus! em que ce-

gueira tenho vivido! Quantas vêzes tenho tremido à lembrança do que acabo de escrever! Não se admire Vossa Mercê, senão de que eu ainda possa estar viva, vendo tais coisas e pondo os olhos em mim! Bendito seja para sempre Aquêle que tanto me tem suportado!

Fazendo, uma vez, oração com muito recolhimento, suavidade e paz, parecia-me estar rodeada de Anjos e muito perto de Deus. Comecei a suplicar a Sua Majestade pela Igreja. Foi-me então dado a entender o grande proveito que havia de fazer uma Ordem nos últimos tempos e com que fortaleza haviam seus filhos de sustentar a Fé.

Quando em certa ocasião rezava junto do Santíssimo Sacramento, apareceu-me um Santo cuja Ordem estêve um tanto decaída. Tinha nas mãos um grande livro; abriu-o e deu-me a ler as seguintes palavras escritas em letras grandes e muito inteligíveis: *Nos tempos vindouros florescerá esta Ordem; haverá muitos mártires.*

Outra vez, durante Matinas, no côro, vi diante de meus olhos seis ou sete Religiosos que me pareceram dessa mesma Ordem, com espadas nas mãos. Significava isto, penso, que hão de defender a Fé, porque mais tarde, estando em oração, foi arrebatado meu espírito e pareceu-me estar num vasto campo onde lutavam muitos combatentes, e os desta Ordem pelejavam com grande fervor. Tinham os rostos formosos e muitos incendidos; venciam, deitando por terra numerosos inimigos e matando outros. Tive a impressão de que a batalha era contra os hereges.

Ao glorioso Santo de que falei acima, tenho visto várias vêzes; tem-me dito diversas coisas, agradecendo-me a oração que faço pela sua Ordem, e prometendo encomendar-me ao Senhor. Não assinalo as Ordens, para que não se agravem as demais. O Senhor declarará os nomes, se fôr servido de que se saibam; mas cada Ordem, ou cada um de seus membros de per si, deveria esforçar-se para que, por seu meio,

fizesse o Senhor tão ditosa a sua Religião, que, em tão grande necessidade como agora tem a Igreja, a pudesse servir. Felizes as vidas que se sacrificarem por tão nobre causa!

Rogou-me um dia certa pessoa que lhe alcançasse luz para conhecer se, aceitando um bispado, agradaria e serviria a Deus. Disse-me o Senhor depois da Comunhão: "*Quando compreender com tôda verdade e clareza que o verdadeiro poderio é nada possuir, então poderá aceitar*", dando-me a entender que as pessoas destinadas às prelazias absolutamente não as devem desejar, ou, pelo menos, não as hão de buscar.

Estas mercês e muitas outras tem feito o Senhor e faz continuamente a esta pecadora. Penso que não há razão para as dizer tôdas, pois pelas que ficam ditas se pode conhecer minha alma e o espírito que me deu o Senhor. Seja bendito para sempre Aquêle que tanto cuidado tem tido de mim.

Disse-me uma vez, consolando-me com muito amor, que não me afligisse, pois nesta vida não podemos permanecer sempre no mesmo estado; umas vêzes teria eu fervor e outras, não; ora sofreria desassossegos e tentações, ora gozaria de grande paz; mas pusesse nêle minha esperança e não tivesse mêdo.

Entrei a pensar, um dia, se seria apêgo o achar contentamento em estar com as pessoas a quem abro minha alma e o ter afeição aos que considero muito servos de Deus, pois me consolava com êles. Disse-me o Senhor que se um enfêrmo, há pouco em perigo de morte, vê que lhe dá saúde o médico, não será virtude de sua parte não lhe ter gratidão e amizade. Que seria de mim sem a assistência dessas pessoas? A conversação dos bons não prejudica. Fôssem minhas palavras sempre ponderadas e santas; e assim não deixasse de tratar com êles, pois antes acharia proveito, que prejuízo. Consolaram-me muitos estas palavras, porque algumas vêzes, temendo haver apêgo, queria deixar tôdas essas relações. Sempre, em tôdas as coi-

sas, me aconselhava êste Senhor, a ponto de me ensinar como me devia haver com os fracos e com algumas pessoas. Jamais se descuida de mim. Sofro algumas vêzes por me ver tão sem capacidade para seu serviço e forçada a perder tempo, mais do que quisera, com corpo tão fraco e ruim como é o meu.

Estava eu, uma vez, em oração, e, chegando a hora de dormir, sentia-me com fortes dores e ameaços do vômito de costume. Como me vi tão atada pelo corpo e por outra parte querendo o espírito tempo para si, fiquei tão atribulada, que comecei a chorar, muito aflita. Não foi só esta vez; acontece-me freqüentemente sentir tédio de mim mesma, e aborrecer-me deveras. Geralmente, porém, vejo que não me odeio bastante, nem me privo do que me parece necessário. Queira Deus que eu não tenha muitas vêzes alguma demasia neste ponto! E' bem provável. Na ocasião a que me refiro, apareceu-me o Senhor, testemunhando-me muita ternura; disse-me que fizesse essas coisas por amor dêle e me resignasse, pois ainda era necessária minha vida. Assim é que, tanto quanto me recordo, nunca me vejo em aflição, desde que me determinei a servir com tôdas as fôrças a êste Senhor e Consolador meu, que, se me deixa padecer um pouco, depois não me console, tanto que não tenho merecimento algum em desejar trabalhos. Atualmente não acho outra razão à vida senão o padecer, e é o que com mais amor peço a Deus. Digo-lhe algumas vêzes com todo o ardor da vontade: Senhor, ou morrer ou padecer; não vos peço outra coisa para mim. Dá-me consôlo ouvir o relógio, porque me parece que estou um pouquinho mais perto de ver a Deus, tendo passado aquela hora de minha vida.

Outras vêzes estou de tal maneira, que nem sinto viver nem me parece ter vontade de morrer. E' uma espécie de tibieza e obscuridade para tudo, que tenho freqüentemente — como disse — em conseqüência de grandes penas interiores. Permitiu o Senhor que se tornassem públicas estas mercês que me faz Sua Ma-

jestade, como mo tinha predito há alguns anos atrás. Com isto padeci bastante, e até agora não é pouco o que tenho passado, como Vossa Mercê sabe; porque cada um o toma como lhe parece. E' consôlo para mim não ter sido por minha culpa, pois tenho tido grande cuidado e até escrúpulo de não falar senão a meus diretores ou a pessoas a quem êles o tenham comunicado, e não por humildade senão pela repugnância que sentia de o contar, mesmo aos confessores. Já agora, Deus louvado, embora murmurem muito de mim, e com bom zêlo — e alguns tenham mêdo de tratar comigo e até de me ouvir em confissão, e outros me digam coisas bem pesadas, — como entendo que por êste meio quis o Senhor dar remédio a muitas almas, segundo tenho visto claramente, e me lembro do muito que por uma só passaria o Senhor, muito pouco se me dá de tudo quanto dizem a meu respeito. Não sei se contribui para esta paz haver-me Sua Majestade metido neste cantinho tão impenetrável [1], onde vivo como se já estivera morta. Pensei que não houvesse mais memória de mim, mas não foi tanto como eu quisera, pois me vejo forçada a falar a algumas pessoas; contudo, como estou onde não me podem ver, parece-me que foi já o Senhor servido de me trazer a pôrto de segurança. Assim o espero de Sua Majestade. Por estar já fora do mundo, em pouca e santa companhia, olho tudo do alto, e já bem pouco se me dá do que possam falar ou saber de mim. Dou mais importância ao mínimo proveito duma alma, do que a tudo quanto podem dizer a meu respeito; pois, desde que estou aqui, tem sido o Senhor servido que todos os meus desejos se encaminhem a êste fim. Tornou-se para mim a vida como um sonho, e quase sempre me parece estar sonhando o que vejo. Nem muito contentamento, nem muita pena sinto em mim. Se algum sentimento me dão certas coisas, passa com tanta brevidade, que me maravilho, ficando-me a impressão dum

1) O mosteiro de São José de Avila.

sonho. E é a inteira verdade que, embora eu queira depois folgar com aquêle contentamento, ou ter pesar daquela pena, não está em minhas mãos, assim como não poderia uma pessoa discreta ter dor ou glória por um sonho que já passou. E' que o Senhor já despertou minha alma e a arrancou daquilo que tanto sentimento lhe causava por não estar mortificada nem morta para as coisas do mundo; e não quer Sua Majestade que se torne ela a cegar.

Desta maneira vivo agora, Senhor e Padre meu. Suplique Vossa Mercê a Deus que ou me leve consigo ou me dê meios para o servir. Praza a Sua Majestade que o presente manuscrito aproveite a Vossa Mercê. Em razão dos poucos lazeres que tenho, custou-me algum trabalho; mas por bem empregado o dou, se acertei a dizer alguma coisa pela qual uma só vez alguém louve o Senhor. Com isto me daria por paga, ainda que Vossa Mercê logo o queimasse.

Desejaria, porém, que assim não fizesse sem que o vissem as três pessoas que Vossa Mercê sabe, pois são e têm sido confessores meus. Se é mau o que digo, convém que percam a boa opinião que têm de mim; se é bom, virtuosos e doutos como são, sei que, vendo donde procede, hão de louvar Aquêle que se serviu de mim para o dizer. Sua Majestade tenha sempre Vossa Mercê de sua mão e o faça um grande santo que com seu espírito e luz esclareça esta miserável, pouco humilde e muito atrevida, que ousou escrever sôbre assuntos tão subidos. Praza a Deus não tenha eu errado neste ponto, embora com intenção e desejo de obedecer, acertar e dar ocasião a que por meu intermédio se louve de algum modo o Senhor. Tal é o objeto de minhas súplicas, há muitos anos; e, como me faltam para isto as obras, atrevi-me a pôr em ordem e relatar esta minha desbaratada vida, sem empregar mais cuidado nem tempo do que o justo necessário para a escrever. Narrei apenas o que se passou comigo, com tôda a lhaneza e verdade ao meu alcance.

Praza ao Senhor — pois, sendo onipotente, se quiser, pode fazê-lo — que em tudo eu faça inteiramente sua vontade; e não permita a perdição desta alma que, com tantos artifícios e indústrias, tantas vêzes tem Sua Majestade tirado do inferno e trazido a Si. Amém.

Carta que a Santa escreveu ao Padre Frei Garcia de Toledo, remetendo o manuscrito da sua Vida.

J. H. S.

O Espírito Santo seja sempre com Vossa Mercê. Amém. Não seria mau encarecer a Vossa Mercê o serviço, que ora lhe presto, para o obrigar a ter muito cuidado de me encomendar a Nosso Senhor. Bem o poderia eu encarecer, tal foi meu sofrimento ao me ver retratada e ao trazer à memória tantas misérias minhas; embora com verdade possa dizer que mais senti escrever as mercês que tenho recebido do Senhor, do que minhas ofensas contra Sua Majestade. Obedecendo ao que Vossa Mercê mandou, fui extensa, mas com a condição de que cumprirá, de seu lado, o que me prometeu, rasgando o que lhe parecer mal. Não o tinha acabado de ler, depois de escrito, e já Vossa Mercê o manda buscar. Pode ser que algumas coisas vão mal declaradas e outras estejam repetidas, porque disponho de tão pouco tempo, que não podia reler à medida que escrevia. Suplico a Vossa Mercê que o emende e o mande copiar, no caso de o remeter ao Padre Mestre Ávila, porque poderia alguém conhecer a letra.

Desejo muito que se faça de modo que êle o veja, pois foi com esta intenção que o comecei a escrever. Se lhe parecer que estou em bom caminho, ficarei muito consolada, pois terei feito o que estava a meu alcance. Em tudo faça Vossa Mercê como lhe parecer e como vir que está obrigado a fazer por quem assim lhe confia sua alma.

A de Vossa Mercê encomendarei tôda a minha vida a Nosso Senhor. Dê-se pressa, portanto, a servir

a Sua Majestade, para me fazer favor, pois verá Vossa Mercê, pelo que aqui vai, quão bem empregado é dar tudo e a si mesmo, — como já o começou a fazer — a quem tão sem medida se dá a nós.

Seja Ele bendito para sempre! De sua clemência espero que nos havemos de ver onde mais claramente, Vossa Mercê e eu, compreendamos as grandes misericórdias com que nos cumulou, e onde para todo o sempre o louvemos. Amém.

Acabou-se êste livro em junho no ano de MDLXII. [1]

---

1) Nesta data terminou Santa Teresa a primeira relação que escreveu, sem divisão de capítulos, a qual copiou mais tarde, acrescentando os fatos posteriores.

Seja deliberadamente, seja por inadvertência, a Santa Madre conservou no segundo manuscrito a data do original.

ÍNDICE